



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LILIANE CRISTINA SOARES SOUSA

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO
NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
UM DIÁLOGO ENTRE AS VERTENTES DE PÊCHEUX E
FOUCAULT**

Londrina
2026

LILIANE CRISTINA SOARES SOUSA

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO
NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AS
VERTENTES DE PÊCHEUX E FOUCAULT**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Parra Furlanete.

Londrina
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S725f Sousa, Liliane Cristina Soares.
Fundamentos teóricos da análise do discurso na Ciência da Informação : um diálogo entre as vertentes de Pêcheux e Foucault / Liliane Cristina Soares Sousa. - Londrina, 2026.
280 f.

Orientador: Fábio Parra Furlanete.
Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2026.
Inclui bibliografia.

1. Ciência da Informação - Tese. 2. Análise do Discurso - Tese. 3. Epistemologia - Tese. 4. Foucault - Tese. I. Furlanete, Fábio Parra. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

LILIANE CRISTINA SOARES SOUSA

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO NA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AS VERTENTES
DE PÊCHEUX E FOUCAULT**

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Profº. Drº. Fábio Parra Furlanete
Universidade Estadual de Londrina - UEL

MEMBRO 1

Profª. Drª. Cristina Dotta Ortega
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

MEMBRO 2

Profº. Drº. Marcos Alexandre Gomes Nalli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

MEMBRO 3

Profª. Drª. Ilemar Christina Lansoni Wey Berti
Universidade Estadual de Londrina - UEL

MEMBRO 4

Profª. Drª. Ana Cristina de Albuquerque
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 24 de abril de 2026.

*À minha mãe (in memoriam) e a todas as mulheres da minha família, cujas histórias
e resistências pavimentaram o meu caminho.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza e auxílio sempre presente nos tempos difíceis.

Ao meu esposo, Clovis, que me acompanhou nestes quatro intensos anos. Agradeço a paciência, compreensão e incentivo constante, do ingresso à finalização desta etapa. À minha família, que mesmo à distância se manteve como meu porto seguro; sou grata a meus pais, Cleuza (*in memoriam*) e Paulo, minhas irmãs Patrícia e Ana Paula, meus cunhados Leandro e Luiz, e meus sobrinhos Ana Luiza, Leandrinho, Isaque e Gabriel. E, de modo especial, aos amores da minha vida, Beatriz e Gustavo, cujas palavras de carinho acalentaram meu coração nos momentos mais difíceis da caminhada.

Ao meu orientador, Fábio Parra Furlanete, pela paciência, compreensão e pela generosidade de ensinar com tamanha dedicação e amor. Agradeço pelas conversas que, embora por vezes parecessem ‘desorientações’, cumpriam o propósito fundamental de instigar a reflexão e fomentar o aprendizado. Sou profunda admiradora de seu trabalho docente e de sua postura acolhedora. Sinto-me privilegiada por sua orientação e por ter aceitado conduzir este trabalho.

Aos integrantes do grupo de pesquisa ‘Arte, informação e sentido’, do Departamento de Música, que gentilmente me acolheram. Agradeço pelas valiosas contribuições e reflexões compartilhadas em nossos debates, bem como pelas ricas trocas de experiências, dúvidas compartilhadas e auxílio mútuo em diversas temáticas que atravessaram este trabalho.

Às minhas amigas de turma – 2022/1: Clarice, Patrícia, Roberta, Áurea e Fernanda. Agradeço pelas trocas de experiências, angústias, medos e inseguranças compartilhados. Pelas conversas que faziam nossas cabeças ‘explodirem’ com tantas ideias para nossas pesquisas. Pelos eventos que vivemos juntas – dos debates em aeroportos, discussões antes de dormir, aos risos soltos em bares e cafés. Foram momentos inesquecíveis que, com certeza, fazem parte da construção desta tese.

À banca examinadora — Professores(as) Cristina Dotta Ortega, Marcos Alexandre Gomes Nalli, Ilmar Christina Lanson Wey Berti, Ana Cristina de Albuquerque, Marcos Antonio de Moraes e Miguel Luiz Contani —, pela honra de terem aceitado o convite e pela generosidade em compartilharem seus

conhecimentos, contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

À Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a seus funcionários, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e seu corpo docente, pela oportunidade de realizar o doutorado em uma instituição de excelência internacional. Estendo minha gratidão pelas oportunidades de participação em eventos, que permitiram estabelecer contatos valiosos, criar laços pessoais e consolidar alianças profissionais.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, cruzaram meu caminho durante esta jornada. Cada conversa, cada crítica e cada gesto de apoio foram fios essenciais na construção deste trabalho. Encerro este ciclo com o coração grato e a mente renovada, consciente de que ninguém caminha — e muito menos produz conhecimento — sozinho.

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que
ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda
pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)*

RESUMO

SOUSA, L.C.S. **Fundamentos teóricos da Análise do Discurso na Ciência da Informação**: um diálogo entre as vertentes de Pêcheux e Foucault. 2026. **Erro! Indicador não definido.**78f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

Introdução: Dada a abordagem da Análise do Discurso como ferramenta analítica e epistemológica na Ciência da Informação, torna-se significativo investigar as bases teóricas que sustentam essa prática no campo. Diante da complexidade das redes de significação que moldam a informação contemporânea, o presente estudo articula-se em torno de uma reflexão crítica que busca não apenas mapear os conceitos de Análise do Discurso na Ciência da Informação, mas ampliar o escopo do debate sugerindo um olhar analítico a partir das teorias de Foucault para o campo, oferecendo novas perspectivas sobre como o discurso e o poder que estruturam os fluxos e a produção do conhecimento na área. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é realizar uma análise epistemológica da Análise do Discurso na Ciência da Informação, buscando expandir sua fundamentação, ao propor um novo prisma teórico baseado nas nuances conceituais de Foucault. **Metodologia:** A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza básica e objetivos exploratórios, adotando uma abordagem qualitativa fundamentada em procedimentos de pesquisa bibliográfica para o levantamento e análise do corpus teórico. O percurso metodológico estrutura-se a partir da Análise do Discurso sob a perspectiva teórica de Michel Foucault, utilizando esse aporte para investigar as condições de possibilidade e as relações de poder que permeiam a produção do conhecimento na Ciência da Informação. **Resultados:** Os resultados da pesquisa revelam uma ênfase da vertente de Michel Pêcheux no debate da Análise do Discurso dentro da Ciência da Informação, evidenciada pelo uso recorrente e generalista da expressão "Análise do Discurso de linha francesa" na literatura da área. Essa predominância, no entanto, sinaliza uma lacuna crítica na articulação teórica e metodológica dos estudos, expondo um cenário de ecletismo intelectual nos artigos científicos analisados. A investigação aponta que a mistura indiscriminada de conceitos e matrizes teóricas contraditórias, embora possa ser erroneamente interpretada como uma abordagem inovadora ou abrangente, compromete o rigor acadêmico e fragiliza a consistência epistemológica das investigações que se propõem a utilizar o aporte discursivo no campo informacional. **Conclusão:** A pesquisa conclui que o pensamento de Michel Foucault vai muito além de uma simples opção teórica para a Ciência da Informação, revelando-se essencial para dar profundidade crítica à área. Embora o campo consiga funcionar na prática sem esse referencial, as ideias de Foucault são fundamentais para questionar e renovar os fundamentos e as atividades do setor informacional. Sua obra oferece caminhos metodológicos que ajudam a explicar e fortalecer conceitos que ainda são vagos ou pouco discutidos na Ciência da Informação. Assim, Foucault contribui diretamente para que a área tenha bases teóricas mais sólidas e uma visão mais clara sobre seus próprios processos.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Análise do Discurso; Epistemologia; Foucault; Pêcheux.

ABSTRACT

SOUSA, L.C.S. **Theoretical Foundations of Discourse Analysis in Information Science**: A Dialogue Between the Approaches of Pêcheux and Foucault. 2026. 278 f. Dissertation (Ph.D. in Information Science) – Center for Education, Communication, and the Arts, State University of Londrina, Londrina, 2026.

Introduction: Given the approach to Discourse Analysis as an analytical and epistemological tool in Information Science, it is important to investigate the theoretical foundations that underpin this practice in the field. In light of the complexity of the networks of meaning that shape contemporary information, this study is structured around a critical reflection that seeks not only to map the concepts of Discourse Analysis in Information Science, but also to broaden the scope of the debate by suggesting an analytical perspective based on Foucault's theories for the field, offering new perspectives on how discourse and power structure the flows and production of knowledge in the area. **Objective** The objective of this study is to conduct an epistemological analysis of Discourse Analysis in Information Science, seeking to expand its theoretical foundation by proposing a new theoretical framework based on Foucault's conceptual nuances. **Methodology** This research is characterized as a basic study with exploratory objectives, adopting a qualitative approach grounded in bibliographic research procedures for the collection and analysis of the theoretical corpus. The methodological framework is structured around Discourse Analysis from Michel Foucault's theoretical perspective, using this framework to investigate the conditions of possibility and power relations that permeate knowledge production in Information Science. **Results** The research results reveal an emphasis on Michel Pêcheux's approach in the discourse analysis debate within Information Science, evidenced by the recurrent and general use of the expression "French-style discourse analysis" in the literature of the field. This predominance, however, signals a critical gap in the theoretical and methodological articulation of the studies, exposing a scenario of intellectual eclecticism in the scientific articles analyzed. The research indicates that the indiscriminate mixing of contradictory concepts and theoretical frameworks, although it may be mistakenly interpreted as an innovative or comprehensive approach, compromises academic rigor and undermines the epistemological consistency of studies that aim to utilize discourse analysis in the field of Information Science. **Conclusion:** The research concludes that Michel Foucault's thought goes far beyond a mere theoretical option for Information Science, proving essential for imparting critical depth to the field. Although the field can function in practice without this framework, Foucault's ideas are fundamental for questioning and renewing the foundations and activities of the information sector. His work offers methodological approaches that help explain and strengthen concepts that are still vague or rarely discussed in Information Science. Thus, Foucault contributes directly to the field having more solid theoretical foundations and a clearer vision of its own processes.

Keywords: Information Science; Discourse Analysis; Epistemology; Foucault; Pêcheux.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa do desenvolvimento da pesquisa	30
Figura 2 –	Representação epistemológica da Análise do Discurso na França.....	128
Figura 3 –	Diagnóstico do termo “Análise do Discurso Francesa” a luz dos procedimentos de controle do discurso interno de Foucault.....	232
Figura 4 –	Diagnóstico do “Ecletismo Intelectual” a luz dos procedimentos de controle do discurso interno de Foucault	235

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Teóricos da AD mais citados em artigos da CI	110
Gráfico 1 – Termos utilizados para descrever a origem da teoria da Análise do Discurso em artigos da CI	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Parâmetros de validade e critérios de relevância segundo as quatro matrizes epistemológicas de Hjørland.....	21
Quadro 2 – Artigos sobre Análise do Discurso na Ciência da Informação	43
Quadro 3 – Conceitos da análise do discurso discutidos pelos pesquisadores dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil	60
Quadro 4 – Abordagens teóricas dos teóricos da AD discutidos na CI	117
Quadro 5 – Conceitos fundamentais da Análise do Discurso de Pêcheux.....	143
Quadro 6 – Caracterização das ideologias Tipo A e Tipo B	146
Quadro 7 – Síntese de conceitos da Análise do Discurso de Foucault	199
Quadro 8 – Conceitos de “Análise do Discurso Francesa” abordados no <i>corpus</i> da pesquisa.....	204
Quadro 9 – Documentos com desenvolvimento de debate com apenas uma escola da Análise do Discurso	214
Quadro 10 – Pilares dos procedimentos de controle do discurso interno.....	228

Sumário

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	HORIZONTES EPISTEMOLÓGICOS: DESAFIOS TEÓRICOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	19
1.2	JUSTIFICATIVA.....	31
1.3	HIPÓTESE	31
1.4	OBJETIVO GERAL	32
1.4.1	Objetivos específicos.....	32
1.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
1.6	ESTRUTURA GERAL DA TESE	35
2	A ANÁLISE DO DISCURSO COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	37
2.1	APLICAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO DAS VERTENTES DE ESTUDO	39
2.2	APROPRIAÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PELA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: BASES CONCEITUAIS E ESTADO DA ARTE	41
2.3	ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA	58
2.4	INCORPORAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: MAPEAMENTO DAS PRINCIPAIS MATRIZES TEÓRICAS.	110
3	CONTEXTO HISTÓRICO CONCEITUAL DA ANÁLISE DO DISCURSO: LIMITES E ESPECIFICIDADES DO CAMPO	121
4	PÊCHEUX: PANORAMA AMPLO DE SUAS DISCUSSÕES SOBRE AD	130
4.1	PÊCHEUX EM “AS TRÊS ÉPOCAS DA ANÁLISE DO DISCURSO”	132
4.2	PÊCHEUX: RECONSTRUINDO SUAS BASES TEÓRICAS.....	135
4.3	SÍNTESE DA TEORIA DE PÊCHEUX: CONCEITOS QUE ENVOLVEM SUA ANÁLISE DO DISCURSO.....	142

5	MICHEL FOUCAULT E A ARQUEOLOGIA DO SABER: UMA INCURSÃO ANALÍTICA	152
5.1	A ARQUEOLOGIA DO CONHECIMENTO: APRESENTAÇÃO.....	153
5.2	UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO ACONTECIMENTO E DA REGULARIDADE	157
5.3	CONTRADIÇÕES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DE SUAS FORMAS E IMPACTOS.....	161
5.4	UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DOS FATOS COMPARATIVOS	163
5.5	UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS MUDANÇAS E DAS TRANSFORMAÇÕES	171
5.6	REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE A CIÊNCIA E O SABER.....	180
5.7	SÍNTESE DA TEORIA DE FOUCAULT: CONCEITOS QUE ENVOLVEM SUA ABORDAGEM METODOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO...	191
6	ANÁLISE DO CENÁRIO DA ANÁLISE DO DISCURSO DISCUTIDA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: QUESTÕES IMPORTANTES PARA O DEBATE NA ÁREA, A PARTIR DO PRISMA DE FOUCAULT	200
6.1	ANÁLISE DO DISCURSO “FRANCESA”: MAPEAMENTO DOS CONCEITOS UTILIZADOS NA CI	201
6.2	ECLETISMO INTELECTUAL.....	212
6.3	ENTRE A “ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA” E O “ECLETISMO INTELECTUAL”: UMA OBSERVAÇÃO FOUCAULTIANA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	217
6.3.1	A dialética do mesmo e do novo: o procedimento de controle interno do comentário em Foucault	218
6.3.2	O autor como princípio de agrupamento: limites e coerência na ordem do discurso	223
6.3.3	A disciplina como procedimento de controle discursivo.....	226
6.4	A ORDEM DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM DIAGNÓSTICO DOS PROCEDIMENTOS DE CONTROLE NA APROPRIAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO	229
6.4.1	A mecânica dos procedimentos de controle do discurso internos: um diagnóstico foucaultiano sobre a apropriação da “Análise do Discurso Francesa” na Ciência da Informação.....	229

6.4.2	Diagnóstico do “Ecletismo Intelectual” sob a ótica foucaultiana	232
7	ANÁLISE CONCEITUAL DE FOUCAULT: UMA PROPOSTA IMPORTANTE PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	236
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
	REFERÊNCIAS	259

1 INTRODUÇÃO

Não por mera curiosidade, mas por uma necessidade profunda de pertencimento e significado. O conhecimento científico, mais do que um conjunto de fatos e teorias, constitui herança luminosa que permite decifrar o mundo e a si mesmo. Nesta pesquisa, concebe-se nele não apenas uma ferramenta, mas um ato de amor: amor pela verdade possível, pelo diálogo com o passado e pela construção de futuros viáveis.

Viver em um universo de relações intrincadas, com a terra que se pisa, com os outros que se encontram, com os sonhos que se cultivam. Cada descoberta científica representa um fio nessa teia, uma resposta às aspirações mais profundas de compreender por que o céu é azul, como as células se regeneram, que histórias os antigos sussurram através do tempo. Ao buscar essas respostas, não apenas se acumulam dados, mas tecem-se discursos – histórias que, uma vez registradas, tornam-se faróis para as gerações vindouras.

A pesquisa acadêmica, nesse sentido, constitui um ato de coragem e esperança. Coragem, porque exige enfrentar a escuridão do desconhecido com a frágil lanterna da razão. Esperança, porque acredita-se que cada pequena luz acesa, seja em um laboratório, em um arquivo histórico ou em uma comunidade tradicional, pode iluminar caminhos para um mundo mais justo e consciente.

Como ofício científico, cabe traduzir a complexidade do real em palavras, números e teorias, mas também em sentido. Pois o conhecimento não é estático: é um rio que flui, alimentado pelas contribuições de incontáveis mentes ao longo dos séculos. E nesse rio, assim como ocorre com tantos outros pesquisadores, esta pesquisa é uma gota que se mistura ao todo, carregando consigo a promessa de que, um dia, dar-se-á continuidade a partir do ponto em que se parou.

Esta pesquisa é, portanto, mais que um documento acadêmico: é um testemunho. Um registro de que, em determinado tempo, houve debruçamento sobre estas questões com o coração aberto e o espírito inquieto. E que, ao fazê-lo, deixou-se uma pequena contribuição para esse diálogo humano com o desconhecido – um colóquio que começou nas cavernas e que, espera-se, nunca terá fim.

Nesse sentido, compreender como uma sociedade se organiza e produz conhecimento significa explorar as camadas discursivas que, ao longo do tempo, moldaram seus caminhos e decisões. Cada época tece sua própria rede de

significados, um conjunto de vozes, silêncios e contradições que se cristalizam em textos, arquivos e sistemas de informação.

Nesse cenário da Ciência da Informação, a compreensão da informação enquanto objeto matriz da área não se esgota na sua dimensão tecnicista ou factual. Ela emerge de complexas redes de significados que se materializam e se estabilizam em discursos. No âmbito da Ciência da Informação, esses discursos tornam-se objetos centrais de investigação, uma vez que carregam as disputas de sentido e as relações de poder inerentes à produção do conhecimento. Diante disso, a Análise do Discurso consolida-se como uma ferramenta metodológica típica e indispensável, permitindo ao pesquisador desvelar as camadas de significação que estruturam o campo informativo. Assim, a informação, quando observada sob uma ótica epistemológica crítica, deixa de ser um dado isolado para ser entendida como um fenômeno profundamente situado. Ela é o resultado de redes de significados que não flutuam no vácuo, mas são tecidas em contextos históricos e sociais específicos. Essas redes, ao ganharem materialidade e estabilidade, configuram-se em discursos – sistemas de enunciados que determinam o que pode e o que deve ser dito em determinada época. Diante disso, Foucault (1996, p. 9) ressalta que

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Desse modo, a Análise do Discurso estabelece-se como um aporte metodológico significativo para a compreensão da informação enquanto ocorrência situada, transcendendo a sua concepção como dado isolado para investigá-la como uma construção sedimentada em contextos histórico-sociais específicos. Sob essa ótica epistemológica crítica, a informação é articulada em redes de significação que, ao adquirirem estabilidade, consolidam discursos que operam como sistemas reguladores do dizível. Tal perspectiva converge com o pensamento de Foucault (1996), para quem a produção discursiva não é um processo aleatório, mas um evento rigorosamente controlado por procedimentos institucionais de seleção e organização, que visam mitigar a imprevisibilidade e a força material do discurso no corpo social.

Diante disso, a Ciência da Informação encontra no discurso um de seus objetos mais férteis de investigação. Se a área se propõe a estudar a produção, a

organização e a mediação do conhecimento, não se pode ignorar que o “conhecimento” é, em última instância, um efeito de discurso. Esse olhar crítico implica compreender os processos de subjetivação e as relações de força que institucionalizam certas verdades em detrimento de outras. Desse modo, para dar conta dessa complexidade, a Análise do Discurso apresenta-se não como mero apêndice, mas como uma ferramenta metodológica típica e rigorosa. Ela permite que se ultrapasse a superfície do texto para investigar as condições de produção da informação. Ao adotar essa ferramenta, torna-se possível desconstruir as evidências do sentido, revelando como a informação opera como um dispositivo de poder e como as redes de significados moldam as práticas informacionais na contemporaneidade.

No cotidiano dos processos informacionais, os discursos não são simples registros estáticos, mas atores dinâmicos que carregam em si as marcas de seu tempo. Por exemplo, um catálogo bibliográfico, um algoritmo de busca ou uma política de indexação refletem muito mais do que escolhas técnicas: são expressões de poder, hierarquias de saber e visões de mundo específicas. Ao estudá-los, não apenas preserva-se a memória, mas desvendam-se mecanismos que definem o que é digno de ser lembrado e o que é condenado ao esquecimento.

Nessa conjuntura, a Análise do Discurso na Ciência da Informação insere-se em uma arqueologia do presente. Ela convida a escavar as camadas de significados por trás de um simples resultado de busca, de uma taxonomia ou de uma coleção digital, revelando não apenas “o que” foi dito, mas “como”, “por quem” e “com quais consequências”. Essa abordagem transforma arquivos e repositórios em espaços vivos de disputa e ressignificação – lugares onde o passado dialoga com o presente e onde cabe decifrar tanto os ecos das velhas vozes quanto os sussurros das que ainda lutam para ser ouvidas.

Nesse sentido, propõe-se seguir esses fios discursivos sob uma dupla perspectiva: primeiro, como alicerce metodológico para a análise documental e informacional; segundo, como objeto de reflexão epistemológica. Compreende-se que cada escolha teórica e viés conceitual na Ciência da Informação constitui um ato político e cultural. Portanto, o objetivo desdobra-se em dois momentos distintos: fundamentar a aplicação da Análise do Discurso como método rigoroso de investigação e, simultaneamente, realizar uma crítica sobre como a Ciência da Informação legitima certos debates em detrimento de outros. Busca-se iluminar os processos que determinam quais conhecimentos são validados e, fundamentalmente,

quem detém a autoridade para narrar as bases teóricas da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação.

1.1 HORIZONTES EPISTEMOLÓGICOS: DESAFIOS TEÓRICOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A reflexão desenvolvida nesta etapa do trabalho não se propõe a abordar, de forma detalhada, a trajetória histórica da constituição da Ciência da Informação, uma vez que tal enfoque não se mostra pertinente aos objetivos centrais da presente pesquisa. Contudo, é possível recuperar essa perspectiva histórica a partir das contribuições de diversos autores que se dedicaram ao estudo da formação e à consolidação da área, entre os quais se destacam Paul Otlet (1937 apud Ortega, 2007), Vannevar Bush (1945), Robert Taylor (1966), William Goffman (1970 apud Pinheiro e Loureiro, 1995), Jesse Shera e Cleveland (1977), Robredo (1986), Wersig (1991 apud Robredo), Eyre (1995 apud Robredo, 2003), Braga (1995), Tefko Saracevic (1996), Yves-François Le Coadic (1996), W. Boyd Rayward (1997), Pinheiro (1997), Oliveira (1998), Loureiro (1999), Dias (2000), Freitas (2001), Birger Hjørland (2002), Barreto (2002), Smith apud Robredo (2003), Miranda (2003), Kobashi e Tálamo (2003), Fondin (2005 apud Ortega, 2007), Riecken (2006), Souza (2011), Silva (2014), Silva, Freire e Oliveira (2017), entre outros autores que contribuíram significativamente para o desenvolvimento teórico e epistemológico da área.

Nessa perspectiva, a continuidade do percurso investigativo pressupõe a delimitação das bases epistemológicas que fundamentam o debate no campo da Ciência da Informação. Para iniciar a reflexão, considerando o conceito de epistemologia de Steup (2025), tem-se que, etimologicamente, o vocábulo “epistemologia” deriva dos radicais gregos *episteme* e *logos*, cujas polissemias fundamentam a complexidade da disciplina. Enquanto *episteme* remete às noções de “conhecimento”, “compreensão” ou “saber constituído”, o termo *logos* desdobra-se em significações como “explicação”, “argumento” ou “razão”. A pluralidade dessas traduções não é meramente linguística, mas reflexiva, uma vez que cada variante interpretativa apreende uma faceta distinta da própria investigação epistemológica, abrangendo desde a natureza do saber até a fundamentação lógica e racional dos sistemas de conhecimento. Desse modo, a definição conceitual de epistemologia admite, fundamentalmente, duas vertentes distintas originadas da *episteme* grega: a

primeira, de caráter tradicional, identifica-se com a *gnosilogia* ao ocupar-se da teoria do conhecimento em sentido amplo; a segunda, de natureza analítica, configura-se como o estudo crítico do saber científico. Essa abordagem específica transcende a descrição ao investigar os pressupostos, as hipóteses e a produção intelectual das diversas ciências, dedicando-se ao exame da estrutura cognitiva, dos valores e dos objetivos teleológicos que as fundamentam. Assim, a epistemologia consolida-se como uma disciplina reflexiva voltada à delimitação das características do conhecimento científico e à análise rigorosa dos processos metodológicos inerentes a cada domínio do saber.

No âmbito da Ciência da Informação, têm sido empreendidos esforços de investigação epistemológica, com o intuito de delimitar os fundamentos teóricos e metodológicos essenciais que conferem identidade e rigor científico à área. Primeiramente, Hjørland (2002, p. 268, tradução nossa)¹ considera a epistemologia “[...] o campo mais importante relacionado à ciência da informação”; Hjørland (2013, p. 179, tradução nossa)² ressalta, ainda, que “a melhor formação geral que se pode ensinar às pessoas na área da ciência da informação”; e Hjørland (2002b, p. 439, tradução nossa)³ enfatiza que “Qualquer questão em ciência da informação acaba se baseando em pressupostos epistemológicos”. Assim, Hjørland (2002b, p. 439, tradução nossa)⁴ observa que a “A epistemologia é o estudo filosófico do conhecimento, e as epistemologias são teorias ou abordagens ao conhecimento.” Ademais, Hjørland (2002b, p. 439, tradução nossa)⁵ expõe que “As teorias da epistemologia são as teorias mais fundamentais da relevância, [...]”. Nessa concepção, reconhece-se a pluralidade das tradições epistemológicas e, ao longo de sua trajetória intelectual, têm sido articuladas diferentes matrizes teóricas em suas investigações. Não obstante essa diversidade, o autor sistematiza, em contribuições recentes, quatro correntes significativas que alicerçam o conhecimento científico: o empirismo, o racionalismo, o historicismo e o pragmatismo (HJORLAND, 2013). Em sua análise acerca dessas vertentes epistemológicas, o autor (2013, p. 174) sistematiza as distinções relevantes entre as escolas por meio de uma estrutura

¹ “[...] the most important field related to information science”

² “the best general background it is possible to teach people within information science”

³ “any question in information science is in the end based on epistemological assumptions”.

⁴ “epistemology is the philosophical study of knowledge and epistemologies are theories or approaches to knowledge”

⁵ “theories of epistemology are the most fundamental theories of relevance, [...]”.

tabular. Nesse esforço de síntese, explicitam-se os critérios preponderantes para a validação do “conhecimento” em cada corrente, elucidando como as diferentes tradições interagem a partir de suas respectivas prioridades teóricas e metodológicas.

Quadro 1 – Parâmetros de validade e critérios de relevância segundo as quatro matrizes epistemológicas de Hjørland

Empirismo	Racionalismo	Historicismo	Pragmatismo
Relevante:	Relevante:	Relevante:	Relevante:
Observações, dados dos sentidos. Indução a partir da coleta de dados observacionais. Dados intersubjetivamente controlados.	Pensamento puro, lógica, modelos matemáticos, modelos computacionais, sistemas de axiomas, definições, teoremas.	Conhecimento prévio sobre pré-compreensão, teorias, conceitos, contextos, desenvolvimentos históricos e perspectivas revolucionárias.	Informações sobre objetivos e valores e consequências envolvendo não apenas o pesquisador, mas também o objeto da pesquisa (sujeito e objeto).
Não-relevante:	Não-relevante:	Não-relevante:	Não-relevante:
Especulações, conhecimento transmitido por autoridades. “Conhecimento de livro” (“ler a natureza, não livros”). Dados sobre suposições e pré-compreensão pelos observadores.	Pouca prioridade é dada aos dados empíricos, pois tais dados devem ser organizados de acordo com princípios que não podem vir da experiência.	Pouca prioridade é dada a dados descontextualizados a partir dos quais os significados não podem ser interpretados. Dados intersubjetivamente controlados são frequentemente vistos como insignificantes.	Pouca prioridade (ou desconfiança indiscutível) é dada a valores ou informações neutros. Por exemplo, a Epistemologia feminista desconfia da neutralidade das informações produzidas em uma sociedade predominantemente masculina.

Fonte: traduzido e adaptado de Hjørland (2013, p. 174) pelos autores (2026)

Dessa maneira, de acordo com a perspectiva de Hjørland (2013, p. 174), o empirismo na Ciência da Informação manifesta-se pela ênfase em métodos quantitativos e na observação direta. O foco reside em evidências estatísticas, como a bibliometria e o comportamento do usuário baseado estritamente em dados

observáveis, tratando a informação como algo que pode ser medido e coletado de forma neutra. Já no racionalismo, privilegia-se a lógica, as estruturas formais e as regras universais. Aplica-se à criação de sistemas de classificação (como taxonomias e ontologias) baseados em princípios lógicos e categorias “*a priori*”, buscando uma organização racional e dedutiva do conhecimento. Já no historicismo, diferentemente das anteriores, argumenta-se que o conhecimento é situado. Na Ciência da Informação, isso significa que a organização da informação deve considerar o contexto histórico e cultural em que os documentos foram produzidos, reconhecendo que os significados mudam ao longo do tempo e dependem das tradições de cada campo. Já no pragmatismo, enfatiza-se a Análise de Domínio, teoria marcante de Hjørland. Nesse quesito, o valor da informação é determinado pela sua utilidade para uma comunidade específica (comunidades discursivas). A classificação não é vista como “verdadeira” ou “neutra”, mas como uma ferramenta que deve servir aos propósitos de um grupo de pesquisadores ou profissionais. Dessa forma, a análise de Hjørland (2013) sugere que a Ciência da Informação não é um campo epistemologicamente neutro; ao contrário, cada sistema de recuperação ou método de indexação reflete, consciente ou inconscientemente, uma dessas quatro posturas. Enquanto o empirismo e o racionalismo buscam critérios universais, o historicismo e o pragmatismo enfatizam o caráter social e funcional do conhecimento.

Na concepção de Garcia Marco e Esteban Navarro (1993), a epistemologia é analisada a partir das repercussões das novas perspectivas da psicologia cognitiva e da epistemologia no campo da Ciência da Informação, com foco particular na teoria da classificação. Os autores examinam a interconexão científica entre essas áreas e reafirmam o papel central da epistemologia para a fundamentação teórica da Ciência da Informação. Defendem a epistemologia como “aquele ramo da filosofia dedicado ao estudo dos processos do conhecimento humano, sua lógica, origens e fundamentos” (GARCIA MARCO; ESTEBAN NAVARRO, 1993, p. 128, tradução nossa)⁶. Além disso, Garcia Marco e Esteban Navarro (1993, p. 129, tradução nossa)⁷ caracterizam que:

⁶ “that branch of philosophy devoted to the study of the processes of human knowledge, its logic, origins and basis.”

⁷ “The study of epistemology is, therefore, essential for the design and implementation of better cognitive strategies for guiding the process of documentary analysis, particularly for indexing and abstracting scientific documents. The ordering and classifying of information contained in documents will be improved, thus allowing their effective retrieval only, if it is possible to discover the conceptual

O estudo da epistemologia é, portanto, essencial para a concepção e implementação de melhores estratégias cognitivas que orientem o processo de análise documental, particularmente para a indexação e o resumo de documentos científicos. A ordenação e a classificação das informações contidas nos documentos serão aprimoradas, permitindo assim sua recuperação efetiva, somente se for possível descobrir o quadro conceitual (termos, conceitos, categorias, proposições, hipóteses, teorias, padrões e paradigmas) de seus autores a partir dos elementos discursivos dos textos (palavras, frases e parágrafos).

Nesse sentido, entende-se que a epistemologia atua como o alicerce metodológico indispensável para o aprimoramento das estratégias cognitivas aplicadas ao tratamento temático da informação. Assim, a eficácia de processos como a indexação e a elaboração de resumos – importantes para a recuperação da informação científica – depende diretamente da capacidade de transcender a superfície textual.

O conceito de epistemologia para Smiraglia (2001, p. 198, tradução nossa)⁸ é “o ramo da filosofia que investiga a natureza e a origem do conhecimento.” Smiraglia (2001, p. 198) insere em sua discussão o contraponto entre ontologia e epistemologia demonstrado por Polli (1996), dado que, para essa ótica, a ontologia é caracterizada pela dimensão objetiva da realidade – o “ser” -, constituindo a estrutura normativa e universal necessária para a sistematização do saber. Em contrapartida, a epistemologia representa a dimensão subjetiva – o conhecer -, atuando como o mecanismo de compreensão que viabiliza a interpretação e a atribuição de significado ao objeto, permitindo que a organização da informação transcenda a categorização formal para abarcar a complexidade da cognição humana. Desse modo, Smiraglia (2001, p. 199, tradução nossa)⁹ ressalta a importância da epistemologia, particularmente na organização do conhecimento,

Enquanto a ontologia pode ser utilizada para estruturar a organização do conhecimento, a epistemologia nos fornece informações perceptivas essenciais sobre os objetos da organização do conhecimento. Cada perspectiva pode contribuir para a compreensão, e, coletivamente, podemos alcançar uma perspectiva equilibrada. Para começar, o empirismo pode nos

framework (terms, concepts, categories, propositions, hypotheses, theories, patterns, and paradigms) of their authors from the discursive elements of texts (words, sentences and paragraphs)."

⁸ "Epistemology is the division of philosophy that investigates the nature and origin of knowledge."

⁹ "Whereas ontology may be relied upon to frame the organization of knowledge, epistemology provides us with key perceptual information about the objects of knowledge organization. Each perspective can contribute to understanding, collectively a balanced perspective can be achieved. To begin, empiricism can lead us to taxonomies of knowledge entities. Rationalism can demonstrate the cultural role of, and impact on, knowledge entities."

levar a taxonomias de entidades de conhecimento. O racionalismo pode demonstrar o papel cultural e o impacto sobre as entidades de conhecimento.

Sendo assim, a fundamentação teórica de Smiraglia (2001) postula que a epistemologia desempenha um papel analítico importante na Organização do Conhecimento, atuando como o vetor perceptivo necessário para a compreensão profunda dos objetos informacionais. Enquanto a ontologia oferece o arcabouço estrutural e delimitador para a sistematização, a abordagem epistemológica viabiliza uma visão integrada e equilibrada entre distintas correntes filosóficas: o empirismo, que instrumentaliza a criação de taxonomias baseadas na observação das entidades do conhecimento, e o racionalismo, que elucida as dinâmicas culturais e os impactos sociológicos inerentes a essas mesmas entidades. Dessa maneira, a síntese entre a estrutura ontológica e a percepção epistemológica permite que a organização do saber transcenda a técnica descritiva, alcançando uma compreensão holística que abarca tanto a morfologia quanto o valor sociocultural dos sistemas de informação.

No debate de Capurro (2003), no início do século XXI, a epistemologia, entendida como estudo dos processos cognitivos e não no sentido clássico de estudo da natureza do saber científico e de suas estruturas lógico-rationais (episteme), adquire não só um caráter social e pragmático, mas também se relaciona intimamente com a investigação empírica de todos os processos cerebrais. Capurro (2003) articula a história da Ciência da Informação através de uma transição entre três paradigmas principais: o paradigma físico, emergente entre 1945 e 1960, este modelo fundamenta-se na teoria da comunicação de Shannon e Weaver, onde a informação é tratada como um objeto físico ou sinal transmitido de um emissor a um receptor. Neste estágio, os aspectos semânticos e o papel do sujeito são secundarizados em favor da medição da transmissão de sinais; o paradigma cognitivo, é representado por autores como Brookes e Belkin, este paradigma foca na “informação objetiva” e nas transformações dos “modelos mentais” do sujeito cognoscente. Embora insira o usuário no processo, Capurro (2003) critica sua tendência idealista e individualista por desconsiderar o contexto social e material; e, por fim, o paradigma social, modelo defendido por Capurro (2003), que retoma a “epistemologia social” de Shera (1952) sob uma ótica tecnológica digital. Aqui, a informação não é um objeto isolado, mas algo que emerge de uma “rede de relações e significados” ou, no termo heideggeriano, no “ser-no-mundo”. A teoria de Capurro (2003) apoia-se na aplicação da hermenêutica filosófica (baseada em Gadamer e Heidegger) para entender a informação.

Argumenta-se que o conhecimento está intrinsecamente ligado à ação e que todo processo de busca de informação é sustentado por uma “pré-compreensão” contextualizada em uma comunidade de intérpretes. Dessa maneira, a informação deixa de ser “coisa” para ser entendida como “conhecimento em ação”. O autor reitera que o valor informativo de uma dado não reside em sua propriedade intrínseca, mas no processo interpretativo em que o usuário adjudica sentido a algo para atender a uma demanda concreta. Consequentemente, Capurro (2003) defende que a epistemologia da Ciência da Informação é, fundamentalmente, uma *epistemopraxis*. Isso significa que o estudo do conhecimento não pode ser dissociado da prática social, das estruturas de poder e dos desafios éticos impostos pela rede digital e pelo fenômeno da exclusão digital. Em última análise, a epistemologia de Capurro propõe uma ciência das mensagens (*angeletics*) que busca mediar o conhecimento para promover o desenvolvimento humano e social.

No trabalho de Zins (2004, p. 54, tradução nossa)¹⁰ investigam-se as bases epistemológicas do conhecimento objetivo, analisando seus reflexos na pesquisa sobre a classificação. O autor propõe uma definição para o termo “conhecimento”, estabelece as distinções entre as dimensões subjetiva e objetiva e argumenta que a objetividade é um pilar indispensável para a produção do saber científico. Defende que:

[...] a pesquisa em organização do conhecimento se concentrará em explorar os fundamentos epistemológicos da organização do conhecimento, estabelecer metodologias científicas para projetar mapas de conhecimento científico e expandir a aplicabilidade da organização do conhecimento a outras áreas da atividade humana.

Nessa concepção, examina-se como o entendimento filosófico do conhecimento objetivo sustenta a organização da informação, argumentando que a distinção clara entre o saber individual (subjetivo) e o coletivo/validado (objetivo) é o que permite a criação de classificações científicas rigorosas. A concepção de Zins (2004) adota um parâmetro mais sistemático e taxonômico, buscando delimitar as fronteiras da Ciência da Informação através do mapeamento lógico de conceitos e da estruturação da hierarquia entre dados e conhecimento; em contrapartida, Capurro (2003) propõe uma abordagem hermenêutica e existencial, defendendo que a

¹⁰ “[...] knowledge organization research will focus on exploring the epistemological foundations of knowledge organization, establishing scientific methodologies for designing scientific knowledge maps, and expanding the applicability of knowledge organization to other areas of human activity.”

informação não é um objeto estático, mas um processo de interpretação que só ganha sentido dentro de um contexto social e histórico humano. Sendo assim, de acordo com Zins (2004) a pesquisa na área não deve se limitar ao tecnicismo, mas focar no desenvolvimento de bases epistemológicas sólidas e metodologias científicas para o mapeamento do saber, visando expandir a utilidade da organização do conhecimento para diversas esferas da atividade humana.

No trabalho de Channon (2013, p. 98, tradução nossa)¹¹ a epistemologia destoa das discussões dos autores anteriores, uma vez que para ele significa “*scientific epistemology*”, que refere-se a “todas e quaisquer tentativas de explicar as regularidades relacionadas ao que poderíamos chamar de inteligência (dados, informações, mensagens e conhecimento).” Essa concepção analítica observa uma reconfiguração epistemológica que diverge das tradições teóricas precedentes ao introduzir o conceito de epistemologia científica. Sob essa ótica, a epistemologia não é tratada como uma reflexão filosófica sobre a natureza do saber, mas como um campo metodológico voltado à sistematização de regularidades científicas de categorias distintas, porém interdependentes – como dados, informações, mensagens e conhecimento -, buscando formalizar os processos de processamento e transmissão inteligível que estruturam a realidade cognitiva.

A convergência teórica entre os autores analisados e a premissa de que a epistemologia é o estudo da origem, natureza e criação do conhecimento permite estruturar um argumento central: na Ciência da Informação, a epistemologia constitui uma ferramenta basilar e de validação práticas científicas e profissionais. Nesse cenário, o argumento inicial parte do consenso de que, para compreender a informação, é preciso primeiro entender o conhecimento que a precede. Como aponta Hjørland (2013), toda prática na Ciência da Informação, seja a organização de uma base de dados ou a criação de um algoritmo, está ancorada em pressupostos epistemológicos, mesmo que estes não sejam explicitados. Se a epistemologia investiga a origem do saber, na Ciência da Informação ela se manifesta na distinção entre uma corrente de pensamento que confia somente no dado bruto como coisa a *priori* (empirismo) e outra corrente que confia somente na racionalidade como coisa constituída por categorias lógicas a *priori* (racionalismo). Sem essa clareza, a

¹¹ “with any and all attempts to account for regularities relating to what we might refer to as intelligence (data, information, message, and knowledge).”

disciplina correria o risco de se tornar uma técnica puramente mecânica, desprovida de processo metodológico científico. Quanto à natureza do conhecimento, na Ciência da Informação adquire-se uma dimensão profundamente relacional. Autores como Capurro (2003) e Smiraglia (2001) argumentam que o conhecimento não é um objeto estático, mas um processo de atribuição de sentido. Aqui, a linha de raciocínio se torna argumentativa ao sustentar que a Ciência da Informação deve superar o “paradigma físico” (a informação como objeto) em favor de uma *epistemopraxis*. Isso significa que a natureza da informação é intrinsecamente ligada ao contexto social e hermenêutico: um dado só se torna conhecimento quando é interpretado por um sujeito dentro de uma comunidade discursiva. Por fim, o estudo da criação do conhecimento reflete-se na eficácia das estratégias de recuperação e organização. Como defendido por Garcia Marco e Esteban Navarro (1993), a criação de taxonomias e sistemas de indexação depende da capacidade de mapear o quadro conceitual dos autores. A epistemologia, portanto, conforme o debate dos autores elencados anteriormente, atua como um “vetor perceptivo” que permite não apenas coletar dados, mas estruturar o conhecimento de maneira que seja útil e ético.

Nessa conjuntura, de acordo com Stanford Encyclopedia of Philosophy, embora a terminologia “epistemologia” possua uma gênese histórica de apenas dois séculos, a investigação acerca de seus fundamentos remonta às origens da filosofia ocidental, consolidando-se como um campo de análise da natureza e validade do saber. Ao longo de sua extensa cronologia, diferentes facetas do fenômeno cognoscitivo atraíram a atenção de pensadores fundamentais. A epistemologia de Platão, por exemplo, constituiu um esforço primordial para distinguir o conhecimento da opinião, investigando de que forma o saber legítimo beneficia o sujeito. No período moderno, as perspectivas divergiram entre a análise das operações do entendimento humano, proposta por Locke, e a investigação de Kant sobre as condições de possibilidade da compreensão. No século XX, o escopo epistemológico voltou-se à crítica da ciência moderna, como exemplificado pelo trabalho de Russell, que buscou fundamentar o conhecimento científico no apelo à experiência sensorial. Atualmente, a disciplina desdobra-se em frentes diversas: enquanto a epistemologia formal investiga como as evidências restringem racionalmente os graus de confiança, a epistemologia feminista analisa a influência dos interesses sociais e políticos nos critérios de evidência. Em todas essas vertentes, o objeto central permanece sendo a

compreensão do sucesso ou da falha cognitiva, mapeando as múltiplas variedades e esforços contemporâneos para validar a inteligência e o saber.

A partir da análise teórica empreendida sobre os fundamentos epistemológicos na Ciência da Informação, depreende-se que o ato de investigar a epistemologia consiste, essencialmente, no exame dos discursos que transitaram pelo *corpus* científico ao longo do tempo. Nesse sentido, a Análise do Discurso assume papel proeminente na Ciência da Informação, consolidando-se como uma ferramenta metodológica significativa. A aplicação da Análise do Discurso viabiliza o processo de identificação e delimitação das teorias que foram sistematicamente construídas, legitimadas ou desconstruídas durante o desenvolvimento histórico da área. Diante disso, ao analisar as camadas discursivas, consegue-se mapear as rupturas e continuidades conceituais que moldaram a consolidação da Ciência da Informação, permitindo uma compreensão crítica sobre como o conhecimento científico é institucionalizado e transformado em um domínio do saber.

Entende-se que no cenário da Ciência da Informação, a ontologia da informação, enquanto objeto matriz e estruturante do campo, transcende a tangibilidade técnica ou o caráter estritamente factual do dado. Sob uma perspectiva epistemológica crítica, a informação deixa de ser compreendida como uma unidade isolada ou neutra, revelando-se como um fenômeno profundamente situado, tecido por complexas redes de significados que emergem de contextos históricos. Essas tramas de significações não operam em um vácuo social; ao contrário, elas adquirem materialidade e estabilidade por meio dos discursos, entendidos como, de acordo com Foucault (2008, p. 141 e 153), como o “conjunto de enunciados que provêm de um mesmo sistema de formação; [...] O discurso está constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência”. Assim, o discurso é considerado um sistema de enunciados que delimitam as fronteiras do dizível em determinada época. Nesse sentido, os discursos tornam-se eixos centrais de investigação na Ciência da Informação, pois são eles que encapsulam as disputas de sentido e as relações de poder intrínsecas à produção e legitimação do conhecimento.

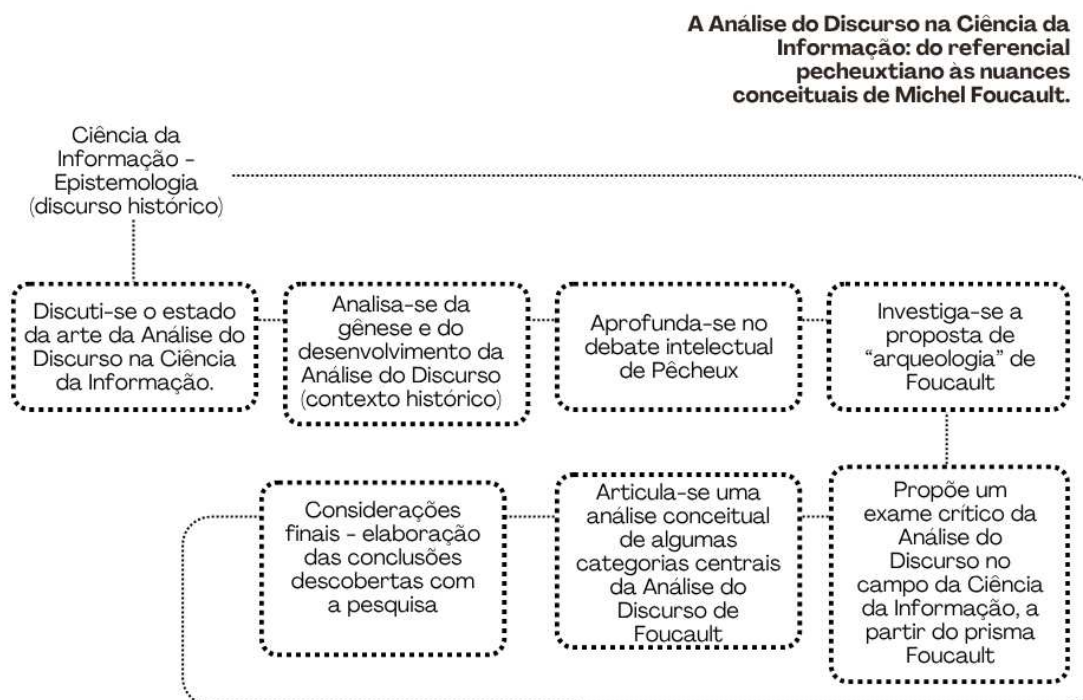
Conforme investigações preliminares pormenorizadas no escopo desta tese, observa-se que o debate acerca da Análise do Discurso no domínio da Ciência da Informação é caracterizado por uma expressiva pluralidade conceitual. Esse campo abarca desde as matrizes estruturalistas de base saussuriana até as rupturas

arqueológicas propostas por Foucault, perpassando a vertente materialista formulada por Pêcheux. Nesse panorama de múltiplos debates, identifica-se a predominância da teoria de Pêcheux como referencial basilar nas pesquisas de análise discursiva dentro da área.

Desse modo, considerando a importância da Análise do Discurso na Ciência da Informação, o problema central que guia esta tese emerge da seguinte indagação: quais são as contribuições de Foucault frente ao uso atual da Análise do Discurso na Ciência da Informação? A partir dessa problematização, propõe-se uma nova reflexão que visa ampliar o escopo do debate sobre a Análise do Discurso na Ciência da Informação.

Nesse contexto, o presente estudo propõe um mapeamento da fundamentação teórica da Análise do Discurso no âmbito da Ciência da Informação. Embora a literatura da área evidencie uma predominância das matrizes de linhagem pecheutiana, esta pesquisa busca expandir os horizontes analíticos ao introduzir um novo prisma: as nuances conceituais de Foucault. O objetivo é investigar como o referencial foucaultiano pode oferecer chaves interpretativas importantes para a compreensão dos fluxos discursivos informacionais contemporâneos. Para a consecução dos objetivos propostos, delineou-se um percurso metodológico estruturado de forma a garantir a consistência e a profundidade necessária para o desenvolvimento da tese, conforme detalhado na Figura 1:

Figura 1 – Mapa do desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Os autores (2026)

Em suma, a trajetória percorrida nesta etapa da pesquisa fundamenta-se em uma análise progressiva que conecta a epistemologia da Ciência da Informação às complexidades da Análise do Discurso. O itinerário inicia-se com o mapeamento do estado da arte e da gênese histórica da Análise do Discurso, permitindo situar o campo de estudo em seu contexto de desenvolvimento. A investigação aprofunda-se, então, no debate intelectual por meio de duas frentes principais: o exame das bases teóricas de Pêcheux e a exploração da proposta metodológica de Foucault. A partir desse embasamento, o trabalho promove um exame comparativo entre as duas matrizes, culminando em uma análise crítica da Análise do Discurso aplicada especificamente ao campo da Ciência da Informação. Este exercício de articulação conceitual permite a identificação de categorias centrais que sustentam as considerações finais, consolidando as descobertas da pesquisa e reafirmando a relevância do diálogo entre a filosofia do discurso e as práticas discursivas atuais.

1.2 JUSTIFICATIVA

No âmbito científico, a presente pesquisa justifica-se ao oferecer aos pesquisadores da Ciência da Informação um mapeamento sobre a Análise do Discurso na área. Essa investigação, não apenas evidencia a variedade de possibilidades para novos debates, mas aponta campos científicos que demandam uma exploração mais aprofundada.

Nesse sentido, Foucault (1978, p. 3) enfatiza que “[...] a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade [...]”. Essa concepção oferece um fundamento epistemológico significativo para a prática científica, uma vez que ressalta a importância de questionar as estruturas de saber estabelecidas, não apenas para refinar teorias, mas para esclarecer os mecanismos de poder que as sustentam.

Além disso, esta tese assenta-se na reflexão crítica sobre a natureza das teorias na Ciência da Informação, conforme observado por Gregolin ao citar Fiorin (2006), que afirma que “[...] as teorias são pousos provisórios, são mirantes para que possamos enxergar – transitoriamente – nossos objetos”. Essa concepção ressalta a importância de reconhecer que as teorias não são verdades absolutas, mas sim construções temporárias que facilitam a compreensão dos fenômenos informacionais em um contexto em constante evolução. A pesquisa proposta visa investigar como essas teorias podem ser adaptadas e reinterpretadas à luz das mudanças sociais, tecnológicas e culturais que impactam a produção e a disseminação do conhecimento. Ao explorar essa dinâmica, pretende-se contribuir para um entendimento mais profundo das relações entre teoria e prática na Ciência da Informação, promovendo uma abordagem que valorize a flexibilidade teórica e a inovação, essenciais para enfrentar os desafios contemporâneos da área.

1.3 HIPÓTESE

A presente pesquisa, por possuir caráter qualitativo, não demanda a formulação de hipóteses rígidas previamente estabelecidas. Conforme afirma Gil (2008, p. 38), “[...] geralmente, naqueles estudos em que o objetivo é descrever determinado fenômeno ou as características de um grupo, as hipóteses não são enunciadas formalmente”. Tal compreensão evidencia que pesquisas de natureza exploratória e descritiva podem desenvolver-se a partir de objetivos e questões

norteadoras, sem a obrigatoriedade de hipóteses formais. Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa distancia-se da lógica estritamente hipotético-dedutiva, típica das abordagens quantitativas, priorizando a interpretação e a compreensão dos fenômenos investigados. Nesse sentido, Creswell (2014, p. 46-49) destaca que a pesquisa qualitativa se estrutura por meio de questões abertas e da compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos e pelos contextos analisados.

Além disso, a pesquisa bibliográfica qualitativa busca aprofundar interpretações teóricas e conceituais, o que torna mais adequada a utilização de problematizações e objetivos investigativos em vez de hipóteses previamente definidas. Para Minayo (2014, p. 57-63), a investigação qualitativa compreende o conhecimento como uma construção processual e interpretativa, desenvolvida ao longo da pesquisa, em constante diálogo entre teoria, objeto e contexto. Desse modo, a ausência de hipótese nesta investigação justifica-se pela própria natureza qualitativa do estudo, cujo objetivo central consiste na análise crítica e reflexiva dos referenciais teóricos da Análise do Discurso na Ciência da Informação, permitindo que as interpretações sejam construídas progressivamente durante o processo analítico.

1.4 OBJETIVO GERAL

Intenciona-se realizar um estudo epistemológico sobre a fundamentação teórica da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, que se identifica, preliminarmente, como predominantemente pautada pela teoria de Pêcheux, propondo um novo prisma teórico a partir das nuances conceituais da Análise do Discurso em Foucault.

1.4.1 Objetivos específicos

- Analisar o aporte teórico da abordagem metodológica da Análise do Discurso de Pêcheux, predominante na Ciência da Informação;
- Investigar o aporte teórico da abordagem metodológica em Foucault, no âmbito da Análise do Discurso;
- Mapear a conjuntura da Análise do Discurso na Ciência da Informação e analisar as especificidades encontradas na investigação;

- Problematicar as diferenças conceituais existentes entre a abordagem metodológica da Análise do Discurso em Pêcheux e a abordagem metodológica em Foucault;
- Analisar os diálogos possíveis entre a Análise do Discurso, na abordagem metodológica de Foucault, e a Ciência da Informação.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à natureza, a pesquisa é considerada básica, o que significa que busca ampliar o conhecimento teórico sobre um determinado fenômeno sem aplicação prática imediata (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Em relação à abordagem, opta-se pela pesquisa qualitativa. Essa escolha fundamenta-se na necessidade de compreender fenômenos sociais de maneira mais abrangente e contextualizada (MINAYO; DESLANDES, 2007). Os objetivos da pesquisa são exploratórios, o que implica que o foco está na investigação de áreas pouco estudadas ou na busca por novas perspectivas sobre um tema já conhecido (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica, o que significa que se baseia na revisão e análise de obras já publicadas sobre o tema em questão (FONSECA, 2002).

A realização de uma revisão crítica da literatura constitui uma etapa indispensável na construção do saber científico, pois transcende a mera compilação de obras para se estabelecer como um exercício analítico rigoroso. Esse processo de imersão nas produções acadêmicas vigentes possibilita um mapeamento preciso do 'estado da arte', permitindo diagnosticar dissonâncias, contradições e, primordialmente, lacunas no conhecimento estabelecido. Identificar tais hiatos não apenas justifica a necessidade de novas investigações, mas também orienta a formulação de problemas de pesquisa originais e relevantes. Simultaneamente, essa análise assegura a robustez da fundamentação teórica, alicerçando o estudo em conceitos sólidos e validando suas bases epistemológicas diante da comunidade acadêmica. Desse modo, mais do que um levantamento bibliográfico, esta revisão crítica configura-se como um instrumento de vigilância epistemológica. Ao interrogar o *corpus* literário existente, torna-se viável detectar as fronteiras do conhecimento atual, revelando nuances que demandam aprofundamento científico. É, portanto, através desse diagnóstico que a pesquisa se legitima, utilizando a literatura não apenas como pano de fundo, mas como o alicerce teórico que sustenta a

argumentação, define os conceitos operacionais e insere o novo estudo de forma coerente na tradição científica da Ciência da Informação.

Nesse contexto, o artigo científico consolida-se não apenas como o principal vetor de registro, mas como a ferramenta fundamental para a validação e circulação do conhecimento. A sua importância transcende a documentação de atividades de pesquisa; ele atua como o elo dinâmico entre o laboratório – ou o campo de estudo – e a comunidade global. Conforme apontam as bases da literatura da área, os artigos desempenham um papel central na disseminação dos avanços científicos. É por meio da publicação periódica que os resultados de uma investigação são submetidos à análise dos pares, garantindo o rigor metodológico e a credibilidade das descobertas. Sem essa etapa de formalização e publicidade, a ciência permaneceria estática, isolada em descobertas individuais sem impacto coletivo. A relevância dos artigos científicos justifica-se, sobretudo, pelo princípio da cumulatividade da ciência. Ao permitir a comunicação fluida dos resultados de pesquisa, esses documentos possibilitam que novos estudos sejam edificados sobre bases preexistentes, fomentando uma colaboração contínua para o avanço do saber. Cada artigo publicado funciona como um alicerce que permite a outros pesquisadores refutar, confirmar ou expandir teorias, criando uma rede de inteligência coletiva. Por fim, é imperativo destacar a função social da publicação científica. O fomento ao progresso da sociedade, mencionado como um dos objetivos finais da ciência, depende diretamente da agilidade e da clareza com que o conhecimento é disseminado. Ao transformar dados brutos e análises teóricas em informação acessível à comunidade acadêmica, o artigo científico catalisa inovações tecnológicas, sociais e educacionais, cumprindo, assim, o papel político e social da pesquisa acadêmica.

Nesse sentido, a metodologia proposta combina natureza básica, abordagem qualitativa, objetivos exploratórios e procedimentos bibliográficos, criando um arcabouço consistente para a investigação do fenômeno em questão. Essa estrutura metodológica não apenas orienta a pesquisa, mas também assegura que os resultados obtidos sejam relevantes e contribuam para o avanço do conhecimento na área.

Em articulação com as estratégias metodológicas anteriormente delineadas, este estudo adota a Análise do Discurso sob a perspectiva teórica de Foucault (1996, 2008). Tal abordagem revela-se profícua para a investigação das dinâmicas em que os discursos operam como portadores da constituição e da retroalimentação das

relações de poder-saber (FOUCAULT, 1996). A aplicação desse instrumental dar-se-á por meio da observação dos procedimentos de controle interno do discurso, especificamente: o comentário (a repetição e o desdobramento de sentidos); o autor (a figura como princípio de agrupamento do discurso); e a disciplina (os limites e regras de produção de novos enunciados). Dessa forma, a escolha metodológica não apenas fundamenta o arcabouço crítico da tese, mas assegura o rigor analítico necessário para que se compreenda a aplicação da arqueologia foucaultiana ao objeto de estudo. Pretende-se, assim, conferir inteligibilidade às tensões discursivas e às estruturas de saber-poder identificadas ao longo da pesquisa.

1.6 ESTRUTURA GERAL DA TESE

A tese está organizada da seguinte maneira: além desta Introdução como **1º Capítulo**, compõem-se dos seguintes capítulos:

- **2º Capítulo:** dedica-se ao delineamento do estado da arte da Análise do Discurso na Ciência da Informação. A relevância desse mapeamento reside na capacidade de identificar tendências e lacunas latentes, permitindo uma análise crítica e rigorosa dos processos teóricos que fundamentam o debate contemporâneo no campo.
- **3º Capítulo:** empreende-se uma análise crítica da gênese e do desenvolvimento da Análise do Discurso, contextualizando as condições históricas e teóricas que permitiram sua emergência. Ao propor um debate voltado ao esclarecimento de seus fundamentos, busca-se dirimir confusões conceituais recorrentes, oferecendo uma análise das tradições que compõem o campo.
- **4º Capítulo:** dedica-se ao aprofundamento do itinerário intelectual de Pêcheux, figura significativa nas pesquisas da Análise do Discurso na Ciência da Informação. Ao propor um panorama amplo de suas discussões, busca-se sistematizar o arcabouço teórico do autor, marcado pela articulação entre Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. A abordagem percorre as diferentes fases e deslocamentos de seu pensamento, desde as propostas iniciais de análise até suas autocríticas e retificações posteriores, elucidando conceitos-chave como interdiscurso e a natureza ideológica do sentido, estabelecendo as bases teóricas necessárias para a mobilização de seus conceitos na presente investigação.

- **5º Capítulo:** analisa-se a proposta de “arqueologia” em Foucault, como uma abordagem metodológica para a Análise do Discurso. Trata-se de reflexões que se distanciam da tradicional “história das ideias”. Enquanto a história das ideias busca as continuidades, origens e o desenvolvimento linear do pensamento, a arqueologia foca na descontinuidade, nas rupturas e na especificidade dos discursos em seus momentos históricos. O objetivo da abordagem metodológica de Foucault não é interpretar o que foi dito em busca de um significado oculto, mas descrever as regras de formação que permitiram que certos enunciados emergissem em uma determinada época.

- **6º Capítulo:** o presente capítulo propõe um exame crítico e situacional da inserção da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, buscando problematizar as modalidades de apropriação desse referencial teórico-metodológico, a partir do prisma dos procedimentos de controle interno do discurso propostos por Foucault (1996). Ao analisar o cenário atual das discussões, identificam-se as tendências predominantes e as lacunas existentes, articulando questões importantes para o debate na área. O objetivo central é qualificar a interlocução interdisciplinar, oferecendo subsídios para que a utilização da Análise do Discurso na Ciência da Informação ocorra com maior rigor analítico e consciência sobre suas potencialidades e limites investigativos.

- **7º Capítulo:** articula-se uma análise conceitual de algumas categorias centrais da Análise do Discurso em Foucault. Visa-se demonstrar sua relevância operativa e epistemológica para o campo da Ciência da Informação. Desse modo, busca-se evidenciar como o instrumental foucaultiano oferece à Ciência da Informação novas chaves de leitura para compreender a materialidade, a organização e a circulação dos saberes, ampliando o olhar dos pesquisadores e profissionais da área, em favor de uma perspectiva crítica sobre a ordem do discurso.

- **8º Capítulo:** apresentam-se as **Considerações finais** decorrentes da trajetória investigativa percorrida nesta pesquisa.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diante deste cenário, entende-se que a Análise do Discurso (AD) desempenha uma função relevante nos estudos da Ciência da Informação (CI), não se limitando a mero método de pesquisa, mas se configurando como uma ferramenta reflexiva que enriquece a prática profissional. Essa abordagem capacita os profissionais da informação a compreender as complexidades das interações comunicativas e os processos sociais que moldam a produção e a circulação do conhecimento. Ao integrar a AD em diferentes contextos, é possível não apenas aprimorar as metodologias de pesquisa, mas também promover uma reflexão crítica sobre a atuação dos profissionais da informação na contemporaneidade. Ao aplicar a Análise do Discurso, torna-se possível desvendar de que maneira os diversos discursos são elaborados e legitimados, o que possibilita uma compreensão mais aprofundada das narrativas que atravessam as culturas. Essa abordagem analítica é significativa para que os profissionais da informação atuem de forma consciente, reconhecendo as implicações de suas escolhas e práticas no contexto informacional. Assim, a AD constitui-se como um recurso valioso para a formação de um entendimento crítico e reflexivo sobre o papel da informação na sociedade.

A relevância de mapear a aplicação e o debate da Análise do Discurso nas pesquisas em Ciência da Informação é inegável, uma vez que traçar esse panorama possibilita a identificação de tendências, lacunas e oportunidades de investigação, impulsionando o progresso do conhecimento na área. Ademais, ao registrar as diversas maneiras como a AD tem sido utilizada em diferentes contextos da CI, cria-se um repertório de práticas que pode ser compartilhado e replicado. Isso favorece um ambiente de colaboração e aprendizado contínuo, essencial para o desenvolvimento coletivo da disciplina.

Portanto, defende-se que a Análise do Discurso não deve ser vista como uma técnica ou método, mas como uma abordagem que instiga a reflexão sobre o fazer do profissional da informação, permitindo compreender as relações de poder subjacentes aos processos de organização e mediação do conhecimento. Ao integrar essa análise em sua prática, pode-se elaborar um campo de conhecimento mais crítico e reflexivo. Sendo assim, entende-se a necessidade de investigar, qual é a abordagem

metodológica que a Ciência da Informação usa para o debate da Análise do Discurso na área.

Desse modo, Radford (1992) enfatiza que a compreensão da produção do conhecimento científico não deve se basear apenas nos fenômenos observáveis do mundo, mas sim nos sistemas de discurso estabelecidos que definem quais proposições podem ser consideradas objetivas e quais não podem. Isso sugere que a maneira como interpretamos e discutimos a realidade é influenciada por estruturas discursivas, o que torna a Análise do Discurso uma ferramenta importante para explorar essa dinâmica na Ciência da Informação.

A AD pode motivar pesquisas sobre as políticas de interpretação da informação em Ciência da Informação ao revelar como a informação, seus usuários e seus usos são construídos discursivamente. Isso incentiva investigações sobre as contingências históricas dos recursos disponíveis para essas interpretações, desafiando as noções de 'naturalidade' ou 'objetividade' dos usuários da informação. Essa abordagem permite compreender as relações entre práticas sociais específicas e tentativas institucionais de fechar os elementos discursivos disponíveis para articular identidades sociais e pessoais. Diante disso, a Análise do Discurso transcende a técnica ou o método, representando uma abordagem que estimula a reflexão crítica na prática do profissional da informação. Sua integração às atividades dos pesquisadores da CI potencializa o desenvolvimento de um campo de conhecimento mais crítico e reflexivo.

Nessa conjuntura, a Análise do Discurso possibilita, de maneira significativa, a compreensão das relações de poder presentes na produção do conhecimento em Ciência da Informação (CI). Diante disso, a Análise do Discurso permite investigar de que maneira o conhecimento na CI é construído e legitimado por meio de práticas discursivas específicas, como a produção teórica, a publicação científica e a comunicação profissional. Assim, a Análise do Discurso pode revelar os mecanismos pelos quais determinadas perspectivas, conceitos e abordagens são privilegiados e se tornam dominantes na disciplina. Nesse sentido, a Análise do Discurso evidencia como o conhecimento na Ciência da Informação está intrinsecamente ligado a relações de poder, tanto no nível institucional quanto no nível epistemológico, dado que é possível compreender como o conhecimento é utilizado para exercer controle e influência sobre a informação, seus usuários e usos. Dessa maneira, por meio da Análise do Discurso pode-se desvelar as dimensões histórico-culturais subjacentes à

produção de conhecimento na Ciência da Informação, ressaltando de maneira determinante perspectivas e abordagens que refletem interesses e visões de mundo específicos, ou seja, elaborando um entendimento crítico das relações de poder que perpassam a produção de conhecimento na área. Portanto, ao aplicar a Análise do Discurso à própria produção teórica da Ciência da Informação, pode-se desenvolver uma postura mais reflexiva e autocrítica em relação a suas práticas discursivas, uma vez que isso pode levar a uma conscientização acerca das implicações sociais, políticas e éticas do conhecimento produzido na área.

2.1 APLICAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO DAS VERTENTES DE ESTUDO

Historicamente, como observado por Olsson (2010), a Ciência da Informação foi predominantemente influenciada por teóricos americanos e britânicos, influência que resultou em um enfoque particular no comportamento individual e nos processos cognitivos relacionados à busca de informação. Tal abordagem, alinhada com métodos de pesquisa positivistas, priorizava a análise de elementos observáveis e mensuráveis, como o uso da linguagem. Contudo, esta perspectiva não estava isenta de críticas. Estudiosos como Frohmann (1994), Talja (1997) e Olsson (1999, 2004) apontaram as limitações dessa abordagem, argumentando que ela frequentemente negligencia o papel significativo dos fatores sociais e culturais na busca e uso da informação. Esta crítica abriu caminho para uma reavaliação importante das bases teóricas e metodológicas da disciplina. A ênfase no indivíduo e nos processos cognitivos, embora tenha proporcionado debates valiosos, apresentava uma visão limitada da complexidade dos fenômenos informacionais, uma vez que tendia a isolar o usuário da informação de seu contexto social mais amplo, tratando a busca e o uso da informação como processos predominantemente internos e desconectados das estruturas sociais, culturais e de poder que os moldam. Nos últimos anos, tem-se observado um aumento significativo de pesquisas na Ciência da Informação que adotam abordagens socioconstrutivistas e de Análise do Discurso. Trabalhos como os de Talja (2001), Mckenzie (2003) e Given (2003) exemplificam essa tendência, indicando uma mudança paradigmática na forma como a informação e seus processos são compreendidos e estudados.

Ao realizar um levantamento bibliográfico dos artigos que utilizam a Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, identifica-se a referência à “vertente francesa da Análise do Discurso” como uma abordagem predominante nos textos fundamentais da área que abordam o tema. Contudo, é notável que, apesar da prevalência dessa perspectiva, os pesquisadores frequentemente não fornecem uma explicitação detalhada das especificidades desse enfoque em seus estudos. Essa lacuna na descrição das características particulares da vertente francesa da Análise do Discurso pode limitar a compreensão abrangente de sua aplicação e influência na Ciência da Informação. Além disso, a percepção de uma “escola francesa” homogênea na teoria crítica e na Análise do Discurso é uma simplificação que não reflete a complexidade das ideias desenvolvidas por pensadores como Foucault, Pêcheux, Althusser e Barthes. Nesse sentido, embora compartilhem uma origem geográfica comum, suas abordagens teóricas e metodológicas apresentam diferenças significativas. De maneira breve, as diferenças teóricas dos principais pensadores refletem-se na seguinte sistematização: Foucault (1979), com sua análise do poder e do conhecimento, desenvolveu uma perspectiva que se concentra nas relações de força e nas estruturas discursivas que moldam a cultura; a concepção de Análise do Discurso de Pêcheux (1975) e Althusser (1974) tem uma matriz teórica comum, na qual a ideologia e a luta de classes são os eixos centrais para a compreensão da linguagem. Sob a ótica do marxismo estruturalista, ambos os autores convergem ao situar a linguagem como o local onde a ideologia se materializa. Enquanto Althusser (1974) fundamenta o papel dos aparelhos ideológicos na reprodução das relações de produção, Pêcheux (1975) desdobra essa concepção ao demonstrar que não existe discurso sem ideologia, sendo a linguagem o terreno onde o sujeito é interpelado e as contradições sociais se manifestam. Assim, suas obras não se distinguem em essência, mas se complementam na construção de uma ciência que investiga a relação intrínseca entre o dizer, o poder e as estruturas sociais; por fim, Barthes (2009), com sua semiologia, questionou a relação entre significante e significado, propondo uma crítica à cultura de massa. Desse modo, a tentação de agrupar teóricos da Análise do Discurso sob a rubrica de uma “escola francesa” obscurece a riqueza e a complexidade de suas ideias. Ao reconhecer e explorar suas diferenças, torna-se possível compreender melhor as contribuições únicas de cada um e avançar na teorização crítica e na Análise do Discurso.

2.2 APROPRIAÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PELA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: BASES CONCEITUAIS E ESTADO DA ARTE

A etapa inicial desta investigação consistiu no mapeamento do estado da arte sobre a temática da Análise do Discurso no domínio da Ciência da Informação. Para tal, adotou-se uma metodologia de revisão sistemática exploratória (ou pesquisa mapeadora), conduzida em duas bases de dados de alto impacto e relevância internacional: a *Web of Science* e a *Scopus*. O recorte temático da pesquisa foi estritamente definido para garantir a pertinência e a rastreabilidade dos resultados. A expressão de busca empregada para recuperar o material bibliográfico foi:

- *Search: discourse analysis in information science;*
- *Document Types: Article;*
- *Web of Science Categories: Information Science Library Science;*
- *Languages: Portuguese.*

A aplicação dessa estratégia de busca resultou na recuperação de 26 artigos nas bases de dados supracitadas. A etapa subsequente compreendeu a análise individualizada e criteriosa de cada um dos 26 documentos, visando verificar sua aderência e pertinência em relação ao objetivo central da pesquisa. Este procedimento de triagem eliminou 1 material que não estava alinhado ao foco temático, desse modo, foram investigados 25 artigos.

Concomitantemente à busca nas bases de dados, e como forma de complementar a saturação da amostra, empregou-se uma estratégia de prospecção referencial regressiva, doravante denominada “busca ativa nos artigos”. Este método consistiu na análise das referências basilares dos artigos mais recentes encontrados. O processo foi executado da seguinte forma:

- Inicia-se pelo artigo com a publicação mais recente;
- Identificam-se as referências essenciais utilizadas nesse material;
- O artigo referenciado de publicação imediatamente anterior é, então, recuperado e analisado;
- O ciclo se repete, regredindo cronologicamente nas publicações, até que se chegue ao marco fundacional ou ao primeiro artigo de referência que estabeleceu a discussão da Análise do Discurso no contexto da Ciência da Informação.

Essa abordagem mista – utilizando a robustez das bases de dados em conjunto com a profundidade da prospecção referencial regressiva – assegurou um *corpus* documental abrangente e historicamente contextualizado para a análise do estado da arte.

O levantamento bibliográfico realizado para a verificação das questões norteadoras abrange um total de 25 artigos científicos publicados em periódicos nacionais. A escolha de artigos científicos como base da pesquisa deve-se à natureza desse gênero textual, que é empregado para a divulgação de discussões e descobertas realizadas por especialistas em diversas áreas do conhecimento.

Apresenta-se, a seguir, a Quadro 2, que ilustra as 25 publicações organizadas em uma linha temporal para fins de análise. Esse Quadro 2 foi elaborado para fornecer uma representação visual da sequência e distribuição das publicações ao longo do tempo, facilitando a compreensão da evolução e das tendências na área de interesse abordada pelos estudos. Analisa-se, a seguir, o Quadro 2:

Quadro 2 - Artigos sobre Análise do Discurso na Ciência da Informação

Nº	AUTOR (ES)	REFERÊNCIA	RESUMO DE ACORDO COM A LINGUAGEM/ABORDAGEM DO TEXTO
1	ALVARENGA (1998)	ALVARENGA, L. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. Ciência da Informação , v. 27, n. 3, p. 1-9, 1998. Disponível em: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v27i3.778 . Acesso em: 12 nov. 2024.	O texto fundamenta a análise do discurso em diversas abordagens inter-relacionadas, sendo a principal delas a Arqueologia do Saber de Michel Foucault, que se constitui em um instrumental teórico para o estudo das formações discursivas, visando sistematizar um método de análise histórica que considere o discurso como saber, e não meramente como ciência. A arqueologia do saber se propõe a analisar as formações discursivas ao nível da positividade que as caracteriza, buscando as regras de formação dos objetos do discurso de uma área específica do conhecimento. Complementarmente, o artigo explora as teorias de análise que privilegiam os princípios da polifonia e da intertextualidade; a polifonia do discurso parte do princípio de que não há textos puros e que, em contraposição à unicidade do sujeito falante, várias vozes falam simultaneamente em um texto (teoria esta retomada por Oswald Ducrot), e a intertextualidade é uma característica essencial que indica que um texto qualquer resulta do entrecruzamento de uma série de outros textos, autores e discursos. Todos esses fenômenos estão relacionados a componentes pragmáticos que determinam a existência de sistemas de exclusão e o poder dos autores, sendo a pragmática semântica (adotada por Foucault e ligada a Ducrot) o campo que caracteriza o discurso como uma prática que forma sistematicamente os objetos de que falam, atribuindo à enunciação um poder de incitação ao agir.
2	VÁLIO; OLIVEIRA (2003)	VALIO, E. B. M.; OLIVEIRA, V. de F. F. de. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. Perspectivas em Ciência da Informação , [S. l.], v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php	A análise do discurso (AD) utilizada na investigação fundamenta-se predominantemente na perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault (1997), sendo escolhida para se afastar das metodologias tradicionais. Na visão foucaultiana, os discursos são concebidos como uma dispersão, e cabe à AD, por meio da arqueologia do saber, descrever essa dispersão, buscando estabelecer as regras de formação que regem a constituição das formações discursivas, as quais se relacionam diretamente com a formação ideológica. O trabalho também se apoia no quadro epistemológico de Michel Pêcheux (1991, 1969), que articula três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico (fundamentado na teoria da ideologia), a

		/pci/article/view/23473 . Acesso em: 12 nov. 2024.	lingüística (com enfoque na teoria dos mecanismos sintáticos e processos de enunciação), e a teoria do discurso (que foca na determinação histórica dos processos semânticos). Adicionalmente, são referenciados autores que detalham a teoria e seus conceitos: Orlandi (1996), que define a AD como o tratamento da interpretação, restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos, e que compreende a natureza social e a historicidade do texto; Maingueneau (1997), que enfatiza a interdiscursividade como objeto privilegiado de estudo; e Ball (1992), cuja definição é usada para conceber os discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos dos quais falam.
3	FERRAREZI; ROMÃO (2010)	FERRAREZI, L.; ROMÃO, L. M. S. Nos labirintos da rede eletrônica: o silêncio na biblioteca escolar <p> In the labyrinths of the web: the silence in the scholar library. Revista ACB , [S. l.], v. 15, n. 2, p. 176–193, 2010. Disponível em: https://revista.acb.org.br/racb/article/view/710 . Acesso em: 12 ago. 2024.	O trabalho baseia sua análise nos postulados teóricos da Análise do Discurso francesa, buscando compreender como o silêncio na biblioteca escolar é discursivizado na rede eletrônica e delineando um imaginário sobre a instituição. Para sustentar essa compreensão, são mobilizados os conceitos de historicidade e memória discursiva (Pêcheux, 1997), que sustentam os sentidos sobre a instituição. A pesquisa também investiga se a Internet se configura como lugar de emergência de dizeres mais polissêmicos, que façam surgir sentidos além do dominante sobre a biblioteca escolar, caracterizando-se como um "espaço polêmico das maneiras de ser", onde se manifesta o discurso polêmico, que mantém um equilíbrio entre polissemia e paráfrase (Orlandi, 2003). Nesse contexto, os sujeitos constroem sua discursividade por meio da heterogeneidade, que corresponde às diversas vozes atravessadas no discurso, e que ocorre de forma marcada ou implícita, sendo esta última a heterogeneidade constitutiva, através do permanente retorno ao interdiscurso. A Análise do Discurso permite compreender que as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (Pêcheux, 1997), evidenciando-se a fratura do sentido dominante na rede eletrônica.
4	FREITAS (2010)	FREITAS, L. S. de. A análise do discurso e o campo informacional: usos atuais e alcance epistemológico: uma atualização.	O artigo se dedica primariamente a investigar a vigorosa e crescente utilização da Análise do Discurso (AD) foucaultiana no campo informacional, abordando-a juntamente com a conhecida como Escola, Corrente ou Linha francesa da AD, desenvolvida por Pêcheux com base em Foucault, Althusser e Lacan. A AD foucaultiana, que se concentra no discurso via enunciado,

		InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v.1, n.1, p.32-55, 2010. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42304. Acesso em: 02 jul. 2024.	promove rupturas nas concepções tradicionais de linguagem e sujeito, sendo vista como parte das abordagens pós-estruturalistas ou pós-modernas que também incluem influências de Derrida e Bourdieu. O material fornecido contrasta essa abordagem central com outras correntes linguísticas e metodológicas que, embora às vezes também sejam chamadas de AD ou se concentrem em aspectos linguístico-discursivos, não compartilham os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos de Foucault/Pêcheux: estas incluem a AD norte-americana, fundada por Harris, a análise baseada na linguística (como a análise conversacional), a Pragmática em suas versões de análise da interlocução (especificamente a semântica argumentativa), e a análise semiótica, baseada em Greimas. Além disso, a sociolinguística é mencionada entre as estratégias qualitativas que buscam abordar os aspectos linguístico-discursivos no campo informacional.
5	GASPAR; REIS (2010)	GASPAR, N. R.; REIS, L. L. Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência Da Informação. DataGramaZero, v. 11, n. 6, p. 1-8, 2010. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/45574 . Acesso em: 12 nov. 2024.	O estudo fundamenta-se teoricamente em múltiplas abordagens relacionadas à análise do discurso e à constituição do texto, sendo a proposta central amparada nos princípios da análise do discurso de Michel Foucault, particularmente nas noções de "enunciado" e "materialidades discursivas". O enunciado é considerado a unidade elementar dos discursos e, por meio de sua materialidade repetível, manifesta-se em vários suportes e gêneros, relacionando-se com outros enunciados em um campo regido por regras específicas. Para o embasamento sobre a forma e circulação dos textos, o trabalho utiliza os posicionamentos de Bakhtin e Marcuschi. Bakhtin contribuiu para a compreensão de "gêneros" como formas relativamente estáveis e típicas de enunciados que se cristalizam pelos usos da linguagem em esferas discursivas, enquanto Marcuschi forneceu o aporte teórico para a noção de "suporte", definido como o <i>locus</i> no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta. Adicionalmente, o estudo infere, com base em Pêcheux, que a leitura compõe o universo de "gestos e redes de sentidos", visto que a linguagem é fluida, versátil e aponta para elementos culturais, históricos e subjetivos, sendo a articulação entre discurso e sociedade relevante para o trabalho de indexadores. O objetivo geral é aplicar os conceitos foucaultianos, que transcendem os critérios de gêneros e

			suportes, para estabelecer relações e agrupar textos por temas afins, encontrando enunciados discursivos em diferentes materialidades.
6	NOVA CRUZ; ROMÃO (2011)	NOVA CRUZ, Denise Viuniski da; ROMÃO, Lucilia Maria Sousa. Movimentos de Espinosa e(m) Pêcheux. InCID : Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, Brasil, v. 2, n. 1, p. 31–46, 2011. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v2i1p31- 46. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42333 . Acesso em: 26 ago. 2024.	O artigo foca na trajetória da Análise do Discurso (AD) francesa, examinando as construções teóricas do seu fundador, Michel Pêcheux. O trabalho centraliza-se na palestra de Pêcheux de 1977. Remontemos de Foucault a Spinoza, que é utilizada como ponto de partida para criticar a prática acadêmica desvinculada da política e o reformismo marxista na área da linguagem. A análise contextualiza o desenvolvimento da AD, traçando a confluência entre Linguística, Marxismo e Psicanálise, que define o sujeito como uma posição na linguagem, atravessada pela ideologia e pelo inconsciente. Os autores detalham como Pêcheux utiliza o filósofo do século XVII, Baruch Espinosa, traçando paralelos entre sua análise dos textos sagrados e os procedimentos arqueológicos de Michel Foucault, embora Pêcheux critique Foucault por evitar a contradição marxista. Em última análise, o artigo busca resgatar as contribuições filosóficas de Espinosa para a teoria do discurso, especialmente na conceituação das heterogeneidades e na crítica à ilusão do sujeito como fonte de sentido.
7	FERRAZ; CANATO; GASPAR (2011)	FERRAZ, Angela; CANATO, Daiana Ellen; GASPAR, Nádea Regina. No movimento da leitura das histórias em quadrinhos: uma proposta discursiva para a ciência da informação. RDBCI : Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 106–127, 2011. DOI: 10.20396/rdbci.v9i1.1922. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/oj	O trabalho utiliza princípios teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa para analisar revistas em quadrinhos. Especificamente, o estudo recorre a três princípios centrais e seus respectivos autores: o conceito de "discurso", extraído das obras de Pêcheux (1997, 2008); o conceito de "enunciado", proveniente de Foucault (1997), que em sua fundamentação denomina sua teoria como "arqueológica"; e o conceito de "trajeto temático", baseado nos entendimentos de Guilhaumou e Maldidier (1994 ou 1997). Os autores do artigo ressaltam que o conceito de "trajeto temático" de Guilhaumou e Maldidier é fundamentado nos princípios de "discurso" e "enunciado" de Pêcheux e Foucault, sendo este conjunto teórico aplicado para identificar temas, como o "Trabalho", e diversos enunciados discursivos nas revistas <i>Sesinho</i> .

		s/index.php/rdbci/article/view/1922 . Acesso em: 16 jul. 2024.	
8	GASPAR; MALVESTIO (2011)	GASPAR, N. R.; MALVESTIO, Eliana Mantovani. Práticas discursivas no cuidado com os corpos em Almodóvar: laços familiares atuais instituídos pelo sujeito feminino. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação , v. 2, p. 54-66, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/K/Downloads/gcrippa,+05nadea-1.pdf . Acesso em: 12 nov. 2024.	A pesquisa utiliza a teoria da análise do discurso de Michel Foucault (1995) como seu arcabouço principal. Dessa teoria, os conceitos fundamentais explorados são o "enunciado" (ou "enunciado discursivo") e as "formações discursivas". O texto ainda referência a abordagem de Foucault como arqueologia ou arqueogenealogia, que constitui a filosofia crítica do sujeito. Sob essa perspectiva, o discurso é o que põe em funcionamento os enunciados e a relação entre eles nas formações discursivas, e a circulação de enunciados discursivos se liga inicialmente por uma interdiscursividade, estando imersa em um sistema que remete a outros textos. O enunciado discursivo, encontrado por meio da análise, gera um "percurso temático". Além disso, a análise do discurso foucaultiana distingue o sujeito do enunciado, concebido como um "lugar determinado e vazio" que pode ser ocupado por diferentes indivíduos, do autor, que serve como o "princípio de agrupamento do discurso". O objetivo é, assim, revelar como as verdades são pronunciadas e como os discursos se estabilizam em determinadas formações.
9	MEDEIROS; VANTI (2011)	MEDEIROS, A. L.; VANTI, N. Vannevar Bush e as matrizes discursivas de As we may think: por uma possível história da Ciência da Informação. Informação & Sociedade , [S. l.], v. 21, n. 3, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9652 . Acesso em: 12 ago. 2024.	O artigo fundamenta-se exclusivamente no referencial teórico-metodológico proposto pelo filósofo Michel Foucault, adotando o método de investigação arqueológica para a análise do discurso. Essa abordagem, voltada para questões relativas à constituição dos saberes, utiliza conceitos chave como arquivo, acontecimento, descontinuidade e epistemologia para examinar as diversas formações discursivas. A análise sob a perspectiva foucaultiana se concentra na conjuntura sócio-histórica dos enunciados e na verificação das condições de sua produção. O método arqueológico busca o arquivo – o conjunto de regras próprias de um período – e enfatiza a descontinuidade histórica, que representa a ruptura da <i>epistémê</i> de uma época. A análise do discurso sob essa ótica também é vista como uma prática na qual se materializam as relações de poder e que se distingue da análise de discurso textual orientada por estudos linguísticos.
10	BARROS (2013)	BARROS, T. H. B. Os Arquivos, a Arquivística e o Discurso: Alguns marcos históricos e conceituais.	O texto utiliza a Análise do Discurso (AD) como aporte metodológico principal, objetivando o estudo das estruturas discursivas e ideológicas nas produções textuais. A AD opera na relação língua-discurso-ideologia, onde o discurso é definido por Eni Orlandi como um complexo

		Informação Arquivística, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 135–157, 2022. Disponível em: https://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/23. Acesso em: 12 nov. 2024.	processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos, e por Pêcheux como um espaço aberto atravessado pela ideologia e circunscrito por sua história. O quadro epistemológico da AD, segundo Pêcheux, é articulado por três campos: Materialismo Histórico, Linguística e Teoria do Discurso, além do campo do sujeito, de natureza psicanalítico-ideológica. O conceito de Formação Discursiva (FD), cuja discussão foi iniciada por Foucault, é fundamental, ligando o enunciado—a partícula isolável para análise—ao discurso, e determinando "o que pode e deve ser dito" por um sujeito. Complementarmente, a análise envolve a Formação Ideológica (FI), um conceito de Pêcheux que caracteriza um elemento externo que atua como força na conjuntura ideológica e que atravessa e modifica a formação discursiva. Finalmente, o texto também aborda a visão de Pêcheux sobre o discurso como acontecimento, algo que pode desestruturar-se e reestruturar-se a partir das redes de memória e trajetos sociais.
11	SILVA; BAPTISTA (2015)	SILVA, A. R. da; BAPTISTA, D. M. Abordagens de Análise de Discurso na Ciência da Informação: panorama dos estudos brasileiros. Informação & Sociedade, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 103, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/89. Acesso em: 6 set. 2024.	A pesquisa realizada identificou que as abordagens de análise de discurso (AD) predominantemente utilizadas nos estudos da Ciência da Informação analisados são as da linha francesa. O principal autor referenciado nesta vertente é Michel Foucault, predominando seus estudos de perspectiva arqueológica e o uso do conceito de formações discursivas. Outro autor francês essencial é Michel Pêcheux, considerado iniciador da Escola Francesa de AD, associado à Análise Automática de Discurso (AAD) e à teoria materialista do discurso, buscando articular a teoria social do discurso com o método de análise textual. A estudiosa brasileira Eni Orlandi é citada como precursora da AD no Brasil, adotando a filiação pecheutiana. Outros autores franceses mencionados incluem Dominique Maingueneau, cujo trabalho se relaciona com teorias enunciativas e aportes arqueológicos de Foucault, Patrick Charaudeau, dedicado ao estudo do discurso, e Jean-Jacques Courtine, que articula a análise de construções sintáticas com a interpretação histórica da 'memória' social e 'ideológica'. Adicionalmente, foi citada a Análise de Discurso Crítica (ADC), cujo pioneiro é Norman Fairclough, que aborda a linguagem como prática social e instrumento de poder. O estudioso russo Mikhail Bakhtin também é mencionado em relação à AD, sendo a ele atribuída a visão dialética da linguagem. Embora o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin sejam

			utilizadas como técnicas textuais em alguns trabalhos, a AD de linha francesa é a mais citada por seu foco em aspectos implícitos e na ideologia.
12	MORAES; LIMA; CAPRIOLI (2016)	MORAES, João Batista Ernesto; LIMA, Larissa Mello; CAPRIOLI, Mariana Silva (2016). Análise do discurso e ciência da informação: aportes teóricos para organização e representação da Informação. // Scire . 22:2 (jul.-dic. 2016) 75-85. Disponível em: file:///C:/Users/K/Downloads/figarciamarco,+Moraes&al.pdf . Acesso em: 12 nov. 2024.	O texto utiliza primariamente a Análise do Discurso de Matriz Francesa como metodologia teórica viável, buscando romper com o estruturalismo especulativo e o excesso de formalismo linguístico influenciado por Saussure, ao considerar o sujeito da linguagem e elementos que extrapolam a língua. Os principais autores selecionados para fundamentar a ADMF são Michel Pêcheux, que articula o materialismo histórico, a teoria da ideologia (influenciado por Althusser), a linguística (focada nos processos de enunciação) e a teoria do discurso (determinação histórica dos processos semânticos), e Michel Foucault, que contribui com a noção de que o discurso transcende o paradigma linguístico, refletindo uma prática própria atravessada pela ideologia e introduzindo o conceito de formações discursivas. A evolução teórica da ADMF, segundo Pêcheux, passa por três fases (AD-1, AD-2 e AD-3), sendo que a segunda fase incorpora Foucault e a desconstrução da homogeneidade, e a terceira traz a heterogeneidade discursiva e a polifonia. Outras teorias centrais da ADMF mencionadas incluem a visão de Eni Pulcinelli Orlandi, que define o discurso como "palavra em movimento" e o lugar da relação entre língua e ideologia, o conceito de dispositivo de observação de Françoise Mazière, o interdiscurso e a heterogeneidade enunciativa (mostrada e constitutiva) discutida por Maingueneau, e os conceitos de esquecimento n° 1 (inconsciente e ideológico) e esquecimento n° 2 (ocultação parcial do não-dito no processo de enunciação) de Pêcheux e Fuchs. O texto também faz um paralelo com a Análise Crítica do Discurso (Van Dijk), notando que ambas rompem com a materialidade linguística, e utiliza o conceito de Regime de Informação (Frohmman/Gonzalez de Gomez) para interligar a perspectiva discursiva com a dimensão institucional.
13	BARROS (2017)	BARROS, T. B. Discurso, informação e conhecimento: perspectivas iniciais à ciência da informação. Brazilian Journal of	O texto fundamenta-se principalmente na Análise do Discurso Francesa (AD), adotando especificamente a perspectiva de Michel Pêcheux e Jean Jaques Coutine. Essa estrutura teórica é definida a partir de seus "entremeios", que são: o materialismo histórico (como teoria das formações sociais e ideologias), a linguística (relacionada aos mecanismos sintáticos e

		Information Science: research trends, [S. l.], v. 11, n. 3, 2017. DOI: 10.36311/1981-1640.2017.v11n3.04.p26. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6680. Acesso em: 13 ago. 2024.	processos de enunciação) e a teoria do discurso (como teoria da determinação histórica dos processos semânticos), todas atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. O desenvolvimento histórico da teoria é traçado desde a Análise Automática de Discurso (AAD), ou AAD-69, reformulada por Pêcheux. Central a essa perspectiva é a noção de Formação Discursiva (FD), um conceito cunhado por Courtine, que representa o conjunto de enunciados relacionados a partir de uma posição ideológica e é o espaço de conexão entre o enunciado, o sujeito e a ideologia. Relacionada à FD, discute-se a Formação Ideológica (FI), que compreende o conjunto complexo de atitudes e representações que intervêm como força na conjuntura ideológica de uma formação social. O texto também faz menção a Michel Foucault e sua contribuição para a análise do discurso, nomeadamente através de conceitos como práticas discursivas e sua obra <i>A Arqueologia do Saber</i>, embora o considere periférico à teoria do discurso, cujo foco é a discursividade da ciência. Outros autores citados por sua importância em perspectivas anti-positivas ou pós-estruturalistas incluem Jacques Derrida. O texto ainda contrasta a AD Francesa com as teorias da gramática transformacional de Chomsky e a Análise Crítica do Discurso, mais difundidas no cenário norte-americano.
14	CASTANHA; LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA (2017)	CASTANHA, R. C. G.; LIMA, L. de M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de Ciência da Informação no Brasil. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.22, n.1, p.17-37, mar. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-	O artigo apresenta uma análise bibliométrica detalhada sobre a aplicação da Análise do Discurso (AD), especificamente a de matriz francesa, nos estudos de Ciência da Informação (CI) no Brasil. Os autores buscam mapear as comunidades discursivas e as influências teóricas examinando indicadores como produção, citação, cocitação e acoplamento bibliográfico. A pesquisa utiliza a base de dados BRAPCI e enfatiza o papel de figuras como Michel Foucault, Émile Benveniste Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi como referenciais teóricos cruciais na área. Os resultados indicam uma presença ainda discreta da AD na CI brasileira, frequentemente utilizada como metodologia de pesquisa, com a pesquisadora Nádea Regina Gaspar sendo destacada como a mais produtiva e atuando como um "autor ponte" na colaboração científica.

		99362017000100017 . Acesso em: 02 jul. 2019.	
15	MELLO LIMA; MORAES (2017)	MELLO LIMA, Larissa de; MORAES, João Batista Ernesto. A legitimação dos elementos teórico-metodológicos da análise do discurso na Ciência da Informação brasileira: um aporte da análise de conteúdo. Brazilian Journal of Information Science: research trends , Marília, SP, v. 11, n. 2, 2017. DOI: 10.36311/1981-1640.2017.v11n2.09.p88. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6686 . Acesso em: 6 set. 2024.	O arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa (ADF), tema central do estudo, é sustentado na articulação entre o materialismo histórico, a teoria da ideologia (que, com base em Louis Althusser, interpela os indivíduos enquanto sujeitos), a linguística focada nos processos de enunciação e a teoria do discurso, incorporando ainda elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para abordar o papel do sujeito. Os conceitos específicos da ADF, de precursores como Michel Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi, utilizados nos artigos analisados incluem o interdiscurso, que designa o exterior específico que irrompe na formação discursiva para constituí-la, sendo esta última o que determina o que pode e deve ser dito em um dado contexto. Outras teorias retomadas são a distinção entre as culturas de leitura literal e interpretativa, a tensão entre os processos parafrásicos (o retorno aos mesmos espaços do dizer) e polissêmicos (o deslocamento e a ruptura de significação), cujo equilíbrio caracteriza o discurso polêmico, e os esquecimentos discursivos (n.1, inconsciente e constitutivo da subjetividade, e n.2, pré-consciente/consciente), que explicam a ilusão do sujeito em se colocar como "fonte do sentido". Finalmente, mobilizam-se a noção de processo discursivo e o objeto discursivo, que fazem o texto significar a partir de condições de produção estáveis e homogêneas.
16	GUTIERRES CASTANHA; MELLO LIMA (2018)	GUTIERRES CASTANHA, Renata Cristina; MELLO LIMA, Larissa. Estudo das comunidades discursivas formadas pela interdisciplinaridade entre as áreas de Ciência da Informação e análise do discurso. Brazilian Journal of Information Science: research trends , Marília, SP, v. 12, n. 1, 2018.	O texto se concentra na avaliação da Análise do Discurso (AD) de Matriz Francesa nos estudos em Ciência da Informação no Brasil. Esta matriz teórica, cuja emergência é baseada na conjuntura intelectual do estruturalismo dos anos 60 e em críticas a ele, é caracterizada por uma tríade basilar composta por ideologia, enunciado e sujeito. A ideologia, que materializa o discurso, é entendida segundo a concepção de Louis Althusser, enquanto o enunciado é uma função de existência definida por Michel Foucault, sendo este autor fundamental para a AD junto a seus discípulos. Michel Pêcheux e seus seguidores criaram a AD Francesa, articulando o materialismo histórico com a teoria da ideologia, a linguística (focada em processos de enunciação) e a teoria do discurso (focando na determinação histórica dos processos

		DOI: 10.36311/1981-1640.2018.v12n1.06.p61. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7214 . Acesso em: 6 set. 2024.	semânticos), além de retomar elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para abordar o sujeito. Pêcheux também é associado à perspectiva da materialidade do enunciado. Os desdobramentos da obra de Pêcheux no território nacional deram origem à escola brasileira de AD, que se institucionalizou através da atuação de Eni Pulcinelli Orlandi, e que manteve o interesse tanto na análise de textos escritos quanto na oralidade. Além destes, a análise bibliométrica também revelou a importância de Fairclough, N como um referente teórico citado pelos pesquisadores da temática.
17	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	EVANGELISTA, I. V.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. de. Uma análise do discurso da dimensão cultural da ISKO. Informação & Sociedade , [S. l.], v. 28, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/38123 . Acesso em: 6 set. 2024.	A metodologia de análise do discurso empregada no texto é a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a qual se fundamenta nos trabalhos de Michel Foucault e é especificamente estudada por Pêcheux e seu grupo. Essa metodologia opera através da tríade da língua, do discurso e da ideologia, utilizando a estrutura linguística para identificar questões ideológicas e prezar pela evidência das relações entre dominados e dominantes. A AD, nesse contexto, combina o conceito de Linguística estrutural definido por Saussure com os pressupostos teóricos de Freud (para a interpretação do subconsciente) e de Marx (para as questões econômicas), buscando revelar elementos históricos e ideológicos por meio de extratos textuais. O desenvolvimento da AD é descrito em momentos: no primeiro, em 1968, Pêcheux a fundamenta baseando-se na Análise Automática do Discurso; no segundo momento, Pêcheux aproxima-se das obras de Foucault, que fornecem a base para conceitos como o método arqueológico, o acontecimento discursivo, o enunciado, a formação discursiva e as práticas discursivas; e, em uma terceira fase, na década de 80, o grupo de Pêcheux se aproxima dos textos de Michael Bahktin, introduzindo termos como memória discursiva e interdiscursividade.
18	TERRA; ALMEIDA; SABBAG (2018)	TERRA, M. V. S. C.; ALMEIDA, C. C. de; SABBAG, D. M. A. Análise do Discurso francesa na organização da informação e do conhecimento no Brasil: considerações epistemológicas à análise	O documento explora diversas vertentes da Análise do Discurso (AD) de origem francesa, destacando três linhas principais eleitas para estabelecer a relação dialógica com a Análise Documentária e a Organização da Informação e do Conhecimento: a linha de Michel Pêcheux, a linha da Sociolinguística e a linha de Michel Foucault. A linha de Pêcheux se fundamenta na Linguística (Saussure), no Materialismo Histórico (Marx) e na Psicanálise (Freud), enfatizando a relação entre a linguagem, a ideologia e o inconsciente na constituição do sujeito, e

		documentária. RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.17, p.1-26, dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8652798 . Acesso em: 02 jul. 2019.	percebendo o discurso como efeito de sentido e um local de disputa de classes. A linha Sociolinguística, por sua vez, é marcada pelo diálogo interdisciplinar, especialmente com o marxismo, e busca ampliar a Linguística, valorizando o exame contrastivo do discurso político. Já a vertente Foucaultiana não se situa na Linguística, mas sim na arqueogenealogia do saber, analisando o aparecimento histórico dos discursos e as relações entre saberes e poderes, tratando o discurso como um conjunto onde se determina a dispersão do sujeito em um espaço de exterioridade. Além dessas três vertentes detalhadas, o texto menciona outras linhas da AD existentes no campo heterogêneo dos estudos, como a Análise do Discurso de Base Enunciativa (vinculada a Dominique Maingueneau), a Análise Dialógica do Discurso (ligada ao Círculo de Bakhtin), a Análise Semi linguística do Discurso (de Charaudeau), a Análise Crítica do Discurso, a Análise Sociopragmática do Discurso e a Análise Sociointeracional do Discurso. O texto também contrapõe a vertente francesa materialista aos estudos anglo-saxônicos sobre discurso, que possuem fundamentação linguística-pragmática e são dominados por correntes interacionistas e etnometodológicas.
19	GARCIA; REDIGOLO; BARROS; MORAES (2019)	GARCIA, Valdenise César; REDIGOLO, Franciele Marques; BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, João Batista Ernesto de. Política de indexação e seus sentidos: um estudo a partir da Análise do Discurso. Informação & Informação , [S. l.], v. 24, n. 1, p. 169–189, 2019. DOI: 10.5433/1981-8920.2019v24n1p169. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.p	A análise do discurso empregada no estudo é a de vertente francesa, que busca articular a linguística e a história no texto para restabelecer a dimensão histórica do sujeito. O arcabouço conceitual utilizado tem como fundamento a base teórica de Michel Pêcheux, considerado o pai da Análise do Discurso na França, sendo também Michel Foucault mencionado como um de seus principais influentes. Pêcheux fundamenta a AD a partir das releituras de três grandes autores: Marx (no que se relaciona à estrutura econômica), Freud (nas interpretações do subconsciente) e Saussure (com a Linguística estrutural). Dessa forma, os princípios da AD de Pêcheux se estruturam a partir de três áreas do conhecimento: o Materialismo Histórico (como teoria das formações sociais e suas transformações), a Linguística (como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a Teoria do Discurso (como teoria da terminação histórica dos processos semânticos). Para a efetivação da análise discursiva, o método se baseia nos procedimentos de paráfrases (repetição) e metáfora (deslize), utilizados para mostrar os sentidos prováveis e improváveis dos discursos, além da busca pela polissemia,

		hp/informacao/article/view/32239 . Acesso em: 13 ago. 2024.	que são os vários sentidos que um discurso pode assumir. A produção do discurso se realiza na junção do processo parafrástico, que permite a produção do mesmo sentido sob várias formas, e do processo polissêmico, responsável por tornar sempre possíveis sentidos diferentes e múltiplos.
20	MELLO LIMA; ARRAIZA (2019)	MELLO LIMA, Larissa; ARRAIZA, Paloma Marín. 2019. “Análise do Discurso de Matriz Francesa enquanto polo técnico na pesquisa em Ciência da Informação”. Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información, 33 (79): 67-81. http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2019.79.5799 . Acesso em: 12 nov. 2024.	O texto se fundamenta na Análise do Discurso de Matriz Francesa (ADMF) como o principal arcabouço teórico e metodológico, especialmente no contexto do método quadripolar em Ciência da Informação. Dentro da tessitura teórica da ADMF, o trabalho se aprofunda nas contribuições de Michel Foucault e Michel Pêcheux. As variantes de análise propostas por Foucault que são centrais para o estudo são a análise arqueológica e a análise genealógica. A abordagem arqueológica de Foucault foca na construção do discurso, enquanto a genealógica se concentra na questão do poder. O texto também lista outras estratégias de Foucault, como a <i>tecnologia de autoanálise (self-technology analysis)</i> , a <i>análise dispositiva (dispositive analysis)</i> e a <i>análise estética (aesthetic analysis)</i> . Em relação a Pêcheux, ele concebe o discurso a partir da perspectiva do acontecimento, da estrutura e da descrição, ligando a língua à ideologia. Seus conceitos incluem o interdiscurso/memória discursiva—o conjunto do dizível definido histórica e linguisticamente—e a formação discursiva, que estabelece o que pode ser dito em um dado contexto. Por fim, o trabalho utiliza a Arqueologia e a Genealogia combinadas como técnicas flexíveis dentro da ADMF para a compreensão da formação dos discursos e suas relações de poder, enquadrando-as como o processo final das transformações técnicas do polo técnico do método quadripolar.
21	MARTINS; BARROS; MORAES (2019)	MARTINS, Wanessa Rodrigues; BARROS, Thiago Henrique Bragato; DE MORAES, João Batista Hernesto. Perspectivas discursivas na formação do conceito de descrição da informação em arquivística. ÁGORA: Arquivologia	O referencial teórico da Análise do Discurso (AD) utilizado no texto baseia-se exclusivamente na tradição francesa, tendo como precursores principais Michel Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi. Essa perspectiva busca a compreensão da relação existente no tripé língua-discurso-ideologia, considerando o discurso como um objeto sócio-histórico e a materialização da ideologia por meio da língua. O desenvolvimento teórico da AD é dividido em fases, sendo a AD-3 marcada pela introdução do interdiscurso e da heterogeneidade discursiva, que pode ser enunciativa (vozes evidentes) ou constitutiva (vozes não explícitas), esta última dando origem ao

		em debate, [S. l.], v. 29, n. 58, p. 1–13, 2019. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/744 . Acesso em: 13 ago. 2024.	interdiscurso, que permite evidenciar o não dito. A análise do discurso lida com o fenômeno do esquecimento, sendo o esquecimento número 2 ou enunciativo o ato de pôr o "dito" em destaque, legitimando o discurso e gerando a ilusão referencial, a crença na relação "natural" entre palavra e coisa, e o esquecimento número 1 ou constitutivo de subjetividade, que ocorre quando as expressões ideológicas são postas de maneira inconsciente. Para a análise, o texto utiliza o processo de de-superficialização (que examina "como se diz, o que se diz e em que circunstâncias"), e os conceitos de paráfrase e polissemia: a paráfrase atesta a estabilização e a recorrência do dizer, representando o retorno aos mesmos espaços de sentido, enquanto a polissemia indica o deslocamento, a ruptura dos processos de significação e o jogo com o equívoco.
22	SANTOS NETO; GUARALDO; ALMEIDA JÚNIOR (2019)	SANTOS NETO, João Arlindo dos; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A análise do discurso como aporte teórico-metodológico para as teses e dissertações com ênfase em mediação. In: ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Ancib, 2019. p. 1-22. Disponível em: https://brapci.inf.br/#/v/122714 . Acesso em: 09 ago. 2024.	O artigo se fundamenta na Análise do Discurso (AD), a qual consiste em uma teoria que investiga o discurso e suas implicações a partir de diferentes óticas, priorizando sua vertente francesa, que teve como precursores Michel Pêcheux e Michel Foucault. A AD francesa articula a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia, considerando que os sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que pré-determina o que podem ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais, e não pela intenção do sujeito. Nos trabalhos acadêmicos analisados pelo texto, 15 conceitos da AD foram identificados, sendo o mais frequente o de discurso, seguido por condições de produção, formação discursiva, ideologia, e posição discursiva. A ideologia é definida como a materialização do discurso que produz evidências, estabelecendo a relação imaginária dos sujeitos com suas condições reais de existência; as condições de produção compreendem o contexto imediato, histórico e ideológico, além dos sujeitos, da situação e da memória; a formação discursiva é responsável por definir a regularidade de enunciados, mostrando como o sentido é construído; e a posição discursiva refere-se a como os sujeitos enunciam discursos, sendo orientada pelos fatores ideológicos-sociais, e não pelo sujeito individual. Além destes, o corpus de pesquisa utilizou os conceitos de interdiscurso, processo discursivo, efeitos de sentido, eloquência do discurso, <i>ethos</i> , formação ideológica, gêneros discursivos, manifestação discursiva, memória discursiva e poder.

23	XAVIER; CAPRIOLI; MELLO LIMA; MORAES (2019)	XAVIER, Ana Laura Silva et al. O percurso discursivo da ciência da informação no Brasil: análise dos periódicos ciência da informação e perspectivas em ciência da informação em 1970, 1980 e 1990. Biblionline , João Pessoa, v. 2, n. 15, p. 33-46, ago. 2019. Trimestral. Disponível em: https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2019v15n2.45436 . Acesso em: 09 ago. 2024.	O estudo se baseia na Análise do Discurso (AD) de matriz francesa como principal aporte teórico e metodológico, a qual emergiu como uma reação ao estruturalismo de Saussure na França na década de 1960. Os principais teóricos dessa matriz abordados no texto são Michel Pêcheux e Michel Foucault, além de uma menção à Análise Crítica do Discurso (ACD) de Van Dijk. A teoria de Pêcheux, um dos marcos fundadores da AD francesa com a obra <i>Análise Automática do Discurso</i> , é sustentada pela articulação entre o materialismo histórico, a teoria da ideologia (retomando Louis Althusser e o inconsciente coletivo de Lacan) e a linguística, sendo o discurso definido como a interação entre fenômenos linguísticos e processos ideológicos. Os conceitos chave de Pêcheux incluem a <i>formação discursiva</i> , que determina o que pode ser dito dentro de um contexto, o <i>interdiscurso/memória discursiva</i> (o conjunto do dizível histórica e linguisticamente definido), e a análise do discurso diante da perspectiva do <i>acontecimento</i> , da <i>estrutura</i> e da <i>descrição</i> , abordando a <i>opacidade do acontecimento</i> . Já Michel Foucault, outro expoente da AD, embora não tenha sistematizado um método único, tem sua abordagem denominada no texto como análise do discurso, que se manifesta em variantes como <i>análise arqueológica</i> , <i>análise genealógica</i> , <i>tecnologia de autoanálise</i> e <i>análise dispositiva</i> , enfatizando a <i>rarefação</i> e a <i>afirmação</i> do sentido, e tratando de conceitos como <i>interdição</i> (o limite do "poder dizer") e <i>formação discursiva</i> (a posição do sujeito). Por fim, a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Van Dijk (1972) é citada por compartilhar com a escola francesa o olhar sobre a dimensão textual discursiva como uma ruptura com a materialidade linguística, embora o presente trabalho priorize a AD francesa.
24	SCARTASSINI; BARROS (2021)	SCARTASSINI, Verônica Barboza; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Feminismo e ciência da informação: uma abordagem a partir da análise de discurso. Informação & Informação , [S. l.], v. 26, n. 3, p. 450–477, 2021. DOI: 10.5433/1981-	O estudo emprega a Análise de Discurso (AD) como método norteador para analisar o conceito de feminismo nas publicações da Ciência da Informação. A AD é definida como um desdobramento teórico-metodológico que integra elementos da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise para proporcionar a compreensão documental, discursiva e ideológica do objeto de análise. Essa metodologia interdisciplinar foi originalmente desenvolvida a partir dos estudos de Michel Pêcheux, que é reconhecido por estabelecer a linha francesa da AD, tendo também em Michel Foucault um expoente e divulgador significativo. Dentro dessa

		8920.2021v26n3p450. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43614 . Acesso em: 9 set. 2024.	abordagem, a AD entende a produção textual como um objeto de inscrição do discurso e da ideologia, concebendo o discurso como um espaço aberto cuja materialidade é o texto, o qual é perpassado pela ideologia e delimitado por sua própria história. O discurso é, ainda, metaforicamente descrito como uma rede de sentidos que se configura em um tecido discursivo ou colcha de enunciados.
25	ROSA; BARROS. LAIPELT (2023)	ROSA, Samuel Santos da; BARROS, Thiago Henrique Bragato; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira. O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde , [S. l.], v. 17, n. 3, 2023. DOI: 10.29397/reciis.v17i3.3774. Disponível em: https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3774 . Acesso em: 9 set. 2024.	O texto utiliza a Análise do Discurso (AD) como método e teoria para investigar o discurso antivacina no Brasil, contrastando a Revolta da Vacina (1904) com a pandemia da covid-19 (2020-2022). A AD é empregada para identificar e compreender as construções sociais, históricas e ideológicas presentes no conteúdo dos textos analisados, tratando a linguagem como um trabalho simbólico que é parte do trabalho social e constitutivo do ser humano e de sua história. O percurso metodológico para a análise discursiva baseia-se na proposta de Barros (2017), fundamentada em Pêcheux e Fuchs (1975) e Orlandi (2020), e inclui três processos principais: a Enunciação/superfície linguística, que envolve a seleção do <i>corpus</i> e a formulação da questão; o Esquecimento 2 (consciente)/paráfrase/objeto discursivo, que transforma a superfície linguística em objeto teórico, analisando a construção e circulação dos sentidos, buscando anular a ilusão nº 2; e o Esquecimento 1 (inconsciente)/discurso/processo discursivo, onde se verifica a materialidade linguística, comparando os sentidos com outros discursos (o que é dito, o que não é dito, e o que poderia ser dito), verificando relações antagônicas, relacionando o discurso com a ideologia, e observando paráfrases, metáforas, sinônimas e filiações de sentidos. A aplicação da AD permitiu identificar as marcas do discurso e as formações discursivas presentes no discurso antivacina, que se organizam em torno de três facetas: a) medo do desconhecido e desconfiança na eficácia dos imunizantes; b) honra em jogo e interesse institucional sobre a vacinação; e c) liberdade e morte, obrigatoriedade da vacina.

Fonte: Os autores (2024)

A análise dos artigos da Ciência da Informação traz diferentes abordagens sobre a aplicação da Análise do Discurso na área. No entanto, revela-se uma construção teórica marcada pela predominância da escola de pensamento de Pêcheux, mesmo que, em certos momentos, ocorra um ecletismo teórico, ainda que sem a delimitação dos conceitos dos autores abordados. Essa prevalência da escola de Pêcheux sugere uma tendência em direção a uma abordagem mais estruturada e sistemática na Análise do Discurso, enfatizando a relação entre linguagem, ideologia e poder. Contudo, essa concentração em uma única tradição teórica pode limitar a diversidade de perspectivas e a complexidade das análises. Nesse sentido, tais análises refletem a amplitude com que a Análise do Discurso pode ser aplicada à Ciência da Informação, destacando suas contribuições para a compreensão crítica dos discursos e para a organização do conhecimento.

2.3 ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

Para o mapeamento preliminar da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, procedeu-se a uma análise detalhada junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Plataforma Sucupira. Segundo o portal da agência, sua centralidade reside na missão de expandir e consolidar a pós-graduação *stricto sensu* no país. Institucionalmente, o sistema de avaliação da CAPES é definido como um instrumento para alcançar um “padrão de excelência acadêmica”, servindo seus resultados como base fundamental para a “formulação de políticas” e para o direcionamento estratégico de “ações de fomento”, incluindo a “concessão de bolsas e apoios financeiros.” A Plataforma Sucupira é definida em seu portal como um “ambiente online que conecta usuários a aplicativos e conteúdo relacionados às avaliações do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG)”. O sistema desempenha um papel central ao permitir “a coleta de dados sobre o funcionamento e a produção científica dos cursos de mestrado e doutorado no país”, além de atuar na disseminação de estatísticas e resultados das avaliações dos programas de pós-graduação (PPGs). Adicionalmente, a ferramenta possibilita “localizar pesquisadores e instituições por tema de estudo”, bem como informar sobre o reconhecimento legal dos cursos. Dada essa relevância institucional, a plataforma foi selecionada como fonte primária de dados para fundamentar a pesquisa.

Inicialmente, ao analisar os dados estatísticos extraídos do Portal da CAPES, na Plataforma Sucupira, revela-se a existência de 38 cursos vinculados à área de Ciência da Informação no Brasil – considerando suas diversas nomenclaturas -, os quais contam com um corpo docente de aproximadamente 525 profissionais. A partir desse cenário, procedeu-se ao levantamento dos pesquisadores da área e de campos correlatos, visando mapear a produção científica sobre Análise do Discurso.

Com base nos dados iniciais, consultaram-se os portais institucionais de todas as Instituições de Ensino Superior públicas com programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Mapeou-se, assim, o corpo docente vinculado a esses cursos no ano de 2025, totalizando 525 pesquisadores. A partir dessa lista, realizou-se uma busca na Plataforma Lattes para identificar, em toda a produção bibliográfica (artigos, capítulos de livro e anais), documentos que discutissem teorias da Análise do Discurso no campo.

Em uma triagem preliminar focada nos títulos, identificaram-se 264 documentos. Posteriormente, mediante análise aprofundada dos elementos pré-textuais (título, palavras-chave e resumo) e da metodologia, o *corpus* foi refinado para 71 publicações consideradas relevantes. Define-se aqui como “relevante” a produção que utiliza a Análise do Discurso como aporte teórico ou metodológico consolidado, excluindo-se os trabalhos que empregam o termo “discurso” em seu sentido *lato* ou coloquial, desprovido de intencionalidade conceitual.

A seguir, para fins de ordenação metodológica, o Quadro 3 apresenta os 76 documentos recuperados e analisados – entre artigos, capítulos de livros e anais de eventos – que versam sobre a temática ou teorias da Análise do Discurso na Ciência da Informação. As obras originam -se de pesquisadores vinculados a cursos de Pós-Graduação categorizados pela Plataforma Sucupira/CAPES, especificamente nas áreas de: Ciência da Informação; Gestão da Informação e do Conhecimento; Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento; Memória e Acervos; e Biblioteconomia.

Quadro 3 - Conceitos da análise do discurso discutidos pelos pesquisadores dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil

Nº	AUTOR (ES)	PUBLICAÇÃO AD NA CI DE ACORDO COM A PLATAFORMA LATTES ¹²	RESUMO DE ACORDO COM A LINGUAGEM/ABORDAGEM DO TEXTO
1	LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA; RODRÍGUEZ-BRAVO; DINIZ (2024)	LIMA, EDINA RODRIGUES; MARTÍNEZ-ÁVILA, DANIEL; RODRÍGUEZ-BRAVO, BLANCA; DINIZ, OLGA MYLLENA. Análise do discurso pecheuxtiana. Scire-Representacion Y Organizacion Del Conocimiento, v. 30, p. 59-73, 2024.	O texto baseia-se em diversas correntes teóricas para abordar a Análise do Discurso (AD), centralizando-se na Análise Materialista do Discurso de concepção francesa, concebida sob a égide do filósofo Michel Pêcheux. A fundação da AD pecheuxtiana se dá pela articulação de três teorias principais: a linguística saussuriana, que confere materialidade à linguagem; o materialismo histórico marxista (ou teoria marxista), responsável por tratar dos sentidos e efeitos de sentidos históricos e sociais; e a psicanálise freudiana (ou teoria freudiana), que se concentra na realização dos discursos por sujeitos. Michel Pêcheux desenvolveu sua construção teórica sobre o discurso estabelecendo uma relação direta entre formação discursiva e formação ideológica e formulando a teoria dos dois esquecimentos (o Primeiro e o Segundo), baseada na oposição de Freud sobre o "sistema pré-consciente" e o "sistema consciente". O estudo também dialoga extensivamente com a abordagem foucaultiana (Michel Foucault), que entende o discurso a partir da relação intrínseca entre poder e desejo, e que foca em procedimentos de controle discursivo como interdição, segregação e vontade de verdade. Adicionalmente, o texto utiliza a Teoria da Enunciação, que, por meio das proposições de Benveniste, coloca o sujeito da linguagem no centro da reflexão comunicativa,

¹² As referências apresentadas no **Quadro 2** foram extraídas da Plataforma Lattes mantendo-se a grafia e a formatação originais (*ipsis litteris*), sem a aplicação de normalização ou correções. Tal procedimento metodológico justifica-se pela intenção de retratar a fidedignidade dos registros de produção científica dos pesquisadores, tal como constam na referida base de dados.

			explorando a constituição da subjetividade e a correlação entre “eu/tu/ele”. Por fim, são mencionadas a Linguística Documentária (cunhada por Antonio García Gutiérrez, baseada em linguística estruturalista, análise de discurso, semiótica, terminologia e lógica formal) e a Análise do Discurso Literário como metodologias complementares em campos específicos.
2	BRITO; MARTÍNEZ-ÁVILA; SILVA (2023)	BRITO, JEAN FERNANDES; MARTÍNEZ-ÁVILA, DANIEL; SILVA, RAFAELA CAROLINA. Narrativas de homens trans: uma análise discursiva no Facebook. Encontros Bibli (UFSC), v. 28, p. 1-26, 2023.	O estudo empregou o método de Análise do Discurso (AD), com uma abordagem qualitativa, como subsídio metodológico central para a análise das narrativas. A pesquisa se baseia na perspectiva foucaultiana da AD, a qual procura entender um enunciado na singularidade de seu acontecimento, determinando suas condições de existência e correlacionando-o a outros enunciados. Dentro dessa vertente, Foucault concebe a formação discursiva como uma dispersão influenciada por objetos, diferentes tipos de enunciados, conceitos e sistemas de relações. Especificamente, a análise de dados elegeu a categoria relação discurso-interdiscurso, que tem como objetivo tomar o interdiscurso como objeto, buscando apreender a interação entre diferentes formações discursivas. Para concretizar essa análise, as narrativas coletadas foram submetidas à paráfrase, analisadas metaforicamente, e delimitadas em suas condições de produção e contexto. As metáforas, sendo figuras de linguagem, foram cruciais para compreender os conceitos subjacentes às frases dos enunciados. Embora o texto mencione a existência de outras linhas, como a <i>Critical Discourse Analysis</i> (CDA) de Fairclough, o trabalho aplica uma variante que combina a investigação das práticas sociais e culturais do grupo no Facebook com sua materialização textual, utilizando os conceitos de Foucault para entender o que pode, ou não, ser dito em determinado contexto.
3	SILVA; LIMA; SUENAGA; MARTÍNEZ-ÁVILA; MORAES (2017)	SILVA, R. C.; LIMA, L. M.; SUENAGA, C. M. K.; MARTÍNEZ-ÁVILA, DANIEL; MORAES, J. B. E. Bibliotecas híbridas: uma análise	O artigo utiliza a Análise de Discurso de linha francesa como metodologia, baseando-se nas obras de autores como Foucault e Pêcheux, e seguindo a abordagem de Orlandi, que revisa os trabalhos de Foucault e Pêcheux no âmbito da publicidade. Esta linha metodológica inclui também as contribuições de Maingueneau (1999), cujo trabalho ajuda a compreender a matriz

		discursiva da Biblioteca Central de Liverpool. Ibersid: revista de sistemas de información y documentación, v. 11, p. 75-82, 2017.	de força do enunciado em sua não linearidade e sua relação com as posições sócio-históricas. Foucault (1986) sustenta que não há enunciado neutro e independente e define que uma formação discursiva determina o que pode ou não ser dito dentro de um determinado contexto, sendo a análise focada em identificar qual posição um indivíduo deve ocupar para ser o sujeito do discurso. O processo de análise do discurso se concentra na materialidade do enunciado (o <i>corpora</i>), que, no estudo, se configura como um discurso publicitário presente no <i>folder</i> informativo da Biblioteca Central de Liverpool.
4	LIMA; MORAES; MARTÍNEZ-ÁVILA (2015)	LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E.; MARTÍNEZ-ÁVILA, DANIEL. A genealogia do conceito de Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir de periódicos fundacionais na área. In: José Augusto Chaves Guimarães; Vera Dodebei. (Org.). Organização do Conhecimento e Diversidade Cultural. 1ed.Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015, v., p. 210-218.	O texto aborda a Análise do Discurso (AD) e suas bases teóricas associadas em diversos contextos de pesquisa em Organização do Conhecimento (OC) e Ciência da Informação (CI). Uma das principais vertentes utilizadas é a Análise do Discurso de matriz Francesa, que se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos de Michel Foucault (como a análise arqueológica) e de Michel Pêcheux. Além disso, a interdisciplinaridade da Análise Documental de Conteúdo para textos narrativos ficcionais é subsidiada por aspectos da Análise do Discurso e da Semiótica Greimasiana, por meio do modelo teórico do Percorso Gerativo de Sentido (PGS), que também tem como base os postulados de Algirdas Julien Greimas e estudos de Vladimir Propp e Louis Hjelmslev. O PGS, que pertence à área da AD e Semiótica Greimasiana, elucida o modo de expressão do saber científico e a organização textual, sendo crucial para a identificação do <i>aboutness</i> (assunto). Outra influência notável é a de Jean-Claude Gardin, cuja análise documentária é vista como uma modalidade de análise de textos, fortemente ancorada na Linguística, que discute a explicitação do método e a dimensão semântica das análises. No âmbito das abordagens pragmáticas, a análise recorre à Filosofia da linguagem pragmática, mencionando as visões de Mikhail Bakhtin e Ludwig Wittgenstein na discussão da garantia semântica, e a Teoria dos Atos de Fala de J. Austin, que considera a linguagem como uma forma de realização de ações. Finalmente, as bases conceituais sobre o signo e a linguagem são sustentadas pela Semiologia de Ferdinand de Saussure e a

			Semiótica de Charles Sanders Peirce. O conceito de comunidade discursiva, essencial na Análise de Domínio postulada por Hjørland e Albrechtsen, também é empregado para contextualizar a produção do conhecimento.
5	TERRA; SABBAG (2018)	TERRA, M. V. C.; SABBAG, D. M. A. Análise do Discurso na Organização do Conhecimento: Informação como Discurso. In: II Seminário de Organização do Conhecimento e Gestão Documental, 2018, Florianópolis. II Seminário de Organização do Conhecimento e Gestão Documental. Florianópolis: PGCIN/USFC, 2018. p. 51-58.	O texto trata da Teoria do Discurso de orientação francesa, a qual tem seus fundamentos teóricos alicerçados nos estudos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. A Escola Francesa da Análise do Discurso, que remonta à década de sessenta, fundamenta-se em três áreas do conhecimento: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Nesta perspectiva, o discurso é compreendido como "efeito de sentido entre locutores", destacando que não há neutralidade discursiva e que a informação é regulada e constituída por aspectos ideológicos, conflitos, interesses econômicos e embates políticos, especialmente na organização e disseminação do conhecimento. Adicionalmente, o referencial teórico-metodológico do texto também emprega conceitos foucaultianos como a genealogia e a arqueologia, e recorre à noção de "função-autor" de Foucault para questionar o conceito de autoria. A presença da Análise do Discurso de matriz francesa no campo informacional auxilia na compreensão dos processos linguísticos, ideológicos, sociais e políticos inerentes à organização e disseminação do conhecimento.
6	GARCIA; REDIGOLO; MORAES; BARROS (2019)	GARCIA, V. C.; REDIGOLO, F.M.; MORAES, J. B. E.; BARROS, T. H. B. Política de indexação e seus sentidos: um estudo a partir da Análise do Discurso. Informação & Informação (Online), v. 24, p. 169, 2019.	O artigo discute a Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, adotando como fundamento teórico o arcabouço conceitual de Michel Pêcheux. Essa linha de AD procurou articular a linguística e a história, sendo influenciada primariamente por Michel Foucault e Michel Pêcheux. A fundamentação teórica de Pêcheux é estruturada a partir da releitura de três grandes áreas do conhecimento: Marx, no que se refere à estrutura econômica; Freud, nas interpretações do subconsciente; e Saussure, com a Linguística estrutural. Assim, os princípios fundamentais da AD são organizados em torno do Materialismo Histórico (como teoria das formações sociais), da Linguística (como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e da Teoria do Discurso (como teoria da determinação histórica dos processos

			semânticos). Para a análise, o estudo seguiu os procedimentos da linha francesa, utilizando os conceitos de paráfrases (repetição) e metáfora (deslize), além da busca pela polissemia (os vários sentidos que um discurso pode assumir). Tais procedimentos se dão na junção do processo parafrástico, que permite a produção do mesmo sentido em diferentes formas, e do polissêmico, que é responsável pela possibilidade de sentidos múltiplos e diferentes.
7	MELLO; VALENTIM (2021)	MELLO, M. R. G. de; VALENTIM, M. L. P. Análise do discurso. LOGEION: FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO, v. 7, p. 24-43, 2021.	O texto aborda e inter-relaciona principalmente os aspectos epistemológicos de Michel Foucault e Martin Heidegger como aportes essenciais para a Análise do Discurso (AD). A base teórica da AD de matriz francesa é introduzida a partir de Michel Pêcheux, um dos intelectuais fundadores, que estabeleceu paralelos entre discurso e língua revelando ideologias subliminares ao discurso. Foucault, embora segue a mesma linha de pensamento, concentrou-se nas estruturas da microesfera do poder e sua contribuição se dá através da Teoria do Poder e da análise das formações discursivas a partir do conceito de <i>episteme</i> , buscando verificar os procedimentos de exclusão e controle discursivo, fundamentado em princípios como o da descontinuidade e da exterioridade. Por outro lado, o pensamento de Heidegger oferece a Fenomenologia existencialista, que examina questões de ontologia e existência, introduzindo o conceito de <i>Dasein</i> ('ser-aí' ou 'ser-no-mundo'). Nessa perspectiva, o discurso é concebido como o fundamento ontológico da linguagem, sendo a própria manifestação do existir humano, inserido em um contexto histórico-social e relacional, o que o aproxima do pensamento foucaultiano. Assim, Foucault e Heidegger, por meio da Teoria do Poder e da Fenomenologia/Ontologia, respectivamente, compõem o arcabouço teórico da AD no texto, dependendo dos objetivos da pesquisa.
8	DANIEL; GUARALDO; VALENTIM (2020)	DANIEL, N. M.; GUARALDO, T. de S. B.; VALENTIM, M. L. P. Discurso e alteridade nas universidades	O artigo mobiliza a Análise do Discurso (AD), recorrendo especificamente à linha francesa de pensamento. Nessa abordagem, são citados diversos teóricos fundamentais, como Michel Foucault, para quem o discurso é um espaço onde se articulam saber e poder; quem fala o faz

		privadas de Angola: um caso de um instituto superior politécnico. In: João Arlindo dos Santos Neto; Oswaldo Francisco de Almeida Júnior; Sueli Bortolin. (Org.). Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação. 1ed.São Paulo: ABECIN Editora, 2020, v. 589p., p. 279-303.	de um lugar que lhe confere um direito, e a produção discursiva pode ser controlada, selecionada, organizada e redistribuída para determinar o que pode ser dito. Eni Orlandi complementa essa visão, sustentando que o que se diz está sempre direcionado ao que não se diz, ao lugar social de onde se fala e em relação a outros discursos, implicando em compreender como um objeto simbólico produz sentidos para e por sujeitos. Outra figura essencial é Michel Pêcheux, que enxerga o discurso como uma mediação entre a linguagem, as pessoas e a sociedade, além de ser referenciado ao descrever a opressão da classe dominante por meio de seu poder e o uso do sistema prisional como um aparelho ideológico de Estado. Adicionalmente, o texto faz referência a estudos que empregam a análise do discurso para a reflexão sobre a representação temática na Ciência da Informação, considerando a reunião de textos que, apesar de suportes e gêneros diversos, se parecem afins.
9	MONTEIRO; ALMEIDA JUNIOR (2017)	MONTEIRO, CIRO ATHAYDE BARROS; ALMEIDA JUNIOR, OSWALDO FRANCISCO DE. A informação mediada no discurso de Edir Macedo: análise de editoriais da Folha Universal. Informação & Informação (Online), v. 22, p. 331-368, 2017.	O estudo explora a Análise do Discurso (AD) em sua linha francesa, a qual surge da confluência entre psicanálise, marxismo e linguística antropológica, sendo essencial para a compreensão de que não há sentido discursivo sem sujeito e ideologia. O referencial teórico incluiu as ideias de Michel Foucault, especialmente os conceitos de formação discursiva e dispositivo, que auxilia na análise de como a IURD e seu jornal modelam e controlam condutas e discursos, além de buscar compreender os enunciados, as estratégias discursivas e as intenções do sujeito falante em suas posições discursivas e ideológicas. A análise se concentrou no discurso religioso, que se caracteriza por realizar uma tarefa <i>sui generis</i> de comunicação, baseada na noção de dogma, onde o agente é meramente o veículo ou porta-voz da palavra de Deus, utilizando-se prioritariamente do discurso persuasivo. Dentre os mecanismos de persuasão utilizados e analisados estão a função emotiva, o modo imperativo, o vocativo subjacente, o uso de metáforas, parábolas, paráfrase e sintagmas cristalizados, além do uso excessivo de citações bíblicas para dar respaldo à argumentação.

10	SANTOS NETO; GUARALDO; ALMEIDA JÚNIOR (2019)	SANTOS NETO, J. A.; GUARALDO, T. S. B.; ALMEIDA JÚNIOR, OSWALDO FRANCISCO. A análise do discurso como aporte teórico-metodológico para as teses e dissertações com ênfase em mediação. In: XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2019, Florianópolis. Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Florianópolis: UFSC, 2019. v. 1. p. 1-21.	O artigo foca na Análise do Discurso (AD) como uma teoria que investiga o discurso e suas implicações a partir de diferentes óticas, sendo um aporte teórico-metodológico para teses e dissertações. A AD teve sua origem na França no final da década de 1960, com precursores como Jean Dubois, Michel Pêcheux e Michel Foucault, e o texto discute principalmente a sua vertente francesa, também chamada de Análise do Discurso Francesa, a qual se fundamenta em teorias e correntes próprias e enfatiza que os sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia e conjunturas histórico-sociais. Esta vertente não considera a intenção do sujeito como determinante para a geração do discurso, valorizando a História e os textos de arquivo. Em contraste, é mencionada a corrente Anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, que dá destaque à Sociologia, tem estruturas mais flexíveis, e considera a intenção dos sujeitos como um dos pilares que a sustenta. Nos trabalhos analisados, que adotam a AD como aporte, foram utilizados e discutidos diversos conceitos fundamentais, sendo os mais recorrentes: discurso, condições de produção, formação discursiva, ideologia, posição discursiva, interdiscurso, e processo discursivo. Outros conceitos da AD identificados no corpus e na literatura incluem: efeitos de sentido, eloquência do discurso, ethos, formação ideológica, gêneros discursivos, manifestação discursiva, memória discursiva, poder, enunciado, linguagem, sujeito, acontecimento discursivo, e materialidade discursiva.
11	SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR (2014)	SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, OSWALDO FRANCISCO. O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? ENANCIB, 2014, Belo Horizonte.	O documento apresenta a Análise do Discurso (AD) como método para a análise dos dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. A AD é uma metodologia que busca ir além dos aspectos léxicos e linguísticos dos enunciados, atentando para as posições e condições histórico-sociais que influenciaram a formulação do discurso pelos sujeitos. Para analisar o discurso dos bibliotecários, a pesquisa escolheu e aplicou duas categorias importantes da AD: as “condições de produção do discurso” e o “interdiscurso”. As condições de produção compreendem, fundamentalmente, os sujeitos, a situação e a memória. Por sua vez, a memória, quando pensada em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso, que é

		Anais Eletrônicos. Belo Horizonte: UFMG, 2014. v. 1. p. 1242-1258.	definido como aquilo que "fala antes, em outro lugar, independentemente". Ao utilizar essas categorias, a análise visa compreender as condições em que os discursos foram produzidos, percebendo como fatores sociais, ideológicos e políticos (como o ambiente da Biblioteca Central da UEL e a memória/experiência dos profissionais) influenciam o que é dito e o fazer dos bibliotecários.
12	MIRA; FARIAS; BRITO; GUARALDO (2021)	MIRA, B. S.; FARIAS, M. E. S. O.; BRITO, J. F.; GUARALDO, T.S.B. NAS TRILHAS DOS SUJEITOS DISCURSIVOS: a mulher negra em foco. INFORMAÇÃO EM PAUTA, v. 6, p. 1-16, 2021.	O artigo fundamenta sua reflexão teórica na articulação da Análise do Discurso (AD) com os sujeitos discursivos, com o foco na mulher negra e sua relação enquanto lugar de fala. A base da linha francesa da AD, segundo Michel Pêcheux, sustenta-se em três áreas do conhecimento: a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso. Para Eni Orlandi, introdução da AD no Brasil, o discurso é a língua em movimento, concebendo a linguagem como mediação necessária entre o sujeito e a realidade socio-histórica, trabalhando a relação língua-discurso-ideologia. O materialismo histórico contribui ao postular que o discurso advém das condições históricas, sociais e ideológicas, enquanto a teoria dos discursos trata da determinação histórica dos processos semânticos. O trabalho também se apoia no discurso do filósofo Michel Foucault, que analisa os controles discursivos como procedimentos de exclusão, separação e rejeição, destacando que o discurso é fundante e que as coisas não pré-existem às palavras, sendo os discursos que produzem as verdades e a história. Na perspectiva foucaultiana, o discurso está envolto em saber e poder, sendo controlado e selecionado com o objetivo de dominar. Além disso, para a compreensão do sujeito discursivo, é requerida a análise da polifonia, ou seja, das vozes sociais presentes, remetendo ao método hermenêutico proposto por W. Dilthey. Finalmente, a AD se aproxima do conceito de Lugar de Fala (Djamila Ribeiro, com base em Collins e Kilomba), visto que o lugar simbólico que os indivíduos ocupam no discurso é também um lugar social, e o termo Discurso na obra de Ribeiro remete à noção foucaultiana, compreendendo-o como um sistema que estrutura um imaginário social ligado a poder e controle.

13	GUARALDO; ALMEIDA JUNIOR (2017)	GUARALDO, T.S.B.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O JORNAL, O LEITOR E A LEITURA DO IMPRESSO: BOM DIA BAURU. In: XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2017, Marília. Anais do XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVIII ENANCIB). Marília: ANCIB, 2017.	O estudo em questão emprega a Análise do Discurso (AD) de linha francesa como opção teórico-metodológica, adotando especificamente a perspectiva materialista discursiva, embasada nos trabalhos de Pêcheux, Orlandi e Nunes. Essa abordagem não busca uma verdade oculta, mas sim a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos para e por sujeitos, considerando o ser humano em seu processo histórico e ideológico. O discurso é visto como um processo que nunca está completo (incompletude), envolvendo o implícito e a intertextualidade, e que remete sempre a outros discursos, sendo uma resposta direta ou indireta a eles. Um conceito fundamental é a distinção entre texto (a unidade que o analista tem diante de si) e discurso, sendo este último uma peça de linguagem que ganha sentido em relação a uma formação discursiva e a dadas condições de produção. A análise da relação entre o jornal e o leitor é conduzida através do jogo de efeitos de sentido entre interlocutores, que são determinados por posições ideológicas e representados por formações imaginárias. Essas formações imaginárias designam a imagem que os interlocutores fazem de si mesmos e do outro (seja ele um cúmplice ou um adversário). Os mecanismos discursivos centrais investigados são a antecipação, que é a habilidade de prever o que o ouvinte ou leitor vai pensar, e a projeção, que permite passar das situações empíricas (lugares) para as posições dos sujeitos no discurso. O leitor é analisado a partir do jogo entre o leitor virtual (inscrito no texto) e o leitor real (o indivíduo que lê). O texto também utiliza a Análise de Textos de Comunicação de Maingueneau para considerar os jornais como textos que revelam significados culturais em um dado período histórico e que, enquanto facetas de uma instituição, são regulados por normas.
14	SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR (2019)	SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: uma análise histórica e discursiva da constituição e	O trabalho fundamenta sua análise dos dados na Análise do Discurso (AD) de corrente francesa, que é empregada como subsídio teórico-metodológico para a compreensão dos textos selecionados. Essa fundamentação teórica e metodológica, que permite a análise de diferentes discursos (tanto orais quanto impressos) manifestados em várias formas textuais,

		desenvolvimento dos conceitos. In: XX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), 2019, Florianópolis. Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB). São Paulo/Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019. v. 1. p. 1-23.	se baseia na contribuição de diversos autores como BRANDÃO (2012), GUARALDO (2015), MUSSALIM (2006), ORLANDI (2009) e PÊCHEUX (2014). A AD visa ultrapassar as barreiras linguísticas e semânticas de um texto para compreender o discurso constituído por inúmeros fatores e formações discursivas. Para direcionar a análise, foram utilizadas quatro categorias específicas da AD: as condições de produção, que regulam e determinam o que é dito, estando ligadas ao lugar de fala; o interdiscurso, que representa a memória discursiva, um conjunto de discursos já existentes sustentados pela ideologia e que pode ser relacionado ao conceito de acontecimento discursivo de Pêcheux (1983); o intradiscurso, relacionado à formação discursiva, que é o discurso manifestado explicitamente e que confirma uma ideologia; e o poder, identificado nas relações de convergência e divergência dos conceitos, nos jogos de interesse e na visibilidade de grupos de pesquisa.
15	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	EVANGELISTA, I. V.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. Uma análise do discurso da dimensão cultural da ISKO. Informação & Sociedade-Estudos, v. 28, p. 37-47, 2018.	O trabalho emprega como metodologia central na pesquisa, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a qual se baseia nos trabalhos de Michel Foucault e foi estudada por Pêcheux e seu grupo. Essa abordagem metodológica é caracterizada pela tríade composta por língua, discurso e ideologia, utilizando a estrutura linguística para identificar questões ideológicas e promover a ruptura de ideologias, dando visibilidade às relações entre dominados e dominantes. A AD combina o conceito da Linguística estrutural de Saussure com bases teóricas de Freud (para interpretações do subconsciente) e Marx (relativas a questões econômicas), buscando revelar elementos históricos e ideológicos. O desenvolvimento da AD por Pêcheux envolveu inicialmente a Análise Automática do Discurso, e posteriormente, uma aproximação às obras de Foucault, como “Arqueologia do Saber”, “A ordem do discurso” e “As palavras e as coisas”. Dessa base foucaultiana, o método se aprofunda no método arqueológico para analisar relações entre discursos e práticas dominantes, e utiliza conceitos como acontecimento discursivo, enunciados (que incluem a função enunciativa), formação discursiva, práticas discursivas, e arquivo, além dos sistemas de controle do discurso como

			autor, disciplinas e doutrinas. Em sua terceira fase, a AD se aproxima dos textos de Michael Bahktin, estabelecendo conceitos como memória discursiva e interdiscursividade.
16	SILVA; BARROS; MORAES (2018)	SILVA, A. P.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. O discurso da imparcialidade em códigos de ética do arquivista. AGORA (FLORIANOPOLIS), v. 28, p. 213-226, 2018.	O texto utiliza a Análise do Discurso (AD) como referencial metodológico para compreender o valor da imparcialidade nos códigos de ética do arquivista. O histórico da AD, conforme apresentado, constitui-se inicialmente (entre 1968-1975) sob a influência da obra de Althusser. Posteriormente (1975-1980), as discussões foram marcadas pelos trabalhos de Pêcheux e Foucault, que também trouxeram consigo influências de Althusser. A partir da década de 1980, houve uma aproximação da semiologia de Bakhtin e sua heterogeneidade discursiva, somada à análise arqueológica de Foucault. De forma geral, o desenvolvimento da AD foi influenciado pela Psicanálise, pela Linguística (especificamente a estrutural) e pelo Marxismo (com a estrutura econômica). Conceitualmente, o discurso é compreendido como o lugar onde o sujeito da enunciação se manifesta e onde se recuperam as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu, focando na relação entre língua – discurso – ideologia, sendo a linguagem determinada pela ideologia, conforme os estudos de Pêcheux sobre a ‘formação ideológica’ ou ‘condições de produção do discurso’.
17	CAPRIOLI; LIMA; MORAES (2016)	CAPRIOLI, M. S. ; LIMA, L. M. ; MORAES, J. B. E. . A trajetória discursiva da Ciência da Informação no Brasil: Análise de artigos de periódicos na área na década de 1990. Brazilian Journal of Information Science, v. 10, p. 73-81, 2016.	O artigo foca nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (A.D.), adotando especificamente a Análise do Discurso de Matriz Francesa. Esta vertente, considerada a mais focada neste trabalho, tem bases em autores como Jean Dubois e Michel Pêcheux, sendo Orlandi (1986) também mencionada ao diferenciar as perspectivas americana e europeia da teoria. A A.D. parte do pressuposto de que a produção de um texto, oral ou escrito, é um jogo de enunciados, e o seu <i>corpus</i> é constituído pela formulação ideologia + história + linguagem, sendo a ideologia o posicionamento do sujeito, a história o contexto sócio-histórico e a linguagem a materialidade do texto. As noções de poder e ideologia são referenciadas a Foucault (2010), e as de sujeito a Pêcheux (1998). Um conceito fundamental

			para a A.D. é o de condições de produção, que engloba o contexto histórico-social e os elementos que cercam a produção discursiva. A metodologia busca desconstruir o texto em busca dos discursos ali embutidos e analisar o sentido (não o conteúdo) que é produzido, identificando as relações discursivas por meio dos fenômenos da polissemia, polifonia e pré-construído, que são atravessados pela ideologia. A trajetória da A.D. é ligada ao surgimento do estruturalismo especulativo e visa a compreensão do fenômeno da linguagem além da língua, focando no texto, em um nível sócio-histórico.
18	LIMA; CAPRIOLI; MORAES (2019)	LIMA, L. M. ; CAPRIOLI, M. S. ; MORAES, J. B. E. . Regime de informação e análise do discurso: aproximações teóricas e conceituais na era Big Data. In: Daniel Martínez-Ávila; Edna Alves de Souza; Maria Eunice Quilici Gonzalez. (Org.). Informação, conhecimento, ação autônoma e big data: Continuidade ou Revolução? 1ed.Marília: Cultura Acadêmica, 2019, v., p. 219-232.	O documento utiliza a Análise do Discurso de matriz francesa (AD) como seu principal aporte teórico-metodológico, definindo-a não apenas como o estudo da língua, mas sim como a palavra em movimento e a prática de linguagem, observando o modo como o ser humano fala e como a linguagem está inserida no mundo. Essa abordagem transcende os estudos puramente linguísticos ou gramaticais, levando em conta os aspectos externos da língua, como os elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos que permeiam e se refletem na produção de um discurso. Dessa forma, um conceito fundamental para a AD é o de condições de produção, o qual abrange o conjunto de elementos que circundam a produção discursiva, incluindo o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de fala e as imagens que se formam do assunto e dos participantes (BRANDÃO, 2004). O texto também explora a relação entre Formação Discursiva (FD) e Formação Ideológica (FI). A FD é a instância onde se constitui o sentido e a identificação do sujeito (ORLANDI, 2008), e é aquilo que, em uma FI dada, determina "o que pode e o que deve ser dito" (PÊCHEUX, 1997). As palavras e os discursos não possuem sentido em si mesmos, mas o derivam de suas formações discursivas, que por sua vez têm suporte em uma formação ideológica (ORLANDI, 2009).

19	LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E.; MARTÍNEZ-ÁVILA (2017)	LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E.; MARTÍNEZ-ÁVILA, DANIEL. Genealogy of the concept of Information Science in Brazil: a discursive analysis from founding journals in the area. In: José Augusto Chaves Guimarães; Vera Dodebei. (Org.). The epistemologic dimension of knowledge organization. 1ed.Pernambuco: ISKO-Brasil, 2017, v. 1, p. 206-219.	O estudo sobre a genealogia do conceito de Ciência da Informação (CI) no Brasil é fundamentado na perspectiva da Análise do Discurso, utilizando explicitamente as obras de Michel Foucault, como A arqueologia do saber e A ordem do discurso, para examinar as práticas discursivas e as transformações que moldaram o surgimento da CI no contexto nacional. A análise empregada na metodologia é estruturada em dois momentos principais: "Do objeto textual ao objeto discursivo", que investiga os fenômenos linguísticos discursivos (como paráfrase, polissemia e polifonia), e "Do objeto discursivo ao processo discursivo", que busca compreender a relação do discurso com seu exterior e as razões do que é dito. Esta abordagem teórica também se baseia na perspectiva de Michel Pêcheux, citando semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, o que permite a identificação e a análise de formações discursivas que caracterizam o conceito da CI no período analisado.
20	CHAGAS; PAULA (2023)	CHAGAS, LEONARDO BORGES RODRIGUES; PAULA, LORENA TAVARES DE. Análise de Discurso Crítica como instrumental teórico e metodológico para a garantia semântica em Linguagens Documentárias. Encontros Bibli (UFSC), v. 28, p. 1-23, 2023.	O artigo se concentra na Análise de Discurso Crítica (ADC), também conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD), um instrumento teórico-metodológico de pesquisa social que investiga a relação entre discurso, sociedade e poder com foco na mudança social. A ADC é vista como uma continuação da Linguística Crítica (LC), desenvolvida na década de 1970, e foi ampliada por pesquisadores como Norman Fairclough, Teun van Dijk, Ruth Wodak, Theo van Leeuwen e Gunther Kress. O estudo utiliza a abordagem Dialético-Relacional (DR) de Norman Fairclough, que propõe o modelo tridimensional de análise (discurso enquanto texto, prática discursiva e prática social), fundamentado na Teoria Social do Discurso (TSD) de Fairclough (1992). As bases teóricas que influenciam a ADC de Fairclough incluem o Marxismo ocidental e a Escola de Frankfurt, a Linguística Sistemática Funcional de Halliday, as contribuições ao discurso de Michel Foucault, a Filosofia da linguagem de Bakhtin e o Realismo crítico de Bhaskar. Além disso, o texto incorpora a categoria de "Representação de atores sociais" do linguista Theo van Leeuwen, detalhada em sua Teoria da Representação dos Atores Sociais (TRAS), e cita outras cinco abordagens da ADC que compõem a rede

			internacional de estudos: a Histórico-Discursiva (HD) de Ruth Wodak e Reisigl, a Sociocognitiva (SC) de Van Dijk, a Linguística de Corpus (LiC) de Mautner, a Análise de Dispositivo (AD) de Jager e Maier e a Representação dos Atores Sociais de Theo van Leeuwen.
21	MOURA (2014)	Moura, Maria Aparecida. Emerging Discursive Formations, Folksonomy and Social Semantic Information Spaces (SSIS): The Contributions of the Theory of Integrative Levels in the Studies carried out by the Classification Research Group (CRG). Knowledge Organization, v. 41, p. 304-310, 2014.	O estudo investiga a análise do discurso nas contribuições teóricas de Foucault, notadamente em sua obra <i>A arqueologia do saber</i> (2010). O conceito de discurso é central, sendo definido como um conjunto de enunciados que, embora possam pertencer a campos distintos, estão submetidos a regras funcionais comuns. A formação discursiva é concebida como um corpo de regras históricas e anônimas, determinadas no tempo e no espaço, que definem as condições de operação da função enunciativa em uma determinada área. A formação discursiva é articulada em três níveis: superfícies de emergência (que destacam as circunstâncias da instanciiação e os códigos conceituais), autoridades de delimitação (relacionadas às instituições que ajustam o domínio e implementam os processos de significação) e grades de especificação (referentes aos esquemas de agrupamento e classificações adotadas). Além disso, Foucault aborda o autor não como o indivíduo falante, mas como um princípio de agrupamento e coerência dos discursos, funcionando como um princípio de rarefação no contexto científico. A metodologia utilizada no estudo para compreender o processo de significação nos ambientes digitais envolve, inclusive, a arqueologia do saber.
22	VIEIRA; MOURA (2014)	VIEIRA, Letícia Alves; Moura, Maria Aparecida. A ciência nas guerras: o Journal des Sçavans como emergência discursiva na epistemologia de Ludwik Fleck.	A análise em questão utilizou diversas abordagens metodológicas para analisar os textos publicados no periódico <i>Journal des Sçavans</i> , sendo as principais a análise de conteúdo (AC) e a análise de discurso (AD). Além destas, foi empregada a análise do período sintático, conforme proposto por Santos et al. (2013). A Análise de Discurso (AD) adotada permite a leitura dos excertos e compreende o discurso como o lugar no qual as práticas sociais se

		Datagramazero (Rio de Janeiro), v. 15, p. 1-15, 2014.	materializam na/pela linguagem. Contudo, a base teórica fundamental para a análise do discurso e conteúdo foi a epistemologia de Ludwik Fleck. Fleck propôs uma teoria da ciência centrada em duas categorias principais: o estilo de pensamento (<i>Denkstil</i>) e o coletivo de pensamento (<i>Denkkollektiv</i>). Essas categorias de Fleck são relevantes para pesquisadores que estudam práticas discursivas, corroborando com a percepção de que o discurso científico deve ser estudado com base nelas. Assim, a rede de significados encontrada nos artigos é vista como a emergência discursiva do estilo de pensamento, enquanto os autores compõem o coletivo de pensamento.
23	VIEIRA; (2017)	MOURA VIEIRA, Letícia Alves; MOURA, M. A. A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CIÊNCIA EM HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE EDITORIAIS DA REVISTA VARIA HISTÓRIA (2007 - 2016). In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? ENANCIB 2017, 2017. ANADIS DO XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? ENANCIB 2017. Marília: ANCIB. v. 1. p. 1-18.	O artigo fundamenta-se na Análise do Discurso (AD), utilizando como seu principal escopo teórico-metodológico a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Essa abordagem permitiu a análise dos editoriais através dos modos de organização do discurso propostos por Charaudeau (2009), que incluem os modos Enunciativo, Narrativo, Descritivo e Argumentativo, com ênfase particular nos modos Enunciativo e Argumentativo. O modo enunciativo se dedica à posição do locutor em relação ao seu interlocutor e ao que é dito, enquanto o modo argumentativo se concentra na construção de explicações e na busca pela racionalidade e influência, estabelecendo uma relação triangular entre sujeito argumentante, proposta e sujeito-alvo. Para situar o objeto de estudo (o editorial), a pesquisa também recorre a conceitos de gêneros discursivos de outros autores da área de AD e estudos textuais, como a perspectiva de Maingueneau (2004), que classifica os gêneros em categorias e modos, situando o editorial no regime de gêneros instituídos (Modo IV); a visão de Bakhtin (1997) sobre os gêneros do discurso, que os define por seu conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional; e a contribuição de Marcuschi (2008), que alarga as dimensões sobre gêneros por domínios discursivos e modalidades. Além disso, Charaudeau (2001) contribui para a conceituação de gênero ao tratá-los como vinculados à ancoragem social ou "domínios de práticas languageiras".

24	TRIVELATO; MOURA (2017)	TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. IDENTIDADE, RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DISCURSIVA NOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? ENANCIB 2017, 2017, Marília. Anais do. Marília: Ancib, 2017. v. 1. p. 1-17.	O trabalho se estrutura teoricamente com o aporte do conceito de formação discursiva de Michel Foucault (2012), utilizando a perspectiva de sua pesquisa arqueológica para centralizar e compreender o discurso, focando nas práticas discursivas como elementos constitutivos do conhecimento. O conceito de formação discursiva é essencial para a análise da regularidade na formação dos objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias presentes nos sistemas de classificação bibliográfica. Complementarmente, a análise se apoia em estudos sobre a questão da identidade, adotando uma abordagem discursiva que entende a identificação como um processo socialmente construído, estratégico e posicional. Para tal, o texto referencia Fairclough (2001), ao assinalar que o discurso constrói os objetos de conhecimento, os sujeitos, as formas sociais do 'eu' e as estruturas conceituais. A discussão sobre identidade também mobiliza o pensamento de Hall (2000, 1996), opondo-se à concepção essencialista e tratando as identidades como pontos instáveis de identificação ou sutura construídos no interior das práticas discursivas. Por fim, a compreensão da alteridade e do discurso colonial, incluindo a demanda por identificação e a invisibilidade, é abordada com referências a Bhabha (1998).
25	TRIVELATO; MOURA (2016)	TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A REPRESENTAÇÃO DA CLASSE RELIGIÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2016, Salvador. Anais XVII Encontro Nacional de	O texto utiliza como base teórica fundamental para a análise do discurso o conceito de formação discursiva de Michel Foucault. A análise dos dispositivos de representação da informação (como os sistemas de classificação bibliográfica) sob a ótica da formação discursiva implica reconhecer que eles não são instrumentos neutros e alheios ao contexto histórico em que foram criados. A formação discursiva é compreendida como os saberes que definem um objeto, e o discurso pode ser regido por um conjunto de regras anônimas que caracterizam instituições e domínios da cultura, com as práticas discursivas sendo sempre determinadas no tempo e no espaço. Para entender a formação discursiva, o trabalho aponta a necessidade de elucidar as regras de formação do objeto em seu regime de existência, o que exige demarcar as superfícies de emergência (onde o objeto se torna nomeável e

		Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador: Ancib, 2016. p. 5092-5098.	descritível), descrever as instâncias de delimitação (quem define o objeto do discurso) e analisar as grades de especificação (os sistemas utilizados para opor, associar, reagrupar ou classificar os conceitos). Desta forma, na análise do discurso, o foco recai nas maneiras em que os objetos e as ideias são expostos, em vez da ontologia desses objetos e ideias.
26	TRIVELATO; MOURA (2015)	TRIVELATO, R. M. S.; Moura, Maria Aparecida. Formação discursiva, sistemas de classificação e o discurso estrangulado de Charlie Hebdo: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da ciência da religião no século XXI. In: II Congreso ISKO España-Portugal, 2015, Murcia. Actas do II Congreso ISKO España-Portugal. Murcia: Facultad de Comunicación y Documentación. Universidad de Murcia. v. 1.	O texto baseia sua análise na teoria da Análise do Discurso, utilizando de forma central o conceito de Formação Discursiva, conforme concebido por Michel Foucault. A Formação Discursiva, abordada nas obras foucaultianas " <i>A ordem do discurso</i> " e " <i>Arqueologia do saber</i> ", sugere um deslocamento metodológico para compreender o discurso, que é visto como um conjunto de enunciados dispersos no tempo, mas que formam uma unidade ao se referirem a um mesmo objeto. Foucault argumenta que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que têm a função de subjugar seus perigos e dominar seu acontecimento aleatório, manifestando relações de poder. Para compreender tal formação discursiva, o estudo propõe elucidar as regras de formação do objeto por meio de três direções analíticas: (a) as superfícies de emergência, que definem onde o objeto do discurso surge e se torna nomeável e descritível; (b) as instâncias de delimitação e regulamentação, que determinam quem define o objeto; e (c) as grades de especificação, que tratam dos sistemas usados para classificar, associar ou opor. Adicionalmente, o texto faz uso de outra noção foucaultiana explorada por Radford, a partir do ensaio " <i>A biblioteca fantástica</i> ", que conjuga os opostos de ordem e fantasia no contexto da biblioteca.
27	VENÂNCIO; MOURA (2012)	VENÂNCIO, Ludmila Salomão; Moura, Maria Aparecida. DE TERMOS ISOLADOS A CONTEXTUALIZADOS: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS	A análise em questão utiliza o embasamento teórico da Análise do Discurso, buscando articulação com as abordagens da organização da informação e do conhecimento. Mais especificamente, a metodologia empregada baseia-se na teoria argumentativa da Nova Retórica, que é um modelo retomado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) a partir da retórica clássica, e é definida como o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar

		ARGUMENTATIVAS DOS DISCURSOS DE CANDIDATURA DE DILMA E SERRA. In: XIII Enancib, 2012, Rio de Janeiro. Anais do XIII Enancib. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. p. 1-15.	ou aumentar a adesão dos espíritos às teses apresentadas. Subjacente a esta análise de argumentação, está o conceito de ancoragem social do discurso, que estabelece que não há produção de texto que não esteja atrelada às determinações impostas pelo domínio de prática social (no caso, o político). O trabalho também faz menção a discussões anteriores sobre o aporte da análise do discurso para as linguagens documentárias, citando a possibilidade teórica de aplicação de tipologias discursivas, como a proposta lógico-semântica de Gardin (1974), conforme apontado por Kobashi (1989).
28	MARQUES; KERR PINHEIRO; RASLAN (2012)	MARQUES, R. M.; KERR PINHEIRO, M. M.; RASLAN, F. O. Os signos ideológicos no discurso da Organização Mundial do Comércio. Datagramazero (Rio de Janeiro), v. 13, p. 1, 2012.	A análise do discurso (AD) foi empregada como instrumento de investigação para analisar o sentido e os signos presentes no discurso da Organização Mundial do Comércio (OMC), sendo essa investigação fundamentada na dialética materialista e nas teorias da significação. O estudo elegeu as concepções do filósofo Mikhail Bakhtin como guia para a perspectiva adotada. A filosofia da linguagem bakhtiniana é centrada no signo ideológico e nas ideologias expressas nos sistemas semióticos, defendendo que a palavra é um fenômeno ideológico que forma e deforma o signo, sendo um indicador sensível das relações sociais. Bakhtin, por privilegiar os princípios do materialismo dialético, defende que a refração do ser no signo ideológico é determinada pelo confronto de interesses sociais, constituindo o signo ideológico como a arena onde se desenvolve a luta de classes. O texto também contextualiza a AD dentro do campo mais vasto das teorias da significação contemporâneas, que se separaram em linguística, semiótica e semiologia. Neste contexto, são discutidas as ideias centrais de Ferdinand de Saussure, que propôs a semiologia, e de Charles Sanders Peirce, cuja obra derivou a semiótica como ciência geral dos signos. Por fim, são listadas as três tradições teóricas da análise do discurso, incluindo a linguística crítica/semiótica social, a derivada da teoria do ato da fala/análise da conversação e a pós-estruturalista, embora as concepções de Bakhtin tenham sido explicitamente escolhidas como ponto de vista orientador para a pesquisa.

29	SOUSA; FURLANETE (2024)	SOUSA, LILIANE C. S.; Furlanete, Fábio Parra. ENFOQUES DE ANÁLISIS DEL DISCURSO EN CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN: cartografía de los enfoques predominantes y sus implicaciones. LOGEION: FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO, v. 11, p. 7260, 2024.	O mapeamento das abordagens da Análise do Discurso (AD) na Ciência da Informação (CI) revela que a maioria dos estudos se baseia na Análise do Discurso de Matriz Francesa. Os aportes teóricos mais predominantes citados nos artigos analisados são os de Michel Foucault e Michel Pêcheux, que frequentemente aparecem em conjunto nos trabalhos sobre AD na CI brasileira. A contribuição de Pêcheux está ligada à concepção francesa da Análise Materialista do Discurso, que busca analisar a língua a partir da relação entre ideologia, sentido e história. Já Foucault é referenciado por sua teoria arqueológica, com conceitos como "discurso," "enunciado," "formação discursiva," e "arquivo", e sua perspectiva tem sido trabalhada extensivamente na CI. Outras figuras importantes dentro desta matriz são Eni Pulcinelli Orlandi e Dominique Maingueneau, associado especificamente aos princípios da "interincompreensão," que visam a análise das trocas entre discursos. Adicionalmente, alguns artigos utilizam um aporte teórico mais amplo para a análise de práticas sociais, incluindo autores como Budd, Kress, Forceville e O'Halloran.
30	SILVA; CAVALCANTI; FURLANETE (2022)	SILVA, C. R. S.; Cavalcante, Luciane de Fatima B.; FURLANETE, F. P. Um novo modelo de biblioteca? o discurso sobre a identidade das bibliotecas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. In: 29º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 2022, Online. Anais do 29º Congresso Brasileiro de	O texto baseia sua metodologia na Análise de Discurso (AD) conforme apresentada por Michel Foucault em sua obra "A Ordem do Discurso". Essa abordagem utiliza dois conjuntos de análise, o conjunto crítico e o conjunto genealógico, que são regidos por quatro princípios da análise de discurso foucaultiana: o princípio da inversão, o princípio da descontinuidade, o princípio da especificidade e o princípio da exterioridade. O estudo realizado no ensaio se concentra na perspectiva do conjunto crítico, que enfoca o princípio da inversão, e tem como foco a análise dos procedimentos internos de limitação dos discursos. Especificamente, o ensaio analisa as propostas terminológicas para as bibliotecas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) utilizando apenas os procedimentos internos de rarefação (controle e delimitação) do discurso denominados "autor" e "disciplina", que funcionam como princípios de classificação e ordenação dos discursos. Embora o procedimento "comentário" também faça parte dos procedimentos internos, sua aplicação foi excluída por gerar resultados muito

		Biblioteconomia e Documentação, 2022. v. 1. p. 1-10.	abrangentes para os limites do trabalho. O conceito de "autor" é entendido como o princípio de agrupamento, unidade e origem das significações do discurso, enquanto a "disciplina" (no caso, a Biblioteconomia) define as exigências complexas para que um discurso seja considerado verdadeiro ou falso em uma área do conhecimento.
31	LIMA; ANDRADE; CARVALHO (2025)	LIMA, CLÓVIS RICARDO MONTENEGRO DE; ANDRADE, MARIBEL DA ROSA; CARVALHO, FLAVIA DA SILVA. Discurso e reconhecimento do outro Speech and recognition of other. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM REVISTA, v. 12, p. e17606, 2025.	O artigo examina a análise do discurso na fundamentação teórica de Jürgen Habermas e Axel Honneth, sustentando a necessidade de inclusão de todos os interlocutores no diálogo, mesmo céticos e fascistas, em sociedades democráticas e pluralistas. O arcabouço habermasiano parte da noção de agir comunicativo, definido como uma interação racional mediada pela linguagem, orientada para o entendimento mútuo. O discurso argumentativo é visto como um derivado especial e privilegiado do agir comunicativo, que é a base da ética do discurso, a qual exige uma atitude reflexiva e a tematização das pretensões de validade que são implicitamente erguidas no agir cotidiano. Essa ética fundamenta-se em princípios como o Princípio de Universalização e se apoia na racionalidade procedimental da argumentação, na qual a validade de um julgamento reside em sua aceitabilidade fundamentada dentro de um contexto de justificação. Complementarmente, a teoria de Axel Honneth da Luta por Reconhecimento oferece uma base sociológica para a Teoria Crítica, focando na gramática moral dos conflitos sociais. Honneth utiliza o conceito de desrespeito para diagnosticar patologias sociais, argumentando que a exclusão ou a negação de reconhecimento (incluindo a negação de direitos) lesa a autoconfiança e o auto-respeito das pessoas, comprometendo sua integridade. A discussão da inclusão também traz à tona o debate de Habermas com Charles Taylor sobre o multiculturalismo e a política do reconhecimento para minorias culturais e formas de vida marginalizadas. Em suma, as teorias convergem para a ideia de que o discurso deve ser compreendido como a forma de reflexão capaz de construir acordos e promover a inclusão do outro, reconhecendo sua dignidade.

32	LIMA (2020)	LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. Linguagem, discurso e humanismo em organizações de saúde. Revista Fontes Documentais, v. 3, p. 141-148, 2020.	O artigo reflete sobre um conjunto de referências teóricas para analisar a relação entre linguagem, discurso e humanização em organizações de saúde, com ênfase nas teorias do agir comunicativo e do discurso de Jürgen Habermas. Habermas é fundamental para a discussão, sendo utilizado para estabelecer o discurso como uma forma especial de ação comunicativa, permitindo a reconstrução racional das relações a partir de uma ética do discurso, e rompendo com a filosofia da consciência ao adotar uma filosofia da linguagem em sua abordagem pragmática. Além disso, a crítica à burocratização das organizações de saúde e à racionalização médica, que gera a assimetria entre profissionais e pacientes, é fortemente embasada na perspectiva de Michel Foucault, o qual argumenta que a medicina é intrinsecamente social e parte de uma estratégia política de exercício de poder e controle biopolítico. Por fim, o trabalho também emprega as ideias de Niklas Luhmann ao discutir o funcionalismo e a complexidade interna das organizações; Luhmann ajuda a entender como o sistema reduz essa complexidade, substituindo as interações mediadas pela linguagem por fluxos de informações estruturados, um processo que o administrador deve combater para expandir o discurso da racionalidade.
33	LIMA; CARVALHO (2011)	LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; CARVALHO, Lidiane. Discurso, análise de redes e avaliação dos processos de inovação. Datagramazero (Rio de Janeiro), v. 12, p. 4, 2011.	O ensaio apresenta uma abordagem para a avaliação dos processos de inovação que integra as perspectivas do discurso e da análise de redes. Os autores sustentam que métricas convencionais, focadas em insumos e produtos, são insuficientes para capturar a complexa natureza social e interativa da inovação na sociedade contemporânea. Para construir um referencial mais robusto, o artigo discute e contrasta a teoria de sistemas de Luhmann com a teoria do discurso de Habermas, salientando o potencial da ação comunicativa deste último para a avaliação. A análise de redes é então proposta como a metodologia ideal para estudar as interações e vínculos entre organizações e atores. Conclui-se que esta metodologia permite

			verificar e identificar as características das dinâmicas comunicativas e argumentativas que são cruciais para a geração de conhecimento e a criatividade nos sistemas de inovação.
34	LIMA (2024)	LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. Habermas, Discurso e organizações. Volume 7: Informação. 1. ed. Rio de Janeiro: Salute, 2024. v. 1. 317p.	A discussão baseia-se centralmente na Teoria do Agir Comunicativo (TAC) de Jürgen Habermas como um instrumento poderoso de crítica do trabalho com informação e da administração em organizações. Esta teorização é complementada pela sua Teoria do Discurso (ou <i>Diskurs</i>), que é entendida como uma forma especial de agir comunicativo, essencial para a construção do entendimento intersubjetivo e para a resolução de conflitos sobre o mundo, resultando em acordos teóricos e práticos. O trabalho investiga a Teoria Discursiva da Verdade de Habermas, proposta para superar a ineficácia da teoria da verdade por correspondência, e sua posterior reformulação no conceito pragmático de verdade, que adota um realismo pragmático ao reconhecer um conceito bifronte de verdade nos contextos da ação e do discurso. A fundamentação da racionalidade e da comunicação é baseada na Pragmática Universal (que busca reconstruir as condições universais do possível entendimento mútuo) e na Teoria dos Atos de Fala (como a de Austin e Searle), utilizadas para analisar as pretensões de validade (verdade, correção e sinceridade) levantadas pelos atores sociais. A abordagem geral insere-se na Teoria Crítica, oriunda da Escola de Frankfurt, e se apoia na guinada linguística e guinada pragmática da filosofia. Além das teorias habermasianas, os estudos aplicados em ambientes como a Wikipédia recorrem à Teoria do Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour, para descrever a dinâmica sociotécnica e a construção de consenso nas controvérsias, e utilizam a Análise de Redes Sociais para mapear o acesso e a disseminação de informações. O conceito de Hermenêutica também é abordado no contexto da compreensão intersubjetiva e do elemento crítico inerente à tomada de posição em relação às pretensões de validade.

35	LIMA; GONCALVES; MEIRELLES; LARA (2012)	LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; GONCALVES, M.; MEIRELLES, M.; LARA, B. Os ambientes WIKI: Interação, Discurso e Generosidade nas redes sociais. In: XIII ENANCIB, 2012, Rio de Janeiro. ANAIS do XIII ENANCIB. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012.	O documento fundamenta sua discussão sobre discurso e interação social, particularmente em relação aos ambientes wiki, primariamente nas teorias do agir comunicativo e do discurso de Habermas. Esta perspectiva se situa dentro da teoria social de Habermas, que privilegia o lugar do agente na análise da constituição da ordem social e oferece os meios para entender as funções da linguagem e as situações de interação. O quadro teórico distingue o <i>agir comunicativo</i> , que busca o entendimento mútuo entre os participantes através da linguagem para coordenar planos de ação, do <i>agir estratégico</i> , que está orientado para o sucesso individual e não na força racionalmente motivadora dos atos de entendimento. Habermas considera que as práticas constitutivas da realidade social estão ancoradas na linguagem, a qual desempenha as funções cognitiva, expressiva e comunicativa. Além disso, a comunicação pode se elevar ao nível do discurso ou da <i>práxis argumentativa</i> quando as pretensões de validade levantadas no agir comunicativo se tornam controversas. O <i>Discurso argumentativo</i> é um processo de comunicação regulado que permite examinar criticamente as pretensões de validade numa atitude hipotética, buscando um acordo racionalmente motivado em estruturas de fala que se aproximam de condições ideais, sendo particularmente imunizadas contra a desigualdade e a repressão. Esses processos indicam o potencial emancipatório da linguagem na constituição da sociedade.
36	ALENCAR; SALDANHA (2025)	ALENCAR, P. V.; SALDANHA, GUSTAVO SILVA. Da leitura literária à práxis leitora: análise do discurso em Biblioteconomia e Ciência da Informação. TENDÊNCIAS DA PESQUISA BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA	O artigo adota, como procedimentos teórico-metodológicos centrais, a Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, especificamente na sua base pecheuxtiana, conforme definido por Michel Pêcheux (2008), a qual entende a linguagem como um lugar de confronto ideológico e a ser estudada em seus processos histórico-sociais. A constituição teórica da AD, como um campo disciplinar, é definida pelo entrecruzamento de três domínios científicos: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso. Na perspectiva adotada, o interesse recai sobre a análise dos discursos a partir da inscrição ideológica e histórica dos enunciados, o que também se embasa nas reflexões de Michel Foucault (2009, 2010), que coloca o discurso

		INFORMAÇÃO, v. 18, p. 01-25, 2025.	como parte central da interpretação da realidade e sustenta o desenvolvimento do conceito de Formação Discursiva (FD). Este viés teórico-metodológico é ainda sustentado pela conexão com as teorias marxianas e a filosofia da linguagem pragmática, utilizando os conceitos de "formação ideológica" e "formação discursiva". Para fundamentar o debate sobre o termo "leitura literária" e, em seguida, analisá-lo sob a ótica da AD, o texto também estabelece diálogo com as reflexões de Michèle Petit (2005, 2009) e Eni Orlandi (1996).
37	MATA; SALDANHA (2020)	MATA, D. X.; SALDANHA, G. S. A vida íntima das sombras: a ordem do discurso biobibliográfico. INCID: REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 10, p. 71-91, 2020.	O estudo desenvolve a problematização conceitual da noção de discurso biobibliográfico, partindo da "ordem do discurso" de Michel Foucault (1996) como reflexão filosófico-teórica central. Foucault é essencial para a análise, pois permite compreender o discurso como uma forma de representação cultural da realidade social, composta por formações discursivas que são encadeamentos de enunciados aceitos pela comunidade, e regida por mecanismos de controle e vigilância, como a interdição, a separação e a vontade de verdade. Paralelamente, a pesquisa incorpora o pensamento de Roland Barthes (1988) para abordar a invenção do autor como uma criação moderna, correlacionada à ideia de liberdade e ao universo do capital individual e do prestígio. Essa análise é complementada pela perspectiva de Pierre Bourdieu (2012, 2013), que auxilia na interpretação do indivíduo intelectual no campo universitário, o Homo Academicus, que disputa espaço e se sujeita a formas de distinção e conformação. O conjunto dessas reflexões é aplicado ao campo informacional, debatendo a construção do discurso biobibliográfico como uma categoria analítico-discursiva aplicável no plano de uma filosofia do documento, conforme reconhecido nos trabalhos de Bernd Frohmann e Michael Buckland.
38	SALDANHA; MATA (2019)	SALDANHA, G. S.; MATA, D. X. O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot: notas sobre o sujeito e o	A reflexão teórica do texto se sustenta primariamente na epistemologia histórica e em uma abordagem filosófico-linguística, via a teoria pragmática. A análise do discurso é construída a partir de três marcos discursivos principais: a intencionalidade manifesta nos verbetes

		autor na Modernidade bibliológica. EM QUESTÃO, v. 25, p. 159-175, 2019.	biobibliográficos, a relação entre o indivíduo e a produção de texto/documento, conforme explorada por Paul Otlet, e, por fim, a reflexão crítica de Roland Barthes acerca da morte do autor. O trabalho de Barthes, enquadrado na filosofia da linguagem, é usado para balizar a análise, criticando a centralidade da figura do autor na Modernidade, enquanto o pensamento otletiano é buscado para entender a documentação do sujeito na forma autor. Adicionalmente, o estudo invoca a noção de ordem discursiva de Michel Foucault para examinar a organização e os critérios de seleção (o registro dos sujeitos "célebres") manifestados por Peignot em seu <i>Dictionnaire</i>. O discurso biobibliográfico, estruturado na linguagem, articula questões tradicionais tratadas pela filosofia da linguagem, como é o caso da referência e do conhecer por meio da linguagem, fazendo menção ao <i>Crátilo</i> platônico.
39	ALENCAR; SALDANHA (2024)	ALENCAR, P. V.; SALDANHA, G. S. A leitura literária em biblioteconomia e ciência da informação: análise do discurso científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? XXIV ENANCIB, 2024, Vitória - ES. Anais do ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? XXIV ENANCIB. Vitória: ANCIB, 2024. p. 1-15.	O quadro teórico-metodológico adotado no texto é a Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, especificamente de base pecheuxtiana (Pêcheux, 2008). Essa abordagem se fundamenta no entrecruzamento de três domínios científicos: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso, e considera a linguagem como um lugar de conflito e confronto ideológico, com processos constituintes histórico-sociais. No viés da AD, o discurso é visto como uma instância na qual a materialidade ideológica se concretiza, e o texto é o lugar onde o discurso se materializa linguisticamente, dentro do quadro epistemológico definido por Pêcheux. A análise do discurso no estudo baseia-se na identificação de sentidos produzidos em decorrência da inscrição ideológica e histórica dos enunciados, seguindo também a perspectiva de Foucault (1969), e utilizando os conceitos de "formação ideológica" e "formação discursiva" (Brandão, 2004). Para a fundamentação teórica específica sobre a "leitura literária", o trabalho estabelece o debate entre as reflexões de Petit (2009) e Orlandi (1996), cujas conceituações são então analisadas à luz da AD.

40	GUEDES; BARBOSA; OLIVEIRA; SANTOS (2025)	Guedes, Vânia Lisboa da Silveira; BARBOSA, M. F. S. O.; OLIVEIRA, A. J. B.; SANTOS, M. J. V. C. Organização do Conhecimento e Análise do Discurso: possíveis interlocuções. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina dos Livros, 2025. v. 1. 154p .	O texto utiliza diversas teorias e abordagens da Análise do Discurso (AD), que emergiu na França durante os anos 1960, examinando como a linguagem é moldada por contextos históricos e ideológicos. Michel Pêcheux é uma figura central da AD de linha francesa, propondo uma teoria da materialidade do discurso baseada no materialismo histórico e na enunciação, alicerçada na obra filosófica de Louis Althusser. Outras contribuições cruciais incluem a influência de Michel Foucault (poder e conhecimento, práticas institucionais) e Jacques Derrida (desconstrução, instabilidade dos significados, práticas arquivísticas). O campo da AD é visto em três concepções amplas: textuais (incluindo estudos baseados em análise de gênero, de corpora e análises multimodais), contextuais (incluindo Sociologia da Ciência, Etnografia e perspectivas sócio-históricas), e críticas, como a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Linguística Crítica. A Linguística Sistêmico Funcional (LSF), associada a Halliday, é destacada por se alinhar teoricamente com a AD e a ACD. Além disso, o texto aborda a Teoria Barroca do discurso de Emanuele Tesauro, que usa a metaforologia para abrir caminho à perspectiva da decolonialidade em Organização do Conhecimento (OC), e menciona a perspectiva culturalista e marxiana de Bakhtin, a introdução do termo AD por Zellig Harris, e outras abordagens como a Teoria da Polidez de Brown e Levinson, Análise da Conversação e Linguística Textual.
41	SANTOS; GUEDES (2017)	SANTOS, M. J. V. C.; GUEDES, V. L. da S. Cartas como gênero do discurso científico na área de medicina tropical: anteterminológica e mapeamento de rede terminológica. In: III CONGRESSO ISKO ESPANHA-PORTUGAL XIII CONGRESSO ISKO ESPANHA,	O artigo desenvolve uma análise quali-quantitativa da correspondência científica passiva de Adolpho Lutz, situando-se na fronteira entre a História da Ciência e a Ciência da Informação. A fundação teórica do trabalho está fortemente ligada a conceitos da análise de discurso, utilizando a Teoria de Gêneros do Discurso para analisar a carta como um tipo de gênero do discurso científico. Essa abordagem recorre a autores como Bakhtin (1981), para entender como os gêneros discursivos tipificam a comunicação na comunidade científica, e Swales (1990), na análise de gêneros dentro de uma comunidade discursiva. Além disso, o estudo se insere no paradigma da Análise de Domínio para compreender a área da Medicina Tropical

		2017, Coimbra. Tendências atuais e perspectivas futuras em organização do conhecimento. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. v. 1. p. 737-746.	como uma comunidade de discurso. Metodologicamente, embora utilize as Leis de Zipf e a fórmula do Ponto de Transição de Goffman (abordagens bibliométricas) para identificar a terminologia com alto conteúdo semântico, o estudo também emprega a técnica de Análise Qualitativa de Conteúdo para contextualizar os termos relevantes. A Linguística é citada para a análise das estruturas de linguagem (como estratégias de polidez e informalidade) encontradas na rede terminológica das cartas. Os resultados confirmam a premissa de que a carta é um gênero do discurso científico com alto grau de informatividade, com termos de alto conteúdo semântico localizados na Região de Concentração de Goffman.
42	MARTELETO (1994)	MARTELETO, R. M. Cultura da Modernidade: Discursos e Práticas Informacionais. REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG, v. 23, n.2, p. 115-137, 1994.	O artigo baseia sua análise do fenômeno informacional e da cultura moderna na exploração de diferentes eixos discursivos, que constituem as teorias utilizadas para a análise. Um eixo central é o discurso crítico da cultura, que se desenvolve correlato à Modernidade e se fundamenta na noção de ideologia, originária da teoria marxista, que associa a cultura aos processos materiais da sociedade de classes e à maneira pela qual as relações sociais são representadas. Dentro dessa vertente crítica, o conceito de hegemonia (associado a A. Gramsci) é introduzido, designando a cultura não como um sistema cristalizado de ideias, mas como um processo social global, complexo e vivido, que constitui a visão de mundo de uma sociedade, incluindo a ideologia como sistema de representações da classe dominante. Por outro lado, o texto mobiliza o arcabouço teórico de M. Foucault para discutir o "regime de verdade" e a "economia política" da verdade, caracterizando a verdade moderna como centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem, sendo a verdade um conjunto de procedimentos regulados para a produção e circulação de enunciados. Essa perspectiva foucaultiana ilumina como o discurso racional se elabora como "discurso competente" e se irradia por meio da tecnociência, tornando-se um guia para as ações e decisões e um elemento mediador das práticas sociais. A análise do texto se apoia, portanto, na intersecção entre o discurso crítico que revela a dimensão do poder e da dominação na

			cultura, a perspectiva da hegemonia que vê a cultura como um processo produtivo e conflitual, e a visão de Foucault sobre o poder e o saber intrínsecos aos <i>discursos da verdade</i> .
43	OLIVEIRA; ALBAGLI (2013)	OLIVEIRA, Marcia Martins; ALBAGLI, S. Unidade de Polícia pacificadora, discursos e regimes de verdade. In: XIV Enancib - Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciência da Informação, 2013, Florianópolis. Anais do XIV Enancib - Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciência da informação. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-20.	A investigação aborda a análise do discurso baseada exclusivamente nas concepções de Michel Foucault, utilizadas para entender as relações entre informação, poder e segurança pública. Nessa abordagem, o discurso é compreendido como um bem finito, limitado, desejável e útil, que, desde sua existência, coloca a questão do poder e é, por natureza, objeto de uma luta política. Consequentemente, o discurso funciona tanto como instrumento e efeito do poder quanto como obstáculo, ponto de resistência e ponto de partida para estratégias opostas, veiculando e produzindo o poder ao mesmo tempo que o mina e debilita. A análise adota a ideia de um poder pervasivo e ubíquo, que se manifesta por meio de estratégias (práticas sociais e discursos construídos historicamente) e relações tensas em todo o tecido social, assumindo uma face produtiva em vez de meramente negativa ou repressiva. A contraparte necessária desse poder é a resistência, cujos focos se disseminam de forma desigual pela sociedade. Além disso, a pesquisa explora a construção de regimes de verdade pelos discursos hegemônicos, os quais funcionam como mecanismos e instâncias para distinguir enunciados verdadeiros dos falsos, sancionar uns e outros, e legitimar as ações do Estado.
44	MIRANDA; SANTOS (2018)	MIRANDA, ROSELI; SANTOS, CIBELE ARAÚJO CAMARGO MARQUES DOS. Documentação jurídica: interfaces da leitura documentária, linguagem e análise de discurso no tratamento da informação. REVISTA DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA	A análise do discurso (AD) é apresentada como um recurso valioso para o tratamento da informação na Documentação Jurídica, tendo surgido na década de 1960 como uma prática da linguística focada na análise da estrutura textual para compreender as construções ideológicas ali presentes. Seu interesse principal é estudar a "língua funcionando para a produção de sentidos" e entender como um objeto simbólico gera significância para os sujeitos. O teórico Michel Pêcheux (1988) é reconhecido como seu maior articulador, sustentando que o sentido e o sujeito são constituídos em um processo simultâneo. Para Pêcheux, o sujeito é definido pela posição e pelo lugar de onde fala, regulado por uma formação ideológica, e a

		DA INFORMAÇÃO, v. 16, p. 299-316, 2018.	ideologia tem a característica de dissimular sua existência em seu próprio funcionamento. Outra referência teórica utilizada é Eni Puccinelli Orlandi (1999, 2007), que detalha que a AD não se restringe à interpretação textual, operando também sobre seus limites e processos de significação. Orlandi, ao abordar o processo discursivo, menciona as condições de produção do discurso — que incluem sua constituição (memória), formulação e circulação — e define o conceito de formação discursiva como aquilo que, dentro de uma formação ideológica específica, delimita o que pode e deve ser dito. É relevante notar que a Linguística Documentária, um subcampo que apoia o tratamento informacional, baseou-se, entre outros campos, na Análise de Discurso.
45	FRANCELIN; RIBEIRO (2025)	Francelin, Marivalde; RIBEIRO, DUANNE DE OLIVEIRA. O amplo, o restrito e o sem lugar: sentidos de Organização do Conhecimento em A Ordem do Discurso, de Michel Foucault. LOGEION: FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO, v. 11, p. 1-18, 2025.	A estrutura teórica para a análise do discurso que fundamenta o texto anexo provém exclusivamente da obra de Michel Foucault, especificamente de sua aula inaugural no Collège de France, "A Ordem do Discurso". Nesta perspectiva, o discurso é tratado não como língua ou sentido, mas como conjuntos de acontecimentos discursivos, concebido como uma violência que se faz às coisas, uma prática que lhes é imposta, e como aquilo pelo que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. A análise foca nos procedimentos pelos quais a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída, buscando conjurar seus poderes e dominar seu acontecimento aleatório. Foucault divide esses procedimentos em dois grupos principais: os procedimentos externos (de exclusão), que agem de fora do discurso, e incluem a interdição (regulada pelo tabu do objeto, ritual da circunstância e direito do sujeito que fala), a separação/rejeição (exemplificada pela divisão entre razão e loucura), e a oposição entre verdadeiro e falso (ou a vontade de verdade, que se apoia em um sistema de exclusão histórico e institucionalmente constrangedor); e os procedimentos internos, que funcionam como princípios de classificação, ordenação e distribuição, abrangendo o comentário (que consiste na relação entre textos primeiros e textos segundos, anulando a novidade ao retomar o que já havia sido dito), a função autor (o princípio de

			agrupamento que impõe coerência e ordem a uma dispersão de escritos), e as disciplinas (entendidas como um domínio de objetos, métodos e regras que estipulam as exigências para que algo possa ser validado como saber). Além destes, os procedimentos internos também incluem o ritual, as sociedades de discurso, as doutrinas e a apropriação social do discurso, todos voltados para a rarefação dos sujeitos que falam.
46	SILVA (2003)	SILVA, ALZIRA KARLA ARAÚJO DA. Ciência da Informação e Educação: (re)significando a formação de cidadãos-leitores - discursos e práticas. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2003, Belo Horizonte. Anais.... Belo Horizonte: ANCIB, 2003.	O texto utiliza a Análise do Discurso (AD) como principal ferramenta teórico-metodológica para a análise e interpretação dos dados. A AD é definida como uma teoria crítica que articula os domínios linguístico, histórico e social, funcionando como um dispositivo de análise que relaciona o campo da língua e o campo da sociedade. Especificamente, a análise e interpretação dos dados são realizadas através da AD, conforme a tipologia de Orlandi, baseando-se nas contribuições de Michel Pêcheux (1993) e Eni Orlandi (1996, 1998). Essa abordagem permite desvelar os não-ditos e interpretar os efeitos de sentidos presentes nas práticas informacionais. A metodologia da AD, nesse contexto, procura problematizar as reflexões estabelecidas pela linguística, focando na determinação dos processos de significação, e observando o uso da linguagem em suas determinações concretas, atentando para o aspecto fragmentário, múltiplo e histórico-social.
47	SILVA; LOUREIRO; SOUZA (2016)	SILVA, EDCLEYTON BRUNO FERNANDES; LOUREIRO, JOSÉ MAURO MATHEUS; SOUZA, EDIVÂNIO DUARTE. A Ciência Da Informação E Seus Discursos: Uma Abordagem Da Ordem Do Discurso De Michael Foucault. REVISTA FSA (FACULDADE SANTO	O documento emprega várias abordagens teóricas para a análise e a edificação dos discursos presentes no campo da Ciência da Informação (CI). A principal teoria de análise do discurso utilizada é a abordagem sobre a ordem do discurso de Michael Foucault, com o objetivo de verificar os discursos na CI. Essa abordagem foca na narrativa do arcabouço do discurso como o caminho para a "verdade", onde a verdade é vista como não absoluta, mas produtora de subsídios que geram aspectos como o desejo e o poder. O processo de construção do discurso é interpretado pela formação discursiva e pela arqueologia do saber de Foucault, que busca explicitar o discurso e identificar as regularidades subjacentes à dispersão de elementos. Para

		AGOSTINHO), v. 13, p. 73-85, 2016.	discutir a evolução e a estrutura do conhecimento científico e do discurso, o texto mobiliza o conceito de paradigma de Thomas Kuhn (2007), que serve para explicar as mudanças epistemológicas nas teorias e visualizar as bases de construção de um campo de conhecimento, como no caso da CI. A discussão sobre o estabelecimento de discursos concebidos como válidos no campo da ciência também se apoia nos critérios pré-estabelecidos, conforme Bachelard (1996), que enfatiza o constante questionamento da estrutura da ciência. Além disso, a relação intrínseca entre a CI e a Comunicação é pautada pelo discurso da teoria matemática de Shannon (1948), que retrata o processo comunicativo como uma "linha reta" e permite quantificar os aspectos da mensagem.
48	SOUZA; DIAS (2011)	SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A Epistemologia Interdisciplinar na Ciência da Informação: estratégias do discurso contemporâneo integrador. In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2011, Brasília. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 104-121.	A investigação utiliza a Análise do Discurso (AD) da escola francesa, fundada por M. Pêcheux, como perspectiva teórica fundamental para a compreensão do discurso da interdisciplinaridade. Essa abordagem permite alcançar os meandros do discurso, movendo-se do dito presente na materialidade discursiva para o não-dito, o qual é constitutivo do sentido. O não-dito é acessado através dos implícitos e silenciamentos, que revelam os efeitos de sentido para além das proposições lógicas. As noções que possibilitam a compreensão do não-dizer, e que são mobilizadas na análise, incluem as condições de produção (amplas e restritas), a formação ideológica, o interdiscurso (definido como o espaço do pré-construído) e a formação discursiva (que determina o que pode ser dito numa dada formação ideológica). O dispositivo de análise da AD, que correlaciona a teoria e os procedimentos de análise, enfatiza a relação entre língua e história, ou a relação língua-exterioridade, e distingue o não-dito em duas formas: o pressuposto e o subentendido. Adicionalmente, o texto faz referência ao discurso autoritário, caracterizado pelo apagamento das diferenças, e ao discurso polêmico, que rompe as estabilidades e evidencia as disputas de sentido no processo discursivo.

49	SAMPAIO; SILVA; LIMA (2021)	SAMPAIO, D. B.; SILVA, D. M. F.; LIMA, I. F. O discurso androcentrado da Ditadura Militar: diálogo entre Althusser, Ricouer e McGarry sobre silêncio, memória e censura a lésbicas. In: XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2021, Rio de Janeiro. Anais do XXI ENANCIB. Rio de Janeiro: IBICT/ANCIB, 2021. p. 1-15.	O texto utiliza diversas teorias para a análise do discurso, da informação e da memória relacionados à repressão da lesbiandade durante a Ditadura Militar Brasileira. O arcabouço teórico central baseia-se em Louis Althusser (1970), que fornece a compreensão dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Aparelhos Repressores de Estado (ARE), mecanismos essenciais utilizados pelo Estado para legitimar a ordem vigente e promover uma identidade una, utilizando, por exemplo, o AIE da Informação e o AIE Cultural na prática da censura. O diálogo teórico inclui a perspectiva memorialística de Paul Ricouer (2007), que aborda os abusos da memória (impedida, manipulada e obrigada) para discutir como a justiça é reforçada ou impedida pelo uso da memória, e como a ideologia atua na distorção da realidade e legitimação do sistema de poder. A investigação também emprega o pensamento de Kevin McGarry (1999) sobre o contexto dinâmico da informação, que enfatiza como a informação é mediada pela cultura, que é dinâmica e arbitrária em sua seleção de crenças, registros e artefatos, influenciando, por sua vez, a construção de memórias socioculturais. Adicionalmente, o trabalho se apoia em Judith Butler (1997) para analisar a visibilidade e invisibilidade do corpo lésbico, observando que a "alocução insultante" pode, paradoxalmente, conferir existência social e sobrevivência linguística ao sujeito; em Joan Scott (1998), que ressalta que tornar o movimento visível quebra o silêncio e abre novas possibilidades; e em Michel Foucault (2014), ao tratar da docilização dos corpos para os tornar úteis à ordem vigente. Por fim, são utilizadas as categorias de Michael Pollak (1989) sobre memórias subterrâneas que persistem em disputa com as memórias hegemônicas, e de Icléia Thiesen (2013) sobre a memória institucional, que reflete as formalizações das culturas por meio de um processo seletivo e jogos de poder.
50	BERNARDINO (2011)	BERNARDINO, M. C. R. Responsabilidade social e aplicação da Ciência da	O artigo emprega a Análise do Discurso (AD) como metodologia, descrita como uma prática originada no campo da linguística e da comunicação que se propõe a analisar construções ideológicas, tratando o discurso como uma prática social. Esta investigação se baseia na

		Informação: amparada nos discursos dos teóricos. Revista EDICIC, v. 1, p. 71-81, 2011.	análise do discurso de Foucault (2005), que define o discurso como um conjunto de enunciados apoiado na mesma formação discursiva, que é constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência. No âmbito da AD, o discurso é entendido como uma prática ou ação do sujeito sobre o mundo, devendo ser contextualizado como um acontecimento, onde o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. A unidade do discurso é um efeito de sentido, e o sentido, conforme Orlandi (1999), não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo histórico. A conversação entre textos produz o dialogismo, que Bakhtin (citado através de Brait, 2005) estabelece como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso; esse processo gera o interdiscurso, que reflete o dito no não dito e se encontra implícito. Além disso, a análise do discurso trata a fala e os textos como organizados retoricamente, enfatizando a forma como o discurso se torna persuasivo (GILL, 2008), sendo que a retórica e a hermenêutica são mencionadas como possíveis ferramentas para a interpretação do conteúdo da informação e de suas consequências para a prática social.
51	OLIVEIRA (2015)	OLIVEIRA, J. C. A. ANÁLISE DOS EX-VOTOS DAS AMÉRICAS A PARTIR DO DISCURSO E DA SUA REPRESENTAÇÃO PARA OS ESTUDOS DA MEMÓRIA SOCIAL E DA FOLKCOMUNICAÇÃO. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 12, p. 7-23, 2015.	O texto utiliza o campo da Análise do Discurso como uma lente para interpretar os ex-votos das Américas. A teoria da análise do discurso que o texto explicitamente mobiliza é a de Eni Orlandi, que busca problematizar as maneiras de ler e incentivar o sujeito falante ou o leitor a se questionar sobre o que é produzido e ouvido nas manifestações da linguagem, reconhecendo a inevitável submissão à linguagem e a opacidade dos signos. Para Orlandi, a análise do discurso (AD) não se concentra na língua ou na gramática, mas sim no discurso, que é definido etimologicamente pela ideia de curso, percurso, correr por, de movimento, sendo, portanto, a palavra em movimento ou a prática de linguagem. Ao estudar o discurso, a AD permite observar o homem falando, especialmente na espontaneidade de manifestações como os bilhetes e cartas ex-votivos, e reforça que não há neutralidade mesmo no uso mais cotidiano dos signos.

52	MAUCH; BARROS (2023)	MAUCH, J.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Aportes da análise do discurso para o tratamento temático de literatura. BIBLOS (RIO GRANDE), v. 37, p. 1-21, 2023.	O documento baseia sua análise na Análise do Discurso (AD), que surgiu entre 1960 e 1970, tendo como marco inaugural a publicação de <i>Análise Automática do Discurso (AAD)</i> de Michel Pêcheux em 1969. Especificamente, o trabalho explora a Análise do Discurso Literário (ADL), uma ramificação da AD de linha francesa, tendo Dominique Maingueneau como seu principal expoente. O tratamento da obra literária como discurso é feito ao unir a instituição literária à enunciação, construindo uma identidade enunciativa. A enunciação é um dispositivo que engloba todos os participantes e fatores que condicionam a sua viabilidade, sendo que as condições do dizer atravessam o dito. Para aprimorar a compreensão do sujeito e do contexto de enunciação, são empregados conceitos chave: o ethos discursivo, que se refere à imagem do enunciador construída no discurso em suas múltiplas relações; e a paratopia, que significa um lugar "ao lado de" a sociedade, representando o espaço discursivo marginalizado que permite a enunciação ao autor. Adicionalmente, o texto faz menção à teoria da Polifonia da Enunciação de Oswald Ducrot, que contesta a unicidade do sujeito falante e propõe múltiplas vozes internas ao enunciado. Maingueneau também é citado por sua distinção das três instâncias de subjetividade no discurso: a pessoa, o escritor e o inscitor.
53	ROSA; BARROS; LAIPELT (2023)	ROSA, S. S.; BARROS, Thiago Henrique Bragato; LAIPELT, R. C. F. O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação,	A investigação utiliza a Análise do Discurso (AD) como método e teoria central para identificar elementos ideológicos e históricos nas formações discursivas do discurso antivacina no Brasil. A AD é compreendida, conforme Orlandi (2020), como uma metodologia que visa entender as construções sociais, históricas e ideológicas presentes no conteúdo dos textos, considerando a língua como trabalho simbólico, constitutivo do homem e da sua história, e não apenas como estrutura, mas como acontecimento. Especificamente, a análise discursiva emprega o percurso metodológico desenvolvido por Barros (2017), que se baseia nos trabalhos de Pêcheux e Fuchs (1975) e Orlandi (2020). Essa proposta é articulada em três etapas principais: a Enunciação/superfície linguística (o discurso concreto, que mobiliza os conceitos de <i>Esquecimento 1</i> — inconsciente — e <i>Esquecimento 2</i> — consciente); o Esquecimento 2

		Informação & Inovação em Saúde, v. 17, p. 616-632, 2023.	(consciente)/paráfrase/objeto discursivo, que busca anular a ilusão de que o sentido está apenas no texto e transforma a superfície linguística em objeto teórico; e o Esquecimento 1 (inconsciente)/discurso/processo discursivo, momento em que se verifica a materialidade linguística e se relacionam o discurso com a ideologia, verificando relações antagônicas, paráfrases, metáforas e sinonímias. O objetivo dessa abordagem é identificar as marcas do discurso e as formações discursivas (como os sentidos se organizam) e formações ideológicas (de onde os sentidos vêm).
54	COSTA; BARROS (2023)	COSTA, M. O.; Barros, T.H.B. A Discursividade no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação um estudo da formação ideológica e discursiva no Grupo de Trabalho 2. TENDÊNCIAS DA PESQUISA BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 16, p. 1-26, 2023.	O estudo se fundamentou na Análise do Discurso (AD) de origem francesa, sendo guiado principalmente pelos referenciais teóricos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Pêcheux é tido como o principal fundador da AD de vertente francesa, tendo contribuído para o arcabouço teórico e a materialidade da disciplina, e sua proposta teórica resultou da união da "tríplice aliança" dos autores Saussure, Marx e Freud, que juntos deram surgimento aos conceitos de sujeito, materialismo histórico e língua. Foucault é destacado por ter contribuído de forma significativa para o arcabouço teórico da AD francesa, incluindo a noção de formação discursiva e seus estudos sobre poder. Além desses autores principais, o texto cita Jean Dubois como diretamente ligado à emergência da AD francesa. Os conceitos específicos da AD utilizados na pesquisa foram o de sujeito (aquele que fala a partir de uma posição social ligada a condições ideológicas), discurso (conjunto de enunciados linguísticos por onde se propaga uma ideologia), formação discursiva (FD) (conjunto de regras que determina o que pode ser dito, conforme Foucault), e formação ideológica (FI) (rede que interliga e direciona os discursos produzidos nas formações discursivas, conforme Brandão).
55	EVANGELISTA; BARROS (2021)	Evangelista, Isadora Victorino; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Uma análise do discurso	O texto utiliza a Análise do Discurso (AD) como teoria e método, a qual é conceituada como um arcabouço teórico comprometido com as questões do sentido do texto em seu contexto social, histórico e ideológico. A AD busca analisar e identificar <i>enunciados</i> , <i>posições</i>

		sobre a temática acesso aberto nos anais do EDICIC Ibérico no período de 2013 a 2017. BIBLIOS (LIMA), v. 1, p. 17-34, 2021.	<i>ideológicas e formações discursivas</i> dentro das produções textuais. Nesta perspectiva, a produção textual atua como um objeto onde se inscreve o discurso e a ideologia, sendo o discurso um sistema aberto, que parte da língua (a materialidade do texto) e é atravessado pela ideologia e circunscrito por sua própria história. A literatura sobre AD é também representada pela metáfora que relaciona o discurso a uma rede de sentidos que se transforma em um tecido discursivo (citando Barros, 2015), e é caracterizado como a "palavra em movimento, prática de linguagem" (conforme Orlandi, 2007), revelando "furos" no texto que remetem à sua construção social, ideológica e histórica. Especificamente, a análise discursiva realizada no trabalho toma por base a metodologia desenvolvida por Barros (2017), em relação aos enunciados elencados.
56	SCARTASSINI; BARROS (2021)	SCARTASSINI, V. B.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. FEMINISMO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO. Informação & Informação (Online), v. 26, p. 450-477, 2021.	O artigo utiliza a Análise de Discurso (AD) como método norteador, sendo esta um desdobramento teórico-metodológico que possui cunho filosófico, linguístico e histórico. Essa metodologia interdisciplinar se baseia em elementos da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise para a compreensão documental, discursiva e ideológica do objeto de análise. A AD foi desenvolvida a partir dos estudos de Michel Pêcheux na metade do século XX, o qual é responsável por criar a linha francesa nos estudos de AD. Posteriormente, Michel Foucault é citado como um importante expoente e divulgador da metodologia. Dentro dessa perspectiva, a AD considera a produção textual como um objeto de inscrição do discurso e da ideologia, tratando o discurso como um espaço aberto que parte da língua, tem o texto como sua materialidade e é atravessado pela ideologia.
57	MARTINS; BARROS; MORAES (2019)	Martins, W. R.; BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. PERSPECTIVAS DISCURSIVAS NA FORMAÇÃO DO CONCEITO	O referencial teórico da análise apresentada está estritamente delimitado à tradição francesa em Análise do Discurso (AD), baseada nos trabalhos de Michel Pêcheux, precursor dessa linha, e de Eni P. Orlandi, referência no contexto brasileiro. A AD busca compreender como um texto significa, trabalhando com a relação existente no tripé língua-discurso-ideologia, e

		DE DESCRIÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVÍSTICA. AGORA (FLORIANOPOLIS), v. 29, p. 1-13, 2019.	tratando o discurso como a materialização da ideologia. O texto descreve a evolução teórica da AD por meio das fases propostas por Pêcheux: a AD-1, calcada na ideia de discurso estável e homogêneo; a AD-2, que introduz a temática da formação discursiva como dispersão dos enunciados; e a AD-3, caracterizada pela perspectiva do interdiscurso e da heterogeneidade discursiva. A heterogeneidade é detalhada em enunciativa (vozes evidentes) e constitutiva (vozes não explícitas), sendo esta última a que dá origem ao interdiscurso e evidencia o "não dito". No que tange à produção de sentido e à enunciação, são empregados os conceitos de esquecimento número 1 (constitutivo de subjetividade, inconsciente) e esquecimento número 2 (esquecimento enunciativo), o qual legitima o discurso expresso em detrimento do não dito e causa a ilusão referencial. O trabalho metodológico na análise discursiva concentra-se no processo de de-superficialização, que investiga "como se diz, o que se diz e em que circunstâncias", e utiliza os conceitos de paráfrase (que representa a estabilização, o retorno ao mesmo dizer, a memória) e polissemia (que representa o deslocamento, a ruptura de sentido e o equívoco), sendo este jogo entre o mesmo e o diferente que move os sujeitos e os sentidos. Além disso, o texto menciona a contribuição da Psicanálise ao deslocar a noção de homem para a de sujeito, constituído na relação com o simbólico e a história.
58	LIBONATI; BARROS (2019)	LIBONATI, D. G.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. O discurso em ontologias: uma abordagem a partir da Semiótica Discursiva. Informação & Informação (Online), v. 24, p. 78-103, 2019.	O texto baseia a sua análise na Semiótica Discursiva, também denominada teoria greimasiana ou francesa, a qual é utilizada como ferramenta teórica para compreender como os elementos sociais, históricos e ideológicos se manifestam na representação do conhecimento, como nas ontologias. Embora a Semiótica Discursiva tenha suas bases na teoria do signo linguístico de Ferdinand du Saussure, que define o signo como a união de significante e significado, a teoria greimasiana rompe com essa premissa ao afirmar que a língua é uma reunião de estruturas de significação, e não um mero sistema de signos. Para explicar como a significação ocorre e como o discurso tem seu sentido apreendido, a Semiótica Discursiva utiliza o modelo do Percurso Gerativo de Sentido (PGS), que organiza a formação do sentido em níveis

			progressivos de complexidade. O PGS se divide em estruturas semionarrativas, que englobam o nível profundo (organização e categorização dos semas) e o nível de superfície (onde os actantes, como sujeito, objeto, destinador e destinatário, atuam por meio de enunciados e interações), e as estruturas discursivas. Estas últimas são o nível mais superficial, onde se visualizam os aspectos sócio-histórico-ideológicos de um discurso, realizando-se através da discursivização (que inclui actorialização, temporalização e espacialização) e da semântica discursiva (que inclui tematização e figurativização). O conceito de discurso em si, dentro dessa abordagem, confunde-se com o de processo semiótico, e a sua concretização carrega as condições de produção sócio-histórico-ideológicas.
59	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	EVANGELISTA, I. V.; BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. Uma análise do discurso da dimensão cultural da International Society for Knowledge Organization. <i>Informacao & Sociedade-Estudos</i> , v. 28, p. 37-47, 2018.	O artigo se centra na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, sendo a metodologia baseada nos trabalhos de Michel Foucault e estudada por Pêcheux e seu grupo, caracterizando-se por buscar a ruptura de ideologias e evidenciar as relações entre dominados e dominantes. A AD possui como tríade a língua, o discurso e a ideologia, e sua base teórica alia o conceito de Linguística estrutural (conceituada por Saussure) com as ideias de Freud (para interpretações do subconsciente) e Marx (relativas às questões econômicas), revelando elementos históricos e ideológicos por meio de extratos textuais. A trajetória da AD inclui um primeiro momento, quando Pêcheux a fundamenta na Análise Automática do Discurso, e um artigo de Z. S. Harris que revela uma preocupação estrutural; um segundo momento, onde Pêcheux relaciona a AD às obras de Foucault (como <i>Arqueologia do Saber</i>, <i>A ordem do discurso</i> e <i>As palavras e as coisas</i>), utilizando o método arqueológico para analisar as relações entre discurso e práticas dominantes, e empregando conceitos como acontecimento discursivo, enunciados, formação discursiva, práticas discursivas e arquivo. No âmbito Foucaultiano, o controle do discurso é regulamentado pelo autor, e por outros sistemas como as disciplinas (que definem o que é verdadeiro ou falso) e as doutrinas (que limitam o acesso ao discurso). Posteriormente, em um terceiro momento (década de 80), o grupo de Pêcheux

			se aproxima dos textos de Michael Bahktin, entendendo a AD como uma área semiológica e estabelecendo os termos memória discursiva e interdiscursividade.
60	BARROS (2017)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. DISCURSO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO: PERSPECTIVAS INICIAIS À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE, v. 11, p. 26-33, 2017.	O estudo destaca-se fundamentalmente na Análise do Discurso Francesa (AD Francesa), que se articula como uma disciplina de entremeio, tendo como principais expoentes Michel Pêcheux e Jean Jaques Coutine. A estrutura teórica da AD Francesa, que se opõe à AD Anglo-saxã, apoia-se em quatro regiões principais: o materialismo histórico, que atua como teoria das formações sociais e das ideologias; a linguística, que aborda os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação (também associada à teoria da enunciação); a teoria do discurso, focada na determinação histórica dos processos semânticos; e a teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, que atravessa e articula as demais. O referencial de Pêcheux é crucial para conceitos como a Formação Discursiva (FD), que, juntamente com a Formação Ideológica (FI), define o espaço do que pode ser dito e as condições de produção do discurso. Além disso, o texto faz referência à reformulação da Análise Automática de Discurso (AAD) e discute a contribuição de Michel Foucault, cujo papel como teórico do discurso é considerado marginal à sua obra principal, mas fundamental para a formulação de conceitos como práticas discursivas e para a estruturação metodológica emprestada à AD a partir do seu projeto arqueológico. O texto também contrasta a AD Francesa com as teorias da gramática transformacional de Chomsky e a Análise Crítica do Discurso, que foram mais difundidas na América do Norte, e cita Jacques Derrida como um autor lembrado no percurso, frequentemente classificado como pós-estruturalista.
61	BARROS (2017)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso, documento e arquivística: trajetória de uma área. PESQUISA BRASILEIRA EM	O aporte metodológico do artigo fundamenta-se na Análise do Discurso (AD), concebida como um desdobramento teórico da efervescência filosófica, científica e política da França do final dos anos de 1960, e calcada fortemente nos estudos de Michel Pêcheux. A AD utiliza a análise da linguagem francesa e possui filiações teóricas demarcadas entre o marxismo por meio do

		CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, v. 12, p. 97-110, 2017.	materialismo histórico, e a linguística por meio da teoria de enunciação, sendo uma abordagem interdisciplinar. Central para a análise é o conceito de formação discursiva, apropriado pela área da análise do discurso da obra de Michel Foucault, que é compreendido como uma instância superior ao discurso que faz com que as palavras derivem seus sentidos e sejam determinadas ideologicamente. O procedimento de análise, sintetizado por Pêcheux e Fuchs (1975), envolve a superfície linguística (o discurso concreto afetado pelos esquecimentos 1 e 2), o objeto discursivo (resultado da análise linguística que anula a ilusão/esquecimento nº2, que é a ideologia), e o processo discursivo (obtido pela dessintagmatização, que incide na zona da ilusão/esquecimento nº1, o subconsciente). Dessa forma, a abordagem visa desnudar a atuação da ideologia e do esquecimento número 2, retirando a aparente naturalização presente nos textos por meio da teoria da enunciação e, por fim, chegando ao centro dos esquecimentos por meio da teoria do discurso.
62	BARROS (2017)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA PANORÂMICA DO BRASIL E CANADÁ. BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE, v. 11, p. 67-72, 2017.	O arcabouço teórico-metodológico do artigo se fundamenta na Análise do Discurso (AD), especificamente na matriz francesa, sendo um desdobramento teórico da efervescência filosófica, científica e política da França do final dos anos de 1960. Esta abordagem interdisciplinar filia-se fortemente aos estudos de discurso desenvolvidos por Michel Pêcheux e incorpora o conceito de formação discursiva, apropriado da obra de Michel Foucault. As filiações teóricas da AD se demarcam entre o Marxismo, por meio do materialismo histórico, e a Linguística, por meio da teoria de enunciação. A metodologia da AD, cujos procedimentos foram sintetizados por Pêcheux e Fuchs em 1975, visa desnudar a atuação da ideologia, conhecida como o "esquecimento número 2", a partir da teoria da enunciação, bem como trabalhar a questão da dessintagmatização por meio da teoria do discurso para atingir o centro dos esquecimentos, que é o subconsciente ("esquecimento número 1"). Para a análise, os procedimentos de Pêcheux e Fuchs desdobram-se na análise da superfície linguística, do objeto discursivo e do processo discursivo.

63	BARROS (2025)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. ANÁLISE DO DISCURSO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: LIMITES E FRONTEIRAS. In: Vânia Lisbôa da Silveira Guedes, Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa, Antônio José Barbosa de Oliveira, Maria José Veloso da Costa Santos. (Org.). Organização do Conhecimento e Análise do Discurso: possíveis interlocuções. 1ed. Rio de Janeiro: FACC/UFRJ, 2025, v. 1, p. 5-25.	O artigo baseia-se em uma constelação de abordagens da Análise do Discurso (AD) para examinar a complexa interação entre texto, contexto e estruturas ideológicas na Organização do Conhecimento (OC). A reflexão é centralmente ancorada nas contribuições teóricas de Michel Pêcheux, cuja teoria do discurso se fundamenta no materialismo histórico e na enunciação, tendo como base filosófica a obra de Louis Althusser. A abordagem de Pêcheux, que concebe o discurso como materialidade histórica e linguística, distingue-se da noção de linguagem como sistema fechado proposta por Ferdinand de Saussure, reforçando sua conexão com o marxismo. Outra influência destacada é a de Michel Foucault, cujas reflexões sobre como o discurso molda a subjetividade e as relações entre poder e conhecimento são profundas. O campo teórico é enriquecido ainda pela investigação de Jacques Derrida sobre a instabilidade dos significados na linguagem e as práticas arquivísticas. O autor também se baseia em uma leitura crítica de estudiosos que aplicam essas perspectivas à Ciência da Informação, incluindo Elisabeth Orlandi, Bernd Frohmann, Tom Nesmith, Campbell e Terry Cook. Por contraste com a linha francesa, são mencionadas outras estruturas linguísticas e analíticas presentes em contextos norte-americanos, como a gramática transformacional de Chomsky e diversas formas de Análise Crítica do Discurso (ACD).
64	BARROS; EVANGELISTA (2024)	BARROS, Thiago Henrique Bragato; Evangelista, Isadora Victorino. ASPECTOS ÉTICOS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS EVENTOS DA ISKO INTERNACIONAL. In: Carlos Cândido de ALMEIDA, Rosa SAN SEGUNDO, Daniel MARTÍNEZ -	O estudo se debruça na Análise do Discurso (AD) como fundamento metodológico, a qual é uma metodologia que surge por meio dos estudos de Pêcheux e se relaciona com os textos de Foucault. O quadro epistemológico da Análise do Discurso é delineado pela articulação de três áreas: o materialismo histórico (a partir da construção ideológica e das formações sociais), a linguística (na compreensão da sintática e dos enunciados), e a teoria do discurso (na determinação da historicidade dos processos semânticos). Para tanto, é necessário que haja uma interpelação – ou assujeitamento – do sujeito para identificar suas instâncias ideológicas e a reprodução dessas relações, sendo que a reprodução contínua das relações de classes, neste contexto, é designada por Althusser como "aparelho ideológico do Estado". Essa

		ÁVILA. (Org.). Estudos críticos em organização do conhecimento. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024, v. 1, p. 165-191.	abordagem teórico-metodológica é empregada para oferecer uma teoria crítica sobre o <i>corpus</i> analisado e evidenciar as rupturas ideológicas e as relações entre dominados e dominantes no ambiente da ISKO.
65	BARROS (2021)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. A Análise Discurso de Michel Pêcheux e a Organização do conhecimento: possibilidades teórico-metodológicas. In: Amorim, Igor Soares. Sales, Rodrigo de.. (Org.). Ensaio em organização do conhecimento. 1ed.Florianópolis: UDESC, 2021, v. 1, p. 61-78.	O texto concentra-se principalmente na Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux como um campo de conhecimento interdisciplinar, que busca discutir os aspectos ideológicos, sociais e políticos subjacentes ao discurso e é entendido, simultaneamente, como acontecimento e estrutura. As filiações teóricas basilares da AD de Pêcheux estão ancoradas no materialismo histórico (marxismo) e na linguística, especificamente por meio da teoria de enunciação. Dentro dessa estrutura, a formação discursiva é uma noção fundamental, representando uma instância superior ao discurso do texto, onde os sentidos são constituídos e determinados ideologicamente, sendo um conceito que tem pontos em comum com o que Michel Foucault elaborou em relação ao discurso. Outros autores e teorias são citados em relação aos fenômenos epistemológicos da Ciência da Informação, como Foucault e Jacques Derrida, frequentemente lembrados por suas perspectivas antipositivas, apesar de Foucault ser considerado marginal à teoria do discurso em si. O texto também contrasta a AD francesa com as teorias mais difundidas no contexto norte-americano, como a Gramática Transformacional de Chomsky e a Análise Crítica do Discurso (ACD). Os procedimentos da AD de Pêcheux envolvem as noções de Superfície Linguística, Objeto Discursivo e Processo Discursivo, visando desnudar a atuação da ideologia e do subconsciente presentes nas produções textuais.
66	SILVA; BARROS (2017)	SILVA, A. M. S.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso e Arquivística: Uma análise	O artigo utiliza o quadro teórico metodológico da análise do discurso (AD) de matriz francesa, a qual serve como instrumento para a análise de textos técnico-científicos. A AD, reconhecida por sua natureza especulativa e interpretativa, aborda os fenômenos extralinguísticos, que são

		enunciativa do termo pós-custodial no contexto português e brasileiro. In: BORGES, M.M. & CASADO, E.L. (Org.). A Ciência Aberta: o Contributo da Ciência da Informação. 1ed.Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2017, v. 1, p. 1435-1447.	a condição exterior ao sistema da língua e cruciais para a compreensão enunciativa. O discurso é conceituado como um objeto que é, ao mesmo tempo, linguístico e histórico, exigindo a análise simultânea desses dois elementos, conforme a definição citada de Gregolin (1995). A metodologia trabalha fundamentalmente com o sentido e a intencionalidade, buscando interpretar o que está para além dos enunciados. Nessa perspectiva, o discurso é direcionado à compreensão da parte enunciável que se compõe em uma perspectiva ideológica, sendo o enunciado formado por ideologias. A interpretação dos sentidos leva em conta as condições de produção e a heterogeneidade dentro de um discurso. Além disso, a análise discursiva incorpora a noção foucaultiana de que o discurso se estabelece em uma relação de poder e é "aquilo por que, pelo que se luta". Orlandi (2012; 2015) é citada como referência para o dispositivo teórico e analítico da interpretação, para a identificação das significações e para a formação do enunciado por conotações ideológicas. A contribuição da AD para a análise de produções textuais teórico-científicas também é referenciada por Barros (2013; 2015).
67	BARROS (2015)	BARROS, Thiago Henrique Bragato. Análise do Discurso e Arquivística: elementos históricos e epistemológicos na representação em arquivos. In: Jon Zabala Vázquez; Rodrigo Sánchez Jiménez; María Antonia García Moreno. (Org.). Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital. 1ed.Madrid:	A discussão baseia sua análise da Arquivística no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD), a qual é vista como uma aproximação interdisciplinar da linguística com a Sociologia e a História. A principal teoria da AD empregada é a perspectiva foucaultiana, especificamente a análise arqueológica de Foucault, que busca enunciar que a ciência da História e as ciências humanas são reguladas pela ideologia e pelo poder, e visa compreender o funcionamento dos discursos que constituem as ciências humanas. A linha de pensamento de Foucault no núcleo desse quadro metodológico é responsável pela formulação de conceitos fundamentais como prática discursiva, formação discursiva e formação ideológica. O texto também utiliza as reformulações da teoria da AAD (Análise Automática do Discurso) iniciadas a partir de Pêcheux, em especial a formulação da noção de formação discursiva, que posteriormente leva às noções de interdiscurso e memória discursiva, consideradas

		Universidad de Complutense, 2015, v. 1, p. 1-15.	importantes no estágio atual da AD. Pêcheux e Fuchs estabelecem o quadro epistemológico geral da AD como uma disciplina de entremeio, articulando o materialismo histórico (incluindo a teoria das ideologias), a linguística (teoria dos mecanismos sintáticos e processos de enunciação), e a teoria do discurso (determinação histórica dos processos semânticos), sendo estas regiões atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Além disso, o conceito de efeito de sentido, que representa a relação entre a ideologia e a língua, também é fundamental para uma análise discursiva baseada nestes autores.
68	BARROS; MORAES (2009)	BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. A Construção Discursiva em Arquivística: Aspectos Culturais e Ideológicos. In: Nuria Lloret Romero. (Org.). Nuevas Perspectivas para la difusión y organización del conocimiento. 1ed.Valência: Ed. Universidad Politécnica de Valencia, 2009, v. 1, p. 499-512.	O estudo em questão baseia-se na Análise do Discurso (AD) à francesa, sendo esta uma disciplina chave para o entendimento dos pontos conceituais nas tradições Arquivísticas. A AD surgiu devido ao estruturalismo na França e à confluência de teóricos como Pêcheux, Foucault e Althusser. Para a análise, a base teórica principal é Foucault, complementada pelas abordagens discursivas de Pêcheux. O livro A Arqueologia do Saber de Foucault é fundamental para a compreensão dos conceitos de discurso, enunciado e formação discursiva. Foucault esquematiza o enunciado como uma função que requer um referencial, um sujeito (uma posição que pode ser ocupada), um campo associado e uma materialidade. O discurso pode ser definido por Pêcheux (1991) como "efeito de sentidos entre interlocutores", e também como uma ordem na qual se circunscreve um campo de experiência e de saber possível. Estes conceitos se relacionam com a Formação Discursiva (FD), que é o sistema de formação dos enunciados, funcionando como regra para determinar "o que pode e deve ser dito" por um sujeito em um dado lugar. Por fim, a Formação Ideológica (FI), considerada por Pêcheux (1990) um conjunto complexo de atitudes e representações relacionadas a posições de classes em conflito, compreende os elementos externos que atravessam e modificam a FD.
69	BARROS; COSTA (2022)	BARROS, Thiago Henrique Bragato; COSTA, M. O. ESTUDO	O artigo centra-se como aporte teórico a Análise do Discurso (AD), especificamente a de origem francesa, que se configura como uma abordagem linguística teórico-metodológica que

		DA FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA DO GTCONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO. In: XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2022, Porto Alegre. Anais do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: ANCIB, 2022. v. 23. p. 1-15.	visa identificar discursos em seus espaços enunciativos e explicar posições ideológicas contidas neles, baseada num olhar sócio-histórico. Os dois principais autores utilizados como marco teórico são Michel Pêcheux, tido como o principal fundador da vertente francesa por ter contribuído de forma singular para a disciplina, e Michel Foucault. A emergência da AD francesa está ligada à releitura de três autores (Saussure, Marx e Freud), que formaram a "tríplice aliança" e deram surgimento aos conceitos basilares de Sujeito, História e Língua. No âmbito da pesquisa, os conceitos da AD francesa aplicados para análise foram: Sujeito (o pesquisador que fala a partir de uma posição social e ideológica), Discurso (o conjunto de enunciados linguísticos que propaga uma ideologia), Formação Discursiva (FD) (o conjunto de regras que determina o que pode ser dito e delimita a função dos exercícios enunciativos), e Formação Ideológica (FI) (a rede que interliga e direciona os discursos produzidos nas FDs).
70	BARROS; MORAES (2011)	BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. The Discursive Construction of Archival Science: Conceptual Foundations of a Discipline in Construction. In: The Third North American Symposium on Knowledge Organization, 2011, Toronto Canada. The Third North American Symposium on Knowledge Organization proceedings, 2011.	O trabalho foca fundamentalmente na Análise do Discurso Francesa (ADF), a qual serve como princípio e arcabouço teórico e metodológico para entender as diferenças e similaridades conceituais na Arquivologia. A ADF emergiu no contexto das ideias estruturalistas do final dos anos 1960, sendo influenciada pelos estudos teóricos de Freud e Marx, e por trabalhos iniciais do linguista americano Z.S. Harris. Os autores fundamentais para a base teórica atual da disciplina são Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean Dubois. A Análise do Discurso (AD) busca compreender como um objeto simbólico produz sentido, relacionando-se com os aspectos históricos, ideológicos e psicológicos das produções textuais, visto que a linguagem como discurso é um modo de produção social engajado na intencionalidade e um lugar privilegiado para a manifestação da ideologia. A abordagem de Pêcheux é utilizada para identificar os efeitos entre o texto e seus interlocutores e para entender o efeito metafórico, enquanto a perspectiva de Foucault define o discurso como um espaço histórico permeado por um sentido ideológico, cuja materialidade mais básica é o enunciado. Através da descrição

			da ligação entre enunciados, Foucault possibilita a análise arqueológica do discurso. Além disso, a AD assume que o objeto do discurso não é um dado, mas que depende do trabalho do analista, que busca entender os textos (orais e escritos) como materialidade linguística, conforme a visão de Orlandi.
71	MARQUES; KARPINSKI (2024)	MARQUES, L. B.; KARPINSKI, C. OS ESQUELETOS INDÍGENAS DE SANTA CATARINA: PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO, DISCURSO E MEDIAÇÃO. Perspectivas em Ciência da Informação (on line), v. 29, p. e-51223, 2024.	O documento se baseia na teoria da Análise de Discurso (AD), que surgiu entre pensadores na França nas décadas de 1960 e 1970. O primeiro a repensar o discurso nesse contexto foi Michel Foucault, para quem o discurso tem a finalidade de assegurar a permanência de uma certa representação, sendo originado do projeto totalizante de um sujeito que o converte em autor. Essa função do discurso, em Foucault, está em consonância com a compreensão de Michel Pêcheux, que elaborou que a linguagem materializa a ideologia, manifestando-se na língua em um ciclo que produz diferentes sentidos para as palavras ao longo do tempo. Para Pêcheux, o método de análise do discurso requer, como base epistemológica, o materialismo histórico, a linguística, a teoria do discurso e a abordagem psicanalítico-ideológica do sujeito, visto que o discurso é uma rede de sentidos estruturada na língua, conformada pela história e permeada pela ideologia. O procedimento de AD aplicado no artigo segue a síntese proposta pela linguista brasileira Eni Puccinelli Orlandi (2015), que busca passar do processo discursivo para a formação ideológica, evidenciando a forma como a ideologia se manifesta e estabelece diferentes sentidos, o que se denomina formação discursiva. O método de Orlandi (2015) inclui etapas como a "superficialização do discurso", relacionada ao "esquecimento número 2", e a dessintagmatização, que busca os efeitos subscientes ligados ao "esquecimento número 1" (citando Pêcheux/Fuchs), com o questionamento das intenções baseado na teoria crítica.
72	GOUVEIA JUNIOR; SALCEDO (2016)	GOUVEIA JUNIOR, Mario; Salcedo, D. A Uma arqueologia biblioteconômica: paradigmas,	O artigo examina duas principais perspectivas metodológicas e teóricas para a análise do discurso e a constituição do saber: a perspectiva guinzburguiana e a arqueologia do saber foucaultiana. A primeira abordagem, baseada nas pistas de Carlo Ginzburg, recorre aos "fios

		rastros e discursos. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 14, p. 1-23, 2016.	e rastros" para investigar o que foi dito e registrado ao longo da história da Biblioteconomia, concentrando-se nos testemunhos materiais. Em contrapartida, a análise do discurso é fundamentada na perspectiva foucaultiana, que se concentra nas pistas do não-dito, por meio da Arqueologia do Saber. Esta metodologia constitui o instrumental teórico central do artigo para analisar o discurso de uma área específica do conhecimento, tratando-o não como uma unidade, mas como uma dispersão de elementos. Para Foucault, a análise do discurso é possível ao investigar quatro feixes de relações inter-relacionadas: o objeto, a homogeneidade no estilo de enunciação, a delimitação dos conceitos básicos e os temas e teorias, revelando que o todo do discurso é maior do que a soma de suas partes.
73	ARRUDA; ARAUJO (2021)	ARRUDA, A. M. A.; ARAUJO, R. F. Travestis e pessoas transexuais na mídia alagoana: análise do discurso em portais online. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online), v. 17, p. 1-20, 2021.	A Análise do Discurso (AD) é utilizada no texto como aporte metodológico de pesquisa, articulando ferramentas que buscam a relação da linguagem e do que é dito com as relações internas e externas ao sujeito, explorando o visível, o não visto e o invisível. Teoricamente, a AD nasce de um estruturalismo especulativo que se baseia em matrizes da filosofia e ideologia, mas difere delas ao levar em consideração elementos exteriores à língua, além de estações que todo discurso transcende o paradigma da linguística, refletindo uma prática própria com perspectivas ideológicas. O trabalho se ambienta em Foucault (1970), cuja obra <i>A Ordem do Discurso</i> narra que existem temas excluídos da fala na sociedade e que o discurso revela uma ligação com o desejo e com o poder. Adicionalmente, o autor alude à noção lacaniana do inconsciente coletivo para tratar o papel do sujeito em seu discurso. A aplicação da AD na Ciência da Informação (CI) constitui-se como um recurso para a análise de textos, fortalecendo a CI como ciência social aplicada, ao passo que a própria AD contribui para a ideia da não neutralidade da linguagem.
74	ALENCAR; SALDANHA (2025)	ALENCAR, Patrícia Vargas; SALDANHA, Gustavo Silva. Da	O texto adota o quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, sendo explicitamente de base pecheutiana, conforme as reflexões de Michel

		leitura literária à práxis leitora análise do discurso em Biblioteconomia e Ciência da Informação. TENDÊNCIAS DA PESQUISA BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 18, p. 01-25, 2025.	Pêcheux (2008), que concebe a linguagem como um lugar de conflito e confronto ideológico, constituída por processos histórico-sociais. O referencial teórico da AD, enquanto campo disciplinar da Linguística, é definido pelo entrecruzamento de três domínios científicos: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso, e ele considera o "discurso" como uma instância na qual a materialidade ideológica se concretiza. Adicionalmente, o estudo analisa os discursos a partir da inscrição ideológica e histórica dos enunciados, conforme propostas do filósofo Michel Foucault (2009, 2010), que coloca o discurso como parte central da interpretação da realidade e sustenta a inexistência de um enunciado livre ou neutro; esta perspectiva utiliza abordagens foucaultianas encontradas em obras como <i>A arqueologia do saber</i> e <i>As palavras e as coisas</i> . Dentro deste arcabouço, são considerados os conceitos de "formação ideológica" e "formação discursiva", sendo esta última o conjunto de enunciados que tratam de objetos em um campo específico e que é governada pela formação ideológica.
75	ELLIOTT; AQUINO (2010)	ELLIOTT, Ariluci Goes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da biblioteca da Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB), 2010, Rio de Janeiro. Anais XI ENANCIB. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. v. 01.	O estudo utiliza uma abordagem discursiva como metodologia mais apropriada para a análise dos dados, baseada principalmente nas linhas teóricas de Eni Orlandi (2009) e Patrick Charaudeau (2009). Essa escolha metodológica, que utiliza conceitos de analistas de discurso inscritos em tendências metodológicas distintas, é sustentada pelos pressupostos da "abordagem multireferencial" proposta por Jacques Ardoino (1980), que exige uma "leitura plural" e a quebra de fronteiras disciplinares na compreensão do objeto de estudo. Orlandi (2009) concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, e sua perspectiva analítica visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, além de ver a memória como historicidade em movimento, mas também como um arquivo que organiza e congela sentidos. Em uma direção diferente, Charaudeau (2009) amplia o conceito de discurso ligando-o à Ciência da Informação, definindo-o como o resultado da sequência de três lugares de construção dos sentidos — partindo da produção à recepção, mediado por quem fala e a quem se dirige — e seu modelo de análise exige que a

			informação contemple as funções de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade na imprensa escrita. A fundação teórica da Análise de Discurso (AD) também incorpora Michel Pêcheux (1990), que entende o discurso como "o efeito de sentidos sobre os interlocutores", e Mariani (2003), que afirma que o discurso participa do processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados e fixando sentido para eles. Por fim, a relevância do estudo dos gêneros para a AD, que estabelece relações entre o texto e o contexto social de sua produção, é citada por Fernandes (2010).
76	SOUZA; OLIVEIRA (2007)	Souza, Edivânio Duarte de; OLIVEIRA, D. A. A análise documentária no grupo Temma: dos indícios às evidências da formação de unidades discursivas. <i>Ciência da Informação (Impresso)</i>, v. 36, p. 74-84, 2007.	O artigo fundamenta sua análise na confluência teórico-metodológica entre a bibliometria e a arqueologia do saber de Michel Foucault, sendo esta a principal abordagem utilizada para entender a formação de unidades discursivas. O entendimento do discurso é realizado à luz do conceito de formação discursiva de Foucault (2000), que compreende o discurso enquanto prática, inserindo-se no campo mais amplo do saber e além dos parâmetros da ciência moderna. Essa formação discursiva é vista como um jogo de relações entre enunciados, caracterizado pela dispersão, e a análise arqueológica busca evidenciar as superfícies de emergência do discurso. Para tal, a descrição arqueológica se pauta em três traços característicos dos enunciados apontados por Foucault (2000): a raridade, que explica o interdiscurso existente na prática discursiva; a exterioridade, que se refere à retomada de enunciados conservados ao longo do tempo e dispersos no espaço; e o acúmulo, que trata da densidade dos enunciados considerados. Adicionalmente, a análise empírica da coletânea estudada identificou a Análise do Discurso como uma temática específica e fundamentalmente referenciada na construção do discurso da análise documentária pelo Grupo Temma.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

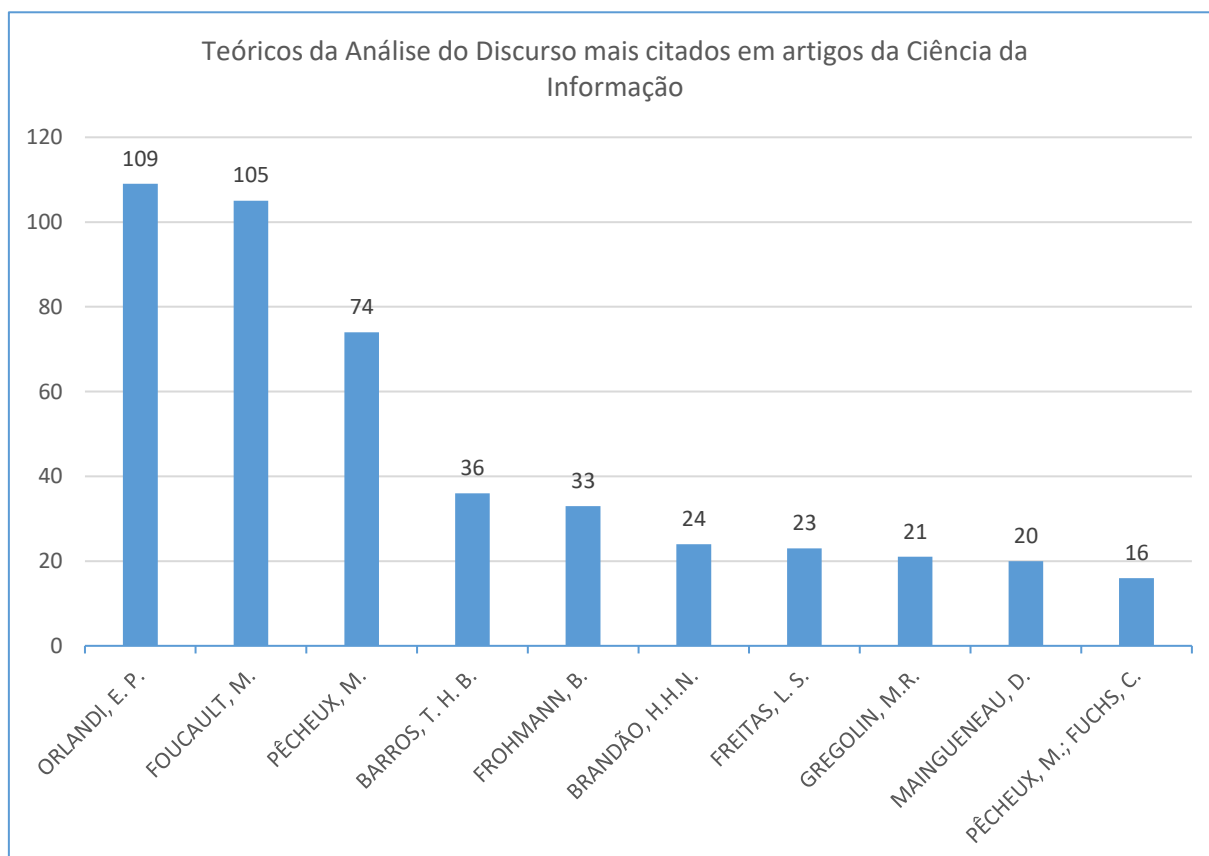
O resumo dos trabalhos apresentados no Quadro 3 demonstra que a Análise do Discurso é um aporte teórico significativo adotado na Ciência da Informação, de maneira ainda tímida, mas que serve como uma ferramenta crítica para investigar a natureza da informação, do conhecimento e das práticas sociais. A prática predominante nos artigos selecionados é a utilização dos termos “Análise do Discurso de Matriz Francesa”; “Análise do Discurso de Corrente Francesa” e “Análise do Discurso Francesa”, vertente que, de acordo com os textos, se caracteriza por ser interdisciplinar e por fundamentar-se na articulação da Linguística, do Materialismo Histórico (marxismo) e da Teoria do Discurso, além de ser atravessada pela Psicanálise – teorias predominantemente associadas a Pêcheux. Desse modo, os debates enfatizam que esta linha metodológica concebe o discurso como “efeito de sentido entre locutores”, como a palavra em movimento e como prática de linguagem, ressaltando que a informação e a linguagem são reguladas e constituídas por aspectos ideológicos, sociais, históricos e políticos. O foco dessa abordagem recai sobre a materialidade do enunciado (*corpora*) e sobre as condições de produção do discurso, que envolvem o contexto histórico-social e as posições dos sujeitos. O detalhamento da análise documental revela que Pêcheux é considerado o principal fundador da Análise do Discurso de vertente francesa. Sua teoria (Análise Materialista do Discurso) articula a linguística saussuriana, o materialismo histórico marxista e a psicanálise freudiana. Conceitos como a relação entre Formação Discursiva e Formação Ideológica, a Teoria dos Dois Esquecimentos (primeiro e segundo) e o entendimento do discurso como materialização da ideologia são centrais em seus trabalhos. Cita-se também Foucault, cujos conceitos centrais nas discussões em Ciência da Informação são a Formação Discursiva (que determina o que pode ou não ser dito em um contexto), a Arqueologia do Saber e a Teoria do Poder. Analisam-se, em Foucault, os procedimentos de controle discursivo, como interdição, segregação, vontade de verdade e a função-autor. Aponta-se Orlandi é a principal referência para a introdução e o desenvolvimento da Análise do Discurso no contexto brasileiro. Verifica-se que ela complementa as visões de Foucault e Pêcheux ao enfatizar a relação língua-discurso-ideologia e a produção de sentidos pelo objeto simbólico. Destaca-se Habermas como teórico proeminente em uma linha diferente, focado na Teoria do Agir Comunicativo e na Teoria do Discurso, utilizadas para discutir a racionalidade e a ética do discurso, especialmente em contextos organizacionais e democráticos. Menciona-se Bakhtin por sua Teoria dos Gêneros do Discurso, que foca

no diálogo, na alteridade e na constituição social da informação. Registra-se a contribuição de Maingueneau para a compreensão da força do enunciado e para os estudos de gênero discursivo, sendo o principal expoente da Análise do Discurso Literária. Identifica-se, por fim, Fairclough como o principal representante da Análise do Discurso Crítica, com sua abordagem dialético-relacional, que examina o discurso em termos de texto, prática discursiva e prática social, sendo influenciado pelo marxismo e por Foucault.

2.4 INCORPORAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: MAPEAMENTO DAS PRINCIPAIS MATRIZES TEÓRICAS.

Após a revisão dos 101 artigos – resultado da análise dos dois mapeamentos na área - que tratam da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, constatou-se que os pesquisadores do campo frequentemente referenciam dez teóricos principais da Análise do Discurso. Esses teóricos estão listados no Gráfico 1, conforme apresentado a seguir:

Gráfico 1 – Teóricos da AD mais citados em artigos da CI



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Neste momento, apresenta-se uma visão teórica abrangente sobre as escolas e abordagens teóricas dos autores mais citados nos artigos científicos analisados no campo da Ciência da Informação.

A primeira autora, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, é pesquisadora brasileira reconhecida como pioneira na área da Análise do Discurso no Brasil, fundamentando-se na teoria pêcheutiana. De acordo com sua concepção, a Análise do Discurso trata de uma língua que está constantemente em processo de produção de sentidos. Para a autora (2019, sem paginação), a língua não se limita a ser um mero filtro instrumental para o uso de palavras, uma vez que:

Nas Ciências Sociais e Humanas tem-se uma visão da língua como algo transparente, que você atravessa para procurar o sentido lá atrás. Com a linguística, aprendi que a língua tem uma ordem nela mesma, que você não a atravessa assim. Não se pode considerar que o sentido é um conteúdo depositado em algum lugar e que você vai procurar. O sentido está na materialidade discursiva, no fato de que a língua para significar tem que se inscrever na história [...].

Ressalta-se que o sentido não é fixo, pois o ser humano é um ser histórico, simbólico e social. Isso implica que não apenas o conteúdo do que é dito, mas também a maneira como é dito, é relevante. As palavras escolhidas para se referir a uma mesma coisa podem, dependendo dos sujeitos ou das situações, resultar em significados completamente distintos. Conforme seu entendimento (2019, sem paginação) a Análise do Discurso é um procedimento de investigação que estuda as interações entre o sujeito, a linguagem e a sociedade:

O que se investiga na análise de discurso que eu pratico é a relação entre o sujeito, a linguagem e a sociedade levando em conta a ideologia e não consideramos nesta nem a linguagem como um instrumento de comunicação ou de informação nem a ideologia como ocultação. Então a análise de discurso representa um corte epistemológico fundamental nas ciências da linguagem ao trazer ao seu estudo a relação entre linguagem e ideologia, porque ao mesmo tempo em que ela faz isso, modifica a própria concepção de o que é linguagem e ideologia. A ideologia, então, nesta perspectiva de trabalho, passa a ser vista não como conteúdo nem como ocultação, mas como constitutiva mesmo do sujeitos e do sentido. Considerando a materialidade da linguagem e seu real.

A Análise do Discurso possui uma relevância evidente, dado que não se pode evitar a influência da linguagem na vida humana, conforme Orlandi (2019, sem paginação):

[...] a análise do discurso importa na medida em que a linguagem importa na vida humana, social, política etc. Mais disciplinadamente, eu diria que ela importa na medida em que nos torna capazes de apreender o funcionamento

da linguagem no mundo, pois trabalho não com a linguagem em si, mas com sujeitos produzindo sentido no mundo. É importante em todos os setores em que a linguagem está presente.

Segundo a autora, a Análise do Discurso reveste-se de grande relevância, considerando a centralidade da linguagem na vida humana, seja em suas dimensões sociais, políticas ou culturais. A linguagem desempenha um papel fundamental na organização e no funcionamento das relações entre os indivíduos e o mundo que os cerca. Nesse sentido, o estudo do discurso adquire importância porque permite compreender como a linguagem opera no contexto das interações humanas e, sobretudo, como os sujeitos produzem e negociam sentidos no espaço social. Ao abordar o discurso, a atenção não recai apenas sobre a linguagem enquanto sistema abstrato, mas sobre o processo pelo qual os indivíduos constroem significados no mundo real, engajados em suas práticas cotidianas. Por isso, a Análise do Discurso é aplicável a qualquer campo em que a linguagem esteja presente, sendo um instrumento significativo para a compreensão dos mecanismos pelos quais se expressam, articulam e transformam suas experiências e percepções da realidade.

O segundo teórico, Michel Foucault, desenvolveu uma obra que abrange diversos campos do conhecimento humano, como a história, a filosofia, a psicologia, a sociologia, a política e a ética. Em seus livros e artigos, buscou-se analisar as formas de poder, saber e subjetividade que caracterizam as sociedades ocidentais modernas. Para isso, desenvolveram-se uma série de conceitos e métodos que permitiram investigar os discursos produzidos em diferentes domínios, como a loucura, a medicina, a prisão, a sexualidade e o cuidado de si. Um dos livros mais importantes de Foucault é *Arqueologia do Saber*, publicado em 1969. Nesta obra, busca-se elaborar uma nova forma de analisar os discursos. Propõe-se uma abordagem que se baseia na noção de descontinuidade, que permite identificar as rupturas, as transformações, as especificidades e as relações entre as diversas séries históricas. Para Foucault (1969), o discurso não é um reflexo da consciência ou da razão humana, mas um conjunto de regras anônimas e históricas que determinam o que pode ser dito e pensado em cada época. O discurso também não é um fenômeno homogêneo ou linear, mas um campo heterogêneo e descontínuo de práticas discursivas que se cruzam e se diferenciam ao longo do tempo. A arqueologia do saber não é um método definitivo ou dogmático, mas um método aberto e provisório, que pode ser modificado ou complementado por outros métodos. Nesse sentido, a

arqueologia do saber constitui-se como método criativo e inovador em 1969, que permitiu produzir novos conhecimentos e novas formas de pensar o homem e o mundo.

O terceiro teórico, Michel Pêcheux (1938-1983), reconhece-se por seu papel na criação de uma abordagem de Análise do Discurso, que se consolidaria posteriormente como a Análise do Discurso Francesa. A influência de Althusser foi significativa para Pêcheux, pois representou uma reorientação em suas concepções filosóficas e políticas. A partir dessa experiência, Pêcheux passou a adotar a perspectiva althusseriana do marxismo, incorporando a ideologia como uma questão central em seus estudos. Essa transformação conceitual foi fundamental para o desenvolvimento de sua obra, que se dedicou a investigar os processos ideológicos subjacentes à produção de sentido na linguagem. Em sua linha de investigação, propõe uma abordagem original para a Análise do Discurso, fortemente influenciada pelo marxismo. Em contraste com a perspectiva foucaultiana, sua proposta incorporou de maneira mais incisiva as concepções teóricas de Althusser, especialmente no que se refere à compreensão da ideologia como um fenômeno discursivo e prático.¹³

O quarto teórico, Thiago Henrique Bragato Barros, em 2015, publicou o livro “Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso: inflexões histórico-conceituais”, pela editora da UNESP, fruto de sua pesquisa de doutorado. A obra utiliza a análise do discurso para traçar um percurso histórico da arquivologia, com foco nos contextos brasileiro, canadense e espanhol.¹⁴ Na observação de Barros (2015, p. 63), “[...] é preciso ponderar o uso que se faz da palavra *escola* neste contexto. Estamos chamando de “escola brasileira” o corpo técnico desenvolvido no Brasil baseado em uma filiação específica, a AD de Michel Pêcheux, que se desenvolveu em torno da dinâmica imposta pela relação entre a língua e a ideologia.” Devido às particularidades históricas e culturais do Brasil, essa vertente da AD foi moldada de maneira distinta daquela que se consolidou na França. Desse modo, a apropriação e a adaptação dos conceitos de Pêcheux no Brasil resultaram em uma configuração teórica própria, que, apesar de manter vínculos com a matriz francesa, produziu novos olhares e interpretações sobre a relação entre discurso, ideologia e práticas sociais.

¹³ Fonte: <https://colunastortas.com.br/autor/michel-pecheux/>

¹⁴ Fonte: <http://lattes.cnpq.br/0339496971217162>

O quinto teórico, Bernd Frohmann, pesquisador de origem alemã, concentrou grande parte de sua trajetória acadêmica no estudo de temas relacionados à teoria da mídia, arqueologia da mídia, bem como às interações entre informação e ética no contexto midiático. Na observação de Frohmann (1994, p. 119, tradução nossa)¹⁵¹⁶, “O tipo de análise do discurso praticado por Michel Foucault e seus seguidores é um método de pesquisa útil em biblioteconomia e ciência da informação (BCI) [...]”, uma vez que “O método permite analisar as formas como a informação, seus usos e seus usuários são construídos discursivamente, especialmente nos discursos teóricos da Ciência da Informação, de modo que o poder sobre eles possa ser exercido de maneiras específicas.” Para o autor, a Análise do Discurso proposta por Foucault e seus seguidores revela-se um método de pesquisa importante para a Ciência da Informação, dado que essa abordagem permite examinar como a informação, seus usos e usuários são discursivamente construídos, particularmente nos discursos teóricos da Ciência da Informação. A relevância dessa análise reside na capacidade de desvelar os mecanismos de poder que permeiam essas construções discursivas, possibilitando compreender como o controle e a influência sobre a informação e seus usuários são exercidos. Ressalta-se que, ao aplicar a metodologia foucaultiana, torna-se possível identificar as dinâmicas de poder que estruturam o campo informacional, proporcionando uma reflexão crítica sobre os modos de produção e circulação do conhecimento e sobre como esses processos influenciam práticas institucionais e sociais. Assim, para o autor, a Análise do Discurso emerge como uma ferramenta metodológica capaz de ampliar a compreensão das relações de poder subjacentes aos discursos informacionais, oferecendo novas perspectivas teóricas para o campo da Ciência da Informação.

A sexta pesquisadora, Helena Hathsue Nagamine Brandão, tem suas áreas de pesquisa voltadas à Análise do Discurso e à Linguística Aplicada ao Ensino, com ênfase em temas como discurso colonial, catequético, propaganda e discurso político, além de enunciação, argumentação, gêneros discursivos e práticas de leitura e escrita.¹⁷

¹⁵ “The kind of discourse analysis practiced by Michel Foucault and his followers is a useful research method in library and information science (LIS) [...]”

¹⁶ “The method permits analysis of the ways in which information, its uses, and its users are discursively constructed, especially in theoretical discourses of LIS, such that power over them can be exercised in specific ways.”

¹⁷ Fonte: <https://dlcv.fflch.usp.br/professora-associada-helena-hathsue-nagamine-brandao>

A sétima intelectual, Lídia Silva de Freitas, tem, atualmente, como principais interesses de pesquisa: epistemologia, história e a arqueologia foucaultiana no campo da informação; as inter-relações entre informação, memória e cultura; o estudo da informação em conexão com a escrita, o documento e a leitura; além da análise das relações entre informação e discurso.¹⁸ Sua reflexão (2010) propõe uma problematização que examina o uso crescente e significativo da Análise do Discurso foucaultiana no campo da informação, abrangendo as áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Para a autora, verifica-se a falta de sistematizações teóricas sobre o tema, sendo necessário preencher essa lacuna.

A oitava pesquisadora, Maria do Rosário Gregolin, tem atuação acadêmica inclui a orientação de doutorados, mestrados e projetos de iniciação científica, bem como a supervisão de pós-doutorados na área de Linguística, com foco especial em Teoria e Análise Linguística.¹⁹

O nono pesquisador, Dominique Maingueneau, desde a década de 1970, concentra seus estudos na Linguística e na Análise do Discurso, particularmente no contexto francês. Aborda-se a Análise do Discurso enfatizando a inseparabilidade entre o texto e o contexto social de sua produção e circulação. Maingueneau ressalta que não há um nível central no discurso, já que todos os seus elementos partem de princípios comuns. Essa concepção rompe com a ideia de hierarquias discursivas fixas e propõe uma visão mais integrada dos fenômenos discursivos. Seu trabalho combina uma abordagem pragmática do discurso com teorias da enunciação, proporcionando contribuições significativas tanto para a teoria literária quanto para os estudos de análise do Discurso.

A décima pesquisadora, Catherine Fuchs, concentra-se em temas fundamentais da sintaxe e semântica da língua francesa, abordando aspectos como a ordem das palavras, a expressão de comparações e o léxico verbal. Seu trabalho examina como a estrutura e a organização das frases em francês influenciam o significado e a interpretação dos enunciados. Além disso, dedica-se ao estudo do construto dinâmico do sentido em contexto, investigando fenômenos linguísticos como ambiguidade, homonímia, polissemia, sinonímia, paráfrase e reformulação. Esses

¹⁸ Fonte: <http://lattes.cnpq.br/1168388763137714>

¹⁹ Fonte: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/92052/maria-do-rosario-de-fatima-valencise-gregolin/>

conceitos são essenciais para entender como diferentes sentidos podem emergir de um mesmo enunciado, dependendo do contexto e das estruturas linguísticas envolvidas. Outro foco de sua pesquisa está na relação entre linguagem e cognição, explorando como o processo linguístico interage com mecanismos cognitivos. Investiga-se também o uso da linguagem no processamento automático, uma área relevante para o desenvolvimento de tecnologias como inteligência artificial e linguística computacional. Por fim, seu trabalho inclui a análise da história das teorias linguísticas, proporcionando uma perspectiva crítica sobre a evolução do pensamento linguístico ao longo do tempo.

A seguir, no Quadro 4, sistematizam-se as vertentes teóricas às quais se filiam os autores-base presentes na produção científica da Ciência da Informação acerca da Análise do Discurso.

Quadro 4 - Abordagens teóricas dos teóricos da AD discutidos na CI

Pesquisador (a)	Formação	Escola teórica / influência	Especificidades e áreas de foco
Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi	Formação em Letras e Linguística	Fundamentação na teoria de Pêcheux.	Pioneira da Análise do Discurso no Brasil; investiga a relação entre sujeito, linguagem e sociedade, considerando a ideologia como constitutiva do sentido e dos sujeitos.
Michel Foucault	Formação em Filosofia e Psicologia	Fundamentação própria da Análise do Discurso (abordagem metodológica foucaultiana)	Foca na descontinuidade histórica, nas relações de poder, saber e subjetividade; propõe que o discurso é um conjunto de regras que determinam o que pode ser dito.
Michel Pêcheux	Filósofo e Linguística francesa	Fundamentação própria da Análise do Discurso (abordagem metodológica influenciada por Althusser).	Fundador da vertente que integra o materialismo histórico; foca na ideologia como fenômeno discursivo e na produção de sentido na linguagem.
Thiago Henrique Bragato Barros	Formação Arquivista e Ciência da Informação	Fundamentação na teoria de Pêcheux	Aplica a Análise do Discurso para traçar o percurso histórico da Arquivologia; adapta conceitos pecheutianos às particularidades históricas e culturais do Brasil.
Bernd Frohmann	Pesquisador alemão, concentrou grande parte de sua trajetória acadêmica no estudo de temas relacionados à teoria da mídia, arqueologia da mídia, bem como às interações entre informação e ética no contexto midiático.	Fundamentação na teoria de Foucault.	Analisa como a informação e seus usuário são construídos discursivamente na Ciência da Informação, revelando os mecanismos de poder no campo informacional.
Hlena Hathsue Nagamine Brandão	Graduação em Letras, Mestrado em Linguística, Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.	Fundamentação teórica compilada de Saussure, Bakhtin, Maingueneau, Orlandi, Foucault entre outros.	Atua em Linguística Aplicada; foca em discurso colonial, político, propaganda e processos de enunciação e argumentação.
Lídia Silva de Freitas	Formação em Ciências Sociais, Mestrado em Ciência da	Fundamentação na teoria de Foucault.	Explora a arqueologia no campo da informação; investiga inter-relações entre informação, memória, cultura e as práticas de escrita e leitura.

	Informação, Doutorado em Ciência da Comunicação.		
Maria do Rosário Gregolin	Mestrado em Teoria e História Literária, Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa.	Fundamentação na teoria de Pêcheux.	Foca na Teoria e Análise Linguística, aplicando a Análise do Discurso para investigar a construção do sentido no discurso social e político.
Dominique Maingueneau	Linguista e professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbone.	Fundamentação na teoria de Foucault.	Enfatiza a indissociabilidade entre texto e contexto social; propõe uma visão integrada sem hierarquias fixas nos elementos do discurso.
Catherine Fuchs	Concentra-se em temas fundamentais da sintaxe e semântica da língua francesa.	Fundamentação na teoria de Pêcheux.	Dedica-se à sintaxe e semântica da língua francesa; estuda a construção dinâmica do sentido, ambiguidade e a relação entre linguagem e cognição.

Fonte: Os autores (2025)

Esses pesquisadores, com suas abordagens distintas, fornecem uma compreensão multifacetada da Análise do Discurso, nas dimensões da linguagem, do discurso e das práticas sociais, contribuindo para um debate amplo e heterogêneo da AD na Ciência da Informação.

Nesse cenário conceitual, a partir de formações e influências distintas, oferece-se uma ampla gama de perspectivas para a compreensão do discurso no contexto informacional. Pêcheux, com sua formação em Letras e Linguística, constitui-se como um dos principais teóricos nesse campo, desenvolvendo uma abordagem metodológica própria da Análise do Discurso. Sua teoria, influenciada por Althusser, é amplamente citada, sendo uma referência para outros autores, como Orlandi, Barros, Fuchs e Gregolin, que utilizam suas ideias para embasar suas pesquisas, respectivamente nas áreas de Ciência da Informação e Língua Francesa. Orlandi, com formação em Letras e Linguística, emprega a teoria pêcheutiana para investigar o discurso na interface entre linguagem e ideologia. Barros, com formação em Arquivologia e Ciência da Informação, destaca-se por aplicar a metodologia de Pêcheux em contextos da Ciência da Informação. Fuchs também se fundamenta em Pêcheux para concentrar-se nas pesquisas relacionadas à sintaxe e à semântica da língua francesa, contribuindo para a compreensão da estrutura linguística no discurso. Gregolin fundamenta seu trabalho na tradição pêcheutiana, aplicando os conceitos da Análise do Discurso à investigação da linguagem, com foco na construção do sentido no discurso social e político. Foucault, filósofo e historiador francês, oferece uma fundamentação metodológica distinta, voltada para as práticas discursivas e as relações de poder. Suas ideias influenciam autores como Frohmann, Maingueneau e Freitas. Frohmann, pesquisador de origem alemão, aplica a abordagem foucaultiana ao estudo da mídia e suas interações com a informação e a ética no contexto midiático. Maingueneau, linguista francês, também se apoia na teoria de Foucault para explorar a materialidade discursiva e a enunciação. Já Freitas, com formação em Ciências Sociais, Ciência da Informação e Comunicação, incorpora a análise foucaultiana para abordar questões sociais no campo da Ciência da Informação. O debate basilar no trabalho de Brandão combina a teoria de Saussure com as contribuições de outros teóricos, como Bakhtin, Foucault e Orlandi, oferecendo uma síntese de várias escolas de pensamento. Portanto, nesse cenário, o debate em torno da Análise do Discurso na Ciência da Informação é marcado por uma pluralidade de

perspectivas teóricas, que vão desde as abordagens estruturais de Saussure até as críticas foucaultianas, passando pela análise marxista de Pêcheux.

Diante desse cenário, é possível identificar que a teoria predominante na Análise do Discurso na Ciência da Informação é a proposta de Pêcheux. Nesse contexto, torna-se necessário especificar a abordagem metodológica desenvolvida por esse autor, que é significativa para a compreensão das análises discursivas realizadas com base em sua teoria.

3 CONTEXTO HISTÓRICO CONCEITUAL DA ANÁLISE DO DISCURSO: LIMITES E ESPECIFICIDADES DO CAMPO

Compreende-se a necessidade de uma leitura crítica da teoria do discurso em sua historicidade, desafio constante para pesquisadores que buscam interpretar os vestígios da construção conceitual no campo. Não se trata de buscar uma verdade absoluta, mas de reconstruir as condições que permitiram a consolidação de certas ‘vontades de verdade’ científica em contextos específicos. Assim, a Análise do Discurso requer uma investigação sobre as raízes epistemológicas e políticas que fundamentam suas abordagens contemporâneas.

Conforme a observação de Maingueneau (1987, p. 5, tradução nossa)²⁰ “[...] o encontro dentro de uma determinada tradição de um contexto intelectual é uma prática escolar [...]”. Nesse sentido, a simultaneidade produtiva observada no final da década de 1960 – manifesta por meio de um consistente conjunto de reflexões sobre a escrita – sintetiza de múltiplas formas os principais impasses e ambições do estruturalismo francês. A ausência de um “pai fundador” único reflete a natureza de um campo de pesquisa caracterizado pela heterogeneidade teórica e pela dispersão geográfica, o que impossibilita a identificação de um marco zero inequívoco. Embora o cânone da disciplina frequentemente recorra a intelectuais de envergadura, como: Erving Goffman e a microssociologia; Ludwig Wittgenstein e a filosofia da linguagem; Michel Foucault e a arqueologia do saber; Mikhail Bakhtin e a translinguística; Derrida e a gramatologia; Kristeva e a semanálise; Barthes e a teoria do prazer do texto; Sollers (coletivo *Tel Quel*) e a teoria do conjunto. Desse modo, tais perspectivas situam-se em uma zona de confluência interdisciplinar, operando na intersecção entre a Filosofia, a Linguística e as vertentes críticas fundamentadas no marxismo e na psicanálise. Nesse sentido, é importante notar que tais contribuições, conquanto seminais, permanecem setoriais. Nenhum desses pensadores delimitou um território epistemológico que abarcasse a totalidade do que hoje se compreende por estudos discursivos. Assim, a Análise do Discurso configura-se não como um domínio unificado por uma gênese comum, mas como um espaço transdisciplinar vasto, cujas fronteiras permanecem em constante processo de negociação e expansão.

²⁰ “[...] la rencontre à l’intérieur d’une certaine tradition d’une conjoncture intellectuelle et d’une pratique scolaire.”

De acordo com Maingueneau (2014, p. 4, tradução nossa)²¹ o termo análise do discurso “[...] foi introduzido pelo linguista distribucional Z. S. Harris (1909-1992), em um artigo intitulado precisamente “Análise do Discurso” (Harris, 1952), onde discurso designava uma unidade linguística constituída por uma sequência de frases, portanto, um texto.” Sob a concepção do paradigma estruturalista, Harris mobilizou o conceito de “análise” em sua acepção etimológica estrita, compreendendo-o como o processo de decomposição do objeto em suas unidades constituintes. Seu projeto intelectual – cujas premissas encontram ressonância contemporânea no escopo da linguística textual – fundamenta-se na investigação da arquitetura organizacional do texto. Essa metodologia consistia, primeiramente, no mapeamento da estrutura sintagmática por meio da identificação de recorrências e padrões de distribuição de elementos específicos, com ênfase particular em categorias pronominais e agrupamentos lexicais. Para além da descrição formal, Harris (1952) vislumbrou uma dimensão sociolinguística em sua proposta, ao postular a viabilidade de estabelecer correlações entre as regularidades textuais detectadas e os fenômenos de natureza social, sugerindo que a organização imanente do discurso reflete dinâmicas externas à língua.

A metodologia proposta por Harris (1952) apresenta convergência com o estruturalismo literário francês da década de 1960. Ambas as perspectivas fundamentam-se no pressuposto de que o rigor analítico exige, inicialmente, uma investigação imanente do objeto textual. Sob essa ótica, a “estrutura” é apreendida estritamente a partir de suas regularidades internas para, em um momento ulterior, ser correlacionada a variáveis sócio-históricas externas ao texto. Contudo, tal binarismo metodológico encontra-se em franca obsolescência face aos paradigmas vigentes na Análise do Discurso. A produção teórica contemporânea problematiza e, em última instância, rejeita a dicotomia entre as dimensões intratextuais e extratextuais. Para as correntes atuais, o discurso não possui um “exterior” estanque; a realidade social e histórica é constitutiva da própria materialidade linguística, tornando a separação entre forma e contexto uma barreira artificial. Consequentemente, embora Harris (1952) figure como um precursor técnico, sua

²¹ [...] a été introduit par le linguiste distributionnaliste Z. S. Harris (1909-1992), dans un article intitulé précisément « Discourse Analysis » (Harris, 1952) où discours désignait une unité linguistique constituée d’une suite de phrases, un texte donc.

influência é considerada periférica para a Análise do Discurso moderna. A fundamentação do campo hoje se desloca da mera decomposição estrutural para a compreensão do discurso como uma prática social situada, o que torna a referência de Harris (1952) basicamente histórica e distante das exigências epistemológicas atuais.

A configuração epistemológica que sustenta a Análise do Discurso contemporânea remonta a um cenário de efervescência intelectual na década de 1960, com focos investigativos emergindo simultaneamente nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra. A consolidação do campo como um espaço de pesquisa transnacional ocorreu de forma mais incisiva a partir da década de 1980. Esse período marcou a integração de diversas correntes teóricas que, até então, operavam de maneira autônoma em diferentes contextos geográficos e disciplinares. Um marco empírico dessa transição evolutiva foi a publicação, em 1986, do *“Handbook of Discourse Analysis”*, sob a organização de Teun van Dijk. A obra, estruturada em quatro volumes, cumpriu a função de institucionalizar o rótulo unificador da “análise do discurso”, amalgamando sob a mesma égide epistemológica uma vasta gama de trabalhos produzidos em ambos os lados do Atlântico. Essa trajetória de convergência assemelha-se à do pós-estruturalismo, movimento com o qual a Análise do Discurso mantém profundas afinidades teóricas. Ambos os campos inserem-se em uma dinâmica contemporânea de produção científica caracterizada pela dissolução de barreiras disciplinares e geográficas. Conforme ressalta Angermüller (2013, p. 72-73, tradução nossa)²², este processo evidencia um cenário em que “[...] a ênfase agora recai sobre a globalização do conhecimento teórico” e em que “tradições teóricas antes separadas dão origem a culturas científicas híbridas”. Dessa forma, a Análise do Discurso consolida-se como um reflexo da circulação global de saberes.

A França consolidou-se como um dos epicentros para o desenvolvimento dos estudos discursivos, figurando, possivelmente, como o território onde a Análise do Discurso se autoafirmou, de maneira inédita, sob esta nomenclatura específica. Tal desenvolvimento conceitual não se deu apenas como uma nomenclatura acadêmica, mas como um processo intelectual dotado de ambições teóricas e metodológicas singulares. No panorama intelectual francês, segundo Maingueneau (2014), se o ano

²² “[...] l’accent est désormais mis sur la mondialisation du savoir théorique » et où « des traditions théoriques autrefois séparées donnent naissance à des cultures scientifiques hybrides.”

de 1966 representou o apogeu do estruturalismo, o ano de 1969 pode ser interpretado como o marco fundacional da Análise do Discurso. Naquele período, a revista de linguística *Langages* dedicou seu número 13 a esse campo emergente, batizando-o formalmente. Simultaneamente, dois marcos bibliográficos fundamentais foram publicados, alterando o curso da reflexão linguística e filosófica: Pêcheux publicou “Análise Automática do Discurso”, obra que buscava articular o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística; Foucault lançou “A Arqueologia do Saber”, texto seminal que deslocou a noção de discurso para o centro da investigação filosófica e histórica. Essas produções atestam que a Análise do Discurso se constituiu como um domínio que buscava superar a descrição linguística em favor de uma compreensão mais densa das formações discursivas e de suas condições de produção.

Conforme Maingueneau (2014), a edição histórica da revista *Langages* (nº 13, 1969) foi organizada sob a égide do linguista Dubois (1920 – 2015), cuja atuação foi determinante para a sistematização inicial do campo. Na perspectiva de Dubois, a emergência da Análise do Discurso não se configurava como uma ruptura isolada, mas como um movimento estratégico de ampliação do escopo da investigação linguística. O projeto intelectual de Dubois visava, primordialmente, estreitar a compreensão das complexas correlações entre as estruturas da linguagem e a dinâmica social. Tal proposta buscava, concomitantemente, promover uma renovação metodológica nos estudos filológicos, transcendendo a descrição puramente formal em favor de uma análise situada das produções verbais. Assim, no cenário de formação da Análise do Discurso, as perspectivas sobre o objeto e o método da disciplina revelaram-se heterogêneas. Em uma vertente, a Análise do Discurso delineava-se como uma disciplina que mobilizava instrumentos linguísticos para o exame de gêneros textuais diversos, rompendo com a tradição restritiva das faculdades de letras, historicamente voltadas à exegese de *corpora* literários canônicos.

Contraopondo-se a essa tendência mais estritamente linguística, a figura de Pêcheux (1938- 1983), autor da Análise Automática do Discurso, estabeleceu um projeto de natureza distinta, não tendo participado do número especial da revista *Langages* (1969). Pêcheux, filósofo marxista e historiador das ciências radicado em um laboratório de psicologia social, visava contestar o que denomina, segundo Maingueneau (2014, p. 7), “pressupostos idealistas” das ciências humanas da época. Sua proposta teórica fundamentava-se em um tripé epistemológico: o marxismo de

Althusser, utilizado para a compreensão das ideologias e dos aparelhos de Estado; a psicanálise de Lacan, aplicada para a investigação da constituição do sujeito pelo inconsciente; e a linguística estrutural, empregada como ferramenta técnica de análise da materialidade verbal. Nesse contexto, a Análise do Discurso assume em Pêcheux uma função análoga à de uma, de acordo com Maingueneau (2014, p. 7), “psicanálise do discurso”, movida por ambições políticas e epistemológicas. A análise - compreendida nesse contexto, como a decomposição rigorosa do texto – busca desvelar o conteúdo ideológico que a superfície textual tende a ocultar. É sintomático, portanto, que os termos “análise” e “analista” guardem, em sua obra, uma ambivalência deliberada com o léxico psicanalítico, sugerindo que o sentido não é evidente, mas algo a ser extraído do silêncio e as interdições do discurso.

Nessa conjuntura, embora a repercussão inicial de Foucault (2008), especificamente por intermédio de sua obra “A Arqueologia do Saber”, tenha se processado de forma mais indireta na Análise do Discurso em comparação às contribuições de Dubois ou Pêcheux, sua magnitude é inquestionável. O distanciamento de Foucault em relação aos seus contemporâneos reside, primordialmente, no estatuto conferido à linguística como ferramenta analítica. De acordo com Maingueneau (2014), enquanto Dubois e Pêcheux buscavam fundamentar a Análise do Discurso no rigor metodológico da ciência da linguagem, Foucault prescindia de tais instrumentos. Para o autor, o conceito de “discurso” não se restringia ao uso empírico da língua ou à análise de enunciados sob uma ótica gramatical ou sintática. Em sua concepção arqueológica, o discurso constitui-se como uma prática que obedece a regras de formação que transcendem a materialidade linguística imediata. Foucault (2008, p. 85) descreve as especificidades de sua análise como:

[...] o que se analisa aqui não são, certamente, os estados terminais do discurso, mas sim os sistemas que tornam possíveis as formas sistemáticas últimas; são regularidades pré-terminais em relação às quais o estado final, longe de constituir o lugar de nascimento do sistema, se define, antes, por suas variantes.

Assim, a postura de análise teórica de Foucault revela-se de difícil conciliação com os postulados fundamentais que regem a vasta maioria dos “especialistas” no campo. Para a corrente majoritária da Análise do Discurso, o rigor investigativo exige que elementos como o léxico, a arquitetura organizacional do texto e as estratégias

interacionais sejam posicionados invariavelmente no cerne da atividade analítica. Enquanto a arqueologia foucaultiana busca as regras de formação que transcendem a materialidade linguística imediata, os analistas do discurso priorizam a observação empírica do funcionamento da língua. Nessa perspectiva, o entendimento do sentido e da ideologia não pode prescindir de um exame minucioso das marcas textuais e dos mecanismos de interação, elementos que constituem a base empírica sobre a qual se sustenta a interpretação científica do discurso.

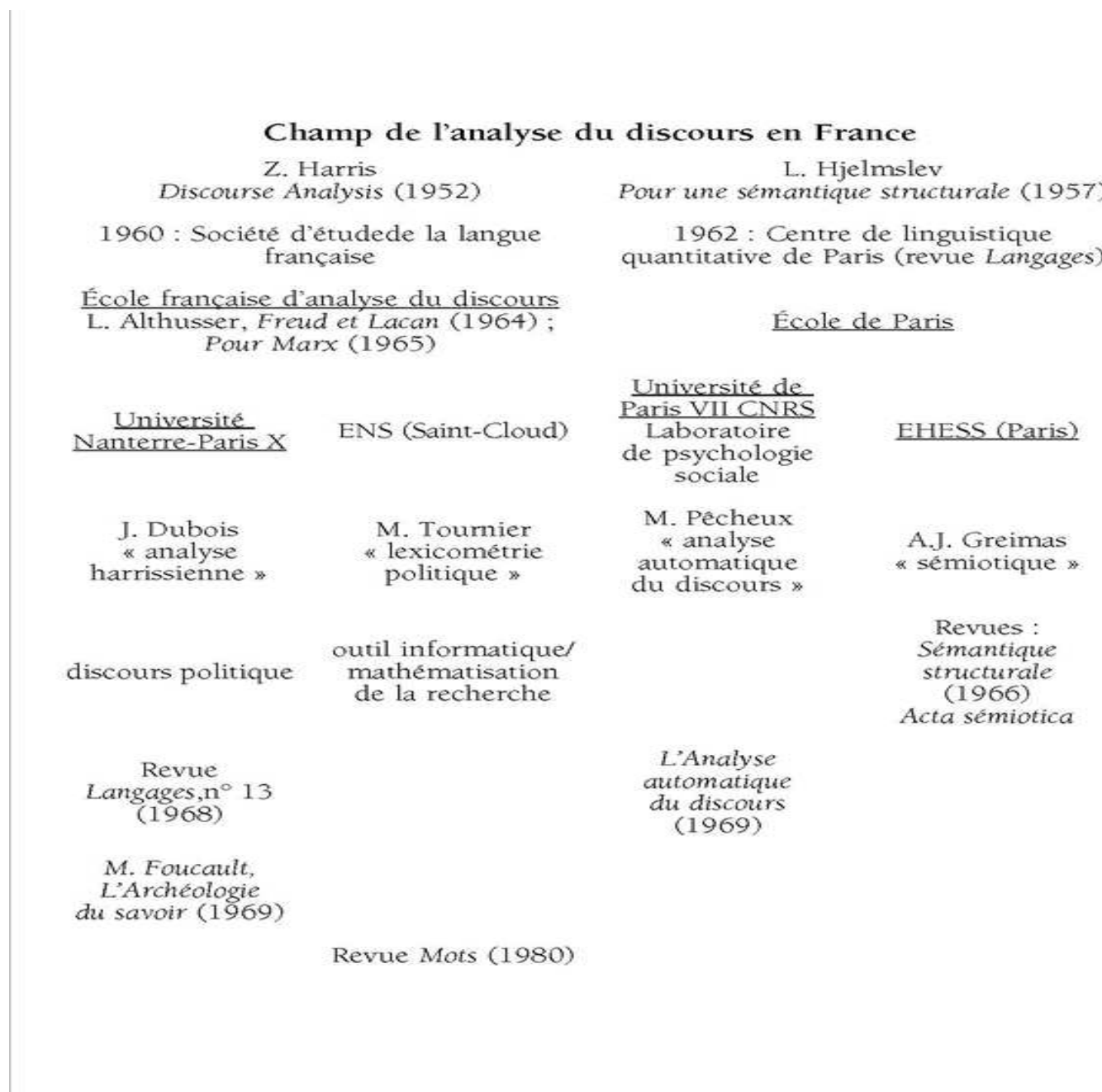
Diante disso, verifica-se que a abordagem metodológica de Foucault distanciava-se da abordagem de Pêcheux em um aspecto fundamental: a recusa sistemática de métodos que objetivassem desvelar uma sorte de inconsciente textual. Enquanto o projeto de Pêcheux se ancorava na busca por sentidos latentes e estruturas ideológicas subjacentes, operando uma espécie de “escuta” das profundezas do discurso, Foucault privilegiava a positividade do enunciado e sua superfície de emergência. Nesse sentido, segundo Maingueneau (2014), para Foucault (2008), a análise não deveria consistir em uma hermenêutica que busca o que o texto “esconde” ou “quer dizer” em um nível subliminar. Ao contrário de Pêcheux, que mobilizava a psicanálise lacaniana para investigar como o sujeito é atravessado pela ideologia de forma inconsciente, a perspectiva foucaultiana detém-se na descrição das condições de existência dos discursos, rejeitando a hipótese de um sentido oculto que aguardaria a intervenção do analista para ser revelado.

Como se depreende da análise histórica, o campo da Análise do Discurso não emergiu como um bloco monolítico; mesmo no restrito circuito intelectual parisiense de 1969, manifestam-se simultaneamente perspectivas teóricas distintas. Torna-se significativo, todavia, estabelecer uma distinção epistemológica entre os projetos de Pêcheux e Foucault frente à abordagem de Dubois. Enquanto as contribuições de Pêcheux e Foucault, ambos filósofos de formação/atuação, inscrevem-se no domínio do que se denominou, de acordo com Maingueneau (2014), “Teoria do Discurso”, a proposta de Dubois fundamenta-se estritamente nas Ciências da Linguagem. O projeto de Dubois visava à investigação das práticas verbais de uma sociedade a partir de um instrumento linguístico rigoroso, estabelecendo as bases para uma análise empírica da materialidade textual. Essa vertente linguística, sob a influência direta de Dubois, impulsionou uma vasta produção científica voltada, particularmente, ao discurso político. Tais pesquisas foram significativamente estimuladas pelo efervescente contexto social e ideológico subsequente aos eventos de maio de 1968,

resultando em trabalhos seminais para a área, conforme a observação de Maingueneau (2014), como os desenvolvidos por: Guespin *et al.* (1971); Demonet *et al.* (1975); Guespin *et al.* (1976). Assim, a Análise do Discurso consolidou-se em meio a essa tensão dialética entre a abstração teórica da filosofia do discurso e a aplicação metodológica da linguística social, uma dualidade que permanece como característica distintiva do campo até o presente.

Conforme a reflexão de Maingueneau (2014), superado o período fundacional, a Análise do Discurso no âmbito francês operou uma rápida síntese das três problemáticas iniciais (Dubois, Pêcheux e Foucault), promovendo uma abertura epistemológica a novos aportes teóricos. Esse movimento de integração permitiu o diálogo com as correntes pragmáticas, as teorias da enunciação e a linguística textual, possibilitando a abordagem de debates relevantes e diversificados. Nesse cenário de expansão, destacam-se investigações que ultrapassaram o instrumental analítico para diversos domínios sociais: mídia, com os trabalhos de Charaudeau (1983, 1997); divulgação científica e imprensa, com as pesquisas de Moirand (1988, 2007); discurso religioso e literário, com as contribuições de Maingueneau (1984, 1993). O traço de união entre essas distintas trajetórias de pesquisa é a centralidade conferida à noção de gêneros do discurso. Desse modo, tais investigações baseiam-se principalmente nas teorias da enunciação linguística, as quais fornecem o arcabouço metodológico compartilhado pela comunidade científica da área. Concomitantemente a esse desenvolvimento, observa-se a recepção e a difusão de perspectivas de inspiração norte-americana em território francês. Esse fenômeno manifestou-se através da consolidação dos estudos sobre a interação conversacional, cujos marcos referenciais encontram-se na produção de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992).

Diante desse contexto reflexivo, a seguir apresenta-se a Figura 2, que propõe uma representação topológica do campo da Análise do Discurso em seus estágios formativos. Esta sistematização visual busca mapear a gênese do campo, oferecendo uma visão panorâmica conceitual da Análise do Discurso:

Figura 2 – Representação epistemológica da Análise do Discurso na França

Fonte: Adaptado de Safarti (2005, p. 102) pelos autores (2026)

A análise da Figura 2 permite observar a materialização do mosaico intelectual da Análise do Discurso, evidenciando de que maneira a disciplina se consolidou através de uma rede de centros de pesquisa e publicações fundamentais. Observa-se que a Análise do Discurso não emerge como um bloco monolítico, mas como uma convergência de linhagens que partem do estruturalismo de Hjelmslev e da análise distribucional de Harris, atravessando o filtro ideológico de Althusser e a releitura psicanalítica de Lacan. A organização topográfica revela a coexistência de polos

distintos, como a lexicometria política de Tournier em Saint-Cloud e a análise automática do discurso de Pêcheux no CNRS, culminando em marcos bibliográficos decisivos como *A Arqueologia do Saber* (1969) de Foucault. Em última análise, a Figura 2 ratifica que a Análise do Discurso se institucionalizou mediante a matematização da pesquisa e o rigor metodológico da linguística, sem negligenciar as tensões históricas e políticas de sua conjuntura fundacional.

4 PÊCHEUX: PANORAMA AMPLO DE SUAS DISCUSSÕES SOBRE AD

A densidade teórica de Althusser, notadamente caracterizada por seu rigor crítico e natureza polêmica, constitui o alicerce epistemológico sobre o qual se ergue a Análise do Discurso de matriz pêcheutiana. Desse modo, ao transpor os fundamentos do materialismo histórico para o campo da linguagem, Pêcheux encontrou na filosofia althusseriana a base política necessária para articular a materialidade discursiva às suas condições históricas de produção. Nesse cenário, observa-se que Pêcheux não apenas incorpora, mas operacionaliza as teses mais radicais do althusserianismo. Essa apropriação é visível na desconstrução das noções tradicionais de sujeito e sentido, os quais passam a ser compreendidos como efeitos da interpelação ideológica. Assim, nota-se que a relação entre Althusser e Pêcheux não é estática, uma vez que a trajetória intelectual de Pêcheux reflete a dinamicidade do pensamento althusseriano. As autocríticas e revisões conceituais operadas por Althusser ecoam diretamente na reorientação das propostas conceituais de seus discípulos. Desse modo, a evolução da Análise do Discurso de Pêcheux é indissociável das mutações teóricas do marxismo althusseriano, estabelecendo um diálogo contínuo entre a determinação histórica e a prática significativa (REIS, 2018).

A metodologia pêcheutiana, segundo Mariani (2010), ancora-se em uma perspectiva materialista histórica, profundamente tributária do pensamento de Althusser, dado que, nessa acepção, a linguagem não é figurada como um instrumento neutro de transmissão, mas como uma prática social indissociável das determinações impostas pelas estruturas ideológicas. O sujeito, por conseguinte, é destituído de sua suposta autonomia transcendental, sendo compreendido como um efeito da interpelação ideológica e da ação dos aparelhos ideológicos de Estado, instâncias que delimitam e moldam a produção dos sentidos. Tal configuração implica que a produção de sentidos é atravessada por relações de poder e pelas hegemonias vigentes, refutando pretensões de neutralidade textual. Diferenciando-se de correntes linguísticas formalistas, a Análise do Discurso pêcheutiana requer um movimento analítico que ultrapasse a superfície do texto. Diante disso, para Pêcheux (2009 apud ORLANDI, 2012, p. 136), o discurso “[...] representa no interior do funcionamento da língua os efeitos da luta ideológica e, inversamente, ele manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia.” Nessa perspectiva, a estrutura da língua funciona como a base que viabiliza os processos discursivos, cuja elaboração

pertence, de modo constitutivo, ao campo da luta ideológica e política de classes (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2012, p. 137). O conceito de discurso explicita que a linguagem é um campo de disputa onde diferentes grupos sociais tensionam visões de mundo. Assim, a luta ideológica, ao inscrever-se nas estruturas linguísticas, molda os processos discursivos e perpetua relações de poder, consolidando a linguagem não como um reflexo passivo, mas como uma engrenagem ativa na construção da realidade social.

De acordo com as reflexões de Patti, Sousa e Garcia (2017), a proposta teórica de Pêcheux articula-se na convergência de três campos distintos: a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso, todos permeados por uma concepção de subjetividade de matriz psicanalítica. No âmbito da linguística, reconhece-se que a língua possui uma opacidade e uma ordem própria que condicionam a produção de sentidos. Tal estrutura não se esgota no formalismo, mas reflete as contingências sociais e históricas em que está inscrita. Simultaneamente, o materialismo histórico – sob a releitura althusseriana – introduz a noção de sujeito interpelado. Nessa concepção, o indivíduo é compreendido como um ente assujeitado ideologicamente, constituído por determinações históricas que negam sua suposta autonomia transcendental. Por conseguinte, a teoria do discurso pêcheutiana postula que os processos semânticos são historicamente determinados; o sentido, portanto, não é um dado fixo, mas uma construção moldada por conjunturas sócio-históricas, o que caracteriza o discurso como um fenômeno dinâmico e em constante transformação.

Em suma, ao integrar esses saberes, a Análise do Discurso, nessa perspectiva, consolida-se como uma ferramenta de interpretação crítica, propondo-se a elucidar as complexas relações entre linguagem, subjetividade e história. Em Pêcheux, a Análise do Discurso configura-se como um projeto em permanente construção, no qual o diálogo com a linguística, embora constante, é marcado por tensões e interlocuções críticas com o pensamento de Saussure, Marx e Freud. Essa tríplice aliança fundamenta um projeto teórico voltado à elaboração de uma teoria materialista do discurso indissociável da práxis política e da luta de classes. Inspirado pela interpretação althusseriana do marxismo-leninismo, Pêcheux concebia a teoria como um instrumento de atuação política. Esse compromisso reflete-se, inclusive, no seu esforço metodológico de institucionalizar a Análise do Discurso por meio da “Análise Automática do Discurso” (1969), uma tentativa de conferir rigor procedimental à investigação dos processos de significação.

4.1 PÊCHEUX EM “AS TRÊS ÉPOCAS DA ANÁLISE DO DISCURSO”

A sistematização das “três épocas da análise do discurso” proposta por Pêcheux (1997, p. 61) explicita os embates, as reconstruções e os refinamentos teóricos que alicerçam o campo da Análise do Discurso. Esse percurso revela um terreno epistemológico em constante mutação, cujas transformações ecoam debates teóricos e políticos oriundos de crises que reconfiguraram as relações entre a língua, o discurso, o sujeito e a história. Ao longo desses períodos, o exame de tais interdependências adensa-se a partir da interlocução com o pensamento de Althusser, ao qual Pêcheux incorpora novos aportes. Tais ajustes operam uma reorganização tanto no escopo teórico quanto na práxis metodológica da disciplina, consolidando uma nova postura diante da materialidade linguística e do funcionamento ideológico.

A trajetória intelectual de Pêcheux encontra suas raízes em textos seminais publicados sob o pseudônimo de Thomaz Herbert (1966; 1968). Nessas obras iniciais, o autor dedicou-se à epistemologia das ciências sociais e à proposição de uma “teoria geral das ideologias”. Simultaneamente, sob sua própria identidade (Pêcheux, 1967; 1968), o autor inaugurou suas incursões específicas na teoria do discurso, estabelecendo as distinções basilares entre a “análise de conteúdo” (de caráter empírico e descritivo) e a “análise do discurso”, que se pretendia um campo teórico-interpretativo rigoroso.

O período que Pêcheux (1983) chamou de “primeira época” – e que Maldidier (1990 apud COURTINE, 1991, p. 156) descreve como uma “aventura teórica” – tem seu marco inicial com a obra “*Analyse Automatique du Discours*” (1969). Nessa fase, apresenta-se uma proposta teórico-metodológica profundamente influenciada por sua releitura de Saussure, deslocando o foco de estudos e concebendo a *langue* – com sua sistematicidade e caráter social – como base dos processos discursivos, nos quais se entrelaçam o sujeito e a história. Na construção do conceito de discurso, convergem as ideias de Saussure (interpretado por Pêcheux), Marx (reinterpretado por Althusser) e Freud (relido por Lacan). As teses althusserianas sobre os aparelhos ideológicos e o processo de assujeitamento apresentam um sujeito marcado pela ideologia e pelo inconsciente – um sujeito que não é a fonte ou a origem do que diz, mas sim alguém que reproduz o que já foi dito, o que já está estabelecido, o que foi previamente construído. A metodologia, inspirada no estruturalismo de Harris (1952), introduz a “análise automática”, uma abordagem que visa destacar aspectos do

processo discursivo, com o objetivo de identificar os enunciados fundamentais gerados pela “máquina discursiva”.

Em sua autocrítica, Pêcheux (1983/2006) reconhece que o princípio metodológico utilizado na “análise automática” resultou no “primado do mesmo sobre o outro”. Em outras palavras, a análise acabou priorizando a identificação de invariâncias e paráfrases, focando em enunciados que se repetiam continuamente, em vez de explorar as diferenças e singularidades. Essas reflexões críticas abrem caminho para a “segunda época”, marcada por uma mudança de direção em busca da heterogeneidade, do outro e de uma revisão profunda das questões metodológicas. A reinterpretação do conceito de formação discursiva proposta por Foucault (1969) leva as ideias de Pêcheux a adentrarem o que Malidier (1990, apud COURTINE, 1991, p. 155) chama de “a época dos tateamentos”, um período marcado por debates e ajustes. Essas mudanças ficam evidentes no artigo escrito por Pêcheux e Fuchs (1975, p. 163), onde é apresentado o “quadro epistemológico geral” da análise do discurso, destacando a conexão com as teorias de Saussure, Marx e Freud. É nesse mesmo artigo que Pêcheux e Fuchs (1975, p. 171 e 176) retomam a análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito, desenvolvendo sua teoria dos “dois esquecimentos”. Segundo Pêcheux e Fuchs (1975), sob a influência da interpelação ideológica, o sujeito acredita ser a origem do que diz, pois o discurso se apresenta como algo evidente e natural.

Quase como um fechamento de ciclo – que abre espaço para novos caminhos -, em 1975 é lançada a obra de Pêcheux, “*Les Vérités de la Palice*” (1975). Este livro representa um momento significativo de teorização das transformações, ao apresentar uma teoria materialista do discurso, uma vez que Pêcheux (1988, p. 91-94) pontua que os processos discursivos se desenvolvem sobre uma base linguística, mas, ao mesmo tempo, estão sempre inseridos em uma relação ideológica de classe. Ele ressalta, no entanto, que essas relações são marcadas por contradições. A argumentação de Pêcheux (1995, p.160) conduz à crítica da ilusão de evidência e transparência do sentido:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Reafirmando sua conexão com as ideias de Althusser, Pêcheux retoma a tese da interpelação ideológica, destacando de maneira mais explícita o caráter contraditório e desigual do processo de assujeitamento. Ele também ressalta que os aparelhos ideológicos não apenas reproduzem, mas também transformam as relações de produção. Pêcheux (1995, p. 161) retoma o conceito de formação discursiva, apresentado em seu texto de 1971, e amplia essa discussão ao incorporar reflexões sobre a materialidade do discurso e do sentido: “[...] os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Conforme postula Pêcheux (1995, p. 162), as formações discursivas operam por meio de uma aparente transparência de sentido que oculta sua dependência íntima em relação ao “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas. Essa percepção de evidência mascara os mecanismos de determinação que regem a produção discursiva. Em um movimento de autocrítica sobre sua produção inicial, o autor reconhece que a mera alusão às condições sócio-históricas é insuficiente para fundamentar uma análise estritamente pautada no materialismo histórico (PÊCHEUX, 1995, p. 277). Ele admite que tal limitação constitui uma das falhas teóricas mais significativas de seus trabalhos de 1969, remetendo a críticas mais detalhadas presentes no periódico *Langages* 37. Posteriormente, Pêcheux (1995, p. 254) reafirma a necessidade de explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em uma conjuntura específica, sempre sob a égide das formações ideológicas e das determinações da luta de classes. Dessa forma, consolida-se a tese de que a luta ideológica de classes desempenha um papel central e estruturante na constituição e na interpretação dos sentidos.

A chamada “terceira época” da Análise do Discurso, compreendida entre 1980 e 1983, é caracterizada por Maldidier (1990, apud COURTINE, 1991, p. 155) como a fase da “desconstrução dirigida”. Esse estágio surge em um cenário de crise das esquerdas francesas, levando Pêcheux a um distanciamento deliberado das posições dogmáticas anteriormente sustentadas, em grande medida vinculadas à sua militância no Partido Comunista Francês. Nesse processo de reconfiguração teórica, Pêcheux estabelece um diálogo mais estreito com a “Nova História” e com as teses conceituais de Foucault, promovendo uma crítica contundente às posturas políticas e teóricas derivadas de uma concepção estrita da luta ideológica. Esse movimento intelectual permite uma abertura reflexiva que problematiza a relação entre o discurso e a

interpretação, integrando as tensões entre a rigidez da estrutura e a imprevisibilidade do acontecimento.

4.2 PÊCHEUX: RECONSTRUINDO SUAS BASES TEÓRICAS

O ano de 1980 marcou uma virada significativa na trajetória dos estudos desenvolvidos pelo grupo liderado por Pêcheux. As ideias que vinham sendo discutidas desde 1975 ganharam forma concreta, especialmente com a aproximação entre o grupo e os historiadores. Essa colaboração trouxe à tona a influência de Foucault, cujo pensamento passou a ocupar um lugar central nas reflexões e análises do grupo. As frustrações no campo político, a divisão interna das esquerdas, a crise que atingiu tanto o marxismo quanto o estruturalismo, e o falecimento de Althusser levaram Pêcheux a realizar o que Mالدیدیر (1990 *apud* COURTINE, 1991) descreve como uma “desconstrução dirigida”. Em outras palavras, reorganizou-se o projeto epistemológico, desmontando e reconstruindo as bases que vinham sendo desenvolvidas desde 1969. No entanto, Courtine (1991) não compartilha da visão de que a desconstrução teórica tenha sido algo “dirigido” ou “controlado”. Para ele, essa desconstrução representou, na verdade, uma tentativa complexa de *aggiornamento*, cheia de desafios de atualização no contexto pós-marxista, algo que se tornou inevitável diante do vazio teórico e político gerado pela crise que inviabilizou o projeto althusseriano. De acordo com Courtine (1999, p. 6), as mudanças ocorridas devem ser compreendidas dentro do contexto de uma “desmarxização” ampla que atingiu o campo das pesquisas linguísticas após 1980, uma vez que esse processo levou à revisão e à redefinição dos fundamentos que sustentavam seu projeto inicial. Segundo sua observação, as transformações realizadas por Pêcheux a partir de 1980 configuram-se como:

[...] estavam em completa contradição com tudo aquilo que o programa teórico-político althusseriano havia repetido incansavelmente desde o início. A empreitada só era possível desde que se quisesse ignorar a negação de si que constituía seu princípio. Ela trazia a questão mais geral das saídas possíveis do universo teórico marxista, e singularmente do universo althusseriano. Esta última, não havendo alternativa, devia ser aceita ou não.

Conforme analisa Courtine (1999, p. 17), a transição para a década de 1980 impôs a Pêcheux a necessidade de um distanciamento crítico em relação ao projeto althusseriano original, uma vez que esse movimento buscava respostas teóricas às mudanças sociopolíticas que reconfiguravam a França naquele período. No plano

epistemológico, Courtine (1999, p. 17) argumenta que era necessário superar o reducionismo presente na matriz teórica de Althusser. Essa limitação manifestava-se em um encadeamento simplificador que promovia “[...] a redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático.” Simultaneamente, a Análise do Discurso precisou confrontar o esgotamento de certas interpretações marxistas ortodoxas da luta de classes. Desse modo, sob o impacto da globalização e das novas dinâmicas do mundo do trabalho, a classe operária perdeu sua homogeneidade tradicional, exigindo novas categorias de análise para compreender as identidades emergentes em um sistema econômico em mutação. Somando-se às transformações materiais, o período foi marcado pela consolidação do domínio das imagens. Assim, a expansão acelerada das mídias e do campo audiovisual não apenas alterou o consumo de informações, mas agiu como um vetor na produção de novos desejos e identidades subjetivas, moldando a estrutura social de maneira singular. De acordo com Carneiro (2010), a transição para a década de 1980 impôs a Pêcheux a necessidade de revisar categorias centrais do projeto althusseriano, como a “luta de classes” e a “interpelação ideológica”. Nesse sentido, o rigor do foco estritamente linguístico, até então predominante, mostrava-se insuficiente para abarcar a complexidade das novas realidades sociais. Nesse cenário, Pêcheux (1990, p. 24) demonstra consciência dessas mutações, cujos reflexos são claros em sua produção intelectual entre 1980 e 1983. Em sua obra “Delimitação, inversões, deslocamentos” (1981), o autor investiga como o poder opera em uma sociedade saturada pela mídia, onde a visualidade assume um papel preponderante. Pêcheux (1981 apud 1990) argumenta que, nesse contexto, a imagem adquire uma força de evidência que desafia as estruturas clássicas da análise linguística, dado que “[...] o olho é mais crível que o ouvido; diferentemente de um enunciado, uma imagem não tem alhures, não se pode aplicar a ela uma ‘transformação’ negativa ou interrogativa.” Essa guinada teórica culmina em seus escritos finais, em Pêcheux (1983), nos quais o autor examina a midiaticização da política. Nesse contexto, Carneiro (2010, p. 38) ressalta que Pêcheux toma como objeto a expressão “*on gagné*” (nós vencemos), proferida após a vitória de François Mitterrand em 1981, e propõe a integração de novas materialidades à Análise do Discurso. Dessa maneira, torna-se significativo analisar a “língua de vento” midiática e o discurso cotidiano como componentes das subjetividades pós-modernas. Esse movimento exigiu uma desconstrução profunda de seu próprio projeto teórico original,

visando acompanhar as instabilidades e as novas formas de circulação de sentido na contemporaneidade.

O Colóquio *Matérialités Discursives*, realizado em 1980 na Universidade de Nanterre, constitui o marco fundamental do distanciamento em relação às posturas dogmáticas que caracterizam as fases iniciais da Análise do Discurso. Esse evento, de acordo com Carneiro (2010, p. 40), sinalizou uma transição epistemológica significativa, consolidando a reflexão sobre um novo objeto teórico, definido pela articulação do “triplo da língua, da história e do inconsciente”. Assim, no âmbito da Linguística, destacam-se as contribuições de Jacqueline Authier-Revuz (2004, p. 8) que, sob influência de Bakhtin, introduz a problemática da heterogeneidade enunciativa. Suas formulações evidenciam as rupturas no fluxo discursivo, demonstrando como a irrupção de um “discurso outro” no interior do próprio dizer rompe com a ilusão de unidade do sujeito. Além disso, Maltidier (1990 *apud* COURTINE, 1991) observa que o cenário de discussões da época foi intensamente marcado pela recepção das teses de Foucault. Essa interlocução ocorreu de maneira direta, uma interpelação sem filtros, e direcionou o olhar analítico para a singularidade do acontecimento discursivo. Tal movimento deslocou a análise das estruturas abstratas em direção à historicidade e à dispersão dos enunciados, consolidando a abertura da Análise do Discurso para novas materialidades. Nas investigações desse período, o discurso passa a ser compreendido sob o signo da heterogeneidade, estabelecendo novos fundamentos para as formulações que Pêcheux (1975; 1977; 1978) havia anteriormente estruturado em torno das contradições e lacunas da interpelação ideológica. Essa mudança de paradigma coloca a leitura em posição central e fomenta críticas severas ao “método automático”, cujos procedimentos tendiam a engessar o processo interpretativo. Paralelamente, questionou-se a herança do método de Harris (1952). Ao priorizar processos estritamente parafrásticos, tal abordagem induzia a uma percepção do objeto de análise como um bloco homogêneo, negligenciando as rupturas constitutivas do dizer. Em contrapartida, os novos estudos passam a defender a primazia da heterogeneidade, tanto no plano teórico quanto na constituição do *corpus*. Ao situar a formação discursiva no âmbito da heterogeneidade, esta deixa de ser vista meramente como o reflexo de um exterior ideológico determinante. Em vez disso, a formação discursiva passa a ser identificada na multiplicidade de posicionamentos enunciativos do sujeito.

Essa perspectiva permite analisar o que Pêcheux (1975, p. 6-10, tradução nossa)²³ denomina “[...] a deslocalização tendencial do sujeito [...]”. Assim, esse conceito é importante para apreender como o sujeito se desloca e se fragmenta dentro da própria materialidade textual, rompendo com a ideia de uma subjetividade centrada e plena.

Nesse sentido, de acordo com a concepção de Soares (2014, p. 36), a interpretação direta da obra de Foucault, que se consolidaria como um pilar da Análise do Discurso, teve em Courtine (1981) um de seus principais articuladores. Durante o Colóquio *Matérialités Discursives*, o autor submeteu a concepção de “formação discursiva” de Pêcheux a uma revisão crítica, argumentando que o modelo original apresentava um caráter excessivamente restritivo. Em contrapartida, inspirado nas teses foucaultianas, Courtine (1981) propôs uma compreensão dessas formações como “fronteiras que se deslocam”, enfatizando sua natureza dinâmica e instável. Essa aproximação teórica aprofundou-se em Courtine (1990), que, ao mobilizar a noção de “campos associativos”, fundamentou o conceito central de “memória discursiva”. Essa inflexão teórica ressoou significativamente no grupo dos “historiadores do discurso”, composto por pesquisadores como Guilhaumou, Robin e Maldidier, cujas investigações enfatizaram a indissociabilidade entre a materialidade linguística e a contingência histórica. A partir de 1980, a convergência entre as perspectivas de Foucault e Bakhtin deslocou o foco dos estudos para a “discursividade”. Esse movimento permitiu explorar fenômenos linguísticos específicos, como os processos de subordinação e coordenação, sob nova ótica: a de que os limites da gramática representam o limiar de transição para a ordem do discurso. Assim, a análise deixou de ser meramente formalista para investigar como a estrutura da língua é atravessada e significada pela exterioridade histórica.

Em *Lecture et Mémoire: Projet de Recherche* (1981), conforme ênfase de Gregolin (2005), Pêcheux sintetiza as novas diretrizes teóricas que passariam a orientar a Análise do Discurso. Ao delinear as bases epistemológicas desse projeto, o autor estabelece um distanciamento deliberado da ortodoxia althusseriana, promovendo uma interlocução importante com a “Nova História” e com as vertentes teóricas de Bakhtin e Foucault. Ainda, Pêcheux sugere, inicialmente, investigar o estatuto social da memória enquanto condição inerente ao funcionamento discursivo nos processos de produção e interpretação textual. Sob a influência de Bakhtin e de

²³ « [...] la délocalisation tendancielle du sujet énonciateur [...] »

historiadores vinculados à Escola dos Annales, como Philippe Ariès, Pierre Nora e Jacques Le Goff, a memória é redefinida como um domínio complexo, preexistente e exterior ao indivíduo. Desse modo, ela constitui-se como uma rede de “tecidos de índices legíveis”, configurando um corpo sócio-histórico de marcas que sustentam o dizer. Assim, Pêcheux (1981) assinala o que se caracteriza como um “conjunto de traços e pistas” que guarda correspondência com as categorias tradicionalmente denominadas “ideologia” ou “universo de representações”. Todavia, ocorre um deslocamento analítico importante: ao preterir a centralidade clássica do conceito de ideologia, Pêcheux (1981) sinaliza sua virada em direção à arqueologia foucaultiana. Segundo a análise de Gregolin (2005, p. 6), essa transição evidencia uma aproximação explícita com o pensamento de Foucault, reconfigurando a Análise do Discurso como um campo atento às materialidades históricas e às formações de saber, conforme se depreende da citação a seguir:

Os numerosos trabalhos de FOUCAULT sobre a arqueologia textual fornecem o essencial do quadro de referência da presente problemática, do ponto de vista da pesquisa sócio-histórica. É a partir da *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1969), que propõe uma redefinição do documento enquanto monumento e do enunciado enquanto nó de uma rede, que as perspectivas de análise do discurso aqui desenhadas, podem se redefinir.

A redefinição do escopo da Análise do Discurso promoveu a inclusão de eixos temáticos fundamentais, consolidando a heterogeneidade e a alteridade como categorias centrais de análise. A alteridade, nesse contexto, é compreendida como a irrupção do discurso do “outro” – enquanto locutor empírico – e, simultaneamente, como a manifestação do discurso do “outro”, enquanto instância simbólica do inconsciente. Desse modo, a articulação entre o intradiscurso (a dimensão linear do dizer) e o interdiscurso (o reservatório de dizeres prévios) passou a orientar a busca pelos vestígios da memória discursiva no fluxo enunciativo. Esse movimento teórico buscou apreender como o “já-dito” atravessa e constitui a formulação presente, rompendo com a ilusão de uma autonomia plena do sujeito. Nesse cenário de transição, reafirmam-se as raízes da “tríplice aliança”: o diálogo entre o materialismo histórico de Marx, a linguística de Saussure e a psicanálise de Freud.

Uma das principais realizações desse novo rumo foi a criação do grupo de pesquisa *Analyse de discours et lecture d'archive*, em 1982, liderado por Pêcheux. Esse marco representou um período profundamente influenciado pela atenção às conexões entre o intradiscurso e o interdiscurso. Destaca-se, nesse contexto, a

“leitura de arquivo”, abordagem que chamou a atenção de Pêcheux (1981), fundamentada nos princípios da arqueologia foucaultiana, que ganha destaque e passa a ser especialmente valorizada. Ela busca validar, ao mesmo tempo em que problematiza, o trabalho com arquivos realizado pelos historiadores do discurso, como destacam Guilhaumou e Maldidier em um trabalho conjunto (1986 [1997, p. 163]):

O arquivo no interior do qual a análise do discurso clássica recortava seu *corpus* tinha como origem séries textuais impressas, já conhecidas e analisadas pelos historiadores. Quando eventualmente nos interessávamos por sua materialidade, nós a tomávamos como uma evidência. Na perspectiva atual, consideramos a complexidade do fato arquivista. O arquivo nunca é dado *a priori*, e em primeira leitura, seu funcionamento é opaco. (...) Nossa prática atual de análise do discurso retoma as preocupações dos historiadores de mentalidades que, na construção de objetos como a morte, o medo, o amor, o profano e o sagrado, instalam, pela confrontação de séries arquivistas, regimes múltiplos de produção, circulação e leitura de textos. Esses historiadores trabalham, ao mesmo tempo, sobre a longa duração e sobre o acontecimento (...)

A transformação na maneira de entender o “documento histórico”, a partir do conceito de “arquivo”, resulta em uma redefinição dos objetos de estudo da Análise do Discurso, como destacam Guilhaumou e Maldidier (1986 [1997, p. 163]):

Inicialmente presa ao gênero do discurso político, a análise do discurso clássica não tinha nenhuma necessidade de diversificação do arquivo. No entanto, a partir da busca por aquilo que instala o social no interior do político, não pudemos mais ignorar a multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis. Vemos que a análise do discurso ampliou seu campo de investigação: do interesse pelo discurso doutrinário ou institucional, ela passou ao que poderíamos chamar a história social dos textos.

Dessa forma, conforme Dosse (1994), ocorre uma mudança interpretativa e hermenêutica, de acordo com Deleuze (1986), fundamentada em uma leitura de Foucault como o “novo arquivista”, o que conduz a debates sobre o sujeito da enunciação, o objeto discursivo e sua ligação com a historicidade.

Essa mudança em direção à problematização da história levou Pêcheux a revisar algumas das teses mais radicais de seu projeto. Uma delas, que era um dos pilares da “análise automática”, era a ideia do “assujeitamento do sujeito à máquina discursiva”. Se essa ideia era fortemente destacada até o livro *Les Vérités de la Palice* (1975) e, mesmo ali, Pêcheux começa a questioná-la, aprofundando essa reflexão por meio da noção de “contradição” (1977) e das “lacunas do ritual ideológico” (1978), nos textos posteriores a 1980, ela será, literalmente, desmontada. Essa mudança em direção a uma visão de “sujeito” não mais completamente dominado pela interpelação ideológica tornar-se-á evidente em seu último texto (1983), onde ele

critica essa ideia althusseriana. Ao compreender que o discurso é um fenômeno que está simultaneamente ligado à estrutura e ao acontecimento, Pêcheux (1990, p. 36) afirma que:

A noção de “formação discursiva”, emprestada de Foucault pela análise de discurso, derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e, por isso mesmo, voltada à repetição: no limite, essa concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora.

Essa crítica atinge o “uso” que foi feito, no campo da análise do discurso, da noção foucaultiana de formação discursiva, dado que Pêcheux (1971; 1975) realizou uma modificação desse conceito, aplicando à ideia de Foucault uma interpretação de base marxista-althusseriana, que incorporava a noção de luta de classes. Dessa maneira, ao afirmar, nessa passagem de seu último texto, que essa noção “desviou-se para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento”, ele está se referindo à forma como o conceito foi interpretado no contexto da análise do discurso. A partir de 1980, ao adotar a perspectiva de que o discurso pertence tanto à ordem da estrutura quanto à do acontecimento, torna-se inviável sustentar tanto a ideia de “assujeitamento radical” quanto a de “máquina discursiva”. Nesse âmbito, Pêcheux (1983 [1990, p. 56-57]) relativiza esses dois pilares, enfatizando:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui, ao mesmo tempo, um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) e de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto de identificação.

Nessa reflexão, Pêcheux consolida seu distanciamento de uma visão puramente reprodutiva da ideologia, alinhando-se à perspectiva foucaultiana de ‘acontecimento’ e à sensibilidade da ‘Nova História’ para com as singularidades e rupturas temporais. Ao evocar a instabilidade das filiações e a ‘infelicidade’ constitutiva do sujeito, o autor incorpora a crítica nietzschiana à unidade do eu e às verdades absolutas, reafirmando que a história e o discurso são atravessados por tensões, deslocamentos e pela impossibilidade de uma identificação plena.

4.3 SÍNTESE DA TEORIA DE PÊCHEUX: CONCEITOS QUE ENVOLVEM SUA ANÁLISE DO DISCURSO

A vertente teórica da Análise do Discurso de Pêcheux fundamenta-se na articulação epistemológica entre o materialismo histórico, a linguística e a psicanálise lacaniana. Essa tríade teórica defende o rompimento com a visão da linguagem enquanto sistema fechado ou instrumento de comunicação transparente. Conforme destaca Siqueira (2017, p. 66), o projeto de Pêcheux visou “construir uma teoria que eliminasse a função do sujeito produtor de sentido [...]”, refutando a ideia de um indivíduo plenamente autônomo e consciente de suas escolhas discursivas. Pêcheux propõe uma teoria não-subjetiva, na qual o discurso é compreendido como um processo condicionado pelas formações ideológicas e pelas condições de produção históricas. Nessa perspectiva, o sentido não constitui uma propriedade intrínseca ao sistema linguístico, mas emerge como um efeito das relações de força e das posições sociais ocupadas pelos sujeitos. Desse modo, para operacionalizar essa abordagem de investigação pêcheutiana, a teoria mobiliza conceitos que desvelam os mecanismos de interpelação ideológica, a ilusão subjetiva e a opacidade constitutiva da linguagem. Nesse contexto teórico, esses elementos permitem compreender como o sujeito é capturado pela ideologia, embora creia ser a origem do que diz. O Quadro 5, a seguir, sistematiza os conceitos estruturantes que alicerçam a perspectiva teórica da Análise do Discurso no prisma de Pêcheux:

Quadro 5 - Conceitos fundamentais da Análise do Discurso de Pêcheux

Conceito	Descrição acadêmica	Fonte
Ideologia (Tipo A e B)	A de tipo “A” refere-se ao processo técnico-produtivo e à correspondência entre significação e realidade (empirista); a de tipo “B” refere-se às relações de produção e à manutenção das posições sociais (especulativa-fraseológica).	HERBERT, Thomas (Michel PÊCHEUX). Observações para uma Teoria Geral das Ideologias, 2015, p. 64.
Sujeito	Efeito ideológico elementar resultante da interpelação; o indivíduo é “sempre-já” sujeito, não sendo a fonte originária ou o mestre do sentido de seu discurso.	PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, 1995, p. 152.
Interpelação	Mecanismo pelo qual a ideologia “chama” os indivíduos para que se transformem em sujeitos e se reconheçam em determinadas posições sociais.	ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (citado por Pêcheux), 1980, p. 100.
Condições de produção	Conjunto de determinações históricas e imediatas, incluindo o jogo de imagens (quem sou eu, quem é ele), que prescrevem o que pode e deve ser dito.	PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69), 1997, p. 74.
Formação discursiva (FD)	Sistema de regularidades que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura específica.	HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A Semântica e o Corte Saussuriano, 2007.
Interdiscurso	Todo complexo com dominante das formações discursivas; o “já-dito” exterior que sustenta a possibilidade de sentido e a coerência de uma formação discursiva.	PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, 1995, p. 162.
Pré-construído	Irrupção de um domínio de pensamento em outro através de um encaixe sintático, remetendo a algo que pré-existe ao sujeito e aparece como óbvio.	PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso (Cap. Determinação, formação do nome e encaixe), 1995, p. 99.
Esquecimentos ideológicos	Nº 1: ilusão de ser a origem do sentido; Nº 2: ilusão de transparência e controle consciente sobre a significação do que se diz.	PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso, 1997, p. 176 – 177.

Acontecimento discursivo	Ponto de encontro entre a memória e a atualidade que provoca uma ruptura na repetição e permite a re-significação de enunciados.	PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento, 2006, p. 17.
Memória discursiva	Suporte semântico que estabiliza o discurso através de repetições e da regularização de séries enunciativas, garantindo a legibilidade.	PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória, 1999, p. 49-50.
Constructo discursivo	Molde ideológico e imaginário que fixa sujeitos em posições de poder, normatizando sentidos e excedendo a sequência linguística propriamente dita.	GODOY, Ana Boff de. A Loucura Como Constructo Discursivo e Sintoma Social, 2016, p. 17.

Fonte: Os autores (2026)

A fundamentação teórica da Análise do Discurso de Pêcheux estabelece-se sobre o tripé epistemológico composto pelo materialismo histórico, pela psicanálise lacaniana e pela filosofia de Althusser. Já em “Observações para uma Teoria Geral das Ideologias” (1967), Pêcheux investiga o funcionamento ideológico para diagnosticar as limitações das ciências sociais e fixar as bases da Análise do Discurso. Central a esse projeto é a premissa de que o indivíduo não é o centro emanador de sentidos, mas um efeito da ideologia. De acordo com Siqueira (2017, p. 67), o sujeito constitui-se como um “efeito ideológico elementar” por meio do mecanismo de interpelação. Na observação de Siqueira (2017, p. 60), ao retomar a alegoria althusseriana do chamado policial²⁴ (“Ei, você!”), Pêcheux demonstra que, ao reconhecer-se na convocação, o indivíduo submete-se à Lei e assume uma posição pré-designada, transformando-se em “sujeito concreto”. Essa dinâmica, segundo Siqueira (2017, p. 37), revela a onipresença da ideologia: não há momento cronológico anterior a ela; os indivíduos são “sempre-já-sujeitos”, inseridos em rituais e estruturas sociais, como a nomeação e as expectativas de classe, antes mesmo do nascimento. Desse modo, conforme Siqueira (2017, p. 9), para refinar a aplicação dessa teoria às relações sociais e ao conhecimento, Pêcheux sugere uma distinção operatória entre duas formas ideológicas que correspondem aos modos de produção (forças produtivas e relações de produção), denominadas Tipo A e Tipo B. O Quadro 6 apresenta a caracterização das ideologias Tipo A e Tipo B, conforme delineado a seguir:

²⁴ No âmbito da teoria social contemporânea, revela-se importante estabelecer uma distinção analítica entre as concepções de “polícia” formuladas por Althusser e Foucault. Essa diferenciação não é somente terminológica, mas central para a compreensão das dinâmicas de poder e controle social propostas pelos autores, constituindo um poder de inflexão acadêmica em suas respectivas trajetórias teóricas. Desse modo, conforme a teoria de Althusser (1974), a instituição policial é compreendida como um dos pilares fundamentais do Aparelho Repressivo de Estado (ARE). Diferente dos Aparelhos Ideológicos, cuja eficácia reside na persuasão e na subjetividade, a polícia opera, em última instância, por meio da coerção física e do exercício legítimo da força. Para Foucault (2008b, p. 421) a “[...] ‘polícia’ o conjunto dos meios pelos quais é possível fazer as forças do Estado crescerem, mantendo ao mesmo tempo a boa ordem desse Estado”. Nesse sentido, Foucault delimita a transição para a racionalidade governamental moderna, na qual a “polícia” não se restringe ao aparato repressivo, mas se configura como uma tecnologia de gestão integral da vida social e econômica. Nesse contexto, a função policial é entendida como a arte de articular a harmonia e a disciplina da população. Através de um controle minucioso que abrange desde a saúde pública e o comércio até a circulação de mercadorias, a polícia atua como o mecanismo que transforma a força individual de cada súdito em potência estatal, garantindo que o crescimento das forças do Estado ocorra de maneira simétrica à estabilidade e à utilidade dos corpos que o compõem.

Quadro 6 – Caracterização das ideologias Tipo A e Tipo B

Tipo de Ideologia	Características
Ideologia Tipo A (Empirista/Semântica): Vinculada ao processo de produção e à “realização técnica do real”, esta forma busca estabelecer uma correspondência transparente entre o conceito (significação) e o objeto (realidade). (SIQUEIRA, 2017, p. 9)	* Natureza empirista: apresenta os dados como reflexos fiéis dos fatos; * Função semântica: atua no plano linguístico como um mecanismo de “etiquetagem”, organizando o mundo por meio da nomeação; * Esquecimento nº 1: gera a ilusão de que a linguagem é um instrumento neutro manipulado livremente, ocultando que o sujeito não é o produtor originário dos significados (SIQUEIRA, 2017, p. 61).
Ideologia Tipo B (Especulativa / Sintática): Referente às relações sociais de produção e à manutenção das desigualdades de classe, esta forma opera na esfera político-social (SIQUEIRA, 2017, p. 10)	* Natureza especulativa: garante que os agentes aceitem as posições designadas pela formação social; * Função sintática: regula a ordem e a articulação do discurso, definindo o lugar do sujeito por meio do encadeamento lógico dos enunciados; * Mecanismo metonímico e esquecimento nº 2: apoiado em Lacan, Pêcheux argumenta que o sujeito se identifica com o lugar oferecido pelo discurso, o que naturaliza as hierarquias sociais; * Efeito de reconhecimento: promove a “ilusão subjetiva”, fazendo com que o sujeito se reconheça em suas ações e falas como se fossem originais, quando são, em rigor, determinações da estrutura.

Fonte: Os autores (2026)

Nota-se que Pêcheux não isola essas formas em estado puro. Segundo Siqueira (2017, p. 15), existe um “princípio de desigualdade e indissociabilidade”, no qual a ideologia empirista (Tipo A) pressupõe a especulativa (Tipo B). A crítica de Pêcheux às ciências sociais de sua época, como a sociologia e a psicologia social, reside na incapacidade destas em realizar o corte epistemológico necessário para se tornarem ciências. Ao operarem como “realizadoras do real”, utilizam a ideologia Tipo B para validar a Tipo A, descrevendo normas sociais como dados naturais e reforçando o esquecimento das determinações históricas e inconscientes que sustentam a ordem vigente.

Na perspectiva teórica de Pêcheux, de acordo com Siqueira (2017, p. 22), as condições de produção não constituem meros cenários passivos para o ato da fala, mas configuram-se como as “determinações que caracterizam um processo discursivo”. Sob esse prisma, o discurso não resulta de um ato isolado de vontade individual; ele é o efeito de mecanismos formais que engendram enunciados específicos sob circunstâncias dadas. A complexidade desse conceito reside em sua dupla articulação, que abarca tanto a situação concreta historicamente determinada quanto as formações imaginárias projetadas pelos sujeitos sobre si, sobre o interlocutor e sobre o objeto do dizer. Assim, segundo Siqueira (2017, p. 31), a compreensão das condições de produção exige a aceitação de uma “teoria não-subjetiva do discurso”. Alinhado ao pensamento althusseriano, Pêcheux postula que

o sujeito não é a fonte originária do sentido, mas um efeito da interpelação ideológica – o “sempre-já sujeito”. Essa condição sustenta-se em mecanismos de esquecimento significativos: o primeiro é a ilusão da fonte (esquecimento nº1), onde o sujeito acredita ser a origem do que diz, desconhecendo que ocupa um lugar determinado por formações discursivas e ideológicas; o segundo é a ilusão da realidade (esquecimento nº 2), quando o sujeito crê que seu discurso reflete a realidade de maneira transparente, ignorando que seleciona (inconscientemente) o que é “dizível” dentro daquelas condições. Assim, nesse espaço onde a autonomia aparente mascara a reprodução de determinações estruturais, conforme Siqueira (2017, p. 25), emerge o sistema de representações imaginárias como componente vital das condições de produção. Nesse sentido, Pêcheux argumenta que a eficácia discursiva depende de como os protagonistas da comunicação representam seus lugares e o referente (o objeto do discurso). Esse “jogo de imagens” é regulado por perguntas implícitas que orientam a enunciação: a imagem de si – “Quem sou eu para lhe falar assim?” (De A para A); a imagem do outro – “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” (De A para B) e vice-versa; a imagem do referente – “De que lhe falo assim?” (De A sobre R). Diante desta análise, essas projeções não são meras fantasias psicológicas, mas “posições” definidas na estrutura social. O que um sujeito pode e deve dizer depende da antecipação que ele faz da posição do outro.

Diante disso, conforme Siqueira (2017, p. 47) observa, para evitar uma interpretação psicologista, que reduziria o fenômeno discursivo à mera “intenção” ou “percepção” individual, Pêcheux insere a história e a ideologia no cerne das condições de produção. Desse modo, o “lugar” de onde o sujeito emite seu enunciado transcende a dimensão física, configurando-se como um espaço sócio-ideológico. A ocupação de uma posição específica na estrutura social (como a de patrão, empregado, padre ou juiz) confere ao sujeito possibilidades discursivas particulares, sancionadas por formações discursivas que delimitam o que pode e deve ser dito em determinada conjuntura. Ademais, Siqueira (2017, p. 30) pontua que Pêcheux promove uma correção importante acerca da função das condições de produção, enfatizando seu caráter constitutivo em detrimento de uma visão meramente restritiva. Contrariando a noção de que essas condições atuariam apenas como um “filtro” ou “censura” a conteúdos preexistentes, o autor refuta a ideia de uma semântica anterior ao discurso que seria “castrada” pelas circunstâncias. Pelo contrário, as condições de produção funcionam como condições de possibilidade: elas não apenas reprimem, mas

“prescrevem”, uma vez que são constituintes do próprio sentido. Portanto, o discurso é produzido dentro dessas condições, e não apesar delas. A inserção do sujeito na luta de classes e nos aparelhos de Estado determina, de maneira positiva e estruturante, o repertório, a sintaxe e os efeitos de sentido que lhe estão disponíveis em dada formação social.

Na estratégia teórica de Pêcheux, a produção de sentido é compreendida como um processo determinado materialmente, visto que o discurso não subsiste sem um lugar social de enunciação, a formação discursiva, e sem uma memória histórica que o atravessa, o interdiscurso. Embora o conceito de formação discursiva, de acordo com Siqueira (2017, p. 42), seja apropriado de Foucault, Pêcheux o realinha ao materialismo histórico, subordinando-o à formação ideológica. Assim, a formação discursiva é definida como aquilo que, em uma conjuntura e posição dadas, “determina o que pode e deve ser dito”. Nessa concepção, as palavras não possuem sentido intrínseco; sua significação oscila conforme a transição entre diferentes formações discursivas, que funcionam como matrizes reguladoras e filtros de inteligibilidade vinculados a relações de classe. Paradoxalmente, a formação discursiva tende a apresentar-se como transparente, dissimulando sua dependência de fatores exteriores e ocultando a “objetividade material contraditória” do interdiscurso que a sustenta. Enquanto a formação discursiva simula uma homogeneidade aparente, o interdiscurso representa o domínio da heterogeneidade e da determinação externa. Pêcheux o define, conforme a observação de Siqueira (2017, p. 44), como o “todo complexo com dominante” das formações discursivas. Diante disso, o interdiscurso reside no fato de que, segundo Pêcheux (1995, p. 162), “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”. Isso significa que todo discurso é habitado por discursos anteriores e alheios. Desse modo, a formação discursiva não é uma ilha; ela é definida e delimitada pelo seu interdiscurso. As fronteiras entre o que é “interno” (intradiscurso) e “externo” (interdiscurso) são móveis e porosas. O interdiscurso fornece os objetos de saber dos quais o sujeito se apropria para construir seus enunciados, conferindo coerência à sua fala dentro de uma formação discursiva. Nesse sentido, a introdução do interdiscurso na teoria de Pêcheux (especialmente na chamada “segunda época” da Análise do Discurso) abala a ideia de discurso como máquina fechada, colocando o outro em foco e demonstrando a primazia da alteridade sobre a identidade. Esses saberes entram no discurso atual sob a forma de pré-construídos, elementos que parecem

óbvios e naturais, escondendo sua origem histórica e ideológica. O conceito de pré-construído é o mecanismo linguístico e discursivo concreto pelo qual o interdiscurso irrompe na formação discursiva. Pêcheux (1995, p. 99) explica como elementos externos (do “já-dito”) são incorporados no discurso atual como se fossem verdades óbvias e naturais, dispensando justificativas. Assim, localizado no cruzamento entre a teoria do discurso e a linguística, o pré-construído designa “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Ele (1995, p. 99) ilustra isso com o “encaixe sintático”, especificamente as orações relativas determinativas. Esse mecanismo cria uma discrepância entre dois domínios de pensamento: um domínio irrompe sobre o outro como se já estivesse lá. Nessa concepção, o pré-construído impõe um conteúdo como uma realidade pré-existente. O sujeito encontra esse conteúdo como o “impensado de seu pensamento”, algo que “necessariamente, pré-existe ao sujeito”. É através dele que a ideologia fornece as “evidências” e certezas empíricas (esquecimento nº 2) que sustentam o discurso. Pêcheux (1995) também ressalta a crítica de Possenti, que argumenta que o pré-construído não é universal, dado que ele só funciona como “evidência” para os sujeitos interpelados pela mesma formação discursiva. Dessa maneira, o pré-construído é um elemento do interdiscurso, mas seu acesso e efeito de verdade são restritos à formação discursiva específica que o sujeito habita. Nessa conjuntura, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do sentido, quando, na verdade, ele apenas “reinscreve” em seu discurso elementos que foram determinados anteriormente pelo interdiscurso e organizados pela formação discursiva com a qual se identifica.

Nesse cenário, Pêcheux (1995) enfatiza que a produção do sentido na Análise do Discurso não ocorre no vácuo, mas no encontro tenso entre uma “estrutura vertical” (a memória, o interdiscurso, o que já foi dito) e uma “estrutura horizontal” (a atualidade, o intradiscurso, o ato de enunciar no presente), e é nesse cruzamento que se definem os processos de estabilização e de resignificação. Diante disso, a memória discursiva não deve ser confundida com a memória psicológica individual, uma vez que ela é definida como uma memória social, mítica e histórica, inscrita em práticas, e sua função primordial é a “estabilização”. Pêcheux (1995) ressalta que a memória opera através da “regularização”. Diante de um acontecimento ou texto novo, a memória é aquilo que convoca os “implícitos” (pré-construídos, discursos transversos) necessários para tornar aquele texto legível. Ela cria um “efeito de série”,

estabelecendo uma continuidade que permite a repetição e a paráfrase. Para ele, a tendência natural da memória discursiva é absorver o acontecimento. Assim como uma série matemática projeta o próximo termo com base nos anteriores, a memória tenta enquadrar o novo fato na “regularidade já existente”, tornando-o previsível e adequado, dissolvendo sua novidade na repetição do mesmo. Assim, é a memória que assegura o espaço da “vulgata parafrástica”. Ao manter a identidade material (repetição literal), ela busca garantir a estabilidade dos sentidos.

Pêcheux (2006, p. 17) destaca que o conceito de acontecimento discursivo surge para explicar a falha ou a ruptura nesse processo de regularização. Segundo sua perspectiva, ele se situa “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. O acontecimento discursivo ocorre quando o choque entre a atualidade (o momento histórico presente) e a memória “não produz repetição”, mas sim “ressignificação”. Ele interrompe a “lei da série do legível” e desregula os implícitos anteriores. Diferente da memória que busca a paráfrase, o acontecimento instaura a possibilidade de “metáfora” ou deriva. Desse modo, mesmo mantendo a mesma materialidade linguística (as mesmas palavras), o sentido se divide e se desloca. O enunciado deriva para outro sentido porque as condições de produção mudaram drasticamente devido a um acontecimento histórico. Além disso, o acontecimento discursivo é frequentemente impulsionado por um “acontecimento histórico” (um elemento descontínuo e exterior), dado que é o suporte material da realidade que força a ruptura na memória. Diante disso, o discurso, portanto, vive nessa instabilidade radical, onde cada enunciado é um palco de batalha entre a repetição da história e a irrupção do presente.

Nessa conjuntura, a articulação dos conceitos de Pêcheux revela uma teoria não-subjetiva do discurso, que rompe com a visão tradicional da linguagem como uma mera transmissão de informações entre indivíduos livres. Em última análise, o discurso é um processo de produção de sentidos indissociáveis da ideologia, que opera através de mecanismos de interpelação para transformar indivíduos em sujeitos. Esse sujeito, longe de ser o senhor do que diz, é atravessado por esquecimentos ideológicos que lhe conferem a ilusão de ser a origem do sentido e a falsa percepção de que a linguagem é transparente. Assim, a estrutura que sustenta o dizer está fundamentada nas formações discursivas, que prescrevem o que pode e deve ser enunciado a partir de uma posição social e histórica dada. Tais formações não são isoladas, mas determinadas pelo interdiscurso, o complexo de “já-ditos” que

fornece a base material e a memória necessária para a constituição de novos enunciados. Nesse contexto, o pré-construído atua como uma evidência sintática que faz com que sentidos exteriores irrompam no discurso atual como se fossem verdades óbvias e pré-existentes ao próprio sujeito. A estabilidade desse sistema é garantida pela memória discursiva, que atua na regularização e repetição de séries enunciativas para manter a coerência dos sentidos. Contudo, essa estabilidade não é absoluta; ela é constantemente desafiada pelo acontecimento discursivo, um ponto de ruptura onde o choque entre a atualidade histórica e a memória permite a deriva e a ressignificação de termos cristalizados. Por fim, os conceitos de condições de produção e constructo discursivo demonstram que o sentido é sempre um efeito de relações de força e poder. O constructo discursivo, especificamente, funciona como um molde ideológico e imaginário que fixa os sujeitos em posições de autoridade ou submissão, normalizando as práticas sociais e garantindo que o jogo de imagens entre os interlocutores sustente o imaginário social vigente. Desse modo, a Análise do Discurso pêncheutiana oferece ferramentas para desvelar como a história e a ideologia moldam a subjetividade humana através da materialidade da língua.

5 MICHEL FOUCAULT E A ARQUEOLOGIA DO SABER: UMA INCURSÃO ANALÍTICA

Publicada em 1969, a obra *A Arqueologia do Saber*, de Foucault, emerge em um cenário de profunda instabilidade institucional, sucedendo as insurreições de maio de 1968 na França. Aquele período foi caracterizado por uma mobilização sem precedentes de estudantes e trabalhadores que, influenciados pela ascensão de movimentos sociais como o feminismo, o anticolonialismo, o pacifismo e o ecologismo, confrontaram as estruturas políticas, sociais e culturais vigentes em busca de maiores garantias de liberdade, equidade e participação democrática.

Simultaneamente à efervescência das ruas, o campo intelectual francês atravessava uma transição paradigmática nas ciências humanas. Pensadores como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Jacques Lacan, Louis Althusser e o próprio Michel Foucault lideraram uma renovação teórica que buscava romper com as tradições humanistas e idealistas sobre o homem, a história e a cultura. Fundamentados em métodos oriundos da linguística, da psicanálise e do marxismo, esses intelectuais propuseram novas chaves analíticas para os fenômenos humanos. Tal movimento problematizou categorias outrora tidas como universais e transcendentais, a exemplo do sujeito, da consciência, da razão e do progresso, deslocando o foco da subjetividade para as estruturas e as práticas discursivas que as sustentam.

Foucault consolidou-se como um dos mais proeminentes críticos e analistas das ciências humanas na França. Sua trajetória acadêmica iniciou-se com investigações arqueológicas sobre a loucura, a medicina e as epistemes que sustentam o saber antropológico. Em suas obras fundamentais da década de 1960, como *História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica* e *As Palavras e as Coisas*, o autor demonstrou que as configurações do conhecimento sobre o homem não são estáticas, mas sofrem mutações profundas ao longo da história ocidental. A perspectiva foucaultiana revelou a indissociabilidade entre as formações discursivas e os mecanismos de poder e subjetivação. Ao investigar esses nexos, Foucault evidenciou como o saber científico operou na delimitação de binarismos significativos: o normativo e o anormal, a saúde e a patologia, a racionalidade e o seu avesso. Assim, sua obra expõe como as ciências humanas participaram ativamente na construção

das definições de humanidade e desumanidade, estabelecendo critérios de verdade que moldam a conduta dos sujeitos na modernidade.

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault empreende o esforço de sistematizar e formalizar o instrumental metodológico operado em suas investigações precedentes. Para além da organização teórica, a obra configura-se como uma resposta estratégica às objeções formuladas por proeminentes intelectuais franceses, entre os quais se destacam Jean-Paul Sartre, Paul Ricoeur e Georges Canguilhem. No cerne das contestações dirigidas ao autor, destacava-se a suposta negação da subjetividade e o obscurecimento das dimensões históricas processuais em favor de uma análise das descontinuidades. Tais interlocutores argumentavam que a análise foucaultiana operava uma redução do campo do conhecimento a meros dispositivos de poder, o que configuraria um ceticismo axiológico e uma renúncia aos fundamentos objetivos da verdade.

Frustrado, Foucault responde a essas críticas afirmando que não pretende negar ou abolir o sujeito humano, mas analisar as condições históricas que tornam possível a emergência do sujeito humano como objeto e sujeito do saber. Afirma também que não ignora a dimensão histórica dos fenômenos humanos, mas propõe uma nova forma de fazer história, que se baseia na noção de descontinuidade. Ressalta que não reduz o saber ao poder, no entanto mostra como o saber é uma forma de poder que se exerce sobre os discursos. Por fim, pontua que sua postura não é niilista ou relativista em relação à verdade, visto que problematiza os critérios de validade dos discursos que pretendem dizer a verdade sobre o homem.

5.1 A ARQUEOLOGIA DO CONHECIMENTO: APRESENTAÇÃO

Para compreender a investigação de Foucault, é importante delimitar a tríade conceitual que sustenta a arqueologia. Diferente da análise linguística tradicional, a arqueologia não busca o sentido oculto das palavras, mas a lei de existência dos signos. Nesse contexto, o enunciado não é uma unidade gramatical ou lógica, mas uma função que permite a existência de grupos de signos; o discurso, por sua vez, constitui-se como um conjunto de enunciados que dependem de um mesmo sistema de formação. Assim, o método arqueológico configura-se como descrição intrínseca desses monumentos discursivos, isolando as regras que tornam certas falas possíveis em determinada época. Diante desse aparato teórico, Foucault

questiona a validade de substituir unidades discursivas convencionais por categorias cuja definição exigiu um denso esforço epistemológico. O autor reflete sobre o extenso processo necessário para clarificar os princípios que fundamentam esse “estranho arsenal” metodológico, indagando se os discursos delimitados por tais ferramentas coincidem com as divisões empíricas iniciais – como a “psiquiatria” ou a “economia política”. A questão central reside em saber se o trabalho arqueológico oferece, de fato, uma nova inteligibilidade ou se meramente ratifica taxonomias já consolidadas. Nesse estágio de maturação teórica, Foucault (2008, p. 154) reconhece a urgência de testar a funcionalidade de suas teses, dado que “Forçosamente, preciso agora medir a eficácia descritiva das noções que tentei definir. Preciso saber se a máquina funciona e o que ela pode produzir”. Essa passagem marca a transição da abstração teórica para a verificação pragmática, evidenciando a necessidade de validar a operabilidade da arqueologia e aferir seus resultados concretos no campo da análise discursiva e da história dos sistemas de pensamento.

Foucault pondera sobre a relevância da análise arqueológica, um método que, em virtude de seu rigor descritivo e sistemático, o autor denomina “arqueologia”. Uma via profícua para abordar a metodologia proposta em *A Arqueologia do Saber* (1969) consiste em seguir o fluxo histórico da obra: após examinar o domínio das formações discursivas e a natureza dos enunciados, e de consolidar uma proposição teórica sobre estes, busca-se identificar suas áreas de aplicação. Esse processo de formalização – entendido aqui como a delimitação das leis internas que regem o que pode ser dito – revela-se imperativo, dado que as estruturas de análise propostas rompem com as continuidades históricas tradicionais, tornando-as, em certa medida, perturbadoras para o senso comum acadêmico. Ao tratar o documento não mais como um receptáculo de significados latentes, mas como um monumento a ser descrito em sua exterioridade, Foucault (2008, p. 153) articula a linha de raciocínio de sua abordagem metodológica nos seguintes termos:

[...] em suma, apelei para todo um aparelho, cujo peso e, sem dúvida, bizarra maquinaria são embaraçosos, pois já existem vários métodos capazes de descrever e analisar a linguagem, para que não seja presunção querer acrescentar-lhes outro. E, além disso, eu havia mantido sob suspeita unidades de discurso como o “livro” ou a “obra” porque desconfiava que não fossem tão imediatas e evidentes quanto pareciam.

Foucault admite que a densidade teórica e a natureza contra-intuitiva de sua proposta metodológica podem, inicialmente, suscitar estranhamento, dada a

predominância de modelos consolidados para a análise e descrição da linguagem. Todavia, o autor ratifica a premência dessa nova abordagem, sustentando que a arqueologia oferece um deslocamento analítico inédito. Para Foucault, tal método não se limita a replicar ou pressupor as categorias das metodologias vigentes, mas estabelece uma inteligibilidade própria que rompe com as redundâncias interpretativas da tradição historiográfica e linguística.

Nessa conjuntura, Foucault estabelece uma problematização retórica acerca da singularidade de seu projeto, ao situar sua investigação em um horizonte que, à primeira vista, poderia ser confundido com a historiografia tradicional. O autor explora a possibilidade de sua análise ter operado em um território já mapeado pela “história das ideias”, utilizando instrumentos que guardariam, ainda que implicitamente, semelhanças com critérios preexistentes. Nesse exercício de autocrítica controlada, Foucault indaga-se se, apesar de sua tentativa deliberada de distanciamento, sua prática não teria se apoiado nas estruturas desse campo consolidado. Ele questiona se os objetos de sua busca já não estariam plenamente examinados por métodos historiográficos convencionais e se, em última instância, sua atuação não se alinharia à de um historiador das ideias. Entretanto, tais indagações não configuram uma hesitação metodológica, mas sim um dispositivo dialético; ao simular o retorno ao campo tradicional, Foucault (2008, p. 154) prepara o terreno para reafirmar a descontinuidade de sua arqueologia, sublinhando que:

Um historiador das ideias que quis renovar inteiramente sua disciplina; que desejou, sem dúvida, dar-lhe o rigor que tantas outras descrições, bastante próximas, adquiriram recentemente; mas que, incapaz de modificar realmente a velha forma de análise, incapaz de fazer com que transpusesse o limiar da cientificidade (quer porque tal metamorfose jamais seja possível, quer porque não tenha tido forças para operar ele mesmo essa transformação), declara, para iludir, que sempre fez e quis fazer outra coisa. Toda essa nova nebulosidade serviu para esconder o fato de que permanecemos na mesma paisagem, ligados a um velho solo gasto até a miséria. Eu não teria o direito de estar tranquilo enquanto não me separasse da “história das ideias”, enquanto não mostrasse em que a análise arqueológica se diferencia de suas descrições.

A exposição foucaultiana evidencia a necessidade imperativa de distinguir sua proposta metodológica da “história das ideias”. Mais do que uma variação disciplinar, a arqueologia é apresentada como uma ruptura paradigmática que oferece chaves analíticas inéditas sobre a gênese e a mutação dos discursos. Para Foucault, essa diferenciação constitui um imperativo ético e intelectual, significativo para sustentar a legitimidade e a singularidade de seu projeto. Ao delimitar as fronteiras de sua análise,

o autor não apenas justifica o valor intrínseco de sua obra, mas estabelece o rigor necessário para que a arqueologia seja reconhecida em sua autonomia teórica, dissociada das continuidades e teleologias da historiografia tradicional.

Foucault (2008, p. 154-155) argumenta que a caracterização da história das ideias revela-se uma tarefa complexa, definindo-a como um “objeto incerto, fronteiras mal desenhadas, métodos tomados de empréstimos aqui e ali, procedimento sem retidão e sem fixidez”. Ao diagnosticar essa ausência de rigor metodológico e a porosidade de seus limites, o autor evidencia a fragilidade de uma disciplina que opera sem uma unidade epistemológica clara. Nesse sentido, ele (2008, p. 155) ressalta que a história das ideias

[...] é a análise dos nascimentos surdos, das correspondências longínquas, das permanências que se obstinam sob mudanças aparentes, das lentas formações que se beneficiam de um sem-número de cumplicidades cegas, dessas figuras globais que se ligam pouco a pouco e, de repente, se condensam na agudeza da obra.

A história das ideias é frequentemente concebida como o rastreamento da gênese de obras canônicas, processo no qual conceitos dispersos e noções globais convergem para a constituição de um corpo teórico definido e coeso. Sob essa ótica tradicional, que privilegia a continuidade e a progressão cronológica, a Arqueologia do Saber pode ser erroneamente interpretada como uma renúncia ou mesmo uma “traição” aos preceitos historiográficos. Contudo, essa ruptura é um imperativo da abordagem metodológica foucaultiana. Conforme o autor (2008, p. 156), a descrição arqueológica configura-se, precisamente, como o “[...] abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram.” Dessa maneira, a arqueologia estabelece um distanciamento crítico da análise convencional. Enquanto a historiografia tradicional empenha-se em conferir coesão e linearidade ao desenvolvimento do pensamento humano, o projeto de Foucault opera na contramão dessa busca por totalidades, propondo uma investigação pautada pelas descontinuidades e pela exterioridade dos discursos.

Foucault (2008, p. 156) assinala quatro características significativas que diferenciam a “análise arqueológica e história das ideias”, “[...] a propósito da determinação de novidade; a propósito da análise das contradições; a propósito das descrições comparativas; a propósito, enfim, da demarcação das transformações.” Tais vetores permitem identificar as nuances da arqueologia como um método que

renuncia às narrativas lineares para desvelar as condições de possibilidade que regem o pensamento em diferentes estratos históricos. Essa ruptura epistemológica fundamenta-se em princípios que operam a descentralização do sujeito e a valorização da materialidade discursiva. Primeiramente, a arqueologia abdica da investigação de pensamentos, representações ou “obsessões” subjetivas que estariam ocultas sob a superfície textual. O foco recai sobre os próprios discursos enquanto práticas reguladas, permitindo uma análise que compreende as estruturas discursivas em seu contexto específico, sem a necessidade de decifrar significados essenciais ou intenções psicológicas. Complementarmente, o método recusa a busca por transições contínuas ou “declives suaves” que ligariam os discursos ao que os precede ou sucede. Em oposição às narrativas de progressão linear, a abordagem arqueológica privilegia as descontinuidades e as rupturas, isolando a singularidade de cada formação discursiva. Ademais, a análise arqueológica não se submete à “figura soberana da obra” nem busca o instante em que esta emerge de um suposto anonimato criativo. Ao deslocar a atenção da criação individual para as estruturas subjacentes que governam o dizer, o método identifica regras e tipologias discursivas que operam de forma independente dos criadores e de suas obras isoladas. Por fim, a arqueologia renuncia à repetição identitária do que foi dito, evitando a busca por uma essência ou intenção autoral pretendida. Ao focar na forma, na regularidade e na análise externa dos discursos históricos, Foucault consolida uma abordagem que substitui a interpretação hermenêutica pela descrição sistemática das regras que constituem o saber.

5.2 UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO ACONTECIMENTO E DA REGULARIDADE

Ao delimitar o escopo de sua investigação, Foucault (2008, p. 162) observa que “a descrição arqueológica se dirige às práticas discursivas a que os fatos de sucessão devem-se referir, se não quisermos estabelecê-los de maneira selvagem e ingênua, isto é, em termos de mérito”. Essa perspectiva estabelece a necessidade de apreender as regras de formação que governam a emergência e as transformações das práticas discursivas, afastando-se de historiografias que operam sob julgamentos de valor ou teleologias do progresso. Esse deslocamento impõe uma abordagem pautada pela descrição objetiva das estruturas, na qual o foco recai sobre a positividade das práticas em si, e não sobre a validação moral ou intelectual. Diante

disso, a arqueologia do saber abdica de uma análise fundamentada na frequência estatística ou na singularidade episódica dos enunciados. Em oposição, o método interessa-se prioritariamente pelas condições de possibilidade e pelas leis que regulam sua formulação e existência no arquivo. Ao recusar o critério do “mérito” ou do “gênio individual”, o autor (2008, p. 162) sublinha que:

A arqueologia não está à procura das invenções e permanece insensível ao momento [...] em que, pela primeira vez, alguém esteve certo de uma verdade; ela não tenta restituir a luz dessas manhãs festivas, o que não quer dizer que se dirija aos fenômenos médios da opinião pública e à palidez do que todo mundo, em uma certa época, podia repetir.

Nessa citação, Foucault delimita a arqueologia como um campo de análise que recusa tanto a busca por origens geniais quanto a mera descrição de opiniões comuns. Ao afirmar que o método permanece “insensível” ao momento da descoberta da verdade ou às “manhãs festivas” da invenção, o autor opera uma crítica contundente à história das ideias tradicional, que tende a personificar o conhecimento e a celebrá-lo como um triunfo da consciência individual. No entanto, essa recusa da “novidade” como valor absoluto não implica um deslocamento para o estudo do senso comum ou da “opinião pública”. Pelo contrário, a arqueologia volta-se para as regras de formação que constituem o sistema de positivities de uma época; ela investiga as condições de possibilidade que permitem que um enunciado seja formulado e aceito como verdadeiro ou falso, independentemente de ser uma ideia revolucionária ou uma repetição cotidiana. Dessa maneira, o foco da análise não é a autoria ou a originalidade, mas a estrutura do arquivo que define os limites e as formas do que pode ser dito.

Foucault (2008, p. 164) postula que “o campo dos enunciados não é um conjunto de plagas inertes, escandido por momentos fecundos; é um domínio inteiramente ativo”. Por meio dessa asserção, o autor refuta a concepção do saber como uma coleção estática de conhecimentos que aguardaria passivamente por lapsos isolados de inovação ou grandes descobertas. Em oposição a uma visão puramente acumulativa, a perspectiva arqueológica compreende o domínio enunciativo como um espaço de atividade permanente, caracterizado por interações, tensões e redistribuições. Desse modo, os enunciados não operam como elementos fixos, mas como componentes dinâmicos submetidos a processos de revisão, deslocamento e reformulação contínua dentro de uma rede de regularidades. Trata-se de construção no qual o conhecimento é constantemente desafiado e reordenado

por meio de novas condições de existência. Consequentemente, o estudo das regularidades discursivas expande-se em múltiplas direções, exigindo que a análise atente para as especificidades que regem a formação e a transformação desse domínio, o qual Foucault passa a detalhar sob critérios técnicos rigorosos.

Foucault (2008, p. 164) ressalta que “1- Uma certa forma de regularidade caracteriza, pois, um conjunto de enunciados, sem que seja necessário – ou possível – estabelecer uma diferença entre o que seria novo e o que não seria”. Cada domínio do saber possui regularidades próprias que delimitam uma formação discursiva específica; todavia, essas normas variam de acordo com o campo, evidenciando o caráter dinâmico e as transformações contingentes do conhecimento e das práticas discursivas. Nessa concepção, é perfeitamente possível a existência de enunciados gramaticalmente e logicamente idênticos que, no entanto, operam como funções enunciativas distintas. Ainda que compartilhem o mesmo léxico e a mesma estrutura lógica, tais enunciados podem estar vinculados a sistemas heterogêneos de formação de objetos e conceitos, resultando em aplicações e regimes de verdade fundamentalmente diversos. Por essa razão, Foucault (2008, p. 164) enfatiza que “É preciso, pois, distinguir entre *analogia linguística* (ou tradutibilidade), *identidade lógica* (ou equivalência) e *homogeneidade enunciativa*. São dessas homogeneidades – e exclusivamente – que a arqueologia se encarrega.” Dessa maneira, a arqueologia define seu objeto de estudo de maneira singular, uma vez que ela não se ocupa das semelhanças formais da língua ou das equivalências do raciocínio, mas encarrega-se exclusivamente de descrever as referidas homogeneidades enunciativas. Esse foco permite que a análise se distancie de interpretações semânticas ou estruturalistas tradicionais, concentrando-se nas regras de existência que permitem a um discurso se estabelecer como uma prática regulada e histórica. Por meio da análise das regularidades e das coerências internas de um arquivo, a arqueologia torna-se capaz de identificar o surgimento de novas práticas discursivas, proporcionando uma compreensão profunda das diversas modalidades de organização do discurso no tempo. Foucault (2008, p. 165) sublinha que “As homogeneidades (e heterogeneidades) enunciativas se entrecruzam com continuidades (e mudanças) linguísticas, com identidades (e diferenças) lógicas, sem que umas e outras caminhem no mesmo ritmo ou se dominem necessariamente.” Esta observação é importante para desarticular a ideia de que a história do pensamento segue um progresso uniforme; ao contrário, ela revela que as transformações no nível do saber podem

ocorrer independentemente de mudanças na estrutura gramatical ou na validade lógica dos argumentos. Nesse sentido, a abordagem arqueológica enfatiza a relevância de investigar as relações complexas e assimétricas entre esses diferentes níveis da linguagem. Assim, tal investigação permite compreender como a articulação entre as leis de formação discursiva e as estruturas linguísticas produz efeitos de verdade e sistemas de significado específicos. Ao dissociar o ritmo das mudanças linguísticas das transformações enunciativas, a arqueologia consolida-se como uma ferramenta analítica que respeita a autonomia e a densidade própria do campo discursivo, evitando reducionismos que tentam submeter o saber a uma cronologia linear ou a uma evolução puramente semântica.

Como segunda especificidade metodológica, Foucault (2008, p. 165) propõe “2- Outra direção de pesquisa: as hierarquias internas às regularidades enunciativas.” Sob essa ótica, os enunciados prescindem de uma originalidade absoluta, fundamentando-se em um sistema de regras e normas que delimitam o campo enunciativo. Tais regras, embora não se apresentem de forma explícita, operam de modo latente na organização dos discursos, definindo o espaço de coexistência e a validade das formulações. Consequentemente, estabelece-se uma gradação entre as normas que regem o campo, permitindo que a análise identifique desde as diretrizes mais genéricas até a constituição de objetos, conceitos, modalidades e estratégias discursivas mais específicas. Nesse contexto, Foucault (2008, p. 166) utiliza a metáfora botânica para explicar a possibilidade de

[...] assim, descrever uma árvore de *derivação* enunciativa: em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão.

A imagem da árvore de derivação enunciativa constitui um instrumental analítico rigoroso para apreender a hierarquia de generalidade entre os enunciados. Esse modelo permite mapear o processo de refinamento das regras de formulação, demonstrando como enunciados periféricos derivam de princípios estruturantes mais amplos. Longe de ser uma mera ilustração, tal ferramenta aprofunda a inteligibilidade do discurso ao revelar a arquitetura complexa na qual as regras se articulam para sustentar a economia do saber em uma determinada época.

Foucault (2008, p. 167) sustenta que

[...] a arqueologia descreve um nível de homogeneidade enunciativa que tem seu próprio recorte temporal, e que não traz com ela todas as outras formas de identidade e de diferenças que podem ser demarcadas na linguagem; e neste nível, ela estabelece um ordenamento, hierarquias e todo um florescimento que excluem uma sincronia maciça, amorfa, apresentada global e definitivamente.

Nesse sentido, ao recusar a ideia de um tempo histórico unificado, o autor demonstra que a unidade dos discursos possui uma duração específica, que não coincide necessariamente com as estruturas linguísticas ou lógicas de seu período. Dessa maneira, a análise arqueológica decompõe as unidades genéricas e frequentemente confusas denominadas “épocas”, revelando, em sua singularidade, “períodos do discursos” que possuem ritmos de transformação distintos. Embora esses períodos se relacionem com a cronologia dos conceitos, das teorias, das formalizações e das mutações linguísticas, eles guardam uma independência ontológica, não se identificando com tais instâncias. Portanto, a arqueologia revela uma justaposição do saber na qual diferentes camadas de discurso coexistem e se transformam em velocidades variáveis, rompendo com a visão de uma história linear e homogênea.

5.3 CONTRADIÇÕES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DE SUAS FORMAS E IMPACTOS

A abordagem arqueológica identifica na contradição um elemento analítico central para a compreensão das formações discursivas. Diferente da historiografia tradicional, que busca harmonizar incoerências em prol de uma unidade transcendental, Foucault (2008, p. 170) postula que a “A contradição é a ilusão de uma unidade que se oculta ou que é ocultada [...] De qualquer forma, a análise deve suprimir, sempre que possa, a contradição”. Assim, a investigação crítica não deve negligenciar as tensões internas da linguagem, mas operá-las como chaves para desvelar as complexas relações de poder e as múltiplas modalidades de significação que coexistem em um mesmo campo. Para o autor (2008, p. 170), a contradição assume uma função dinâmica, atuando “ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade”. Isso implica que as transformações e reconfigurações do saber não ocorrem apesar das contradições, mas são por elas impulsionadas. Ao mapear esses embates e rupturas inerentes à prática discursiva, a arqueologia permite expor os mecanismos de dominação e as assimetrias de poder que sustentam determinados regimes de verdade. Portanto, a análise das contradições não visa restaurar uma

coerência perdida, mas descrever o jogo de forças que define a existência e a mutabilidade dos discursos no tempo.

No âmbito da arqueologia, as contradições perdem o estatuto de erros lógicos ou obstáculos ao conhecimento para assumirem a condição de objetos descritivos autônomos. Foucault (2008, p. 171) sublinha que estas “não são nem aparências a transpor, nem princípios secretos que seria preciso destacar. São objetos a serem descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se podem dissipar ou em que nível se radicalizam e se transformam de efeitos em causas”. Desse modo, o objetivo metodológico é mapear a manifestação e a articulação dessas tensões no interior do discurso, evitando reduzi-las a uma perspectiva unificada ou a sistemas interpretativos predefinidos. Assim, essa abordagem exige uma descrição meticulosa que prescinde de julgamentos axiológicos, focando na regularidade da contradição em vez de sua validação moral ou lógica. Ao investigar a arquitetura dos discursos, Foucault (2008, p. 175) esclarece que

Uma formação discursiva não é, pois, o texto ideal, contínuo e sem aspereza, que corre sob a multiplicidade das contradições e as resolve na unidade calma de um pensamento coerente; não é, tampouco, a superfície em que se vem refletir, sob mil aspectos diferentes, uma contradição que estaria sempre em segundo plano, mas dominante. É antes um espaço de dissensões múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos.

Diante disso, a análise crítica sugere o abandono da busca por uma verdade única e transcendental. Em substituição ao modelo hermenêutico tradicional, o autor propõe o reconhecimento da complexidade discursiva, composta por múltiplas vozes e assimetrias de poder. A arqueologia do saber, ao privilegiar essa exterioridade das oposições, traz à luz uma perspectiva analítica que problematiza normas e valores estabelecidos, evidenciando as fissuras nas verdades instituídas e permitindo a emergência de novas configurações do pensamento e da ação.

Foucault (2008, p. 175) propõe que “A análise arqueológica revela o primado de uma contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma única e mesma proposição, mas não para nivelar todas as oposições em formas gerais de pensamento e pacificá-las à força por meio de um *a priori* coator.” Nesse modelo analítico, a contradição transcende o mero confronto de ideias para operar como um princípio estruturante que dinamiza o discurso. Visto que essa formulação complexa sugere que a contradição não reside em elementos isolados, mas na coexistência de perspectivas antagônicas, a arqueologia impede a redução do saber

a visões simplistas, exigindo a investigação das tensões que constituem o campo discursivo. Dessa forma, a análise arqueológica, ao abdicar de uma falsa pacificação das contradições, reconhece-as como elementos significativos da investigação. Foucault (2008, p. 175) observa que na análise arqueológica “Trata-se, ao contrário, de demarcar, em uma prática discursiva determinada, o ponto em que elas se constituem, definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandara.” Assim, em vez de buscar uma neutralidade ilusória, deve-se descrever as contradições como componentes essenciais de uma dinâmica complexa, atravessada por diferentes correlações de força e contextos de poder. Nesse sentido, na análise arqueológica, explica-se que o objetivo consiste em manter o discurso em suas diversas asperezas, suprimindo o tema de uma contradição uniformemente resolvida no elemento indiferenciado do *logos*. Diante disso, a abordagem metodológica da arqueologia do saber reconhece que o discurso é uma dispersão de vozes e perspectivas que se entrelaçam e se confrontam. Ao descrever essas clivagens, a investigação evita o confinamento em modelos interpretativos que funcionariam como recipientes redutores, os quais apagariam as diferenças em favor de uma unidade artificial e totalizante.

5.4 UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DOS FATOS COMPARATIVOS

Conforme a proposição de Foucault (2008, p. 177), a análise arqueológica dedica-se

A análise arqueológica individualiza e descreve formações discursivas, isto é, deve compará-las, opô-las umas às outras na simultaneidade em que se apresentam, distingui-las das que não têm o mesmo calendário, relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas discursivas que as envolvem e lhes servem de elemento geral.

Desse modo, a metodologia identifica e analisa as diversas modalidades discursivas de determinados períodos históricos, mapeando os conjuntos de enunciados que obedecem a regras de formação análogas em uma época delimitada. Nessa concepção, Foucault (2008, p. 177) esclarece que “[...] o estudo arqueológico está sempre no plural: ele se exerce em uma multiplicidade de registros; percorre interstícios e desvios; tem seu domínio no espaço em que as unidades se justapõem, se separam, fixam suas arestas, se enfrentam, desenham entre si espaços em branco.” Portanto, essa abordagem explora diversos níveis de análise ao seguir as

lacunas e rupturas do tecido discursivo. Ela define seu campo de investigação precisamente no espaço em que as formações se sobrepõem, diferenciam-se e se confrontam, evidenciando as zonas de silêncio e as descontinuidades que delimitam as fronteiras do saber. Foucault (2008, p. 177) sublinha que a análise arqueológica

[...] é para estabelecer, por comparação, seus limites cronológicos; é também para descrever, ao mesmo tempo que eles e em correlação com eles, um campo institucional, um conjunto de acontecimentos, de práticas, de decisões políticas, um encadeamento de processos econômicos em que figuram oscilações demográficas, técnicas de assistência, necessidades de mão-de-obra, níveis diferentes de desemprego etc.

Dessa maneira, ao analisar um domínio específico, como o da psiquiatria ou da medicina, torna-se possível delimitar as condições históricas que presidiram a emergência e as transformações de tais discursos, situando-os em relação às práticas sociais e políticas que os perpassam sem, contudo, reduzi-los a um simples reflexo de uma racionalidade geral ou de uma infraestrutura material. Outra dimensão fundamental da análise refere-se ao que o autor (2008, p. 177) denomina “[...] uma aproximação lateral [...]”, que consiste em “[...] utilizar várias positivities distintas, cujos estados concomitantes são comparados durante um período determinado e confrontados com outros tipos de discurso que tomaram o seu lugar em uma determinada época.” Essa concepção permite que a arqueologia opere com domínios heterogêneos que coexistem em uma mesma época, identificando semelhanças e discrepâncias nas regras de formação que os regem. Ao confrontar esses sistemas com formações discursivas posteriores, o método evidencia as transformações e as rupturas que reconfiguram o arquivo. Consequentemente, Foucault enfatiza que tal abordagem metodológica se distancia radicalmente das investigações historiográficas tradicionais e das análises clássicas da história das ideias, que tendem a buscar continuidades e influências lineares. Em oposição a esses modelos, o autor consolida uma descrição sistemática, e não simplesmente uma análise interpretativa, que prioriza a autonomia das regras de formação e a especificidade do fato discursivo. Essa distinção encerra a fundamentação da arqueologia como uma prática analítica voltada para a exterioridade e para a densidade das relações entre saber e poder.

Foucault (2008, p. 178) especifica a primeira particularidade da análise arqueológica como sendo “1- A comparação, nesse caso, é sempre limitada e regional. Longe de querer fazer aparecer formas gerais, a arqueologia procura desenhar configurações singulares.” Assim, o autor pontua que, ao investigar a

gramática geral, a análise das riquezas e a história natural no período clássico, não se busca reunir expressões dotadas de valor significativo ou reconstruir modelos de racionalidade aplicáveis a toda a ciência clássica. Tampouco se intenta iluminar os contornos de uma suposta identidade cultural preexistente. Nesse sentido, o objetivo central da arqueologia do saber é evidenciar um conjunto bem definido de formações discursivas que mantêm entre si relações passíveis de descrição sistemática. Foucault (2008, p.178) observa que “São essas relações internas e externas que caracterizam a história natural, a análise das riquezas e a gramática geral como um conjunto específico e permitem que nelas se reconheça uma *configuração interdiscursiva*.” Essas formações estruturam-se por meio de relações internas fundamentadas nas regras de formação de seus conceitos, enunciados, objetos e posições de sujeito, ao mesmo tempo em que estabelecem correlações externas com outros tipos de discurso, as quais podem manifestar-se sob formas de subordinação, complementaridade ou oposição. Considerando isso, essas dinâmicas definem a configuração dessas formações discursivas, revelando o modo como elas se articulam reciprocamente e com outros domínios do saber. Ao focar na especificidade dessas redes, a arqueologia evita a redução do conhecimento a um espírito de época homogêneo, privilegiando o estudo das regularidades que sustentam a dispersão dos saberes em um campo de positivities determinado.

Foucault antecipa possíveis objeções que questionariam a validade e a abrangência de sua abordagem metodológica na arqueologia do saber, fundamentada nas três formações discursivas supracitas. O autor sublinha que a escolha desses domínios não visa representar a totalidade do pensamento do século XVIII, nem reduzir a diversidade dos discursos a um modelo unitário; ao contrário, pretende demonstrar como tais campos se articulam segundo regras próprias, constituindo uma configuração singular e não extrapolável para outras áreas. Por conseguinte, Foucault rejeita a premissa de que sua análise seria invalidada pela existência de domínios distintos, como a química, a matemática ou a exegese bíblica. Nesse modelo, tais áreas não constituem contraexemplos, mas ocasiões para descrever outras configurações interdiscursivas que não se sobrepõem nem se confundem com a região estudada. O caráter limitado e regional da arqueologia não busca estabelecer uma continuidade cultural ou uma racionalidade geral; seu objetivo é repartir a diversidade discursiva em figuras autônomas. Diante dessa necessidade particular, Foucault (2008, p. 179) observa que “Isso seria, com efeito, a prova de que eu não

teria descrito, como pretendi fazê-lo, uma *região de interpositividade*; teria caracterizado o espírito ou a ciência de uma época – contra o que todo o meu trabalho se voltou.” Dessa forma, o autor afirma que a descoberta de regras diferentes em outros campos não invalida seu método, mas, ao contrário, o confirma. Se a arqueologia encontrasse a mesma estrutura em todos os saberes de um período, ela recairia no erro da história das ideias tradicional ao tentar retratar o “perfil de uma cultura” como um todo homogêneo. Assim, as relações estabelecidas na arqueologia servem exclusivamente para delimitar uma configuração técnica específica, preservando a descontinuidade e a dispersão dos saberes em vez de submetê-los a uma unidade intelectual universal.

Foucault (2008, p. 189) problematiza a escolha de comparar a gramática geral com a história natural e a análise das riquezas em detrimento de outras disciplinas contemporâneas. Seu argumento sustenta que não há privilégio teórico ou predileção intrínseca nessa escolha, mas apenas uma possibilidade descritiva entre outras. O autor reconhece que, se tivesse optado por correlacionar a gramática geral com a história, a crítica bíblica, a retórica ou a teoria das belas-artes, teria delineado um campo de interpositividade distinto. Nesse sentido, o presente campo revelaria um novo conjunto de relações entre formações discursivas que não invalidariam as descrições anteriores, mas as cruzariam em pontos específicos de tangência. Diante disso, a ênfase foucaultiana salienta que as redes de relações discursivas não são estruturas fixas ou previsíveis *a priori*, dependendo estritamente da investigação empírica do arquivo. A análise demonstra que cada formação discursiva pode integrar simultaneamente múltiplas redes de relações, sem que isso exija uma correspondência exata entre elas. Para descrever as nuances dessas conexões, Foucault utiliza os conceitos de isomorfismo e isotopia, visando indicar, respectivamente, a semelhança de forma e a identidade de lugar que as formações discursivas podem assumir nas diversas redes em que se inserem. Dessa maneira, a arqueologia não almeja esgotar a totalidade das relações possíveis, mas descrever configurações específicas de positividade. Ao reconhecer que diferentes recortes produzem diferentes visibilidades, o método reafirma seu caráter regional e sua recusa em estabelecer uma unidade cultural monolítica, privilegiando a descrição da dispersão e da complexidade dos saberes.

A abordagem metodológica de Foucault (2008, p. 180) abdica da pretensão de identificar uma forma única de pensamento, conhecimento ou cultura que defina a

essência de uma época. Em oposição à busca por uma unidade transcendental, o método arqueológico volta-se para a descrição das diversas modalidades de discurso, investigando a produção e a organização de enunciados que se articulam em redes complexas e variáveis. Ele (2008, p. 180) explica que

O horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois, *uma* ciência, *uma* racionalidade, *uma* mentalidade, *uma* cultura; é um emaranhado de interpositividades cujos limites e pontos de cruzamentos não podem ser fixados de imediato. A arqueologia: uma análise comparativa que não se destina a reduzir a diversidade dos discursos nem a delinear a unidade que deve totalizá-los, mas sim a repartir sua diversidade em figuras diferentes. A comparação arqueológica não tem um efeito unificador, mas multiplicador.

Nessa conjuntura, a comparação arqueológica não exerce um efeito unificador, mas multiplicador. Ao invés de almejar uma síntese que simplifique a pluralidade do saber, a arqueologia do saber dedica-se a revelar as diferenças, articulações e rupturas que constituem as formações discursivas. Desse modo, trata-se de uma análise que renuncia à totalização em favor da descrição das configurações e transformações do arquivo. Ao recusar a redução do discurso a um modelo único, a arqueologia expande as possibilidades de compreensão da historicidade dos saberes, mantendo a integridade de suas dispersões e a especificidade de suas regras de formação.

Foucault (2008, p. 180) elucida a segunda particularidade de sua abordagem metodológica ao propor a análise de três campos do saber consolidados nos séculos XVII e XVIII, a saber: a gramática geral, dedicada ao exame da estrutura e do funcionamento das línguas; a história natural, pautada na classificação e ordenação dos seres vivos; e a análise das riquezas, voltada à investigação dos fenômenos e leis da economia. A proposta do autor não reside em apreender as ideias comuns ou os pressupostos compartilhados pelos estudiosos desses domínios, tampouco em identificar princípios gerais que orientariam suas teorias de maneira implícita. Nesse sentido, a análise arqueológica prescinde de investigar influências recíprocas, como o impacto da teoria da linguagem sobre a classificação dos seres naturais, ou os reflexos ideológicos entre a ordem da natureza e a teoria da riqueza. Do mesmo modo, o método não se ocupa, primordialmente, dos aspectos históricos e sociais que condicionam a difusão ou o prestígio de tais saberes. Embora possuam validade historiográfica, essas questões não pertencem ao nível de análise pretendido por Foucault, visto que seu objetivo consiste em descrever as regras de formação desses saberes e as relações estabelecidas entre eles. Além disso, a arqueologia busca

mapear as modalidades de articulação desses discursos com práticas não discursivas, abrangendo as instâncias políticas, econômicas e institucionais. Sua perspectiva procura demonstrar como esses saberes se constituíram como formações discursivas específicas, dotadas de historicidade própria que, embora autônoma, relaciona-se com múltiplas outras historicidades. Assim, o foco desloca-se da exegese das intenções para a descrição sistemática das condições de existência do discurso em sua exterioridade.

Foucault tem por objetivo analisar as formações discursivas em sua especificidade e distância, recusando reduzi-las a unidades artificiais ou continuidades lineares. Nesse sentido, ele (2008, p. 181-182) observa que “O que esta quer libertar é, inicialmente – mantidas a especificidade e a distância das diversas formações discursivas -, o jogo das analogias e das diferenças, tais como aparecem no nível das regras de formação. Isso implica cinco tarefas distintas [...]” Dessa maneira, a abordagem arqueológica deve examinar as correlações e as discrepâncias que se manifestam na base normativa dos discursos. A primeira tarefa consiste em “a) Mostrar como elementos discursivos inteiramente diferentes podem ser formados a partir de regras análogas [...] mostrar, entre formações diferentes, os *isomorfismos arqueológicos*.” Trata-se de revelar as correspondências estruturais entre formações distintas que compartilham regras comuns de formação. Em seguida, a segunda tarefa busca “b) Mostrar até que ponto essas regras se aplicam ou não do mesmo modo, se encadeiam ou não da mesma ordem, dispõem-se ou não conforme o mesmo modelo nos diferentes tipos de discurso [...] definir o *modelo arqueológico* de cada formação.” Essa etapa demonstra que a ordenação e a disposição dos elementos variam conforme o campo discursivo; na análise das riquezas e na história natural, por exemplo, nota-se que as teorias podem inverter suas prioridades, transitando entre a origem e a classificação de modo distinto. Nesse sentido, torna-se necessário definir o modelo arqueológico de cada formação discursiva, isto é, a estrutura e a organização que caracterizam cada tipo de discurso. A terceira tarefa da análise arqueológica consiste em

c) Mostrar como conceitos perfeitamente diferentes [...] ocupam uma posição análoga na ramificação de seu sistema de positividade – que são dotados, assim, de uma *isotopia arqueológica* – ainda que seu domínio de aplicação, seu grau de formalização, sobretudo sua gênese histórica, os tornem totalmente uns aos outros.

O autor demonstra que, em diferentes formações discursivas, há elementos que, apesar de possuírem significados e origens diversas, exercem papel estrutural idêntico no sistema de positividade. Assim, noções como “valor” e “caráter específico” podem ser arqueologicamente análogas, embora permaneçam historicamente heterogêneas, evidenciando que a isotopia não pressupõe homogeneidade ou continuidade conceitual. Em contrapartida, a quarta tarefa busca “d) Mostrar, em compensação, como uma única e mesma noção [...] pode abranger dois elementos arqueologicamente distintos [...] indicar as *defasagens arqueológicas*.” Esse procedimento revela que a identidade terminológica de uma ideia ou termo pode mascarar funções e significados radicalmente diferentes conforme a formação discursiva em que se insere. Sendo assim, a arqueologia deve apontar as lacunas existentes entre esses elementos, recusando a premissa de que seriam intercambiáveis apenas por compartilharem o mesmo significante. Por fim, a quinta tarefa visa “e) Mostrar, finalmente, como, de uma positividade a outra, podem ser estabelecidas relações de subordinação ou de complementaridade [...] estabelecer as *correlações arqueológicas*.” Essa etapa final da abordagem se articula hierarquicamente ou se integra de maneira complementar. Ao estabelecer tais correlações, a arqueologia mapeia a rede de interpositividade, revelando a arquitetura complexa que sustenta o arquivo e as transformações dos saberes em sua exterioridade regulada.

Foucault (2008, p. 182) sublinha que “Em todas essas descrições, nada se apoia na determinação de influências, trocas, informações transmitidas, comunicações.” O método arqueológico destitui-se da identificação de causas ou efeitos lineares entre diferentes discursos, voltando-se, especificamente, para a compreensão das regras que tornam essas relações possíveis. Nesse sentido, as noções tradicionais de influência e intercâmbio não são meramente negadas, mas situadas em um nível distinto de descrição, em que deixam de ser explicações causais para se tornarem fenômenos a serem observados sob a ótica da estrutura discursiva. O objetivo da análise, de acordo com Foucault (2008, p. 182), reside em “[...] descrever o campo de vetores e de receptividade diferencial (permeabilidade e impermeabilidade) que, para o jogo de trocas, foi condição de possibilidade histórica.” Sob essa concepção, investiga-se por que, em determinado recorte temporal, certos conceitos puderam ser relacionados, transferidos ou generalizados entre campos distintos do saber. Esse procedimento delimita o espaço de possibilidades e os limites

que definem as condições circunstanciais e de funcionamento das práticas discursivas em sua exterioridade. Nessa arquitetura teórica, a interpositividade não deve ser confundida com simples proximidade, similaridade ou conexão fortuita entre tipos de discurso. Ela configura-se como um conceito técnico que se refere à lei que rege as comunicações entre as formações discursivas, ou seja, à gramática profunda que determina como os saberes se articulam e se diferenciam reciprocamente. Dessa forma, a interpositividade não é uma propriedade do conteúdo ou do contexto histórico imediato, mas uma função da estrutura e da posição dos discursos no interior do arquivo.

Foucault (2008, p. 182) especifica a terceira particularidade da análise ao afirmar que “3 - A arqueologia faz também com que apareçam relações entre as formações discursivas e domínios não discursivos [...]”. Essa diretriz permite estabelecer correlações entre os discursos e as instâncias exteriores a eles, tais como instituições, eventos políticos e processos econômicos. Diante de um conjunto de enunciados, o método arqueológico abdica tanto da investigação genética sobre a origem (contextos de formulação) quanto da busca hermenêutica pelo significado latente. O foco recai sobre a determinação de como as regras de formação, que definem a positividade de um saber, conectam-se a sistemas não discursivos, estabelecendo modalidades específicas de articulação.

Nesse sentido, Foucault (2008, p. 184) considera que a arqueologia

[...] situa sua análise em um outro nível: os fenômenos de expressão, de reflexos e de simbolização são, para ela, apenas os efeitos de uma leitura global em busca das analogias formais ou das translações de sentidos; quanto às relações causais, elas só podem ser assinaladas no nível do contexto ou da situação e de seu efeito sobre o sujeito falante; de qualquer modo, umas e outras só podem ser demarcadas uma vez definidas as positivities em que aparecem e as regras segundo as quais essas positivities foram formadas.

Diante disso, a arqueologia concentra-se na descrição das positivities enquanto conjuntos de regras que conferem regularidade a um grupo de discursos, constituindo o campo de relações em que as simbolizações e os efeitos discursivos são efetivamente situados e determinados. Consequentemente, essa perspectiva rejeita o tema da expressão e do reflexo, recusando a ideia de que o discurso seja meramente a manifestação simbólica de fatos exteriores. O objetivo não é estabelecer nexos causais lineares entre uma descoberta científica e um acontecimento social, mas compreender o campo de existência e o funcionamento de uma prática discursiva

em sua exterioridade. Ao suspender a análise causal tradicional, a arqueologia não reivindica uma autonomia absoluta do discurso; antes, ela busca descrever as condições de possibilidade que permitem a uma prática discursiva articular-se a uma rede de instituições e processos econômicos sem perder sua regularidade intrínseca. Foucault (2008, p. 185-186) esclarece que a descrição arqueológica dos discursos se desdobra na dimensão de uma história geral, cujo objetivo é mapear o domínio das instituições, dos processos econômicos e das relações sociais no qual uma formação discursiva se articula. Essa perspectiva metodológica recusa o isolamento do discurso em uma “pura idealidade”, demonstrando que sua autonomia e especificidade não lhe conferem independência histórica total. O que a arqueologia pretende revelar, em última instância, é o nível singular em que a história permite a emergência de tipos definidos de discurso que possuem uma historicidade própria, mas que permanecem intimamente relacionados a um conjunto de historicidades diversas. Dessa maneira, a arqueologia do saber não separa o discurso de suas condições materiais e sociais de produção; ao contrário, ela reconhece que a prática discursiva, embora dotada de regras internas de formação, opera em constante interface com práticas não discursivas. A historicidade de um saber, portanto, não é um fluxo linear e isolado, mas uma trajetória que se entrecruza com os ritmos das instituições e dos sistemas econômicos. Ao situar a análise nesse patamar, Foucault sugere que o discurso seja entendido como um elemento ativo da história, capaz de manter sua organização interna enquanto se articula com as diversas formas de temporalidade que caracterizam o corpo social.

5.5 UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS MUDANÇAS E DAS TRANSFORMAÇÕES

Foucault defende a especificidade da abordagem arqueológica diante da questão da mudança nos discursos, refutando a crítica de que seu método ignoraria a dimensão temporal ao privilegiar a análise das formações discursivas. A metodologia arqueológica não visa explicar o desenvolvimento evolutivo dos discursos, mas descrever a estrutura de suas positivities, as quais operam em uma temporalidade que não se confunde com a sucessão cronológica tradicional. Sob essa ótica, o discurso não é submetido a uma lógica histórica teleológica; a cronologia é mobilizada primordialmente para demarcar os limites das positivities. Desse modo, a arqueologia volta-se para o instante da ruptura, no qual uma positividade é

substituída por outra, analisando as discontinuidades que a história das ideias frequentemente oculta sob o manto da continuidade. Nesse contexto, em Foucault (2008, p. 185-186) afirma: “O discurso é subtraído à lei do devir e se estabelece em uma intemporalidade descontínua. Imobiliza-se por fragmentos: estilhaços precários de eternidade.” O autor analisa a formação dos discursos a partir de regras que se mantêm constantes enquanto perdurar essa positividade; tais regras não se alteram a cada uso, mas funcionam como a condição de possibilidade para a emergência de enunciados variados e dispersos. Desse modo, ao realizar essa descrição, a arqueologia não segue a cronologia linear das formulações, mas busca revelar as relações que definem a temporalidade própria dos discursos, organizando-os em séries que se cruzam e se sobrepõem. Dessa maneira, os discursos deixam de ser compreendidos como uma simples sucessão de acontecimentos para serem tratados como práticas dotadas de formas específicas de encadeamento e sucessão, estabelecendo uma historicidade que é específica do próprio sistema discursivo.

Foucault (2008, p. 188) estabelece as relações que definem a temporalidade das formações discursivas, conectando-as em sequências cujas intersecções são fundamentais para a análise arqueológica. A primeira característica desse exame define que a “A arqueologia define as regras de formação de um conjunto de enunciados.” Dessa forma, isso permite compreender como uma série de fatos, em sua ordem de ocorrência, transmuta-se em objeto de um discurso, sendo registrados, conceituados e integrados a uma opção teórica. O autor (2008, p. 189) identifica: “A arqueologia analisa o grau e a forma de permeabilidade de um discurso: apresenta o princípio de sua articulação com uma cadeia de acontecimentos sucessivos; define os operadores pelos quais os acontecimentos se transcrevem nos enunciados.” Nesse sentido, a arqueologia não nega o contexto dos novos enunciados em correlação com acontecimentos “exteriores”. Sua tarefa é determinar as condições de possibilidade para que tal correlação se estabeleça, definindo seus limites, formas, códigos e leis de possibilidade. Em vez de evitar a mobilidade dos discursos que acompanham o ritmo dos eventos, o método busca isolar o patamar em que essa dinâmica se desencadeia, o que Foucault (2008, p. 189) denomina

A arqueologia não nega a possibilidade de enunciados novos em correlação com acontecimentos “exteriores”. Sua tarefa é mostrar em que condições pode haver tal correlação entre eles, e era que ela consiste precisamente (quais são seus limites, forma, código, lei de possibilidade). Não evita a mobilidade dos discursos que os faz agitarem -se ao ritmo dos

acontecimentos; tenta libertar o nível em que ela se desencadeia – o que se poderia chamar o nível de *embreagem* dos acontecimentos.

Portanto, a abordagem metodológica da arqueologia do saber não ignora a dinamicidade discursiva em face dos fatos externos, mas procura desvendar o nível em que esse movimento se realiza. Poder-se-ia denominar esse estrato como a engrenagem específica de cada formação discursiva, a qual não compartilha necessariamente as mesmas regras, os mesmos operadores ou a mesma sensibilidade de outros sistemas de saber. Assim, a historicidade do discurso é preservada em sua singularidade, descrevendo-se o modo como a realidade exterior é filtrada e integrada às práticas discursivas reguladas.

Dessa forma, Foucault (2008, p. 189) pontua que “todas as regras de formação atribuídas pela arqueologia a uma positividade não têm a mesma generalidade: algumas são mais particulares e derivam das outras. Essa subordinação pode ser somente hierárquica, mas pode comportar também um vetor temporal.” Desse modo, as regras que definem uma positividade não operam em um nível único: existem normas específicas que dependem de preceitos mais gerais que lhes servem de base, configurando uma dependência que pode ser de ordem lógica ou temporal. O método proposto para analisar as formações discursivas não deve considerar as regras de formação como entidades equivalentes e simultâneas. É imperativo demonstrar as relações, as ramificações e as derivações existentes entre elas. Diante disso, a arqueologia do saber não se limita a uma sincronia estática, mas se estende a uma dinâmica que considera as diversas formas de sucessão e transformação dos discursos. Conforme observa Foucault (2008, p. 190) “A arqueologia não toma, pois, como modelo nem um esquema puramente lógico de simultaneidades, nem uma sucessão linear de acontecimentos, mas tenta mostrar o entrecruzamento entre relações necessariamente sucessivas e outras que não o são.” Dessa maneira, um sistema de positividade não deve ser compreendido como uma configuração sincrônica apreensível apenas se o isolarmos do processo diacrônico. De acordo com Foucault (2008, p. 190) a arqueologia é: “Longe de ser indiferente à sucessão, a arqueologia demarca os *vetores temporais de derivação*.” Essa abordagem considera a sucessão que delimita tais discursos de acordo com as regras de construção de cada formação discursiva. Assim, a historicidade do saber é resgatada por meio de uma análise que articula a estrutura lógica das regras ao seu desdobramento temporal específico.

Nesse contexto, Foucault (2008, p. 190) assinala que a “A arqueologia não tenta tratar como simultâneo o que se dá como sucessivo; não tenta imobilizar o tempo e substituir seu fluxo de acontecimentos por correlações que delineiam uma figura imóvel.” O objetivo metodológico não consiste em paralisar o dinamismo histórico, mas em questionar a premissa de que a sucessão constitui uma realidade única e fundamental à qual o discurso estaria naturalmente subordinado. Sob essa ótica, o método arqueológico contesta a existência de um modo exclusivo e de um nível universal de sucessão discursiva. Dessa forma, a abordagem de Foucault propõe análises que revelam as múltiplas formas de sucessão combinadas nos discursos – compreendendo “formas” não apenas como ritmos ou causalidades, mas como as próprias séries enunciativas – e o modo como estas se articulam entre si. Em substituição ao uso de um calendário pré-estabelecido para ordenar os fatos em termos de anterioridade ou permanência, busca-se compreender as condições de possibilidade da sucessão e os diversos níveis em que ela opera. Foucault (2008, p. 190) sublinha a necessidade de romper com dois paradigmas dominantes:

É preciso, portanto, para constituir uma história arqueológica do discurso, livrarmo-nos de dois modelos que, por muito tempo sem dúvida, impuseram sua imagem: o modelo linear de ato da fala [...] e o modelo do fluxo de consciência cujo presente escapa sempre a si mesmo na abertura do futuro e na retenção do passado.

Para constituir uma história arqueológica, é necessário abandonar o modelo linear, que reduz o discurso a uma sequência de eventos sucessivos, e o modelo do fluxo de consciência, que o interpreta como expressão de um presente subjetivo projetado entre o passado e o futuro. Seu argumento sustenta que tais modelos são inadequados para captar a especificidade das formações discursivas, que constituem as unidades de análise da arqueologia. As formações discursivas não compartilham a historicidade da consciência ou a linearidade gramatical. Elas não derivam de uma intenção subjetiva ou de um projeto teleológico manifestado na linguagem, tampouco operam como uma língua subordinada a um sujeito falante. Em contrapartida, as formações discursivas configuram-se como práticas regidas por regras de formação próprias, as quais determinam a articulação e a sucessão de objetos conceitos, enunciações e estratégias no interior do discurso.

Foucault (2008, p. 191) observa, no item “B”, que: “A arqueologia fala – bem mais à vontade do que a história das ideias – de cortes, falhas, aberturas, formas inteiramente novas de positividade e redistribuições súbitas.” Ele recomenda uma

abordagem metodológica distinta da tradicional. Em vez de perseguir origens, influências ou continuidades entre pensadores e teorias, o interesse recai sobre as rupturas e novidades que emergem nos discursos. Em sua obra, o autor (2008, p. 191) explica que:

A arqueologia procede inversamente: procura soltar todos os fios ligados pela paciência dos historiadores; multiplica as diferenças, baralha as linhas de comunicação e se esforça para tornar as passagens mais difíceis; não tenta mostrar que a análise fisiocrática da produção preparava a de Ricardo; não considera pertinente, a suas próprias análises, dizer que Coeurdoux havia preparado Bopp.

Nessa concepção, Foucault (2008, p. 192) afirma que a arqueologia toma por objeto “de sua descrição o que habitualmente se considera obstáculo: ela não tem por projeto superar as diferenças, mas analisá-las, dizer em que exatamente consistem e *diferenciá-las*.” Desse modo, a abordagem arqueológica não ignora as discrepâncias discursivas, mas busca compreendê-las e explicitá-las. Para fundamentar essa análise, utiliza-se um método de diferenciação que envolve a identificação de planos de acontecimentos, para mapear desde os enunciados singulares até as transformações das regras de formação e das positivities; a definição de leis de transformação, para descrever as condições e formas das mudanças discursivas sem recorrer a modelos externos de evolução ou criação; o estabelecimento de relações complexas, para analisar analogias, hierarquias, complementaridades e defasagens entre as transformações que afetam as formações discursivas; a descrição da dispersão, para evidenciar as descontinuidades que caracterizam as práticas discursivas, sem pressupor uma sincronia ou homogeneidade dos cortes arqueológicos.

Nessa conjuntura, Foucault (2008, p. 193) delimita as diferenciações da arqueologia ao demonstrar que:

A arqueologia, ao invés de considerar que o discurso é feito apenas de uma série de acontecimentos homogêneos (as formulações individuais), distingue, na própria densidade do discurso, diversos planos de acontecimentos possíveis: plano dos próprios enunciados em sua emergência singular; plano de aparecimento dos objetos, dos tipos de enunciação, dos conceitos, das escolhas estratégicas (ou das transformações que afetam as que já existem); plano da derivação de novas regras de formação a partir de regras já empregadas – mas sempre no elemento de uma única e mesma positividade; finalmente, em um quarto nível, plano em que se efetua a substituição de uma formação discursiva por outra (ou do aparecimento e do desaparecimento puro e simples de uma positividade).

Esses quatro estratos permitem descrever as regularidades, as inovações e as rupturas que caracterizam a historicidade do saber. O autor ressalta que a arqueologia não se limita a constatar o surgimento ou o declínio de formações discursivas, mas investiga as correlações móveis entre objetos, formas de enunciação e estratégias. É importante notar que tais correlações não são universais nem fixas; as formações discursivas não determinam mecanicamente todos os aspectos do dizer, nem provocam rupturas simultâneas em todos os níveis de análise. Assim, o texto foucaultiano argumenta que a emergência de uma nova formação discursiva é um evento de natureza distinta, que não pode ser reduzido a uma expressão linguística singular, nem atribuído a um autor, contexto ou intenção específica. Trata-se, essencialmente, de uma mudança nas regras de formação dos enunciados, uma reconfiguração do arquivo que instaura novas condições de possibilidade para o conhecimento.

Como segunda diferenciação metodológica, Foucault (2008, p. 193) argumenta que:

Para analisar tais acontecimentos, é insuficiente constatar modificações e logo relacioná-las seja ao modelo teológico e estético da criação [...], seja ao modelo psicológico da tomada de consciência [...] ou, ainda, ao modelo biológico da evolução. É necessário definir precisamente em que consistem essas modificações: substituir a referência indiferenciada à *mudança* – ao mesmo tempo continente feral de todos os acontecimentos e princípio abstrato de sua sucessão – pela análise das *transformações*.

Nessa perspectiva, ele assinala: não basta observar as alterações superficiais nos discursos, mas é imperativo investigar as dinâmicas que as constituem e as regularidades que as sustentam. A arqueologia substitui a noção vaga de mudança por um conceito de transformação que prescinde de modelos externos (teológicos ou biológicos), tratando-a como um processo complexo e heterogêneo. Este processo envolve múltiplos níveis de alteração nos elementos e nas relações que compõem um sistema de formação discursiva. Desse modo, um sistema de formação discursiva configura-se como o conjunto de regras que delimita as condições de existência, autoria e objetivação de um saber em um domínio determinado. Assim, a arqueologia evita recorrer à mudança como uma força intrínseca ou um resultado de determinismos externos, buscando, em contrapartida, identificar o feixe de transformações que caracteriza a “mudança” enquanto fenômeno histórico concreto. A abordagem arqueológica procura dar sentido e forma a essa noção genérica convertendo-a em um objeto de análise rigoroso e estruturado.

Foucault (2008, p. 194-195) estabelece que:

A arqueologia não considera o contínuo como o dado primeiro e último que deve dar conta do resto; considera, ao contrário, que o mesmo, o repetitivo e o ininterrupto constituem um problema tanto quanto as rupturas; para ela, o idêntico e o contínuo não são aquilo que é preciso reencontrar no fim da análise; eles figuram no elemento de uma prática discursiva; eles também são comandados pelas regras de formação das positivities; longe de manifestarem a inércia fundamental e tranquilizadora a que se quer relacionar a mudança, eles próprios são ativa e regularmente formados.

Assim, ele explica que a transição entre discursos não significa a criação de um conjunto totalmente inédito e estruturado de maneira definitiva. O que se verifica, especificamente, é uma reconfiguração nas relações entre os elementos, os quais podem não sofrer alteração em sua forma isolada. Desse modo, embora os enunciados passem a ser regidos por novas normas, isso não acarreta a eliminação integral das formas de enunciar ou das escolhas teóricas anteriores. Pelo contrário, a partir dessas novas diretrizes, torna-se possível descrever e analisar fenômenos de continuidade, retomada e repetição. Foucault lembra que uma regra de formação não atua como o determinante direto de um objeto, de um tipo de enunciação ou do conteúdo de um conceito, mas como o princípio que coordena sua multiplicidade e dispersão. Consequentemente, diversos elementos podem permanecer idênticos em seu recorte e estrutura, mas, ao serem integrados a sistemas de dispersão distintos, passam a obedecer a leis de formação diversas. O autor (2008, p. 195) identifica fenômenos específicos que caracterizam a dinâmica discursiva:

A arqueologia se propõe a inverter essa disposição, ou melhor (já que não se trata de emprestar ao descontínuo o papel atribuído até então à continuidade), fazer atuar o contínuo e o descontínuo um contra o outro: mostrar como o contínuo é formado segundo as mesmas condições e conforme as mesmas regras que a dispersão; e que entra – nem mais nem menos que as diferenças, as invenções, as novidades ou os desvios – no campo da prática discursiva.

Diante disso, a arqueologia do saber não negligencia tais ocorrências; seu objetivo é mensurar e explicar como essas permanências e repetições se processam sem recorrer a noções abstratas de mudança ou continuidade. Assim, busca-se trazer à luz como a identidade e a diferença são forjadas pelas mesmas regras e relações que definem as práticas discursivas em sua historicidade.

Nesse contexto, Foucault (2008, p. 196) estabelece a quarta diferenciação metodológica ao asseverar que “O aparecimento e a destruição das positivities, o jogo de substituição a que são lugar não constituem um processo homogêneo que se

desenrolaria, em toda parte, da mesma maneira.” Sob essa ótica, as mutações nas formações discursivas – as positivities – prescindem de um padrão uniforme ou universal. O autor rejeita a premissa de um corte radical e simultâneo que afetaria todos os discursos de modo síncrono para marcar a transição entre duas épocas distintas. Sua proposta implica que cada positividade possui uma temporalidade singular e transformações específicas, cuja profundidade e ritmo variam de acordo com as regras de formação que as regem. Dessa forma, a arqueologia dedica-se a identificar e comparar as distintas modalidades de transformação presentes nas diversas positivities, buscando estabelecer nexos de semelhança e diferença, de ordem e contraste, bem como de convergência e deslocamentos entre elas. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 196) assinala que “a análise dos cortes arqueológicos tem por propósito estabelecer, entre tantas modificações diversas, analogias e diferenças, hierarquias, complementaridades, coincidências e defasagens: em suma, descrever a dispersão das próprias descontinuidades.” O método sugere a necessidade de mapear onde e de que forma ocorrem as interrupções ou mudanças nos registros discursivos. Longe de buscar uma evolução linear das sociedades humanas, esse procedimento visa compreender a ordem intrínseca à dispersão das camadas históricas. Trata-se de converter o aparente caos das mutações temporais em objeto de análise estruturado, revelando a complexa arquitetura das descontinuidades que fundamentam o saber.

Foucault (2008, p. 196) sublinha que:

A ideia de um único e mesmo corte que divide de uma só vez, e em um momento dado, todas as formações discursivas, interrompendo-as com um único movimento e reconstituindo-as segundo as mesmas regras, não poderia ser mantida. A contemporaneidade de várias transformações não significa sua exata coincidência cronológica: cada transformação pode ter seu índice particular de “Viscosidade” temporal.

Dessa forma, questiona-se a noção de que as formações discursivas se alteram de maneira homogênea e sincrônica, como se um marco divisório único separasse as épocas. As transformações discursivas são, em essência, heterogêneas e descontínuas, dependendo de uma multiplicidade de fatores discursivos e não discursivos. Assim, a mudança não pode ser reduzida a um modelo linear e simplificador; antes, exige uma análise das especificidades de cada formação, cujas alterações não seguem um padrão uniforme, mas respondem às regras de sua própria positividade.

Como quinta e última diferenciação, Foucault (2008, p. 197) assinala: “existem entre as diferentes rupturas arqueológicas importantes defasagens – e, às vezes, mesmo entre formações discursivas muito próximas e ligadas por numerosas relações.” Desse modo, as mutações discursivas processam-se de forma diacrônica e complexa, refutando a tese de um corte geral e absoluto. A arqueologia fundamenta-se na descrição das transformações específicas que afetam cada formação em diferentes níveis e momentos. Além disso, cabe ressaltar que o método arqueológico não negligencia os fenômenos de continuidade, repetição ou retorno. Em contrapartida, analisa-os não como manifestações de uma inércia histórica ou de uma mudança abstrata, mas como efeitos diretos das regras de formação das positivities. Assim, a permanência e a ruptura são compreendidas como faces de um mesmo sistema regulador, conferindo ao discurso sua historicidade singular.

Nessa conjuntura, Foucault (2008, p. 198) explica que:

A arqueologia desarticula a sincronia dos cortes, como teria desfeito a unidade abstrata da mudança e do acontecimento. A *época* não é nem sua unidade de base, nem seu horizonte, nem seu objeto; se fala sobre ela, é sempre a propósito de práticas discursivas determinadas e como resultado de suas análises.

Desse modo, o tempo não é concebido como uma dimensão homogênea e linear que determina as formações discursivas. A arqueologia volta-se para as relações estabelecidas entre os discursos em diferentes níveis de positividade, revelando que transformações, rupturas e continuidades não ocorrem de forma sincrônica. Tais fenômenos dependem estritamente das especificidades de cada prática discursiva, o que leva o método a não tomar a época como uma unidade prévia, mas como o efeito final de suas descrições. Portanto, Foucault (2008, p. 198) observa:

Da mesma forma, a *ruptura* não é, para a arqueologia, o ponto de apoio de suas análises, o limite que ela mostra de longe, sem poder determiná-lo nem dar-lhe uma especificidade: a ruptura é o nome dado às transformações que se referem ao regime geral de uma ou várias formações discursivas.

Nesse contexto, a ruptura é um termo empregado para designar as transformações que afetam o modo geral de funcionamento de uma ou mais formações discursivas. Um exemplo emblemático é a Revolução Francesa, foco recorrente de análises arqueológicas. Ela não é tratada como um fato externo que provocaria uma cisão universal e imediata em todos os discursos. Pelo contrário, é

compreendida como um conjunto complexo e articulado de transformações passíveis de descrição. Essa concepção permite identificar que tal evento manteve intactas algumas formas de discurso, estabeleceu outras que permanecem válidas na contemporaneidade e engendrou práticas que já se desintegraram ou estão em processo de dissolução. Dessa maneira, a arqueologia substitui a imagem de uma quebra histórica total pela análise minuciosa de como as engrenagens discursivas se reconfiguram em ritmos distintos.

5.6 REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE A CIÊNCIA E O SABER

A arqueologia do saber busca demonstrar como uma prática discursiva conforma objetos, enunciados, conceitos e escolhas teóricas que não constituem propriamente uma ciência, mas tampouco se reduzem a simples conhecimentos acumulados ou vivenciados. Foucault denomina esse conjunto de elementos como saber: o antecedente histórico e o fundamento discursivo de uma possível ciência, com o qual não se identifica nem se exclui necessariamente. Dessa maneira, a relação entre o saber e a ciência é específica para cada formação discursiva; a ciência localiza-se e funciona em um campo de saber sem apagá-lo ou substituí-lo. Assim, a arqueologia descreve as diferentes emergências, limiares, rupturas e transformações que marcam o devir das ciências, sem tomar a cientificidade como norma ou modelo de análise. Foucault (2008, p. 200) observa:

A arqueologia não descreve disciplinas. Estas, no máximo, em seu desdobramento manifesto, podem servir de isca para a descrição das positivities; mas não lhe fixam os limites: não lhe impõem recortes definitivos; não se encontram inalteradas no fim da análise; não se pode estabelecer relação biunívoca entre as disciplinas instituídas e as formações discursivas.

Essa abordagem metodológica prescinde de analisar as disciplinas como formas de conhecimento já estabelecidas e delimitadas. As disciplinas funcionam apenas como pontos de partida para que a arqueologia investigue as positivities – conjuntos de regras que definem uma prática discursiva específica. Desse modo, as positivities não dependem das disciplinas para existir nem se confundem com elas, uma vez que podem transmutar-se ao longo do tempo e abranger diferentes áreas do saber, sem manter uma correspondência exata com as divisões reconhecidas institucionalmente.

Foucault (2008, p. 203) enfatiza: “Não se pode, então, identificar as formações discursivas nem às ciências, nem às disciplinas pouco científicas, nem às figuras que delineiam de longe as ciências que virão, e nem, finalmente, a formas que excluem, logo de início, qualquer cientificidade.” Nessa perspectiva, as formações discursivas, compreendidas como conjuntos de enunciados regidos por normas específicas em uma prática discursiva – não podem ser reduzidas a categorias binárias ou simplistas, como pseudociências ou pré-ciências. Do mesmo modo, tais classificações falham em apreender a densidade dessas formações, que se definem primordialmente pelo saber que produzem e não pelo seu grau de rigor epistemológico.

Conforme observa o autor (2008, p. 203), “As positivities não caracterizam formas de conhecimento – quer sejam condições *a priori* e necessárias ou formas de racionalidade que pudera, por sua vez, ser empregadas pela história.” Assim, as positivities prescindem de ser modos racionais ou necessários de pensar a realidade, tampouco representam o estado cumulativo dos conhecimentos em uma época, como um inventário de verdades aceitas. Elas constituem, fundamentalmente, sistemas de regras que permitem a formação de objetos, enunciados e conceitos em uma prática específica. Foucault (2008, p. 203) também afirma que “Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas.” Nessa concepção, para entender a produção de um discurso sobre a realidade, torna-se necessário examinar essas regras significativas. Embora esses elementos não constituam uma ciência de estrutura ideal, eles tampouco se reduzem a conhecimentos dispersos oriundos de experiências subjetivas ou tradições aleatórias. Pelo contrário, configuram a base sobre a qual constroem-se enunciados lógicos, elaboram-se descrições, realizam-se verificações e desenvolvem-se teorias. Eles funcionam como o antecedente histórico daquilo que virá a ser validado como saber ou refutado como erro. Dessa forma, Foucault pontua que o saber precursor da ciência não deve ser interpretado como uma vivência bruta a ser posteriormente racionalizada pelo indivíduo. O autor rejeita a tese de um progresso linear e teleológico do conhecimento que transitará do sensível ao inteligível ou do empírico ao lógico. Em contrapartida, sugere que o saber resulta de uma prática discursiva histórica e contingente, independentemente de qualquer “vontade de idealidade” inerente à ciência. Considerando isso, o fundamento de uma ciência não repousa no que deve ser vivenciado para alcançar a verdade, mas no que deve ser enunciado para

constituir um discurso capaz de, eventualmente, satisfazer critérios de cientificidade, seja pela verificação empírica ou pela coerência formal.

Foucault (2008, p. 204-205) enfatiza que “[...] a arqueologia percorre o eixo prática discursiva-saber-ciência”, definindo as regras que delimitam o que pode ser enunciado em um domínio específico. Diferentemente da ciência, o saber não visa à produção de verdades universais e demonstráveis; sua função é especificar os objetos, as posições, os conceitos e as estratégias que conferem singularidade a um discurso. Segundo o autor, o saber manifesta-se em quatro dimensões significativas: primeiramente, o saber constitui o domínio dos objetos, definindo aquilo de que se pode falar em uma prática discursiva. Esse campo abrange os temas, problemas e entidades que adquirem ou não um estatuto científico; em segundo lugar, configura-se como o espaço de posição do sujeito, delimitando as funções, competências e autoridades que aquele que fala deve assumir para ocupar-se legitimamente de tais objetos; ademais, o saber define o campo de coordenação e subordinação dos enunciados, organizando a rede na qual os conceitos emergem, aplicam-se e transformam-se; por fim, caracteriza-se pelas possibilidades de utilização e apropriação, determinando as formas de circulação do discurso e suas articulações com outras práticas, sejam elas discursivas ou não discursivas. Nessa perspectiva, Foucault (2008, p. 205) assevera que “[...] a arqueologia encontra o ponto de equilíbrio de sua análise no saber – isto é, era um domínio em que o sujeito é necessariamente situado e dependente, sem que jamais possa ser considerado titular [...]”. Assim, o saber possui regularidade e consistência próprias, independentemente de sua validação epistemológica, sendo a própria substância descritiva de qualquer prática discursiva.

Foucault (2008, p. 205) defende a necessidade de diferenciar as áreas científicas dos campos arqueológicos visto que ambos possuem formas e critérios de organização distintos. Segundo o autor, pertencem a um domínio de cientificidade exclusivamente as proposições que obedecem a leis específicas de construção; afirmações que possuíssem o mesmo sentido ou valor de verdade, mas que estivessem desvinculadas de tal sistematicidade, seriam sumariamente excluídas desse estrato. Assim, a ciência exige uma arquitetura lógica e formal que o saber, em sua acepção arqueológica, não reivindica como condição de existência. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 205) observa que “Os territórios arqueológicos podem atravessar textos ‘literários’ ou ‘filosóficos’, bem como textos científicos. O saber não

está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas.” Portanto, a arqueologia não se limita aos discursos que se pretendem científicos, mas abrange diversas modalidades discursivas que articulam um saber sobre determinados objetos. Esses territórios arqueológicos são definidos pela regularidade e consistência com que mobilizam temas, conceitos e estratégias, independentemente de coincidirem com as normas de cientificidade vigentes ou reconhecidas *a posteriori*. Foucault demonstra que o saber não é um subproduto da ciência, mas uma realidade que se manifesta em variadas práticas discursivas passíveis de descrição arqueológica. Assim, o foco da análise desloca-se da validade lógica da proposição para a lei de sua aparição e para o regime de sua dispersão no arquivo.

Foucault (2008, p. 206) enfatiza que

A prática discursiva não coincide com a elaboração científica a que pode dar lugar; o saber que ela forma não é nem o esboço enrugado, nem o subproduto cotidiano de uma ciência constituída. As ciências – pouco importa, no momento, a diferença entre os discursos que têm presunção ou *status* de cientificidade e os que apresentam realmente seus critérios formais – aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo.

Diante disso, inexistente uma correspondência direta entre a prática discursiva, conjunto de regras que regem a formação de enunciados, e a elaboração científica, pautada por critérios de validade e rigor. O saber não é uma pré-forma nem um resíduo da ciência, mas o campo de constituição de objetos, enunciações, conceitos e escolhas teóricas. Assim, as ciências situam-se em um campo de saber e nele desempenham papéis variáveis, conforme as transformações das formações discursivas. Foucault (2008) investiga, portanto, a relação entre ciência e saber em um território arqueológico, isto é, em um espaço de análise histórica fundamentado em regularidades discursivas. Interessa-lhe, particularmente, o processo de emergência de uma região de cientificidade definida por sua pretensão ou efetiva cientificidade em uma formação determinada, exigindo uma investigação que aponte as direções dessa análise.

Em continuidade à sua linha de raciocínio, Foucault (2008, p. 206) assinala que “Uma vez constituída, uma ciência não retoma a seu cargo, e nos encadeamentos que lhe são próprios, tudo que formava a prática discursiva em que aparecia; não dissipa tampouco – para remetê-lo à pré-história dos erros, dos preconceitos ou da imaginação – o saber que a cerca.” O autor sustenta, ademais, que o saber não é um

canteiro epistemológico destinado a desaparecer com a realização da ciência. Para ele, a ciência localiza-se em um campo de saber, onde exerce funções que se modificam conforme as mutações das formações discursivas. Desse modo, o saber preserva sua autonomia, enquanto a prática discursiva – variável segundo a época e o domínio do conhecimento – determina o papel e o lugar que a ciência ocupa em relação a esse saber.

Segundo Foucault, a relação entre a ciência e o saber é dinâmica e historicamente contingente, articulando-se de maneiras distintas conforme as especificidades de cada prática discursiva. O autor (2008, p. 207) observa que

Encontra-se uma relação específica entre ciência e saber em toda formação discursiva; a análise arqueológica, ao invés de definir entre eles uma relação de exclusão ou de subtração (buscando a parte do saber que se furta e resiste ainda à ciência, e a parte da ciência que ainda está comprometida pela vizinhança e influência do saber), deve mostrar, positivamente, como uma ciência se inscreve e funciona no elemento do saber.

Portanto, a tarefa da arqueologia não consiste em delimitar uma oposição binária entre o científico e o não científico. Sua finalidade é revelar como a ciência opera no interior do saber, relacionando-se com os objetos, as enunciações, os conceitos e as estratégias formatadas por uma prática discursiva específica. Nesse contexto, Foucault (2008) analisa a ideologia não como um fenômeno externo ou uma distorção subjetiva, mas como uma prática intrínseca ao campo do saber onde as ciências se inserem. A ideologia não interfere na ciência apenas por seus princípios ideais, valores sociais ou intenções dos sujeitos produtores; ela atua, especificamente, pelo modo como a ciência se distingue do saber que condiciona sua própria emergência. Ao organizar e transformar aspectos da produção discursiva, como a sistematização de objetos e conceitos, a ciência não apaga o saber, mas nele se instala, conferindo-lhe novas regularidades que permitem sua atuação em diferentes campos de práticas, discursivas ou não. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 206) pontua que

Em resumo, a questão da ideologia proposta à ciência não é a questão das situações ou das práticas que ela reflete de um modo mais ou menos consciente; não é, tampouco, a questão de sua utilização eventual ou de todos os empregos abusivos que se possa dela fazer; é a questão de sua existência como prática discursiva e de seu funcionamento entre outras práticas.

Em suma, o problema da ideologia não diz respeito à maneira como a ciência serve a interesses externos, mas à forma como ela se constitui e opera enquanto prática entre as demais instâncias da sociedade.

Foucault (2008, p. 208) ressalta que, de forma simplificada e sem negligenciar as particularidades de cada caso, é possível afirmar que a economia política desempenha um papel fundamental na sociedade capitalista, atendendo aos interesses da classe burguesa e refletindo tais origens em sua lógica e conceitos. Entretanto, para uma descrição precisa das relações entre a estrutura epistemológica da economia e sua função ideológica, é imperativo analisar a formação discursiva que originou esse campo de saber, bem como o conjunto de objetos e escolhas teóricas nela sistematizados. Deve-se demonstrar como a prática discursiva que gerou tal positividade articulou-se com outras práticas de natureza política ou econômica. Essa prática permite antecipar quatro proposições importantes sobre a relação entre ciência e ideologia: “1) A ideologia não exclui a cientificidade.” Nessa concepção, alguns discursos, como o da medicina ou da economia, são profundamente permeados pela ideologia, o que não os torna necessariamente falsos, contraditórios ou subjetivos. Eles mantêm seu grau de cientificidade conforme as regras e estruturas que os organizam; “2) As contradições, as lacunas, as falhas teóricas podem assinalar o funcionamento ideológico de uma ciência [...]; podem permitir determinar em que ponto do edifício esse funcionamento se dá.” Desse modo, tais insuficiências indicam a presença da ideologia. No entanto, propõe-se que essa análise não ocorra no nível do conteúdo dos enunciados, mas no nível da positividade, ou seja, no sistema de relações que define a prática discursiva; “3) Corrigindo-se, retificando seus erros, condensando suas formalizações, um discurso não anula forçosamente sua relação com a ideologia.” Nesse sentido, a precisão e a formalização progressiva de um discurso científico não eliminam sua ligação ideológica. A ideologia não é uma questão de verdade ou falsidade, mas sim da função que a ciência desempenha no campo do saber; “4) Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo. Não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam [...]”. Nessa perspectiva, o estudo da ideologia faz-se pela problematização da ciência enquanto prática discursiva. Em vez de examinar proposições isoladas, deve-se investigar o sistema de formação dos objetos, conceitos e enunciações que a caracterizam. Assim, a concepção foucaultiana reafirma que a ciência deve ser

retomada como uma prática entre outras, que se inscreve e funciona estrategicamente em um campo de saber determinado.

Nesse estágio da análise, Foucault (2008, p. 209) aprofunda a investigação sobre a historicidade dos saberes ao distinguir os diferentes níveis ou etapas que uma formação discursiva pode atravessar, desde sua emergência até a eventual formalização axiológica. Esses estratos, denominados “limiaries”, não seguem uma progressão linear ou homogênea, pois cada discurso sua própria cronologia e especificidade. O autor reitera que a arqueologia prescinde de tomar a ciência como norma universal, tratando-a como uma prática discursiva singular inscrita em um campo de saber. Foucault (2008, p. 209) observa que

A repartição desses diferentes limiaries no tempo, sua sucessão, sua defasagem, sua eventual coincidência, a maneira pela qual se podem comandar ou implicar uns aos outros e as condições nas quais alternadamente se instauram constituem para a arqueologia um de seus domínios maiores de exploração.

Desse modo, a análise arqueológica das formações discursivas identifica quatro limiaries fundamentais que as estruturam. O primeiro é o limiar de positividade, momento em que uma prática discursiva se individualiza e conquista autonomia por meio de um sistema próprio de regras. Segue-se o limiar de epistemologização, caracterizado pela organização dos enunciados em torno de um modelo ou de uma crítica científica. O terceiro é o limiar de cientificidade, atingido quando o discurso passa a obedecer a critérios formais de verificação e coerência interna. Por fim, ocorre o limiar de formalização, estágio em que a formação discursiva é capaz de definir seus próprios axiomas, estruturas e transformações. Foucault (2008) demonstra que tais limiaries não são transpostos de forma regular por todas as formações, nem seguem necessariamente uma ordem sucessiva. Pelo contrário, a história dos saberes é marcada por variações, deslocamentos e implicações recíprocas que dependem estritamente das condições históricas singulares. Dessa maneira, o objetivo arqueológico reside na descrição dessas complexidades e diversidades, revelando as múltiplas trajetórias que compõem a história dos saberes humanos sem reduzi-las a um modelo simplificador de progresso.

Foucault (2008) analisa a historicidade das formações discursivas por meio da identificação de limiaries específicos que marcam a transição de um saber em direção à formalização científica. Uma formação discursiva é compreendida como o sistema de regras que delimita o que pode ser enunciado sobre um domínio de

objetos, constituindo a base de um saber. Nesse processo, o autor distingue quatro limiares fundamentais: o de positividade, que ocorre quando uma prática discursiva conquista autonomia e individualiza seu sistema de formação de enunciados; o de epistemologização, quando o discurso reivindica o estatuto de ciência e passa a organizar-se em torno de normas de verificação; o de cientificidade, atingido quando a prática obedece a critérios formais de construção e leis de validade para suas proposições; e o de formalização, estágio em que o discurso define seus próprios axiomas, estruturas e transformações, desenvolvendo um edifício formal autônomo. Foucault (2008) assevera que a transposição desses limiares não ocorre de maneira regular, homogênea ou necessariamente sucessiva. As trajetórias das formações discursivas são marcadas por defasagens e rupturas singulares. Sob esse prisma, Foucault (2008, p. 210) pontua:

Se só se reconhecer na ciência o acúmulo linear das verdades ou a ortogênese da razão, se nela só se reconhecer uma prática discursiva que tem seus níveis, seus limiares, sua rupturas diversas, só se poderá descrever uma única divisão histórica cujo modelo não se deixa de reconduzir, ao longo dos tempos, para uma forma de saber, não importa qual: a divisão entre o que não é ainda científico e o que o é definitivamente.

Dessa maneira, o autor questiona a concepção de ciência como um progresso contínuo de verdades ou como uma racionalidade de desenvolvimento unidirecional. Propõe, em contrapartida, que a ciência seja tratada como uma prática discursiva dotada de historicidade própria, atravessada por níveis e descontinuidades variadas. Ao recusar a ideia de uma divisão histórica única e universal entre o “científico” e o “não científico”, Foucault (2008) critica a simplificação que ignora a complexidade das dispersões e interdependência que caracterizam o surgimento dos saberes. Assim, a ciência é analisada como um evento histórico singular, que não se reduz a um ato de fundação isolado, mas que se define pela multiplicidade de seus processos de transformação.

Conforme Foucault (2008, p. 212) observa, “Os múltiplos limiares que puderam ser demarcados permitem formas distintas de análise histórica.” O autor sugere, inicialmente, uma investigação da história da matemática a partir dos marcos que consolidam sua constituição científica, ressaltando a capacidade dessa disciplina de narrar sua própria trajetória. Por meio de sua linguagem formal e conceitos abstratos, a matemática reinterpreta o passado para integrá-lo ao presente, em um movimento que Foucault (2008, p. 212) assinala como: “Trata-se de uma análise

recorrencial que só pode ser feita no interior de uma ciência constituída, uma vez transposto seu limiar de formalização.” Tal exame só se torna viável após a transposição do limiar de formalização, momento em que a disciplina define seus próprios axiomas, estruturas e regras de transformação.

Foucault (2008, p. 212) enfatiza, todavia, que “É diferente a análise histórica que se situa no limiar da cientificidade e que se interroga sobre a maneira pela qual ele pôde ser transposto a partir de figuras epistemológicas diversas.” Essa abordagem concentra-se no momento em que uma prática discursiva adquire critérios de validade e coerência, tornando-se científica. Visto que se interessa pelos processos de transformação que possibilitam a um conceito ou disciplina desvincular-se de origens metafóricas, imaginárias ou valorativas para constituir-se como domínio científico. Dessa forma, essa análise adota a ciência já constituída como critério, estabelecendo como princípio de divisão as oposições entre verdade e erro, racional e irracional, ou obstáculo e fecundidade. A essa modalidade investigativa, Foucault (2008, p. 213) denomina “história epistemológica das ciências”.

Em sua concepção (2008, p. 213), Foucault observa que “O terceiro tipo de análise histórica é o que toma como ponto de ataque o limiar de epistemologização – o ponto de clivagem entre as formações discursivas definidas por sua positividade e figuras epistemológicas que não são todas, forçosamente, ciências [...]”. Esta abordagem, fundamental para a compreensão da Ciência da Informação que será discutida adiante, concentra-se quando uma prática discursiva ultrapassa a sua regularidade interna para reivindicar um estatuto de cientificidade. Diferentemente da história das ideias, a arqueologia não busca um padrão absoluto de verdade, mas investiga como as normas de validade surgiram de forma contingente a partir das formações discursivas que as precederam. Foucault (2008, p. 213) pontua que:

Trata-se, pois, para tal análise, de traçar o perfil da história das ciências a partir de uma descrição das práticas discursivas; de definir como, segundo que regularidade e graças a que modificações ela pôde dar lugar aos processos de epistemologização, atingir as normas da cientificidade e, talvez, chegar ao limiar da formalização.

O objetivo dessa análise é traçar a gênese das ciências a partir da descrição dos modos como os discursos são organizados e transformados. Essa descrição evidencia como, sob certas regras e mutações, as práticas discursivas engendram processos de epistemologização, tornando-se progressivamente mais rigorosas e verificáveis até atingirem as normas da cientificidade. Além disso, o método investiga

as condições que permitem a esses discursos atingirem o limiar da formalização, ponto em que se desenvolvem a partir de sua própria estrutura lógica. Ao investigar o nível da prática discursiva, a arqueologia recusa a busca por uma experiência vivida originária – como uma “terra irregular” anterior à geometria. Pretende-se, em contrapartida, dar visibilidade às tensões, desvios e autonomias entre as positivities, o saber, as figuras epistemológicas e as ciências. Nesse contexto, as positivities constituem o conjunto de objetos e conceitos que caracterizam uma prática; o saber configura-se como o substrato indispensável para a constituição de uma ciência; e as figuras epistemológicas representam as formas assumidas pelos discursos em sua pretensão científica. Assim, conclui-se que as ciências são os discursos que efetivamente obedecem aos critérios formais de construção e demonstração.

Foucault (2008, p. 214) define que “A análise das formações discursivas, das positivities e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, é o que se chamou, para distingui-las das outras formas possíveis de história das ciências, a análise da *episteme*.” Para tal, o método operacionaliza os conceitos de formações discursivas, positivities e saber, permitindo a identificação das regras, objetos e estratégias que regem uma prática discursiva. Essa prática, por sua vez, pode engendrar figuras epistemológicas, modos de abordar um domínio de experiência sob critérios de coerência, que ascendem ao estatuto de ciência ao obedecerem a leis formais de construção proposicional. A arqueologia analisa os limiares transpostos por essas práticas e as redes de conexão entre diferentes formas de conhecimento. Esse conjunto de relações constitui a *episteme*, e não deve ser confundida com uma “visão de mundo” homogênea de uma época, mas compreendida como uma rede de conexões que revela a historicidade e a diversidade das ciências em detrimento de uma suposta unidade da razão. Conforme Foucault (2008, p. 214) assinala:

A descrição da *episteme* apresenta, portanto, diversos caracteres essenciais: abre um campo inesgotável e não pode nunca ser fechada; não tem por finalidade reconstituir o sistema de postulados a que obedecem todos os conhecimentos de uma época, mas sim percorrer um campo indefinido de relações.

Nesse sentido, a *episteme* configura-se como o conjunto de relações que define as condições de possibilidade do conhecimento em um determinado período. Suas propriedades fundamentais indicam uma estrutura aberta e dinâmica, um campo

ilimitado de conexões que se modificam no tempo por meio de deslocamentos, sobreposições e rupturas. Ela não atua como uma norma restritiva, mas como uma rede que possibilita a emergência de discursos científicos, articulando suas condições de produção e validação. Assim, a *episteme* não se apresenta como uma crítica à legitimidade das ciências, mas como uma investigação histórica sobre o fato de sua existência, remetendo o conhecimento a uma prática histórica contingente em vez de uma origem transcendental.

Ao concluir essa etapa, Foucault (2008) questiona se a arqueologia, enquanto método de análise histórica, pode se aplicar a outros domínios além do científico. O autor interroga se a arqueologia deve estar invariavelmente orientada pela *episteme* ou se poderia explorar outras regularidades discursivas independentes da emergência das ciências. Em última análise, indaga-se se o foco nos discursos científicos foi uma exigência interna ao objeto ou se apenas ilustrou, em um caso específico, modos de análise passíveis de um alcance teórico muito mais amplo.

Diante dos questionamentos sobre a abrangência do método, Foucault (2008, p. 218) esclarece que:

Pode-se responder, agora, à pergunta que se propunha há pouco: a arqueologia só se ocupa das ciências e nunca passa de uma análise dos discursos científicos? E responder duas vezes não. O que a arqueologia tenta descrever não é ciência em sua estrutura específica, mas o domínio, bem diferente, do *saber*.

Nessa conjuntura, a relação entre arqueologia, saber e ciência fundamenta-se na premissa de que o método visa descrever as práticas discursivas que constituem o saber, entendido não como uma estrutura ideal ou um acúmulo, mas como o conjunto de regras que definem objetos, enunciações, conceitos e estratégias de um discurso. Desse modo, o saber é a condição de possibilidade para a constituição de uma ciência, sem com ela se confundir. Consequentemente, a arqueologia ocupa-se de qualquer formação discursiva que apresente regularidade e consistência próprias, independentemente de seu estatuto científico. Para compreender essa dinâmica, o autor (2008) identifica quatro limiares distintos na formação do saber: o da positividade, que marca a individualização de uma prática discursiva; o de epistemologização, no qual um conjunto de enunciados assume função dominante e reivindica normas de verificação; o de cientificidade, atingido quando o discurso responde a critérios formais de construção proposicional; e o de formalização, estágio em que a ciência define seus próprios axiomas e estruturas. A exploração desses

marcos revela uma cronologia heterogênea, refutando qualquer progressão linear ou homogênea. Há, entre esses limiares, dispersões e defasagens que variam conforme a formação discursiva e suas mutações, demonstrando que os discursos não seguem um ritmo uniforme em suas transposições. Foucault (2008) demonstra como uma ciência se inscreve e se modifica em um campo de saber que pode ser atravessado por outras práticas, discursivas ou não, exercendo papéis ideológicos. Sugere-se, então, uma análise da relação entre ciência e ideologia que não se limite ao uso social do conhecimento, mas que investigue a formação discursiva que lhe dá lugar e a rede de relações estabelecidas com as demais práticas da sociedade.

Esta fundamentação arqueológica visa encerrar o presente capítulo e fornecer o arcabouço metodológico necessário para a Análise do Discurso da Ciência da Informação ser desenvolvida na sequência.

5.7 SÍNTESE DA TEORIA DE FOUCAULT: CONCEITOS QUE ENVOLVEM SUA ABORDAGEM METODOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ao situar a Análise do Discurso como um esforço para libertar a história de sua sujeição transcendental, Foucault (1996, 2008) rompe com as fronteiras tradicionais entre a filosofia e a história. Sua crítica desafia a interpretação do discurso tanto como uma fenomenologia empírica – que buscava um sentido originário no sujeito – quanto como um repertório passivo de conhecimentos acumulados. Para o autor (2008, p. 153), o discurso não se reduz a uma coleção de enunciados, mas constitui-se como uma prática complexa, regida por regras intrínsecas e sujeita a transformações estruturais. Essa abordagem exige uma investigação arqueológica que, em vez de buscar fundamentos universais e a-históricos, focaliza-se na análise das condições de existência e das rupturas que possibilitam o saber.

A investigação foucaultiana acerca da natureza do discurso estabelece um distanciamento crítico em relação às metodologias tradicionais da história do pensamento e da filosofia. Ao recusar a busca por uma origem remota ou por uma lei oculta que regeria o dizer, Foucault (2008) sugere uma análise fundamentada na multiplicidade e na dispersão. Esse movimento de descentramento abdica de sistemas unitários de significação, privilegiando uma abordagem que reconhece a fluidez e a autonomia das práticas discursivas sem subordiná-las a um centro ordenador. Nessa perspectiva, o papel do analista não consiste em dissipar o

esquecimento para resgatar uma suposta essência original das coisas ditas. Pelo contrário, o discurso opera como um dispositivo para a produção e análise de diferenças, constituindo-as como objetos de estudo e delimitando seus campos conceituais. Em vez de uma narrativa unificada ou da busca por sentidos subjacentes, a prática foucaultiana assume um caráter diagnóstico, enfatizando a diferenciação contínua e as discontinuidades que rompem com a linearidade histórica. Ao afastar-se da exegese da memória e do retorno às origens, marcas da filosofia clássica, o autor define seu trabalho como uma prática analítica singular. Esta não se confunde com a história tradicional das ideias nem com a metafísica, mas consolida-se como um exame rigoroso das rupturas e variações específicas do tecido discursivo. Assim, a análise não se pretende ser filosofia ou história em sentido estrito, mas uma investigação das condições que permitem ao discurso emergir e transformar-se enquanto acontecimento autônomo.

Em sua análise sobre o estatuto da arqueologia, Foucault (2008) vem a defini-la não como uma disciplina científica consolidada sob critérios tradicionais de rigor, mas como um campo investigativo em contínuo desenvolvimento. Ao caracterizar sua abordagem como um esboço teórico aberto, o autor opta por abdicar da busca por uma validação científica imediata, privilegiando a exploração das potencialidades analíticas que o método oferece para a compreensão das práticas discursivas em sua densidade e complexidade. Diferentemente de metodologias que buscam a essência ou a subjetividade individual, a arqueologia opera no nível do arquivo, buscando identificar as regularidades e as performances verbais que constituem as positivities. Nesse sentido, ela se propõe a elucidar as regras de formação e derivação, tratando o discurso como uma prática diferenciada e analisável. Embora dialogue com teorias rigorosas, a arqueologia mantém sua autonomia ao estabelecer distinções claras de nível, domínio e método. Essa abordagem metodológica estabelece uma relação particular com a anatomia patológica, a filologia, a economia política, a biologia, entre outras, cujas normas e conceitos emergem dentro do saber descrito pelo campo arqueológico. Ao delimitar as condições de aceitabilidade e realização dos enunciados, Foucault distancia-se das análises focadas meramente na “competência linguística”, embora reconheça na gramática gerativa uma análise conexa para a compreensão das estruturas subjacentes à produção discursiva. Desse modo, a perspectiva arqueológica revela-se fundamental para as ciências humanas ao definir as posições do sujeito nos enunciados sem recorrer à psicologização ou à

subjetividade clássica. Ao investigar a emergência de objetos e as condições de apropriação dos discursos, a arqueologia confronta-se com as estruturas epistemológicas e as formações sociais, operando em espaços correlativos a essas disciplinas. Diante disso, ao vislumbrar uma teoria geral das produções, a arqueologia vem buscar sua “teoria envolvente”, que seria uma análise das regras que regem a multiplicidade das práticas discursivas diversas.

Ao posicionar a arqueologia em relação aos saberes institucionalizados, Foucault dispensa a fixação de seu método em estruturas teóricas rígidas, recusando-lhe um *status* por associação ou proximidade disciplinar. Seu objetivo reside em desvelar, por meio do arquivo, as condições de possibilidade para a emergência dos enunciados, incidindo sobre um domínio cujas singularidades resistem às formalizações e interpretações exegéticas tradicionais. Ao reconhecer a ausência de garantias quanto à estabilidade desse campo, o autor reafirma o caráter essencialmente provisório e exploratório de sua abordagem, consolidando-a como um instrumento analítico robusto para a compreensão das formações sociais e do conhecimento epistemológico. Contudo, essa postura arqueológica – que se entrelaça à análise das posições do sujeito e às teorias históricas das ciências – suscita tensões críticas significativas. O pensamento de Foucault é frequentemente alvo de críticas que apontam uma herança hegeliana residual, o chamado “para nós” da consciência fenomenológica, em sua arquitetura teórica. Autores como Habermas (2002, p. 333) e Baudrillard (2013, sem paginação) sugerem uma contradição no uso da liberdade. Desse modo, Foucault desfrutaria de uma amplitude de pensamento que ele mesmo se recusa a delimitar, enquanto confina o discurso alheio a sistemas de regras estritos e positivities determinantes. Essa discrepância sugere que, ao vincular a produção discursiva a obrigações rígidas, o autor poderia condenar a inovação ao conformismo, subtraindo dos indivíduos a capacidade de intervir ativamente em seus contextos de fala. A crítica avança ao contrastar a facilidade com que o filósofo concebe a ruptura em seu próprio metadiscurso com a passividade que atribui aos outros. O interlocutor foucaultiano aponta uma aparente contradição no uso da liberdade: Foucault é acusado de desfrutar de uma amplitude de pensamento que ele mesmo recusa delimitar, enquanto confina o discurso alheio a sistemas de regras estritos e meticulosamente descritos. Essa discrepância sugere que, ao vincular a produção discursiva a obrigações rígidas e positivities determinantes, o autor poderia condenar a inovação ao conformismo, retirando dos indivíduos o direito de intervir

ativamente em seus próprios contextos de fala. A crítica avança ao contrastar a facilidade com que o filósofo concebe a ruptura e a revolução em seu próprio discurso com a finalidade que atribui à agência dos outros dentro do sistema arqueológico. Tal assimetria levanta o questionamento sobre se o sujeito da análise não deveria possuir uma consciência mais aguda das condições sob as quais se expressa. Em última instância, o destino da arqueologia permanece incerto, oscilando entre a institucionalização autônoma e a permanência como campo aberto. Consciente dessa transitoriedade, Foucault não reivindica a responsabilidade pelo destino final de sua metodologia, mas a oferece como uma prática que, ao evidenciar os limites do dizer, simultaneamente desafia as possibilidades reais de ação e transformação dos sujeitos.

Nessa circunstância, Foucault sugere uma reintegração das práticas discursivas ao argumentar que as positivities, as condições de formação e transformação dos discursos, não constituem imposições externas ou determinismos imanentes ao pensamento. Por outro lado, configuram o conjunto de regras e relações que viabilizam a própria prática, permitindo tanto a emergência de novos enunciados quanto a mutação dos existentes. Tais condições não cerceiam a iniciativa individual, mas delimitam o campo de atuação onde o discurso se processa, destituindo o sujeito da posição de centro soberano ou fundamento último da produção de saber. Nesse contexto, o ato de fala transcende a transmissão do conhecimento. A inserção de um enunciado em uma sequência discursiva é um evento complexo, regido por normas que extrapolam a lógica ou a gramática. Assim, as transformações no dizer não derivam exclusivamente da criatividade ou da inovação intelectual, mas de reconfigurações nas próprias práticas e em suas inter-relações. Ao deslocar o controle absoluto do sujeito sobre o discurso, Foucault evidencia a densidade material das formações discursivas.

Nas suas considerações, o autor problematiza os conceitos de mudança e revolução, questionando como estes permanecem atrelados a categorias metafísicas - como sentido, origem e sujeito constituinte - que visam assegurar à história a presença universal do logos. Foucault critica o uso de metáforas biológicas ou evolucionistas que simplificam a complexidade das rupturas históricas e questiona o estatuto político de um discurso que seja visto apenas como uma transparência efêmera à margem dos eventos centrais. Ele destaca que persiste, na tradição europeia, um temor em reconhecer o discurso como uma prática dotada de existência

própria, preferindo-se manter uma visão historicista fundamentada na continuidade da razão ou das ideias. Foucault encerra sua reflexão confrontando a resistência institucional às rupturas e escansões, sugerindo que o medo da descontinuidade revela o apego a um destino histórico-transcendental do Ocidente. Em contrapartida, sugere uma análise rigorosa das práticas discursivas em sua materialidade e nas transformações históricas que as constituem.

Foucault (1996, 2008) postula que a resolução das problemáticas por ele levantadas é, em última instância, de natureza política, optando por manter a questão em suspenso para uma futura retomada sob novas perspectivas analíticas. Esse posicionamento não indica hesitação, mas uma postura reflexiva que reconhece a densidade do tema, exigindo uma investigação que transcenda as interpretações imediatas e contemple detalhadamente as implicações do poder na formação do saber. O autor admite a natureza árida e, por vezes, ingrata de sua empreitada: analisar os discursos não como emanções da consciência subjetiva, mas como um sistema de regras anônimas e obscuras. Esse deslocamento provoca um desconforto inerente ao substituir a visão tradicional – que compreendia o discurso como transparência do gênio e da liberdade – por uma prática que revela limites e exigências estruturais. Ao tratar a história discursiva como um conjunto de transformações descontínuas, Foucault rompe com a narrativa reconfortante da continuidade da experiência vivida e das metamorfoses orgânicas da vida. Nesse processo, o aspecto de maior complexidade teórica reside na crítica da verdade operada por Foucault, que desloca o foco do conteúdo veritativo para as condições de produção do saber. Como um dos desdobramentos mais consequentes para a Ciência da Informação, a análise arqueológica promove a desarticulação da figura do autor. Ao operar um recorte e uma recomposição de textos, essa abordagem devolve os enunciados ao silêncio do arquivo, onde eles deixam de refletir o semblante transfigurado ou a intenção subjetiva de quem os escreveu. Assim, emerge um paradoxo central para a custódia da informação: a acumulação de marcas e palavras que, embora compartilhadas e preservadas, não visam resgatar a inquietude ou a vida biográfica do emissor, mas descrever a rede de regras que permitiu que tais registros existissem. O discurso, em sua essência profunda, revela-se apenas como um rastro, um murmúrio que constitui um lugar de imortalidade sem substância. Foucault questiona se o tempo do discurso seria a dilatação da consciência nas dimensões da história ou, inversamente, a história presente sob a forma da consciência. Ao interrogar se a prática do dizer não

seria uma tentativa de conjurar a própria morte, o filósofo sugere o contrário: o discurso estabelece uma exterioridade tão indiferente e neutra que suprime toda interioridade, tornando-se um espaço onde a distinção entre a vida e a morte do sujeito perde sua relevância fundamental perante a permanência do arquivo.

Nessa conjuntura, Foucault (1996, 2008) manifesta uma compreensão crítica acerca do mal-estar suscitado pela revelação de que as histórias, economias, práticas sociais e até a própria linguagem obedecem a regras que escapam à consciência imediata. Esse desconforto deriva da resistência do sujeito em ser privado da ilusão de uma expressão espontânea e sem mediações de seus pensamentos e imaginações. Prefere-se, frequentemente, negar a complexidade do discurso como uma prática sujeita a transformações analisáveis do que renunciar à “frágil certeza” de que as palavras, emanadas diretamente do “eu”, possuem o poder soberano de alterar o sentido das coisas. Para o sujeito que vê o mundo escapar por entre sua linguagem, o fragmento de discurso, seja ele falado ou escrito, surge como a última tentativa de prolongar a própria existência. Foucault (1996, 2008) reconhece o incômodo provocado pela afirmação de que “o discurso não é a vida”; ele possui uma temporalidade distinta e não oferece uma via de reconciliação com a finitude. Segundo o autor (1999, p. 283), embora a modernidade possa “ter matado Deus” através de suas formulações, não se deve nutrir a expectativa de que o discurso funda um novo ser dotado da imortalidade que antes pertencia à divindade.

O projeto foucaultiano visa evidenciar que as formações discursivas constituem domínios autônomos, embora não isolados, caracterizados por transformações contínuas e pela ausência de um sujeito constituinte, a despeito de abrangerem uma multiplicidade de obras individuais. Em oposição à história das ideias, que tradicionalmente busca decifrar textos para extrair os movimentos latentes do pensamento, Foucault (1996, 2008) propõe uma análise centrada na especificidade do nível das “coisas ditas”. Desse modo, o foco recai sobre as condições de emergência, as modalidades de acumulação e encadeamento, bem como as regras de transformação e as descontinuidades que singularizam os enunciados. Esse domínio das “coisas ditas” é conceituado como o arquivo, cabendo à arqueologia a tarefa de examiná-lo em suas múltiplas dimensões e regularidades. A sistematização desses conceitos, que fundamentam a arqueologia como uma analítica das formações discursivas, encontra-se consolidada na estrutura conceitual apresentada a seguir, no Quadro 7:

Quadro 7 - Síntese de conceitos da Análise do Discurso de Foucault

Aspecto analisado	Crítica ao Estruturalismo e História Tradicional	Proposta de Foucault (Arqueologia)
Relação com o Estruturalismo	É acusado de usar termos estruturalistas sem rigor ou de disfarçar incapacidade metodológica. O estruturalismo reduz o discurso a regras formais, ignorando o tempo e a criação.	Distancia-se do método estruturalista (não usa formalização linguística), mas aproveita seu rigor. Defende que seus conceitos (“formações”, “práticas discursivas”) são necessários para áreas não cobertas pelo estruturalismo clássico.
Natureza do Discurso	Visto como um sistema estático, fechado, impessoal e atemporal. Trata o discurso como um objeto abstrato ou simples extensão da língua.	Visto como prática, evento real e sucessivo. É essencialmente histórico, dinâmico e contingente. Não é apenas língua, mas um conjunto de regras de formação.
O Sujeito	O estruturalismo elimina o sujeito ou o vê como irrelevante. A história tradicional vê o sujeito (consciente) como a fonte soberana e criadora do sentido.	Não elimina o sujeito, mas o descentraliza. Analisa as posições e funções que o sujeito pode ocupar na diversidade dos discursos. O sujeito não é a origem do discurso, mas uma função dentro dele.
História e Tempo	Busca continuidades, origens, teleologia (um fim pré-determinado) e o desenvolvimento linear da razão (<i>logos</i> universal)	Foca na descontinuidade, nas rupturas e na especificidade temporal. A mudança não é linear, mas marcada por ritmos e níveis distintos.
Metodologia	Análise formal (elementos, oposições) válida para mitos e literatura, mas inadequada para a história do saber científico.	Arqueologia: descrição específica dos enunciados (coisas ditas). Busca regras de formação, limiares e transformações. Analisa o arquivo e não a “história das ideias”.
Liberdade e Prática	Críticos acusam Foucault de restringir a liberdade ao impor regras rígidas ao discurso, “congelando” a inovação.	As regras (positividades) não limitam a iniciativa, mas definem o campo de possibilidade onde a prática discursiva ocorre. O discurso não é pura expressão livre, é uma prática regulada.
Objetivo Final	Buscar o “não dito”, o segredo oculto, a intenção do autor ou a restituição da consciência original.	Analisar o nível das “coisas ditas” em sua materialidade. Definir domínios autônomos de saber (médico, econômico etc.) e suas regras de transformações, sem recorrer a um sujeito transcendental.

Fonte: Os autores (2026)

O Quadro 7 busca sistematizar a distinção fundamental estabelecida por Foucault entre a arqueologia e as abordagens tradicionais, especificamente o estruturalismo linguístico e a história das ideias clássica. A análise desse panorama permite compreender que o projeto foucaultiano não se caracteriza por uma recusa do rigor estrutural, mas pela transposição desse rigor a um novo objeto de estudo, o discurso enquanto prática histórica. Nessa perspectiva, o discurso deixa de ser interpretado como uma estrutura puramente formal ou como a expressão de uma consciência soberana. Diante disso, ao contrastar as categorias apresentadas, observa-se que a arqueologia opera um deslocamento analítico significativo. Em vez de investigar uma origem oculta ou uma intenção subjetiva subjacente – o “não dito” – , Foucault (1996, 2008) sugere a descrição das regras de formação daquilo que foi efetivamente enunciado. Esse movimento requer promover a descentralização do sujeito, que abdica de sua posição como fonte criadora de sentido para tornar-se uma função variável no interior do discurso. Consequentemente, a busca por continuidades teleológicas é substituída pela análise das descontinuidades e das condições específicas que tornam possíveis determinados enunciados em épocas distintas. Portanto, a sistematização ilustra como Foucault (1996, 2008) estabelece a arqueologia como uma abordagem metodológica que preserva a materialidade e a historicidade do saber. Ao evitar tanto as abstrações estáticas do estruturalismo quanto o subjetivismo da historiografia tradicional, a arqueologia afirma-se como uma análise das condições de existência das formações discursivas.

6 ANÁLISE DO CENÁRIO DA ANÁLISE DO DISCURSO DISCUTIDA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: QUESTÕES IMPORTANTES PARA O DEBATE NA ÁREA, A PARTIR DO PRISMA DE FOUCAULT

O presente capítulo dedica-se a analisar o cenário de apropriações da Análise do Discurso no campo da Ciência da Informação, tomando como ponto de partida o exame crítico de definições conceituais mobilizadas por pesquisadores da área. A presente etapa da investigação fundamenta-se no aporte teórico-metodológico de Foucault, mobilizando categorias analíticas específicas para explorar os cenários evidenciados pelos discursos em exame.

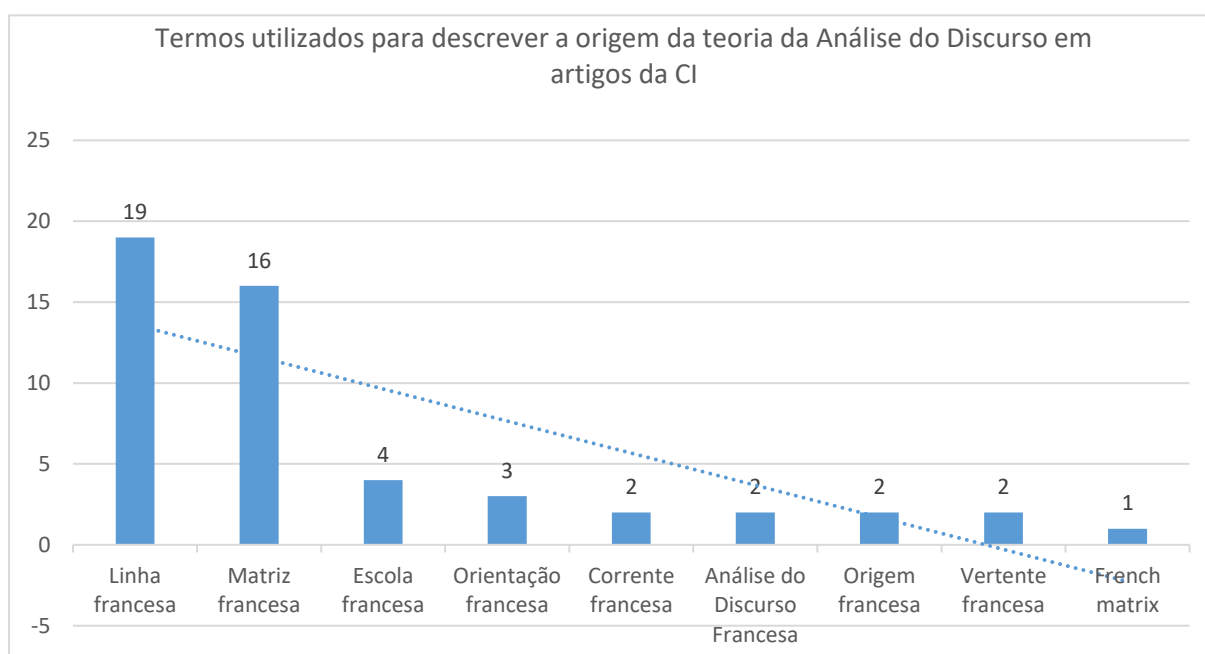
Em sua aula inaugural no Collège de France, proferida em 1970 e publicada sob o título “A Ordem do Discurso”, Foucault investiga a hipótese de que a produção do discurso em toda a sociedade é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos. Entre esses mecanismos, destacam-se os procedimentos internos, que não atuam sobre as condições sociais ou institucionais (como a interdição ou a segregação), mas sim sobre a própria substância do discurso, exercendo um controle de natureza classificatória e repetitiva. A análise apoia-se, especificamente, nos procedimentos internos de controle do discurso – a saber: o comentário, o autor e a disciplina – com o intuito de desvelar as regularidades e os mecanismos de poder subjacentes ao corpus documental. Mediante tal estratégia, objetiva-se demonstrar a proficuidade da arqueologia foucaultiana e sua aplicabilidade prática na Ciência da Informação, revelando-a como um referencial denso e instrumental para a compreensão dos fenômenos informacionais contemporâneos.

Este panorama visa, portanto, não apenas sistematizar o uso da Análise do Discurso, mas também apontar as questões nevrálgicas para o debate na área, evidenciando como a Ciência da Informação instrumentaliza esse conceito no campo do conhecimento. A investigação destaca como a teoria de Foucault oferece ferramentas valiosas para compreender os fenômenos da informação. Ao adotar a perspectiva foucaultiana, a Ciência da Informação amplia sua capacidade de interpretação, abrindo caminhos para analisar as relações de poder, as formações discursivas e as práticas de saber que definem os fluxos informacionais atuais.

6.1 ANÁLISE DO DISCURSO “FRANCESA”: MAPEAMENTO DOS CONCEITOS UTILIZADOS NA CI

Em análise, cabe observar a predominância do uso da “vertente francesa da Análise do Discurso” na literatura da Ciência da Informação. A utilização dessa expressão permite destacar uma lacuna significativa na articulação teórica e metodológica dos estudos que a utilizam. Conforme demonstrado no Gráfico 2, dos 102 artigos analisados de maneira detalhada, 51 documentos fazem referência à “vertente francesa da Análise do Discurso”, adotando-a como fundamentação teórica para as discussões propostas.

Gráfico 2 – Termos utilizados para descrever a origem da teoria da Análise do Discurso em artigos da CI



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Embora essa abordagem, “Análise do Discurso Francesa”, costuma ser frequentemente referenciada como fundamental para a compreensão de fenômenos informacionais no âmbito da Análise do Discurso, a ausência de uma explicitação detalhada das suas especificidades conceituais nos artigos revisados compromete a profundidade analítica e a robustez das investigações.

A análise do corpus revela que, dentre os 51 trabalhos que referenciam a vertente francesa da Análise do Discurso, a maioria – 37 artigos – tende a preocupar-

se em explicitar os fundamentos teóricos dessa vertente ao abordá-la no contexto da Ciência da Informação, conforme detalhado no Quadro 8:

Quadro 8 - Conceitos de “Análise do Discurso Francesa” abordados no *corpus* da pesquisa

Nº	Autor (es)	Termo de descrição da origem da teoria da AD	Conceito da origem da teoria da AD
1	LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA; RODRÍGUEZ-BRAVO; DINIZ (2024)	Matriz francesa	“A Análise do Discurso tem origem formal na escola francesa de Filosofia, por meio da prática filológica de uma conjuntura intelectual francesa que, sob a égide do estruturalismo dos anos 1960, se inscreve na articulação da linguística saussuriana, do materialismo histórico marxista e da psicanálise freudiana (Maingueneau, 2006).” (p. 65)
2	TERRA; SABBAG (2018)	Matriz francesa	“[...] a Teoria do Discurso de orientação francesa, cuja fundamentação teórica está alicerçada nos estudos de Michel Pêcheux e de Michel Foucault.” (p. 51)
3	GARCIA; REDIGOLO; MORAES; BARROS (2019)	Linha francesa	“[...] a Análise do Discurso de linha francesa, conforme Pinto (2002), procurou desde os anos 70 articular linguística e história ao buscar no texto o restabelecimento da dimensão histórica do sujeito. Seus principais influentes são Michel Foucault e Michel Pêcheux.” (p. 174)
4	MELLO; VALENTIM (2021)	Matriz francesa	“[...] Análise do Discurso de matriz francesa vêm subsidiando pesquisas no campo da CI, principalmente na vertente de Pêcheux (LIMA; MORAES, 2017). Foucault tem sido menos referenciado, no entanto já se encontram estudos associados a ele.” (p. 26)
5	MONTEIRO; ALMEIDA JUNIOR (2017)	Linha francesa	A análise do discurso francesa surgiu nesse contexto (hegemonia teórica da Gramática Gerativo Transformacional e a releitura de Marx, Freud e Saussure, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault e Derrida). A releitura de Saussure foi um dos principais motores desse movimento, cujo princípio era separar a linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. A análise do discurso francesa surgiu nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. Ocorreu nesse período que vai de 1960 a 1975, uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Linguística (GREGOLIN, 2004, p. 32).

6	MIRA; FARIAS; BRITO; GUARALDO (2021)	Linha francesa	"O filósofo francês, Michel Pêcheux, fundador da linha francesa da Análise de Discurso, afirma que essa se sustenta em três áreas do conhecimento: a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso." (p. 2)
7	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	Linha francesa	"[...] é possível distinguir duas correntes teóricas da Análise do Discurso: a corrente francesa, que tem por objeto de estudo os discursos escritos e construídos, com um maior nível de formalização e a anglo-saxã, que investiga os discursos orais e cotidianos, relacionados a temas em que aplicação ideológica é mais evidenciada, como violência sexual e racismo (BARROS, 2015)." (p. 41)
8	CAPRIOLI; LIMA; MORAES (2016)	Matriz francesa	"É oriunda de duas vertentes, uma sendo americana e a outra europeia, ou francesa, devido aos autores que a melhor explicam e tem bases teóricas, sendo Jean Dubois e Michel Pêcheux, sendo essa vertente a mais focada pelos estudiosos da área, e a explicada neste trabalho. Segundo Orlandi (1986), essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria do discurso: uma que entende como uma extensão da linguística (que corresponde à perspectiva americana) e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna da linguística, principalmente na área da semântica (que corresponde à perspectiva europeia). (Brandão, 2004, p.14)." (p. 75)
9	LIMA; CAPRIOLI; MORAES (2019)	Matriz francesa	"[...] a Análise do Discurso de matriz francesa, não se limita a estudos linguísticos, tratando-se de analisar somente a parte gramatical da língua, como também leva em conta os aspectos externos da língua como os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que permeiam a produção de um discurso e que, por outro motivo, nele se refletem." (p. 223)
10	SOUZA; DIAS (2011)	Escola francesa	"A Análise do Discurso francesa de Pêcheux permite que se alcancem os meandros do discurso, partindo do dito presente na materialidade discursiva para o não-dito, que é também constitutivo do sentido. Assim, é possível atingir o não-dito por intermédio dos implícitos e silenciamentos, que além de evidenciar os efeitos de sentido construídos estão além das proposições lógicas aparentemente estabelecidas (PÊCHEUX, 1990)." (p. 106)
11	MAUCH; BARROS (2023)	Linha francesa	"A ADL é uma ramificação da AD de linha francesa, tendo Dominique Maingueneau como seu principal expoente. Maingueneau, linguista francês, dedicou-se a desenvolver técnicas, conceitos e metodologias que possam dar conta dos sentidos presentes em uma obra literária." (p. 218)

12	COSTA; BARROS (2023)	Vertente francesa	"Portanto, a AD é uma disciplina que se alia à sociologia e à História, relaciona-se de maneira transversal com a linguística para compreender e estudar um objeto que é próprio desta – o discurso, enquanto materialidade da ideologia, de conceitos e práticas sociais inscritas no espaço-tempo (Barros, 2014, p. 42)." (p. 5)
13	MARTINS; BARROS; MORAES (2019)	Escola francesa	"A escola francesa de Análise do Discurso, diferentemente de outras metodologias, assume que a construção de um corpus analítico já é análise" (FREITAS, 2015, p. 2). (p. 6)
14	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	Linha francesa	"A partir desse terceiro momento, é possível distinguir duas correntes teóricas da Análise do Discurso: a corrente francesa, que tem por objeto de estudo os discursos escritos e construídos, com um maior nível de formalização e a anglo-saxã, que investiga os discursos orais e cotidianos, relacionados a temas em que aplicação ideológica é mais evidenciada, como violência sexual e racismo (BARROS, 2015)." (p. 41)
15	BARROS (2017)	Matriz francesa	"[...] a matriz francesa em análise do discurso, calcado fortemente nos estudos de Pêcheux sobre discurso." (p. 102)
16	BARROS (2017)	Matriz francesa	"[...] à matriz francesa em análise do discurso, calcado fortemente nos estudos de Pêcheux sobre discurso (Barros, 2017)." (p. 69)
17	BARROS (2021)	Matriz francesa	"[...] à matriz francesa em análise do discurso, calcado fortemente nos estudos de Pêcheux sobre discurso (Barros, 2017)." (p. 25)
18	BARROS; MORAES (2009)	Análise do Discurso Francesa	"[...] optou-se pela adoção da análise do discurso à francesa e tendo como base teórica Foucault e complementarmente as abordagens discursivas de Pêcheux, já que é consensual na área de AD que Pêcheux é uma das figuras centrais para o aparecimento da disciplina." (p. 86)
19	BARROS; COSTA (2022)	Vertente francesa	"[...] a Análise de Discurso que foi utilizada é a de viés francesa e os principais autores que embasam os conceitos de Análise de Discurso desta pesquisa são Michel Pêcheux e Michel Foucault. Sendo o primeiro tido como o principal fundador da Análise de Discurso de vertente francesa, por ter contribuído para esta disciplina de forma singular e por ter sido responsável por boa parte de seu arcabouço teórico e de sua materialidade enquanto disciplina, principalmente em seus primórdios (BARROS, 2014)." (p. 3)
20	MARQUES; KARPINSKI (2024)	Corrente francesa	"Essa função do discurso, em Foucault, está em consonância com a sua compreensão por Michel Pêcheux. Ambos fizeram parte da corrente francesa da teoria em AD, mas foi Pêcheux quem elaborou que a linguagem materializa a ideologia e essa manifesta-se na

			língua, num ciclo que produz diferentes sentidos para as palavras ao longo do tempo (Barros, 2023). Para o autor (Pêcheux apud Barros, 2015, p. 85), esse método de análise necessitaria, como base epistemológica, além do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso, a abordagem psicanalítico-ideológica do sujeito." (p. 28)
21	VÁLIO; OLIVEIRA (2003)	Origem francesa	"A análise do discurso, de origem francesa, investiga nos textos os conteúdos da história." (p. 115)
22	NOVA CRUZ; ROMÃO (2011)	Escola francesa	"O devir da trajetória de Michel Pêcheux e da análise de discurso da escola francesa pode ser bem compreendido nos seguintes termos: [...] se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2010, p. 20)" (p. 45)
23	GASPAR; FERRAZ; CANATO; (2011)	Linha francesa	"[...] Análise do discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: “discurso” “enunciado” e “trajeto temático”, advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997, 2008), Foucault (1997) e Guilhaumou e Maldidier (1994), [...].” (p. 125)
24	SILVA; BAPTISTA (2015)	Linha francesa	"Maingueneau esclarece que a “[...] conjuntura intelectual [em que a AD surge] é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a ‘escritura’, a linguística, o marxismo e a psicanálise” (MAINGUENEAU, 1997, p. 10), mas observa que essa é a base da escola francesa de análise de discurso, pois não existe uma única forma de se fazer análise de discurso.” (p. 92)
25	MORAES; LIMA; CAPRIOLI (2016)	Matriz francesa	"A Análise do Discurso de Matriz Francesa, segundo Foucault (1986), nasce do estruturalismo especulativo que tem bases em trabalhos com matrizes filosóficas e ideológicas, mas vem para modificar essa estrutura, pois visa a compreender o fenômeno da linguagem não concentrado apenas na língua, mas considerando também os elementos que a extrapolam." (p. 76)

26	BARROS (2017)	Análise do Discurso Francesa	Gadet (apud Maingueneau, 1997 p.16) ilustra tal diferença entre AD de Pêcheux e Foucault e a AD anglo-saxã em um quadro interessante: <table><tr><td></td><td>AD <i>Francesa</i></td><td>AD <i>Anglo-saxã</i></td></tr><tr><td><i>Tipos de discurso</i></td><td>Escrito Quadro institucional Doutrinário</td><td>Oral Conversação cotidiana Comum</td></tr><tr><td><i>Objetivos determinados</i></td><td>Propósitos textuais Explicação-forma Construção do objeto A relação ideologia/língua</td><td>Propósitos comunicacionais Descrição-uso Imanência do objeto</td></tr><tr><td><i>Método</i></td><td>Materialismo histórico</td><td>Interacionismo Psicologia e sociologia</td></tr><tr><td><i>Objeto</i></td><td>Linguística</td><td>Antropologia</td></tr></table> Quadro I: Quadro Comparativo entre a AD <i>Francesa</i> e AD <i>Anglo-Saxã</i>. Adaptado de Maingueneau, D.,1997. (p.27)		AD <i>Francesa</i>	AD <i>Anglo-saxã</i>	<i>Tipos de discurso</i>	Escrito Quadro institucional Doutrinário	Oral Conversação cotidiana Comum	<i>Objetivos determinados</i>	Propósitos textuais Explicação-forma Construção do objeto A relação ideologia/língua	Propósitos comunicacionais Descrição-uso Imanência do objeto	<i>Método</i>	Materialismo histórico	Interacionismo Psicologia e sociologia	<i>Objeto</i>	Linguística	Antropologia
	AD <i>Francesa</i>	AD <i>Anglo-saxã</i>																
<i>Tipos de discurso</i>	Escrito Quadro institucional Doutrinário	Oral Conversação cotidiana Comum																
<i>Objetivos determinados</i>	Propósitos textuais Explicação-forma Construção do objeto A relação ideologia/língua	Propósitos comunicacionais Descrição-uso Imanência do objeto																
<i>Método</i>	Materialismo histórico	Interacionismo Psicologia e sociologia																
<i>Objeto</i>	Linguística	Antropologia																
27	CASTANHA; LIMA; MARTÍNEZ-ÁVILA (2017)	Matriz francesa	"Irrompido no cenário da intelectualidade francesa, a conjuntura intelectual do surgimento da AD fundamenta-se sob a égide do estruturalismo dos anos 60, e caracteriza-se por suas críticas às fortes tendências em destaque no campo, como o estruturalismo, então dominante nos estudos de linguagem, articulando-se em torno de uma reflexão sobre a escritura, a linguística, o marxismo e a psicanálise (MAINGUENEAU, 1997). Ainda, é observado que essa conjuntura baseia a escola francesa de AD, uma vez que não existe uma forma singular de realizá-la." (p. 20)															
28	MELLO LIMA; MORAES (2017)	Matriz francesa	"[...] Análise do Discurso Francesa é sustentado na pirâmide que busca articular o materialismo histórico com a teoria da ideologia, a linguística focando nos processos de enunciação, e a teoria do discurso que coloca em centro a teoria de determinação histórica dos processos semânticos (Orlandi, 1999)." (p. 91)															

29	GUTIERRES CASTANHA; MELLO LIMA (2018)	Matriz francesa	"Entende-se que a AD francesa é constituída por uma espécie de tríade basilar: ideologia, enunciado e sujeito. Entende-se ideologia como a materialização do discurso, representando a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (Althusser, 1985)." (p. 62)
30	EVANGELISTA; BARROS; MORAES (2018)	Linha francesa	"[...] a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, baseada nos trabalhos de Michel Foucault e estudada por Pêcheux e seu grupo. A análise possui por tríade a língua, o discurso e a ideologia; se utilizando da estrutura linguística para identificar questões ideológicas, considerando a trajetória do documento, sua historicidade; não apenas o que é dito, mas como é dito." (p. 39)
31	TERRA; ALMEIDA; SABBAG (2018)	Matriz francesa	"[...] as linhas francesas da teoria do discurso, com tendência materialista, seriam o contraponto dos estudos anglo-saxônicos sobre discurso que se interessam por proposições. Acentua-se que a vertente anglo-saxônica foi influenciada por correntes interacionistas. Ademais, tem fundamentação linguística pragmática (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2003). Segundo Maingueneau (1997, p.15). Para avaliar a especificidade da "escola francesa da análise do discurso", basta confrontá-la ao que, genericamente, é entendido, nos Estados Unidos, como "análise do discurso": uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária." (p. 5)
32	GARCIA; REDIGOLO; BARROS; MORAES (2019)	Linha francesa	"[...] a Análise do Discurso de linha francesa, conforme Pinto (2002), procurou desde os anos 70 articular linguística e história ao buscar no texto o restabelecimento da dimensão histórica do sujeito. Seus principais influentes são Michel Foucault e Michel Pêcheux." (p. 174)
33	MELLO LIMA; ARRAIZA (2019)	Matriz francesa	"[...] análise do discurso de orientação francesa haverá uma mescla das duas formas de narrativa, devido a dificuldade de entendimento dos processos que fazem a análise do discurso de matriz francesa se configurar no que é hoje: difusa." (p. 72)
34	MARTINS; BARROS; MORAES (2019)	Escola francesa	"O referencial teórico está delimitado à tradição francesa em Análise do Discurso e baseia-se nos autores Michel Pêcheux, precursor da Análise do Discurso, e Eni P. Orlandi, referência no contexto brasileiro. " (p. 2)

35	SANTOS NETO; GUARALDO; ALMEIDA JÚNIOR (2019)	Origem francesa	"Existe uma corrente da AD, de origem Francesa, que valoriza a História, os textos de arquivo que emanam de instâncias institucionais, e uma outra, Anglo-saxã, que dá destaque para a Sociologia, com estruturas mais flexíveis e considera a conversa informal. Segundo Mussalim (2006, p.113), [...] o que diferencia a Análise do Discurso de origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa intenção verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que pré-determina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais." (p. 7)
36	XAVIER; CAPRIOLI; MELLO LIMA; MORAES (2019)	Matriz francesa	"[...] análise do discurso Francesa é sustentada na pirâmide que busca articular o materialismo histórico com a teoria da ideologia, a linguística focando nos processos de enunciação, e a teoria do discurso que coloca em centro a teoria de determinação histórica dos processos semânticos. (ORLANDI, 1999)" (p. 3)
37	SCARTASSINI; BARROS (2021)	Linha francesa	"[...] Michel Pêcheux na metade do século XX, o qual cria a linha francesa nos estudos de AD que, posteriormente, tem em Michel Foucault um importante expoente e divulgador da metodologia. No Brasil, os estudos envolvendo a AD tomam corpo a partir dos anos de 1980. No que tange à Ciência da Informação, a utilização dessa metodologia é ainda recente e pouco explorada pelo campo (ORLANDI, 1999; FREITAS, 2010; BARROS, 2015)." (p. 460)

Fonte: Os autores (2026)

Ao estabelecer uma análise dos conceitos atribuídos pelos autores, cabe identificar que o conceito que apresenta maior pertinência e demonstra robustez teórica no Quadro 8 é a definição clássica de Pêcheux, uma vez que enfatiza que a Análise do Discurso nasce do encontro entre a Linguística (Saussure), o Materialismo Histórico (Marx) e a Psicanálise (Freud/Lacan). Convém mencionar que há uma semelhança expressiva entre vários autores que reconhecem a AD como o ponto de articulação entre esses três continentes científicos (LIMA et al. (2024); MONTEIRO E ALMEIDA JÚNIOR (2017); MIRA et al. (2021); NOVA CRUZ E ROMÃO (2011); SILVA E BAPTISTA (2015); CASTANHA, LIMA E MARTÍNEZ-ÁVILA (2017); MELLO LIMA E MORAES (2017); GUTIERRES CASTANHA E MELLO LIMA (2018); XAVIER ET AL. (2019); MARQUES E KARPINSKI (2024)). Sob essa ótica, a Análise do Discurso não se limita à mera leitura ou decodificação textual; configura-se como uma disciplina teórica dedicada a investigar as mútuas afetações entre o sujeito, a história e a língua na produção de sentidos.

A investigação também permite demonstrar que outros autores buscam trabalhar com a perspectiva da definição da Análise do Discurso por oposição – o “Francês” versus o “Anglo-Saxão” –, pelo que ela nega ou pelo que ela se diferencia. A análise enfatiza tanto conceitos significativos quanto simplificações problemáticas. Autores que desenvolvem um conceito significativo – a intenção e a pragmática –, como Santos Neto, Guaraldo e Almeida Júnior (2019) e Terra, Almeida e Sabbag (2018) fazem uma distinção importante. Para eles, a AD francesa é definida por não considerar a intenção do sujeito como determinante (o sujeito é falado pela ideologia), enquanto a anglo-saxã foca na intenção e na interação social; Caprioli, Lima e Moraes (2016) reforçam isso via Orlandi, apontando que a vertente americana é uma “extensão linguística”, enquanto a francesa nasce de uma “crise” da linguística (ruptura). Outra questão, diz respeito às delimitações conceituais; observa-se uma perspectiva frágil/reducionista – o que “não faz tanto sentido” –, nas proposições de Evangelista, Barros e Moraes (2018) e Barros (2017). Segundo esses autores, a Análise do Discurso de orientação francesa dedicar-se-ia primordialmente ao escrito/formal, enquanto a vertente anglo-saxã voltar-se-ia ao exame do discurso oral/cotidiano. Tal distinção, entretanto, carece de robustez teórica e apresenta-se imprecisa no Quadro 4. Embora se reconheça, pra esses autores, que a Análise do Discurso francesa possua uma tradição consolidada na análise de arquivos, limitar sua abrangência ao suporte físico da escrita constitui um equívoco conceitual.

Conforme demonstram os trabalhos de Pêcheux e Orlandi, a disciplina abarca a análise de discursos orais em contextos variados, como o político e o pedagógico. Portanto, a diferenciação fática entre as escolas não reside na natureza do suporte (fala ou escrita), mas em suas matrizes teóricas: a escola francesa prioriza a relação entre linguagem e ideologia, ao passo que a anglo-saxã foca nos processos de interação social.

Outro destaque na análise é o amálgama Foucault-Pêcheux: convergências e tensões. Alguns autores mostram uma tendência da Ciência da Informação a fundir Foucault e Pêcheux sob o rótulo “Matriz Francesa”, às vezes sem sequer apontar as diferenças. Nessa concepção, há conceitos de fusão/complementariedade: Terra e Sabbag (2018), Garcia et al. (2019) e Mello Lima e Arraiza (2019), Mello e Valentim (2021), Barros e Moraes (2009), Barros e Costa (2022) e Scartassini e Barros (2021) citam ambos como bases conjuntas ou complementares; Gaspar et al. (2024) tentam separar os conceitos, “discurso” (Pêcheux) e “enunciado” (Foucault); Evangelista, Barros e Moraes (2019) afirmam que a linha francesa é baseada em Foucault e estudada por Pêcheux. Nessa conjuntura, essa fusão é tensa, dado que a “arqueologia” de Foucault e a “análise do discurso” de Pêcheux divergiram em diversos pontos de análise. Na análise do Quadro 8, pode-se evidenciar que a CI tende a suavizar essa disputa em favor de uma aplicação pragmática.

A problemática a seguir está relacionada a variações específicas, como literatura, silêncio e metodologia, uma vez que alguns registros trazem conceitos que se diferenciam por focar em aspectos metodológicos ou objetos específicos. Souza e Dias (2011) abordam a questão do silêncio e do não-dito, considerando uma abordagem poética e precisa. Assim, a Análise do Discurso francesa permite ir do dito ao não-dito, considerando o silenciamento como constitutivo do sentido; Mauch e Barros (2023) referem-se à literatura, dado que citam Maingueneau para trazer a Análise do Discurso Literário, mostrando uma ramificação da linha francesa; Martins, Barros e Moraes baseiam-se no corpus, trazendo um conceito metodológico importante: na sua versão da AD francesa, a “construção do corpus já é análise”. Isso combate a ideia positivista de coleta de dados neutra.

Há um grupo de pesquisadores que buscam abordar definições generalistas, servindo para reforçar a filiação a Pêcheux sem detalhar a mecânica conceitual. Esses autores reiteram que a Análise do Discurso considera aspectos

externos (históricos, sociais) e tem Pêcheux como fundador (Lima, Caprioli e Moraes (2019), Costa e Barros (2023), Barros (2017), Barros e Moraes (2009), Válio e Oliveira (2003), Moraes, Lima e Caprioli (2016), Mello Lima e Arraiza (2019) e Martins, Barros e Moraes (2019)).

Diante desse cenário de análise, entende-se que essa falta de clareza pode gerar interpretações superficiais e limitar o potencial crítico da Análise do Discurso, além de dificultar a construção de um conhecimento mais integrado e contextualizado na área. Diante disso, torna-se imperativo investigar como essa omissão pode impactar a formação do conhecimento científico e quais consequências ela pode ter para a prática e a pesquisa na Ciência da Informação, especialmente em um cenário que demanda uma análise crítica e multifacetada das relações de poder e dos discursos que vêm a delinear a produção da informação.

6.2 ECLETISMO INTELECTUAL

Ao examinar as abordagens teóricas da Análise do Discurso nos artigos científicos do campo da Ciência da Informação, observa-se um problema recorrente: o ecletismo intelectual. Pode-se destacar que a mistura indiscriminada de ideias contraditórias entre si, embora possa parecer uma abordagem inovadora e abrangente, esconde perigos significativos para o rigor acadêmico. Desse modo, ao justapor superficialmente referências teóricas díspares, os pesquisadores correm o risco de diluir a complexidade dos fenômenos discursivos, sacrificando a profundidade analítica em nome de uma suposta interdisciplinaridade. Nesse contexto, uma abordagem mais rigorosa exige uma integração coerente e fundamentada das teorias, explicitando convergências e divergências entre conceitos. Na sequência, o Quadro 9 requer elencar os teóricos que compõem o corpus analítico da presente pesquisa. É pertinente destacar que as produções intelectuais desses autores se caracterizam pela filiação a uma determinada escola da Análise do Discurso, utilizando-a como fundamento para o desenvolvimento de suas argumentações.

Quadro 9 – Documentos com desenvolvimento de debate com apenas uma escola da Análise do Discurso

Nº	AUTORES	LINHA DA ANÁLISE DO DISCURSO	ESCOLA TEÓRICA
1	DANIEL; GUARALDO; VALENTIM (2020)	ORLANDI, E. P. ; PÊCHEUX, M. ; SCHWABB, R.	Pêcheux
2	ELLIOTT; AQUINO (2010)	ORLANDI, E. P. ; PÊCHEUX, M	Pêcheux
3	EVANGELISTA; BARROS (2021)	BARROS, T. H. B.; ORLANDI, E. P.	Pêcheux
4	FERRAREZI; ROMÃO (2010)	AUTHIER-REVUZ, J.; ORLANDI, E. P.; PÊCHEUX, M.; ROMÃO, L. M. S.	Pêcheux
5	FRANCELIN; RIBEIRO (2025)	FOUCAULT, M.	
6	GARCIA; REDIGOLO; MORAES; BARROS (2019)	BARROS, T. H. B.; MITTMANN, S.; ORLANDI, E. P.; PÊCHEUX, M.; PINTO, M. J.; PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V.	Pêcheux
7	GOUVEIA JUNIOR; SALCEDO (2016)	FOUCAULT, M.	Foucault
8	LIBONATI; BARROS (2019)	FONTANILLE, J.; POSSENTI, S.; SAUSSURE, F.	Saussure
9	LIMA (2020)	FOUCAULT, M.	Foucault
10	LIMA; ANDRADE; CARVALHO (2025)	SIEBENEICHLER, F. B.	x
11	MARQUES; KARPINSKI (2024)	BARROS, T. H. B.; / CASTANHA, R. C. G.; LIMA, L. M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; / ORLANDI, E. P.	Pêcheux
12	MARQUES; KERR PINHEIRO; RASLAN (2012)	GILL, R.; ORLANDI, E. P.	Pêcheux
13	MARTELETO (1994)	FOUCAULT, M.	Foucault
14	MATA; SALDANHA (2020)	FOUCAULT, M.	Foucault

15	MAUCH; BARROS (2023)	FERREIRA, M. C. L.; MAINGUENEAU, D.; MELLO, R.	Foucault
16	MEDEIROS; VANTI (2011)	FAIRCLOUGH, N.; FOUCAULT, M.; REVEL, J.; VEIGA-NETO, A.	Foucault
17	MIRANDA; SANTOS (2018)	ORLANDI, E. P.; PÊCHEUX, M.	Pêcheux
18	MOURA (2014)	FOUCAULT, M.	Foucault
19	OLIVEIRA (2015)	ORLANDI, E. P.	Pêcheux
20	OLIVEIRA; ALBAGLI (2013)	FOUCAULT, M.	Foucault
21	ROSA; BARROS; LAIPELT (2023)	MELO, L. W. S.; BROIETTI, F. C. D.; SALVI, R. F. / ORLANDI, E. P.; / PÊCHEUX, M.; FUCHS, C.	Pêcheux
22	ROSA; BARROS. LAIPELT (2023)	BARROS, T. H. B. / DE OLIVEIRA CAVALCANTI, E. C.; AZEVEDO, N. P. S. G. / MELO, L. W. S.; BROIETTI, F. C. D.; SALVI, R. F. / ORLANDI, E. P. / PÊCHEUX, M.; FUCHS, C.	Pêcheux
23	SAMPAIO; SILVA; LIMA (2021)	FOUCAULT, M.	Foucault
24	SANTOS; GUEDES (2017)	BAKHTIN, M.	Bakhtin
25	SILVA (2003)	ORLANDI, E. P. / PÊCHEUX, M. / SILVA, A. K. A.	Pêcheux
26	SILVA; BARROS; MORAES (2018)	BARROS, T. H. B. / GREGOLIN, M.R. / ORLANDI, E. P. / PÊCHEUX, M.	Pêcheux
27	SILVA; CAVALCANTI; FURLANETE (2022)	FOUCAULT, M.	Foucault
28	SILVA; LOUREIRO; SOUZA (2016)	AZEVEDO, S. D. R. / FOUCAULT, M. / GIACOMONI, M. P; VARGAS, A. Z.	Foucault
29	SOUZA; FURLANETE (2024)	FOUCAULT, M.	Foucault
30	SOUZA; DIAS (2011)	ORLANDI, E. P. / PÊCHEUX, M.	Pêcheux
31	SOUZA; OLIVEIRA (2007)	ALVARENGA, L. / FOUCAULT, M.	Foucault

32	TRIVELATO; MOURA (2015)	FOUCAULT, M.	Foucault
33	TRIVELATO; MOURA (2016)	FOUCAULT, M. / TRIVELATO, R. M. S., MOURA, M. A.	Foucault
34	VENÂNCIO; MOURA (2012)	GARDIN, J.	x
35	VERONEZ JUNIOR; MARTINES; MARTÍNEZ-ÁVILA; RODRIGUEZ (2021)	BAKHTIN, M. / FONTANILLE, J.	Bakhtin
36	VIEIRA; MOURA (2014)	NASCIMENTO, T.G. / ORLANDI, E. P.	Pêcheux

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

A análise dos dados possibilita revelar que, do universo de 101 trabalhos examinados, 36 documentos estabelecem uma articulação teórica fundamentada exclusivamente em uma única escola da Análise do Discurso. Observa-se, nestes casos, uma preocupação deliberada em assegurar a coerência epistemológica, evitando o ecletismo intelectual ou o sincretismo de vertentes distintas. Dessa forma, os autores buscam delimitar com maior precisão as bases teóricas que sustentam suas investigações.

Em grande parte desses trabalhos - 65 artigos - os autores tratam os diferentes teóricos da Análise do Discurso como se abordassem um mesmo conceito, com significados equivalentes, sem distinguir as particularidades de cada escola ou linha de pensamento. Essa falta de especificação compromete a compreensão das diferenças metodológicas entre os autores, conduzindo a uma simplificação excessiva das suas contribuições teóricas. A Análise do Discurso é um campo multidisciplinar, composto por diversas correntes que, embora compartilhem um foco comum no estudo do discurso, divergem em seus fundamentos teóricos e metodológicos. Desse modo, a ausência de uma clara delimitação entre essas perspectivas nos estudos de Ciência da Informação sugere uma confusão conceitual, que impede o desenvolvimento de uma análise mais robusta e coerente. Assim, cumpre aos pesquisadores reconhecer e respeitar as especificidades de cada corrente teórica ao aplicar a Análise do Discurso, uma vez que a apropriação adequada dessas teorias exige a compreensão das distinções e das diferentes implicações metodológicas, evitando a generalização e a superficialidade na aplicação dos conceitos.

Nessa conjuntura, identifica-se a ausência de uma delimitação clara da teoria da Análise do Discurso na Ciência da Informação, refletindo uma carência de debates aprofundados a respeito dessa abordagem metodológica crítica. Essa falta de definição não apenas compromete a construção de um arcabouço teórico sólido, mas limita a capacidade dos pesquisadores de aplicar a AD de maneira consistente e eficaz em seus estudos. Sem um diálogo mais robusto sobre os princípios, métodos e implicações da Análise do Discurso, torna-se desafiador compreender suas contribuições para a análise das dinâmicas informacionais e das relações de poder que atravessam a produção e o uso da informação. Essa lacuna pode resultar em interpretações fragmentadas e na superficialidade das análises, prejudicando o avanço do conhecimento na área e a formação de profissionais críticos e reflexivos. Portanto, cumpre promover um debate mais intenso e estruturado sobre a Análise do

Discurso, visando não apenas sua delimitação teórica, mas também sua relevância prática na Ciência da Informação contemporânea.

6.3 ENTRE A “ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA” E O “ECLETISMO INTELLECTUAL”: UMA OBSERVAÇÃO FOUCAULTIANA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diante das imprecisões e reducionismos identificados nas apropriações conceituais da Análise do Discurso, faz-se necessário retomar as bases epistemológicas que fundamentam o campo, especialmente a vertente arqueológica. Nesse sentido, o pensamento de Foucault, particularmente em *A Ordem do Discurso* (1996), vem a oferecer o rigor substancial para compreender que a produção discursiva não constitui um fenômeno espontâneo, mas é objeto de procedimentos de controle rigorosos e multifacetados. Para Foucault (1996), o controle do discurso opera em diferentes níveis. Após o exame dos procedimentos de exclusão (sistemas externos que interditam o que pode ser dito), o autor (1996, p. 21) explicita um segundo grupo de dispositivos: os procedimentos internos. Diferentemente dos mecanismos de exclusão, estes operam como princípios de classificação, ordenação e distribuição, exercendo o controle a partir da própria materialidade do discurso. Tais mecanismos visam dominar a dimensão do acontecimento e do acaso, conformando o dizer a regras de regularidade que transcendem a mera distinção entre oralidade e escrita discutida anteriormente.

Para Foucault (1996), o discurso possui uma dimensão de “acontecimento” – algo que irrompe na história – e de “acaso” – a imprevisibilidade do que pode ser dito. A função desses mecanismos internos é, portanto, neutralizar o que o discurso possui de aleatório e perigoso, submetendo a sua própria proliferação e regras de identidade e repetição. Desse modo, Foucault (1996) argumenta que, ao tratar o discurso como algo que precisa ser submetido, a sociedade cria métodos para que a linguagem não escape ao controle institucional. Esses procedimentos operam em três eixos principais:

- O comentário – que limita o acaso do discurso ao repetir o “já dito”, garantindo que a inovação seja apenas uma reatualização de textos fundamentais;
- O autor – entendido não como o indivíduo que escreve, mas como um princípio de agrupamento que confere unidade, coerência e origem às significações de um conjunto de textos;

- A disciplina – que fixa limites através de um sistema anônimo de regras, métodos e definições, exigindo que uma proposição esteja “no verdadeiro” de um campo específico para ser validada.

Nesse sentido, o objetivo final desses procedimentos é a rarefação. Assim, ao classificar e ordenar, o sistema discursivo impede que “qualquer um possa falar de qualquer coisa” ou que o discurso se espalhe de forma desordenada. Por meio dessa “polícia discursiva”, o acontecimento aleatório é domesticado, transformando a materialidade temível da fala em uma série regular e controlada de enunciados.

6.3.1 A dialética do mesmo e do novo: o procedimento de controle interno do comentário em Foucault

A análise de Foucault (1996) acerca do comentário como procedimento interno de controle do discurso permite revelar uma sofisticada tecnologia de poder que opera mediante o nivelamento e a hierarquização das práticas de linguagem em uma sociedade. Segundo o autor (1996, p. 22), o discurso não é um elemento neutro, mas uma realidade material que gera inquietação, sendo, assim, submetida a processos de classificação e ordenação que visam conjurar seus perigos e dominar o acontecimento aleatório da fala. O comentário fundamenta-se na distinção significativa entre os discursos cotidianos, que desaparecem no ato de sua enunciação, e as narrativas maiores, que são “textos, fórmulas e conjuntos ritualizados” que se conservam ao longo do tempo por se acreditar que guardam um “segredo ou uma riqueza” essencial. Observa-se que, no interior da ordem discursiva, existe uma distinção entre enunciados efêmeros e permanentes que constitui a base a qual operam diversos procedimentos de controle. No entanto, a conservação de textos primeiros, que segundo Foucault (1996, p. 22), conhecemos como “[...] textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos. [...]”, cria uma estrutura na qual o comentário atua como uma ferramenta que permite a proliferação de novos enunciados ao mesmo tempo em que limita essa expansão ao domínio do “já dito”. Dessa maneira, Foucault (1996, p. 22) observa que:

[...] os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

O paradoxo central desse procedimento reside no fato de que o comentário deve dizer, pela primeira vez, aquilo que, no entanto, já havia sido articulado silenciosamente no texto original, repetindo incansavelmente o que nunca fora efetivamente pronunciado. Nessa concepção, o comentário não tem por objeto desvendar uma novidade absoluta, mas sim transferir o acaso e a multiplicidade para o número e a forma da repetição, garantindo que o novo resida apenas no acontecimento da volta do texto e não em sua essência. Trata-se de um princípio de rarefação que limita o discurso através de uma identidade fundamentada na repetição e na preservação do mesmo, exercendo uma função coercitiva sob a aparência de uma fecundidade interpretativa inesgotável. Assim, o comentário opera como um procedimento de regulação discursiva. Sua função é paradoxal: ao mesmo tempo em que possibilita a fala e da interpretação, circunscreve a inovação aos limites das narrativas soberanas, protegendo a estabilidade cultural contra a desordem do imprevisto e a violência do discurso descontínuo.

A análise de Foucault (1996) sobre o comentário como procedimento de controle interno vem a revelar que a distinção entre textos originais e exegeses não se fundamenta em uma ontologia estática, mas em um dinamismo funcional e histórico. O autor (1996, p. 23) passa a argumentar que o deslocamento entre os “[...] discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam [...]”, não possui estabilidade absoluta. Diferentemente de uma estrutura fixa, não existe uma categoria imutável que separe, de forma definitiva, os discursos criadores da massa de comentários que os circundam; pelo contrário, a história evidencia que textos considerados maiores podem submergir no esquecimento, enquanto certos comentários ascendem à posição de textos primários. Essa fluidez, entretanto, não anula a eficácia do dispositivo de controle. Embora os pontos de aplicação e os objetos específicos possam sofrer mutações temporais, a função de manutenção do desnivelamento permanece operante como um princípio constante de ordenação discursiva. Foucault (1996) vem a sustentar que a tentativa de abolir radicalmente essa hierarquia entre o texto e o comentário não passaria de um exercício utópico, um jogo literário ou uma manifestação de angústia patológica, visto que o sistema de controle necessita dessa tensão para regular o acaso e a inovação na produção do saber. Portanto, o que se observa na ordem do discurso é um processo de reatualização permanente, no qual o princípio do deslocamento é

incessantemente reposto para garantir que a proliferação discursiva ocorra sob a égide da repetição e da vigilância institucional.

Foucault (1996, p. 23) explora os limites da relação entre os “textos primeiros” e os “textos secundários”, demonstrando que o desaparecimento da distância entre o texto e sua glosa não constitui uma libertação, mas um deslocamento para os campos do jogo estético, da utopia lírica ou da patologia clínica. Ele (1996, p. 23) utiliza o recurso à figura de Borges, que ilustra a exacerbação da identidade no comentário: “o jogo de repetição literal, palavra por palavra, que transforma o ato de comentar na mera reaparição solene do original”. Paralelamente, a menção a uma crítica que discorre infinitamente sobre uma obra inexistente exemplifica a inversão da lógica documental, em que o aparato do comentário subsiste sem o suporte de um objeto real, evidenciando o caráter artificial e construído das hierarquias discursivas. Essas experiências representam o limite em que a função do comentário deixa de organizar o sentido para se tornar um simulacro de si mesma. Foucault (1996, p. 23) descreve ainda o “sonho lírico” de um discurso que rejeitaria a herança dos comentários preexistentes para renascer, em cada ponto, como algo absolutamente “novo, inocente e ancorado no frescor imediato das coisas e dos sentimentos.” Esse desejo de um discurso sem mediação, contudo, encontra seu reverso trágico na “angústia” descrita por Janet (apud Foucault, 1996, p. 23). No caso clínico citado, o paciente é incapaz de distinguir a relevância de um enunciado cotidiano da solenidade de uma “palavra do Evangelho”, percebendo em cada frase um tesouro inesgotável de sentido destinado à eternidade. Desse modo, o texto argumenta que a estrutura do comentário serve para domesticar essa proliferação potencialmente infinita e angustiante. Sem o balizamento institucional que separa o que deve ser conservado daquilo que é efêmero, o sujeito vê-se diante de uma exigência interpretativa insustentável, na qual a busca por uma compreensão plena se torna uma tarefa impossível e paralisante. Assim, o que o senso comum compreende como uma simples atividade literária ou acadêmica é, na verdade, um mecanismo de proteção que regula a economia das significações e impede que o discurso se dissolva no caos do acaso absoluto.

Ao investigar o funcionamento do comentário, Foucault (1996) vem a destacar que a repetição de um “texto primeiro” não é um ato de reprodução passiva, mas uma prática institucionalizada que varia drasticamente conforme o campo do saber e o contexto histórico. Para ilustrar a instabilidade e a multiplicidade dessas formas de

controle, Foucault (1996, p. 24) passa a descrever a natureza dinâmica do vínculo entre o texto original e as suas derivações na seguinte passagem:

Relação que não cessa de se modificar através do tempo; relação que toma em uma época dada formas múltiplas e divergentes; a exegese jurídica é muito diferente (e isto há bastante tempo) do comentário religioso; uma mesma e única obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discurso bem distintos [...]

Nesta citação, o autor fundamenta a ideia de que o comentário não possui uma essência única, mas é definido pela sua função reguladora que se adapta às necessidades de cada regime de verdade. Foucault (1996) vem a argumentar que o “desnívelamento” entre o texto fundamental e o comentário é uma relação histórica e mutável. A distinção entre a exegese jurídica e o comentário religioso, por exemplo, demonstra que cada disciplina estabelece seus próprios ritos de interpretação e critérios de validade, impedindo que o comentário seja reduzido a uma técnica exegética universal. Ademais, Foucault (1996) aponta que a multiplicidade do comentário pode ocorrer de forma síncrona sobre um mesmo objeto. Uma única obra literária pode sustentar, ao mesmo tempo, discursos tão heterogêneos quanto uma tradução, uma explicação filológica ou uma reescritura criativa. Essa diversidade comprova que o objetivo do comentário não é extrair um sentido único e final do texto, mas sim gerenciar a sua proliferação. O comentário cumpre o paradoxo de permitir que se fale infinitamente sobre uma obra, enquanto garante que esse novo discurso permaneça como uma “repetição disfarçada” do já dito. Nesse sentido, a relação descrita por Foucault (1996) é a base de uma tecnologia de poder que utiliza a variação das formas (jurídica, religiosa ou literária) para manter a soberania dos textos fundamentais sobre o acaso da fala cotidiana.

Foucault (1996) quer revelar que o comentário não é uma prática interpretativa aleatória, mas uma operação que sustenta a ordem discursiva através de uma estrutura de privilégio e subordinação. Para ele, a relação entre o texto de origem e a sua crítica fundamenta-se na crença de que certas obras possuem uma natureza inesgotável e soberana, o que justifica a sua perpétua retomada pelas instituições. Essa dinâmica de poder e sentido é sintetizada por Foucault (1996, p. 25) na seguinte argumentação:

[...] o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar. Mas, por outro lado, o comentário

não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro.

Nessa conjuntura, ele vem a expor o funcionamento da rarefação discursiva por meio de dois papéis solidários e paradoxais. Primeiramente, Foucault (1996) passa a apontar que a sociedade projeta no “texto primeiro” (seja ele religioso, jurídico ou literário) uma “riqueza essencial” e uma “reticência” que o tornam um reservatório de verdades ocultas. É essa atribuição de valor que “funda uma possibilidade aberta de falar”, possibilitando que a cultura produza constantemente novos discursos sob a forma de análises, traduções ou críticas. Sem essa autoridade atribuída ao texto original, a proliferação discursiva careceria de um centro de gravidade e legitimidade. Contudo, o segundo aspecto da argumentação e Foucault (1996) revela a função de controle, uma vez que o comentário, embora pareça criar o novo, tem por missão apenas explicitar o que estava “articulado silenciosamente” na origem. Assim, o autor (1996) demonstra que o comentário serve para dominar o acaso e a inovação, garantindo que o novo discurso não seja uma ruptura, mas uma “repetição disfarçada” do mesmo. Ao pretender dizer o que o texto original “queria dizer”, o comentador domestica o discurso, transformando o acontecimento da fala em uma recitação institucionalmente validada. Dessa maneira, a “possibilidade aberta de falar” é, na verdade, uma liberdade vigiada que reafirma a permanência e a soberania das leis e verdades estabelecidas. Diante das reflexões de Foucault (1996), o comentário vem revelar uma das engrenagens mais aprimoradas de controle e rarefação do dizer em nossa cultura. O conceito estrutura-se sobre um paradoxo basilar: a necessidade de dizer, pela primeira vez, aquilo que já foi dito, e de repetir incansavelmente o que, contudo, jamais fora pronunciado. Essa dualidade não é uma falha lógica, mas a própria essência do comentário como procedimento de interdição e segurança. Para Foucault (1996), o comentário não visa simplesmente esclarecer um texto obscuro, mas gerir o excesso de discursos, estabelecendo uma hierarquia entre textos “primários” – dotados de uma autoridade fundadora – e textos “secundários”, cuja função é dar voz e realidade àquela autoridade original em novos contextos. Nesse processo, o comentário atua como um mecanismo de domesticação do acaso. O discurso é, por natureza, um acontecimento imprevisível e potencialmente perigoso para a ordem estabelecida; ao submetê-lo à regra do comentário, a cultura garante que o “novo” seja apenas uma variação do “mesmo”. Transfere-se a liberdade do que poderia ser dito para a forma de repetição, criando-se a ilusão de uma multiplicidade

aberta quando, na verdade, o horizonte está estritamente limitado ao ponto de partida, à recriação do texto soberano. O comentador, nesse sentido, opera sob o signo de uma fidelidade criativa, em que sua autonomia é permitida apenas na medida em que ele faz o texto original “acontecer” novamente, mascarando a inovação sob a capa da avaliação. Em suma, a conclusão da análise de Foucault (1996) sobre o conceito de comentário reside na compreensão de que a novidade não está no conteúdo da fala, mas no “acontecimento de sua volta”. O comentário permite que a cultura produza discursos indefinidamente, mas assegura que essa proliferação não escape aos limites do sistema de verdade vigente. É uma estratégia que conjura o imprevisto, permitindo que se diga “algo além”, desde que esse “além” seja, em última análise, a realização e a manutenção do texto que o originou. Desse modo, o comentário funciona como uma máscara de permanência que protege o pensamento da dispersão absoluta, transformando a repetição em uma ferramenta de poder e estabilidade intelectual.

6.3.2 O autor como princípio de agrupamento: limites e coerência na ordem do discurso

O segundo procedimento de controle do discurso interno de Foucault (1996), que também vem a exercer uma classificação e uma rarefação do próprio discurso, é o autor. Diferentemente da concepção biográfica tradicional, que enxerga no autor a fonte criativa e transcendente de uma obra, Foucault (1996) vem a propor uma inversão analítica. Para ele, o autor é, antes de tudo, uma função limitadora, um princípio de economia que serve para balizar a proliferação de sentidos. Assim, ao atribuir um conjunto de textos a uma única autoria, opera-se uma unificação que exclui contradições e garante uma pretensa identidade temática e estilística. Nesse contexto, a autoridade do autor funciona como um filtro de verdade e coerência, conforme sintetizado pelo próprio Foucault (1996, p. 26): “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” Considerando isso, o deslocamento do autor para uma função discursiva revela que este não é o criador infinito de sentidos, mas sim um nódulo de restrição. Ele é a figura que permite indexar certos discursos como legítimos ou

científicos, ao mesmo tempo que neutraliza o caráter aleatório da linguagem, submetendo-os a uma ordem de significação pré-estabelecida.

Ao introduzir a problemática da autoria, Foucault (1969, p. 264) retoma a célebre indagação de Samuel Beckett: “Que importa quem fala?”. Essa provocação serve como ponto de partida para uma desconstrução da figura do autor como centro privilegiado da criação. Para o filósofo, a relevância não reside na identidade biográfica de quem profere o enunciado, mas na própria materialidade do discurso e nas redes de poder e saber que o sustentam. Foucault (1969) rompe com a concepção tradicional do senso comum, que enxerga a escrita como uma extensão da interioridade ou da personalidade do indivíduo. Em vez disso, a autoria é compreendida como uma função discursiva, um dispositivo de ordem que busca organizar a dispersão dos signos. Desse modo, a escrita deixa de ser um espelho da alma para tornar-se um jogo autônomo de significações, em que o autor atua como um princípio de agrupamento. Assim, a análise foucaultiana desloca o foco do “quem” para o “como”, priorizando a estrutura do discurso em detrimento da presença psicológica do sujeito que escreve.

Nesse sentido, ao romper com a visão antropocêntrica da escrita, Foucault (1969), vem a desafiar a figura barthesiana do autor por meio de uma crítica, em particular no domínio da literatura e filosofia, quando ele problematiza o desaparecimento ou a morte do autor. Foucault, na transcrição de uma conferência denominada “O que é um autor?”, vem a criticar a figura do autor, sofisticando a análise sobre questionamentos já existentes, a respeito da concepção de que o autor é o único responsável pelo significado de uma obra e defende que a interpretação de um texto é resultado de um processo histórico e cultural, que envolve não apenas o autor, mas também o leitor, a época em que foi produzido e o contexto cultural e político em que circula. Foucault faz a crítica do “desaparecimento” ou “morte” do autor, proposto por Barthes, como um modelo simples. Ele (1969, p. 269) ressalta que “a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência.” Ao propor que a figura do autor não deve ser vista como a presença de um indivíduo que cria e controla o sentido de uma obra, mas sim uma ausência, uma vez que a obra é resultado de múltiplas influências culturais e históricas que vão além da intenção individual do autor. Dessa forma, a marca do escritor seria apenas a singularidade de sua ausência, ou seja, a marca da sua não presença como uma figura totalizante que detém o controle da obra. Essa ideia do autor é uma crítica à concepção tradicional

de autoria como algo individual e 223 original, propondo uma abordagem mais complexa e multifacetada da criação. Essa transformação do conceito de autoridade, em que o autor deixou de ser visto apenas como uma figura singular que cria obras individuais para ser entendido também como uma função que é construída historicamente e culturalmente, evidencia-se. Sob o prisma de Foucault (1969, p. 267), observa-se que “a noção de autor constitui um momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências.” No entanto, Foucault (1969, p. 276) ressalta que a função autoral não significa apenas “a atribuição de um discurso a um indivíduo, mas uma operação complexa que constrói certo ser racional a que chamamos o autor.” Isso significa que o autor não é uma figura isolada, mas sim uma construção que é influenciada por fatores culturais e históricos. Isso abre novas perspectivas para a compreensão do processo criativo e da autoria, que podem ser vistos como uma construção coletiva e histórica, em vez de somente uma realização individual. Sendo assim, o autor não é a pessoa que escreve um texto, mas uma construção histórica e cultural que é estabelecida a partir de práticas discursivas, instituições e tradições culturais.

Nessa conjuntura, as teorias de Foucault (1996) vêm a desempenhar um papel importante para se compreender-se o contexto em que essas discussões emergem, uma vez que, para ele, o conceito de autor não se limita à figura individual que produz um texto, mas se insere em um complexo processo de construção discursiva que envolve relações de poder. Na observação de Foucault (1969, p. 273),

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); exerce certo papel com respeito aos discursos: assegura uma função de classificação; um nome desse tipo permite agrupar certo número de textos, delimitá-los, excluir alguns, opô-los a outros [...].

Assim, a figura do autor é um elemento que participa de um processo mais amplo de controle do discurso. Essas relações de poder, em suas diversas camadas e instâncias sociais, nos diferentes momentos históricos e culturais, buscam regular a produção e circulação do conhecimento. Ressaltando a articulação anterior de sua teoria, Foucault (1969, p. 274) ainda enfatiza que a “[...] função autor é, pois, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos dentro da sociedade.” Essa função do autor não é estática ou universal, visto que ela transita conforme diferentes épocas e sociedades, não se restringindo

apenas à escrita de textos, mas englobando um grupo amplo de discursos que têm poder para moldar, influenciar e estabelecer relações de poder e práticas sociais.

Em suma, cabe notar que a função-autor atua em complementaridade estratégica com outros mecanismos de rarefação, como o comentário. Enquanto o comentário organiza o discurso por meio da exegese e da reiteração de um sentido fundante, a figura do autor estabelece um centro de gravidade subjetivo que circunscreve a dispersão das falas sob a égide da identidade individual. Dessa maneira, a neutralização do “acaso” discursivo, ou seja, da perigosa imprevisibilidade da linguagem, processa-se por meio de uma identidade que não é apenas textual, mas biográfica e jurídica. Foucault (1996, p. 29) sintetiza essa distinção ao demonstrar que ambos os mecanismos, embora por vias distintas, convergem para o mesmo objetivo de domesticação do dizer: “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade que teria a forma da repetição e do mesmo. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu.” Assim, o controle interno não se exerce apenas pela exclusão do que é dito, mas pela organização rigorosa de quem pode dizer e sob qual regime de unidade o enunciado será recebido. O autor, nesse contexto, deixa de ser visto como a fonte da liberdade criativa para ser compreendido como o fenômeno de restrição que torna o discurso classificável e governável dentro do *status quo*.

6.3.3 A disciplina como procedimento de controle discursivo

O terceiro procedimento de controle do discurso interno de Foucault (1996), que também vem a exercer uma limitação do próprio discurso, é a disciplina. Cumpre destacar que o termo disciplina, utilizado como procedimento de controle do discurso por Foucault (1996), que estabelece regras, normas e formas de exclusão, tem um sentido diferente daquele definido em “Vigiar e Punir”, em que a disciplina é descrita como uma maneira particular de poder disciplinar, baseada em técnicas de controle, vigilância e normalização do comportamento.

Sob a perspectiva foucaultiana, a organização dos discursos não ocorre de maneira aleatória, mas por meio de mecanismos rigorosos de controle e ordenação. Segundo Foucault (1996, p. 29-30), a disciplina configura-se como um “Princípio este também relativo e móvel. Princípio que permite construir, mas conforme um jogo restrito”. Nesse sentido, o processo de disciplinarização dos saberes atua como uma

fronteira epistemológica que delimita o que é validado como conhecimento legítimo. Conforme a observação do autor (1996, p. 33), “No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber.” Ao circunscrever os saberes dentro de campos disciplinares específicos, estabelece-se um sistema de exclusão, dado que aquilo que não se enquadra nos métodos, normas e objetos predefinidos por tal campo é silenciado ou desqualificado, perdendo o estatuto de verdade e a possibilidade de ser proferido no espaço institucional.

A configuração da disciplina estabelece uma ruptura tanto com a autoridade centrada na figura do autor quanto com a prática exegética do comentário. A organização disciplinar impõe um regime de veracidade baseado em métodos, regras e objetos de estudo predefinidos. Para compreender-se a lógica foucaultiana contida nessa afirmação, cabe observar o Quadro 10:

Quadro 10 – Pilares dos procedimentos de controle do discurso interno

Mecanismo	Fonte de Validade	Relação com o Novo
Autor	A identidade e biografia de quem fala.	O novo é fruto da “genialidade” individual.
Comentário	A fidelidade a um texto fundante (bíblico, jurídico, acadêmico etc.).	O novo é apenas uma “redescoberta” do que já foi dito.
Disciplina	O cumprimento de regras e métodos do campo.	O novo é permitido, desde que esteja “dentro do verdadeiro” (regras do jogo).

Fonte: Os autores (2026)

Nessa conjuntura, a estrutura disciplinar, enquanto mecanismo de controle e delimitação do discurso, não se define pela estagnação, mas por uma produtividade normatizada. Conforme vem a ressaltar Foucault (1996, p. 30), para que se caracterize a disciplina como instância de controle do discurso, “[...] é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente proposições novas [...]”. Tal pressuposto sublinha a relevância da inventividade dentro de campos epistemológicos específicos. No entanto, essa liberdade de formulação não é irrestrita. A necessidade de expandir e enriquecer o conhecimento existente está intimamente vinculada a um sistema de regras que valida o que pode ser aceito como “verdadeiro”. Assim, a progressão do saber ocorre por meio de uma renovação constante de conceitos e ideias, desde que estes se inscrevam no horizonte teórico e metodológico estabelecido pela própria disciplina.

A concepção de disciplina em Foucault transcende a mera acumulação de dados ou a organização lógica de enunciados. Conforme vem a refletir o autor (1996,

p. 30), “[...] uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, [...] em virtude de um princípio de coerência [...]”. Nessa concepção, a constituição do saber não deve ser confundida com um repositório estático de verdades absolutas, mas compreendida como um processo contínuo e inerentemente dinâmico. Tal entendimento demanda a formulação incessante de novas proposições e conceitos, estabelecendo uma ruptura definitiva na visão do conhecimento como um produto acabado ou inquestionável. Assim, a disciplina configura-se menos como um catálogo de certezas e mais como um sistema de regras que delimita as condições de possibilidade para a produção de novos discursos, permitindo que o saber se expanda sem abdicar de seu rigor normativo.

Sob esse prisma, Foucault (1996, p. 30) vem a observar que a disciplina “[...] é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados”. Para o autor, a compreensão desse mecanismo é significativa para desvelar a intrincada relação entre a produção do conhecimento e seus dispositivos de validação. Ao postular a necessidade de “novos enunciados”, o filósofo refere-se à viabilidade de emergência de teorias, conceitos e ideias inéditas que, todavia, não surgem em um vácuo de liberdade absoluta. Para que tais formulações ascendam ao estatuto de validade, é imperativo o suporte de um campo disciplinar preexistente. Este campo estabelece o regramento, as normativas e os critérios epistemológicos que viabilizam a articulação de ideias de modo coerente e sistemático. Nesse sentido, a disciplina atua como uma moldura regulatória que delimita o espaço discursivo e orienta a prática científica; ela opera como um sistema de filtragem que define as fronteiras entre o aceitável e o marginal, o dizível e o interdito, e, primordialmente, as demarcações entre o verdadeiro e o falso dentro de um regime de saber.

Deste modo, a disciplina não deve ser compreendida como uma prática social difusa, mas como um princípio de controle que se materializa em campos específicos do saber. Ela transcende a simples execução de normas técnicas ao configurar-se como uma exigência de pertencimento a determinados domínios, fundamentalmente nos âmbitos acadêmico, científico e pedagógico. Nesses espaços, a disciplina atua como um horizonte de proposições permanentes, estabelecendo os critérios de verdade e os limites metodológicos que permitem a um enunciado ser aceito como “dentro da verdade” de uma determinada área do conhecimento. Longe de ser um mecanismo isolado, ela se estabelece como uma malha que organiza e regula as

interações sociais e a produção de verdade em diferentes domínios. Ademais, a disciplina não deve ser entendida como uma entidade estática ou imutável. Pelo contrário, ela vem a constituir um processo histórico e contingente, marcado por uma transformação contínua e pela adaptabilidade às flutuações das condições sociais e culturais. Essa plasticidade permite que os mecanismos disciplinares se reconfigurem permanentemente, respondendo às demandas específicas de cada época e consolidando-se como uma força viva na estruturação das sociedades contemporâneas.

6.4 A ORDEM DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM DIAGNÓSTICO DOS PROCEDIMENTOS DE CONTROLE NA APROPRIAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO

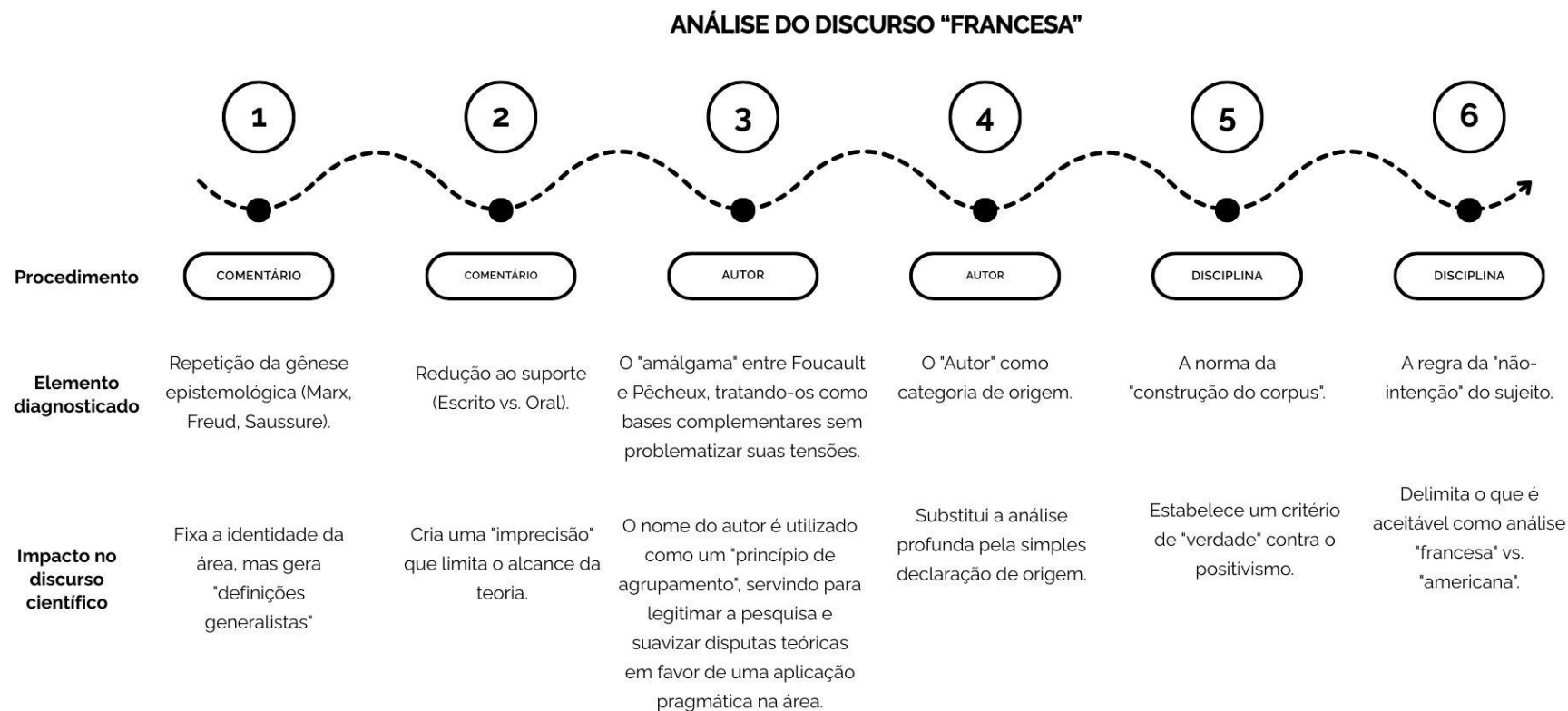
Esta seção dedica-se a examinar as lacunas teóricas identificadas na literatura sobre Análise do Discurso na Ciência da Informação. Os fenômenos observados no corpus de 101 artigos analisados foram: o termo “Análise do Discurso Francesa” e o fenômeno do “Ecletismo intelectual”. O objetivo central consiste em exercitar a operacionalidade das categorias foucaultianas, embora o termo “aplicar” deva ser compreendido com reservas acadêmicas; reconhece-se que a densidade do pensamento de Foucault transcende a mera simplificação de uma técnica ou “prática” instrumental. Contudo, busca-se demonstrar que o aporte foucaultiano oferece subsídios analíticos profícuos para o entendimento dos fenômenos no campo da Ciência da Informação. É fundamental observar que, embora o próprio autor frequentemente descreva sua abordagem não como uma metodologia convencional, mas como um movimento de interrogação, essa postura constitui, por si só, um posicionamento teórico-metodológico robusto. Ao propor análises que prescindem de modelos engessados ou amarras procedimentais rígidas, Foucault vem a estabelecer uma perspectiva que, na presente investigação, é reconhecida como uma escola metodológica autêntica e dotada de rigor interpretativo próprio.

6.4.1 A mecânica dos procedimentos de controle do discurso internos: um diagnóstico foucaultiano sobre a apropriação da “Análise do Discurso Francesa” na Ciência da Informação

A investigação das discussões da Análise do Discurso na Ciência da Informação vem a revelar que a produção científica da área não ocorre de forma

aleatória, mas é submetida a mecanismos que controlam, selecionam e organizam o que pode ser dito. Ao examinar especificamente o termo “Análise do Discurso Francesa” mapeado no campo, torna-se possível identificar a operação dos procedimentos internos de controle propostos por Foucault (1996): o comentário, o autor e a disciplina. Esses mecanismos não atuam sobre as condições sociais externas, mas sobre a própria substância do discurso, exercendo uma função classificatória e repetitiva. No corpus analisado, cabe observar que a Ciência da Informação frequentemente recorre ao comentário para reafirmar a tríade epistemológica de Pêcheux, utiliza a função autor para legitimar investigações mediante a fusão nominal de Foucault e Pêcheux, e busca estabelecer uma disciplina ao delimitar fronteiras entre o “francês” e o “anglo-saxão”. Contudo, a análise requer apontar que essa operacionalização muitas vezes ocorre de forma superficial, resultando em uma “falta de clareza” que limita o potencial crítico da Análise do Discurso na compreensão dos fluxos informacionais. A Figura 3 a seguir sistematiza a aplicação desses diagnósticos foucaultianos sobre os dados extraídos da pesquisa:

Figura 3 – Diagnóstico do termo “Análise do Discurso Francesa” a luz dos procedimentos de controle do discurso interno de Foucault



Fonte: Os autores (2026)

A partir dos diagnósticos sistematizados, torna-se evidente que o debate sobre a Análise do Discurso na Ciência da Informação não é um processo neutro, mas sim atravessado por mecanismos internos de regulação que visam conferir estabilidade e legitimidade a um campo. A análise vem a revelar que o uso do comentário e da função-autor atua, muitas vezes, como uma estratégia de simplificação que suaviza as tensões inerentes entre Foucault e Pêcheux em favor de uma aplicabilidade imediata e pragmática na área. Dessa forma, a “falta de clareza” e a “omissão” de especificidades conceituais detectadas no *corpus* não são meras falhas acidentais, mas sintomas de uma disciplina que ainda busca consolidar suas fronteiras analíticas. Ao tratar teóricos distintos como equivalentes, a área corre o risco de incorrer no ecletismo intelectual, o que resulta em interpretações fragmentadas e na diluição do potencial crítico da Análise do Discurso.

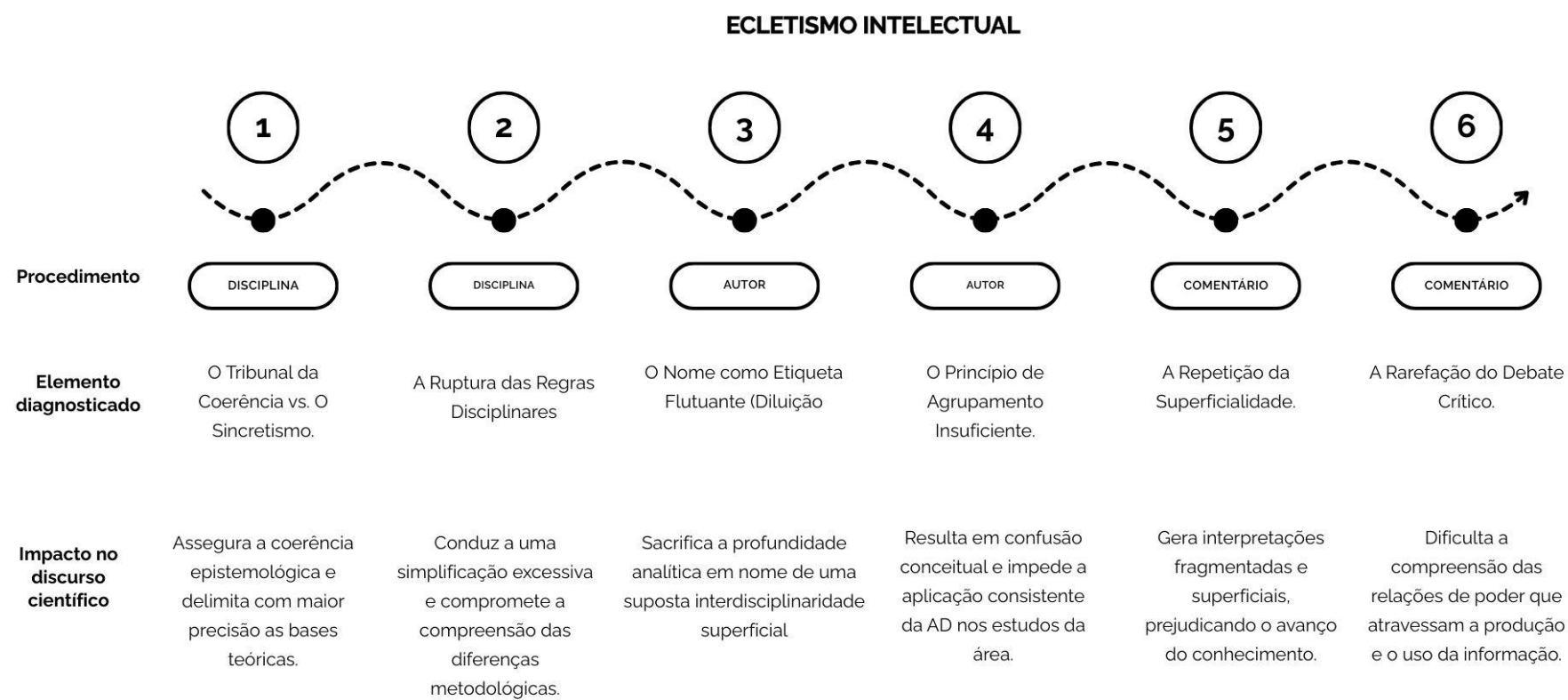
Por fim, a superação dessa superficialidade exige reconhecer e respeitar as distinções epistemológicas de cada corrente. Adotar a perspectiva foucaultiana como uma escola metodológica autêntica demanda enfrentar as relações de poder e das práticas de saber que definem os fluxos informacionais na contemporaneidade, evitando que a teoria se reduza a um conjunto de técnicas engessadas.

6.4.2 Diagnóstico do “Ecletismo Intelectual” sob a ótica foucaultiana

A presente etapa da investigação nas abordagens teóricas nos artigos da Ciência da Informação sobre a Análise do Discurso, vem a revelar um problema recorrente denominado “ecletismo intelectual”. Esse fenômeno, caracterizado pela mistura indiscriminada de concepções teóricas contraditórias entre si, pode vir a aparentar uma postura inovadora e interdisciplinar, mas, sob o prisma foucaultiano, mascara perigos significativos para a rigorosidade acadêmica. O ecletismo representa, por exemplo, em última instância, uma falha na disciplina, em que a justaposição superficial de referências díspares dilui a complexidade dos fenômenos discursivos e sacrifica a profundidade analítica. Enquanto a disciplina deveria funcionar como um “tribunal” de coerência e delimitação, o ecletismo apresenta-se como uma faceta estratégica da “vontade de verdade”, em que teóricos com fundamentos antagônicos são tratados como se possuíssem significados equivalentes. No contexto da Ciência da Informação, a ausência de uma clara delimitação entre essas perspectivas sugere uma confusão conceitual que impede o

desenvolvimento de análises robustas sobre as relações de poder que permeiam a informação. A Figura 4 a seguir vem a diagnosticar como os procedimentos de controle interno operam sobre o cenário de ecletismo intelectual e as tentativas de manutenção da coerência observados na análise:

Figura 4 - Diagnóstico do “Ecletismo Intelectual” a luz dos procedimentos de controle do discurso interno de Foucault



Fonte: Os autores (2026)

O diagnóstico do ecletismo intelectual vem a demonstrar que a Ciência da Informação encontra-se em um estágio de transição metodológica, especificamente no uso da Análise do Discurso, em que a busca pela aplicação prática muitas vezes atropela o rigor epistemológico. A análise dos dados apresenta-se a revelar que, enquanto uma parcela dos pesquisadores utiliza a disciplina para proteger a coerência de suas investigações, acaba por institucionalizar uma vontade de verdade simplificadora. Se, por um lado, uma parcela dos pesquisadores adere ao rigor normativo da disciplina para delimitar suas investigações, por outro, a predominância de uma abordagem eclética sugere que tal simplificação é inerente ao próprio fazer científico da área. Essa falta de definição não apenas compromete a construção de um arcabouço conceitual sólido, mas também limita a capacidade dos pesquisadores de aplicar a Análise do Discurso de maneira consistente e eficaz. Para que a área avance, cumpre promover um debate estruturado que reconheça e respeite as especificidades de cada corrente teórica.

7 ANÁLISE CONCEITUAL DE FOUCAULT: UMA PROPOSTA IMPORTANTE PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, final, está o perigo?” (Foucault, 1996, p. 8)

Tal questão formulada por Foucault, em sua aula inaugural no Collège de France, em 1977, vem a referir-se às inquietações suscitadas pelo discurso e anteriormente aventava-se a hipótese segundo a qual existe uma “ordem” que controla o dizer dos indivíduos em todas as sociedades. Além disso, o discurso é concebido como uma prática regular e reguladora ao mesmo tempo “cotidiana e cinzenta” e constituída de “poderes e perigos”. Desse modo, entre tantos de seus ensinamentos, Foucault requer apresentar um aparente paradoxo que caracteriza a fala humana: ela é ao mesmo tempo rara e trivial. Costuma-se falar de modo ordinário e frequente, mas há uma ordem que rege e restringe essa fala, tornando-a objeto de análise dos poderes e perigos presentes no discurso. Segundo a observação de Foucault (1996, p. 8)

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Nessa conjuntura, a noção de “ordem do discurso” em Foucault refere-se à forma como os discursos são organizados, controlados e regulados em uma sociedade. Essa ordem não é natural, mas sim constituída e mantida por meio de práticas e instituições que determinam o que pode ser dito, por quem e em que contexto. Isso implica que o discurso não é uma simples expressão de pensamentos ou ideias, mas uma prática que envolve relações de poder e controle. Assim, ele vem a destacar que o discurso é atravessado por relações de poder, em que certos discursos são privilegiados e outros são marginalizados ou silenciados. Isso cria uma dinâmica de inclusão e exclusão, em que alguns indivíduos ou grupos têm mais poder de fala do que outros. O discurso, nesse contexto, não é apenas uma questão de comunicação, mas também uma arena de luta pelo poder e pela legitimidade. Nesse sentido, por um lado, a fala é uma prática cotidiana e comum, mas, por outro, ela já é objeto de controle e regulação, o que a torna rara é a própria possibilidade de seu

acontecimento. Isso significa que, embora as pessoas falem frequentemente, há uma ordem que rege e restringe essa fala, tornando-a objeto de análise e controle.

A análise da produção discursiva nas sociedades contemporâneas conduz a exigir um distanciamento crítico em relação à aparente naturalidade da fala. Embora se comunique de modo ordinário e frequente, criando a ilusão de uma fluidez ininterrupta na comunicação, uma investigação mais rigorosa conduz a revelar um hiato significativo. Existe um descompasso estrutural entre a totalidade do que poderia ser dito – considerando as infinitas combinações permitidas pela lógica e pela gramática de uma língua – e aquilo que é efetivamente enunciado em um determinado contexto sócio-histórico. Foucault, em “A Arqueologia do Saber” (2008, p. 30), apresenta-se a formular uma questão importante para a reflexão que desloca o foco da análise linguística tradicional: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” Nessa concepção, enfatiza-se que, enquanto a linguística formal se preocupa com as regras que tornam uma frase gramaticalmente correta, a Análise do Discurso interessa-se pelas condições de existência que permitem a emergência de um enunciado específico em detrimento de outros. Nesse sentido, o enunciado não é tratado apenas como uma unidade de significação ou uma realização da *langue saussuriana*, mas como um evento histórico singular. A sua aparição não é fruto do acaso ou da livre vontade absoluta do sujeito falante, mas o resultado de um complexo sistema de restrições que define, em cada época, o regime do que é dizível. Assim, a língua enquanto sistema oferece uma potência virtualmente infinita de criação; contudo, a realidade do discurso é marcada pela finitude e pela escassez, dado que é a história que forja a diferença entre essas duas instâncias, operando uma seleção rigorosa sobre o vasto campo das possibilidades linguísticas. Nesse cenário, o resultado dessa operação é o que se denomina “rarefação do discurso”. Longe de ser uma abundância desordenada, o discurso social é rarefeito: ele é lacunar, descontínuo e distribuído de maneira desigual. Apenas uma minúscula fração do que a língua permite é atualizada em discurso efetivo, evidenciando que a fala é um bem finito, controlado e organizado por mecanismos de poder que transcendem a dimensão puramente sintática.

Ao lado dessa diferença forjada pela história entre a capacidade de dizer e o ato de dizer, reside uma outra ordem de complexidade referente aos procedimentos de controle. Assim, o descompasso mencionado anteriormente não é um vazio neutro, mas um espaço preenchido por regras de exclusão e sistemas de delimitação. Para

que um enunciado ganhe materialidade e circule socialmente, ele deve obedecer a exigências que variam desde rituais de circunstância e direitos privilegiados de fala até a adequação a regimes de verdade instituídos. Portanto, a rarefação dos atos discursivos sinaliza que o discurso não é apenas o meio pelo qual as lutas e os sistemas de dominação se manifestam, mas é, ele próprio, o objeto do desejo e da disputa. Dessa maneira, a aparente facilidade e frequência com que se fala ocultam uma maquinaria complexa de seleção histórica. O enunciado efetivo é sempre um acontecimento raro, destacado sobre um fundo de silêncio imposto pelas regras de formação discursiva. Compreender o descompasso entre a lógica da língua e a realidade da fala implica reconhecer que enunciar é, antes de tudo, entrar em uma ordem onde a produção de sentido é indissociável das condições históricas que determinam a sua possibilidade e os seus limites.

Ao se observar a obra de Foucault (2008, p. 90), vem a notar-se uma ênfase recorrente na distinção ontológica entre o sistema da língua – ou o universo dos signos – e a ordem do discurso. Embora seja inegável que a materialidade discursiva se constitua a partir de signos, estabelece-se a premissa fundamental de que o discurso não é redutível a eles. Há, portanto, uma diferença de natureza e de nível existencial entre a língua e o enunciado, sendo este último caracterizado como o “átomo do discurso”. É certo que os enunciados se apresentam invariavelmente dotados de propriedades linguísticas e semiológicas, consubstanciadas em escolhas lexicais, encadeamentos sintáticos e relações textuais, estendendo-se inclusive a elementos não verbais e imagéticos, como a cromaticidade, a angulação, os traços e a distribuição espacial. Entretanto, a análise crítica passa a apontar que não são essas propriedades formais ou estruturais que, por si sós, elevam tais construções à condição de unidade de discurso.

Diante do complexo cenário caracterizado pela dispersão de textos, gêneros discursivos, arranjos institucionais, práticas sociais e sujeitos, bem como frente à eclosão de novos dizeres precipitados pela emergência de acontecimentos singulares, delineia-se a tarefa fundamental do analista do discurso. A esse pesquisador impõe-se o rigoroso trabalho de apreender e sistematizar as unidades constitutivas, as regularidades e as posições assumidas no interior daquilo que foi efetivamente enunciado. Nessa conjuntura teórica, destaca-se a argumentação de Courtine (2013) em defesa da pertinência e da produtividade metodológica de se revisitar e incorporar o pensamento de Foucault aos estudos da Análise do Discurso. Para Foucault (2008),

o enunciado não cumpre ser compreendido como um fenômeno exclusivamente linguístico, sustentando essa premissa em duas razões importantes: primeiramente, pela capacidade de o enunciado se formular por meio de diversas materialidades significantes; e, secundariamente – porém de maior relevância analítica -, pelo fato de o enunciator constituir-se sempre como produto de relações sociais, refletindo os consensos e conflitos forjados na história que encontram na linguagem seu modo privilegiado de materialização. Nesse contexto analítico, Courtine (2013) propõe que o discurso não se limita à superfície textual, definindo-se essencialmente como um fragmento da história. Contudo, é preciso notar que para Foucault (2008, p. 114) a história não ‘excede’ a materialidade; antes, ela se constitui nela. Assim, a materialidade discursiva é, em si mesma, histórica, o que implica que o enunciado não deve ser compreendido como um suporte passivo para ideias, mas “a materialidade desempenha, no enunciado, um papel muito mais importante [...] Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data”. Nesse sentido, essa configuração teórica abre um prisma necessário para elaborar uma crítica a certas apropriações de Foucault (1996, 2008) pela Ciência da Informação. Frequentemente (conforme a presente investigação), a Ciência da Informação tende a operar uma redução do conceito de discurso, tratando-o como uma camada semântica ou um fluxo de informação desmaterializado. Todavia, ao aproximar a ontologia foucaultiana de uma perspectiva materialista, reconhece-se que a história não é um contexto que envolve o texto, mas o que se processa em sua própria inscrição física do objeto. Para a Ciência da Informação, isso vem a exigir o deslocamento do foco do ‘conteúdo’ da informação para a materialidade das práticas discursivas. Como alerta Frohmann (2006), a negligência desse aspecto pode converter a análise documental em uma técnica ordinária de processamento de texto, esvaziando-a de sua carga política e arqueológica. Para Frohmann (2006, sem paginação)

[...] a ideia da materialidade dos enunciados no ponto de vista de Foucault estimula investigações específicas e detalhadas sobre como os enunciados são estabilizados, como sua estabilidade é mantida, como eles exercem poder e força, como efeitos específicos provêm deles, como eles são desestabilizados e decompostos e como eles deixam de existir.

Desse modo, o autor vem a sugerir que o pesquisador abandone a interpretação subjetiva em favor de uma arqueologia das práticas. O enunciado deixa de ser uma ideia abstrata para ser tratado como um objeto material que ocupa espaço

e produz efeitos de governabilidade. Dessa maneira, Frohmann (2006, sem paginação) requer enfatizar que os:

[...] enunciados se estabilizam, se massificam e ganham poder. Portanto, seu pensamento a respeito dos enunciados abre um fértil campo de investigação sobre a materialidade da informação, através dos recursos teóricos: massa, energia e força. O problema então passa a ser especificar as fontes de massa, energia e força dos enunciados.

Nesse contexto, ele convida o pesquisador a tratar o enunciado não como uma ideia abstrata, mas como um objeto material que ocupa espaço e produz pesquisas. Assim, Frohmann (2006, sem paginação) observa “O que quero dizer é que existe um caminho direto a partir da análise do discurso de Foucault (a análise dos enunciados) para o estudo da materialidade da informação.” A afirmação de Frohmann (2006) estabelece uma ponte epistemológica importante entre a arqueologia de Foucault e a Ciência da Informação contemporânea, propondo que o enunciado não seja tratado como uma unidade semântica abstrata, mas como um evento material e institucionalmente situado. Ao transpor a análise foucaultiana para o campo informacional, ele argumenta que a essência da informação não reside no “significado” oculto ou na intenção subjetiva de um autor, mas na “fiscalidade” de sua existência. O modo como documentos são produzidos, as técnicas de seu arquivamento, as redes de sua circulação e os dispositivos de poder que lhes conferem autoridade constituem sua materialidade. Dessa forma, o “caminho direto” mencionado por Frohmann (2006) redefine o objeto de estudo da área, deslocando o foco da cognição mental para a infraestrutura material, onde a informação deixa de ser uma ideia etérea para se tornar uma prática documentária capaz de exercer força, estabilizar verdades e governar condutas sociais.

A presença inextrincável da história no discurso, contudo, não cumpre ser compreendida sob a lógica da representação, como se o discurso fosse apenas um reflexo de eventos ocorridos em uma realidade exterior; ao contrário, tal imbricação ocorre porque o discurso se constitui, ele próprio, como o objeto central das lutas e dos desejos que mobilizam os sujeitos no interior de uma sociedade. Complementarmente, no âmbito da reflexão sobre o discurso, a perspectiva foucaultiana (1996) postula que o estatuto de “autor” de um texto não se confunde com a figura do indivíduo empírico responsável pelo ato imediato de dizer ou escrever. Ao contrário, tal estatuto refere-se a uma operação complexa de atribuição de um nome próprio a determinados conjuntos de enunciados, segregando-os de outros.

Esse processo evidencia que tanto as formas de institucionalização quanto o valor de verdade conferido aos dizeres não são imutáveis, mas variam historicamente, acompanhando as flutuações inerentes ao exercício da própria função discursiva designada como “função autor”.

Não obstante as eventuais distinções teóricas, a Análise do Discurso – conforme também concebida e desenvolvida por Pêcheux e seu grupo na França durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 -, bem como outras perspectivas voltadas aos estudos discursivos, não poderia prescindir das reflexões de Foucault sem incorrer em prejuízo epistemológico substancial. Tal impossibilidade de se manterem incólumes a essas contribuições justifica-se, sobretudo, na medida em que tais abordagens convergem para o entendimento de que a historicidade constitui uma dimensão fundamental e inalienável do funcionamento discursivo. Ao se estabelecer uma distinção importante em relação ao alcance social da língua, entendida como o conjunto de unidades e regras combinatórias comuns a todos os membros de uma comunidade linguística, e à condição individual da fala, que se manifesta nas variações singulares de sua atualização, o discurso assume contornos teóricos específicos. Nessa perspectiva, o conceito se define por critérios distintos conforme a vertente analítica: sob a ótica de Foucault, o discurso caracteriza-se pelos princípios da rarefação e da regularidade; já na concepção de Pêcheux, ele é determinado pela particularidade das classes sociais, sendo estruturado pelas lutas travadas entre elas e por suas inerentes contradições. O que confere ao discurso seus atributos de rarefação, regularidade, particularidade e contradição é, fundamentalmente, sua natureza histórica. Essa historicidade é passível de ser compreendida tanto sob a égide das relações microfísicas de poder quanto sob o prisma das relações de força e de sentido. Um exame panorâmico da produção intelectual de Pêcheux e de seus colaboradores vem a evidenciar que, entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1980, os postulados e noções foucaultianos foram objeto de intenso debate, sendo sucessivamente mencionados, criticados, recusados e incorporados pela Análise do Discurso. Um exemplo paradigmático desse processo de apropriação teórica reside na noção de “memória discursiva”. Conforme a concepção desenvolvida por Courtine (2013), tal conceito promoveu um avanço substancial para uma inteligibilidade mais densa e complexa da categoria de “interdiscurso”, a qual, até aquele momento, carecia de ferramentas analíticas para contemplar as diferentes durações e conservações do dizer, bem como as distintas temporalidades inerentes

ao processo histórico. Contudo, é importante ressaltar que a produtividade dessa categoria, sob uma ótica foucaultiana, reside na sua inscrição material. Qualquer tentativa de elevar o interdiscurso a uma dimensão abstrata que transcenda a materialidade do discurso incorreria em uma contradição teórica fundamental em relação à ontologia de Foucault (1996, 2008). Para que a análise mantenha o rigor arqueológico, o interdiscurso não cumpre ser tratado como uma memória etérea ou uma camada puramente semântica, mas como um conjunto de enunciados que, em sua existência física e institucional, formam a rede de possibilidades e restrições para novos dizeres. Assim, a contribuição de Courtine (2013) vem a ser lida aqui como um esforço para mapear a historicidade contida na própria espessura dos documentos, reafirmando que não há “fora-do-texto” histórico que não seja, ele mesmo, materialmente situado.

Transcorridas três décadas, vem a observar-se (inclusive nos dados da presente pesquisa) no cenário acadêmico brasileiro uma configuração complexa no campo dos estudos discursivos. Torna-se possível identificar, em um dos polos, posturas marcadas por críticas e distanciamentos, enquanto, no extremo oposto, estabelecem-se as propostas de uma análise do discurso de matriz estritamente foucaultiana. Entre essas vertentes, situam-se pesquisadores que promovem graus variados de interlocuções, realizando incorporações de maior ou menor envergadura dos conceitos de Foucault à Análise do Discurso. Diante desse panorama, afigura-se profícua a perspectiva adotada por Courtine (2013), segundo a qual a leitura de Foucault não cumpre ser passiva; impõe-se, ao contrário, o desafio de realizar com o autor aquilo que ele próprio praticou com notável constância: “apostas intelectuais”. Nesse sentido, depreende-se que o aprofundamento da reflexão sobre as interfaces entre o pensamento foucaultiano e a Análise do Discurso, bem como sobre o legado de suas contribuições teóricas, proporciona ganhos epistemológicos substantivos para os estudos da AD na Ciência da Informação.

Aqui a onipresença de Foucault nas múltiplas instâncias de debate sobre a Análise do Discurso corrobora a premissa de que o arcabouço teórico deste filósofo confere maior densidade e consistência às reflexões sobre a discursividade. Ainda que a incursão pela obra foucaultiana não se configure, *a priori*, como uma condição *sine qua non* para a produção de estudos na área, requer postular-se que a apropriação rigorosa de seus postulados, noções e métodos viabiliza avanços significativos e um aprofundamento crítico acerca do funcionamento do dizer em

sociedade. Sem o suporte epistêmico e a inspiração advindos de seu pensamento, a obtenção de tais êxitos analíticos afigura-se sensivelmente mais árdua, quando não inviável. Reconhece-se, em vista disto, na complexidade da teoria foucaultiana, um itinerário metodológico seguro capaz de fundamentar investigações consistentes sobre os poderes e os perigos inerentes ao gesto humano de enunciar, fenômeno que se revela, simultaneamente, marcado pela raridade histórica e pela aparente banalidade cotidiana.

Nesse cenário, de acordo com a concepção de Foucault (1975, p. 52), a produção teórica não deve ser encarada como um sistema fechado ou uma doutrina imutável, mas sim como um instrumento prático de intervenção na realidade, central para a compreensão da função intelectual na contemporaneidade. Desse modo, rompe-se com a ideia do autor como detentor absoluto do sentido da obra, conferindo ao leitor e ao agente social a autonomia para ressignificar os conceitos conforme as urgências de suas próprias lutas. É dentro dessa lógica de desapropriação da teoria em favor de sua utilidade política e estratégica que se insere a reflexão de Foucault:

Meu discurso é, evidentemente, um discurso de intelectual e, como tal, opera nas redes de poder em funcionamento. Contudo, um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros, [...] podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideias, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor!

Ele compreende que seu discurso não revela a verdade absoluta, mas sim uma maneira de interpretar e intervir na realidade histórica e cultural. Sua observação pontua que seu discurso é produto de uma determinada posição social. Segundo sua ênfase, seu discurso é marcado por limites, contradições, lacunas e silêncios. Esses discursos estão marcados por relações de poder que o condicionam e o desafiam. Sendo assim, não se limita seu discurso a algo sagrado ou intocável, pelo contrário, compreende-se como algo aberto e dinâmico, que pode ser questionado e modificado por outros discursos, por outras práticas, por outras experiências. Não se coloca como um mestre que ensina a verdade, mas sim como um companheiro que propõe ferramentas. Não se fecha em uma única perspectiva, visto que se abre para múltiplas possibilidades. Não se contenta com o que já foi dito, mas deseja o que ainda pode ser dito.

A metáfora da “caixa de ferramentas” utilizada pelo autor vem a elucidar uma mudança paradigmática na relação entre teoria e práxis. Ao comparar conceitos, frases e análises a utensílios como chaves de fenda ou chaves-inglesas, o filósofo destitui o discurso acadêmico de sua aura sagrada ou puramente contemplativa. A teoria passa a ser valorada por sua eficácia tática: ela serve para “desmontar” engrenagens e “produzir curtos-circuitos” nas redes de poder estabelecidas. Essa abordagem implica que a fidelidade à intenção original do autor é secundária diante da capacidade do conceito de operar transformações no presente. O intelectual, portanto, não oferece soluções prontas ou sistemas totalizantes, mas fornece instrumentos que, uma vez apropriados pelos sujeitos em diversas microfísicas, podem ser voltados inclusive contra as estruturas que permitiram a própria gênese daquela teoria. Trata-se, em última instância, de uma oferta de liberdade interpretativa e de um convite à ação política descentralizada, em que o livro deixa de ser um monumento para se tornar um dispositivo de combate.

Embora Foucault não cite explicitamente a “Ciência da Informação” (visto que o texto é de 1970 e focado na filosofia e história), ele descreve os mecanismos de controle, seleção, organização e distribuição dos discursos, que coincidentemente são objetos centrais de pesquisas no campo. Nessa conjuntura, a apropriação das estratégias analíticas propostas por Foucault no campo da Ciência da Informação não vem a configurar apenas um empréstimo teórico acessório, mas um deslocamento epistemológico substantivo e necessário. Trata-se da transição de uma hegemonia funcionalista e técnica – prismas que, embora fundamentais para a operatividade da área, historicamente tenderam a naturalizar os processos de mediação – para uma abordagem eminentemente crítica e sociopolítica.

Ao afastar-se da concepção da informação como um dado inerte ou um “insumo” neutro a ser gerido, essa nova perspectiva requer convidar a encarar os conceitos foucaultianos como instrumentos operacionais de desconstrução. Nesse cenário, o binômio poder-saber torna-se a chave de leitura primordial; compreende-se que não há relação de conhecimento que não constitua, simultaneamente, uma relação de poder. Na Ciência da Informação, isso implica reconhecer que cada sistema de classificação, cada tesouro e cada algoritmo de recuperação não apenas descreve o mundo, mas institui, validando certos saberes em detrimento de outros. Dessa forma, o pesquisador ganha meios para desmontar a aparente neutralidade das tecnologias e dos sistemas de organização e compartilhamento do conhecimento.

A fim de demonstrar a aplicabilidade prática desse referencial, elenca-se casos potenciais de apropriação do pensamento de Foucault em estudos da Ciência da Informação:

- O conceito de “Arquivo”, por exemplo, deixa de referir-se meramente ao local físico de guarda ou ao conjunto documental, para ser entendido, de acordo com Castro (2008, p. 43), como “[...] o sistema das condições históricas de possibilidade dos enunciados”. Assim, na acepção arqueológica de Foucault (2008, p. 170), entende-se como a “lei do que pode ser dito” – o sistema que rege o aparecimento dos enunciados e define suas condições de existência e validade. Investigar o arquivo é, nesse sentido, investigar as regras invisíveis que determinam o que é lembrado (informação) e o que é destinado ao esquecimento (ruído). Ademais, ao mobilizar as noções de procedimentos de controle de discurso, seleção e redistribuição do discurso, a análise informacional passa a identificar como as instituições (bibliotecas, bases de dados, arquivos governamentais etc.) atuam como “guardiãs” da ordem do discurso. Elas operam mecanismos de interdição e rarefação que disciplinam os sujeitos e hierarquizam as vozes autorizadas a falar. O documento, longe de ser um espelho da realidade, revela-se um monumento de lutas passadas, e a tecnologia, longe de ser uma ferramenta asséptica, revela-se um dispositivo que molda condutas e subjetividades.

- No conceito de “Disciplina”, segundo o autor (1996, p. 30), para se caracterizar como controle do discurso “[...] é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas[...]”. Ele refere-se à importância da produção de proposições novas dentro de um determinado campo do conhecimento, observando a necessidade de que haja sempre a possibilidade de se formular novas ideias e conceitos que possam enriquecer e expandir o conhecimento já existente. Foucault (1996, p.30) reflete ainda que “uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, [...] em virtude de um princípio de coerência[...]”. Ressalta-se assim, a importância da produção do conhecimento como um processo contínuo e dinâmico, que envolve a formulação constante de novas ideias e conceitos. Isso implica uma ruptura com a ideia de que o conhecimento é algo acabado e estático, que pode ser transmitido de forma definitiva e inquestionável. Sob este prisma, Foucault (1996, p. 30) observa que a disciplina “[...] é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados.” Para o autor, é importante

compreender de que maneira a disciplina se relaciona com a produção de conhecimento e com a formação de subjetividades. Ao mencionar “novos enunciados”, ele está se referindo à possibilidade de produção de novas ideias, conceitos e teorias. Visto que, para que esses novos enunciados possam surgir, é necessário que haja um campo disciplinar que estabeleça as regras, as normas e os critérios que vão permitir que essas ideias sejam formuladas de maneira coerente e sistemática. Sendo assim, a disciplina funciona como uma espécie de moldura que delimita o campo do discurso e que orienta a produção de conhecimento. Ela estabelece os limites do que é aceitável e do que não é, o que pode ser dito e o que não pode ser dito, o que é verdadeiro e o que é falso. Consequentemente, a aplicação desse conceito permite desvelar o caráter prescritivo das taxonomias e esquemas de organização. Evidencia-se que tais sistemas atuam como balizas normativas, impondo critérios de validação que condicionam a aceitação dos discursos e determinam a legitimidade dos enunciados dentro de uma área do conhecimento.

- O conceito de “Autor”. Foucault (1969, 264) inicia a discussão a respeito do autor, citando uma frase de Beckett, que diz: “Que importa quem fala, alguém disse, que importa quem fala.” Tal problematização vem a questionar a importância da autoria na produção dos discursos. Tal reflexão versa sobre a construção discursiva que envolve a figura do autor; e o que realmente é significativo é o discurso em si, e não quem o produziu. Provoca-se a pensar diferente do senso comum, visto que a escrita não é uma forma de expressar a interioridade ou a personalidade do autor, mas um jogo de signos que se relacionam entre si e com o leitor de maneiras variadas e imprevisíveis. Na sua observação (1969, 268), “Pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada.” Uma vez que a escrita é um jogo de significados, ela vai além disso, não dependendo tanto de seu conteúdo, mas do modo significante; sendo constantemente desafiada pelos seus limites, ela tende a romper e subverter a forma que segue; a escrita se desenvolve como um jogo que inevitavelmente ultrapassa suas regras. Na escrita, não se trata da revelação ou da celebração do ato de escrever; não se trata da fixação de um sujeito em uma linguagem; trata-se da criação de um espaço onde o sujeito que escreve não cessa de se dissolver. Foucault (1969, p. 269) ainda observa que a escrita é um espaço de abertura onde o sujeito que escreve se desfaz e se reinventa, escapando de qualquer identificação fixa ou

definitiva. Dessa maneira, o nome do autor não é apenas uma referência direta ao indivíduo que produziu o texto, mas uma operação complexa que constrói um certo tipo de discurso, com um status e um valor específicos. O nome do autor delimita, classifica e organiza os textos, estabelece relações entre eles e caracteriza o seu modo de ser. O nome do autor não está ligado à identidade pessoal ou à ficção da obra. Segundo a análise de Foucault (2005, p. 26) “[...] O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de uma coerência.” O nome do autor é, portanto, uma função que varia de acordo com os tipos e as épocas dos discursos. Sob essa ótica, a apropriação desse conceito enriquece as análises no âmbito do “Controle de Autoridade” ou da “Catalogação”. Propõe-se, assim, um deslocamento na compreensão da autoria: deixa-se de vislumbrar o autor meramente como sujeito biológico para concebê-lo enquanto princípio de agrupamento do discurso e unidade de significação, categorias indispensáveis para a estruturação e a eficácia da recuperação da informação.

- O conceito de “Sociedades de Discurso”. Na perspectiva de Foucault (1996, p. 39) “[...] as ‘sociedades de discurso’, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.” Assim, essas sociedades caracterizam-se por regular a produção e circulação de conhecimento, restringindo sua disseminação a um espaço fechado e seguindo regras específicas. Nesse cenário conceitual, Foucault (1996, p. 40-41) pontua que é observável que as “sociedades de discurso” tradicionais, que foram historicamente marcadas pelo segredo e pela divulgação, não são mais evidentes na contemporaneidade; no entanto, afirma que “[...] mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade.” Diante disso, ele pontua que mesmo em contextos de discurso considerados verdadeiros, públicos e livres de rituais restritivos, persistem mecanismos de controle e apropriação do conhecimento. Isso sugere que, apesar da aparência de liberdade e acessibilidade, ainda existem formas sutis de exclusão, segredo e privilégio que limitam a circulação do conhecimento. Observa-se, por meio da abordagem metodológica foucaultiana, que mesmo que o discurso pareça livre e acessível, existem ainda estruturas de poder que controlam quem tem acesso ao conhecimento, como ele é produzido e

disseminado, e quais vozes são ouvidas. Essa exclusão é resultado de uma complexa rede de relações de poder que permeia as sociedades de discurso, e que são reforçadas por práticas que parecem neutras, mas que, na verdade, exercem uma maneira de controle sobre o conhecimento. Foucault (1996, p. 40-41) complementa sua linha de raciocínio observando que “É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma ‘sociedade de discurso’ difusa, talvez, mas certamente coercitiva.” Assim, ele afirma que as estruturas sociais e culturais que regulamentam a produção textual influenciam significativamente o que é escrito, como e por quem, restringindo desse modo a liberdade de expressão. Nessa perspectiva conceitual, os eventos de comunicação científica configuram-se como instâncias exemplares das “sociedades de discurso”. Embora impulsionem o avanço do conhecimento por meio de um processo dinâmico, tal progresso ocorre no interior de um espaço delimitado, onde a circulação dos saberes obedece a regras estritas de distribuição. A publicação e o compartilhamento de descobertas, fundamentos desse ciclo produtivo, não constituem uma divulgação irrestrita, mas atuam como mecanismos de apropriação social dos discursos, assegurando que a difusão da inovação não despossua seus detentores de sua autoridade. Assim, a comunidade científica molda o desenvolvimento da área e orienta a pesquisa, atuando como guardião de um saber que, mesmo influenciado por demandas sociais, preserva formas de exclusividade e não-permutabilidade entre os sujeitos. Diante disso, a interação entre ciência e sociedade é mediada por essas estruturas que, ao fomentarem a colaboração e a inovação, consolidam a comunicação científica como um pilar essencial, porém regulado, para o desenvolvimento contínuo da ciência.

Isto posto, a sistematização anterior evidencia que a apropriação do referencial foucaultiano pela Ciência da Informação promove um deslocamento epistemológico importante para a área. Ao transpor as categorias de “Arquivo”, “Autor”, “Disciplina” e “Sociedades de Discurso” para processos reflexivos na Ciência da Informação, rompe-se, a partir dos conceitos de Foucault, com a noção de neutralidade técnica ou teórica dos sistemas documentais. Vem a demonstrar-se, portanto, que a Ciência da Informação não opera apenas sobre o conteúdo informacional, mas atua ativamente na gestão da ‘rarefação’ dos discursos. Os instrumentos da área, nas diversas temáticas, revelam-se, sob esse prisma, como ferramentas de poder que regulam as condições de possibilidade de aparição dos

enunciados, definindo, em última instância, quem pode falar e o que pode ser validado como conhecimento legítimo.

A apropriação do referencial teórico da Análise do Discurso de Foucault pela Ciência da Informação não representa apenas um acréscimo vocabular, mas uma inflexão paradigmática na maneira de conceber os processos infocomunicacionais. Ao adotar a metáfora da “caixa de ferramentas” – ou seja, ao utilizar os conceitos foucaultianos não como dogmas, mas como instrumentos de análise cortante -, o campo instrumentaliza-se para operar uma crítica radical aos seus próprios fundamentos. Em suma, esse movimento teórico permite à Ciência da Informação superar a ingenuidade positivista, revelando que as práticas de organizar e disseminar a informação transcendem a técnica: constituem, em última instância, atos políticos de gestão da “vontade de verdade”.

Historicamente, a Ciência da Informação consolidou-se sob a égide de uma tradição positivista, que postulava a existência de um conhecimento objetivo, estável e universal, cabendo ao profissional da informação o papel de mediador “neutro”. Sob essa ótica, sistemas de classificação, tesouros e bases de dados seriam espelhos fiéis do conhecimento acumulado. Foucault, contudo, desestabiliza essa premissa ao demonstrar que todo saber é indissociável das relações de poder que o produzem. Ao aplicar conceitos como “Arquivo”, “Disciplina”, “Autor”, “Sociedades de Discurso” etc., torna-se evidente que a organização do conhecimento não é um ato de descoberta passiva da ordem natural das coisas, mas uma imposição ativa de uma ordem discursiva. Classificar é, invariavelmente, um ato de violência simbólica que define visibilidades e invisibilidades, centros e margens.

Nesse contexto, os procedimentos técnicos da área revelam sua natureza política. A indexação e a catalogação deixam de ser vistas como operações meramente logísticas para serem compreendidas como mecanismos de “polícia discursiva”. Elas determinam quem pode falar (controle de autoridade), sobre o que se pode falar (linguagens documentárias) e sob quais condições um enunciado é considerado válido (critérios de indexação e seleção). A “vontade de verdade”, conceito central em “A Ordem do Discurso”, manifesta-se institucionalmente nas bibliotecas e arquivos: não se trata apenas de preservar a verdade, mas de gerir um sistema de exclusão que rejeita o erro, o falso e o desviante, mantendo a coerência interna das disciplinas científicas e sociais.

Portanto, superar a “ingenuidade” positivista implica reconhecer que não existe “informação pura” aguardando ser recuperada. O que existe são discursos produzidos em meio a tensões e lutas, os quais a Ciência da Informação captura, processa e legitima. O profissional da informação, longe de ser um técnico isento, atua como um operador desses filtros sociais. Assumir essa perspectiva foucaultiana é, enfim, aceitar a responsabilidade ética e política inerente à gestão da memória e do acesso: cada decisão de organização é, simultaneamente, uma decisão sobre qual “verdade” deve prevalecer e circular no tecido cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar os fundamentos teóricos que alicerçam a Análise do Discurso, bem como delimitar suas estratégias analíticas, vem a demandar um esforço rigoroso em analisar as matrizes conceituais em que possam vir a ser apreendidos subsídios para problematizar os processos de significação. Ao buscar a articulação entre as teorias da Análise do Discurso e o campo da Ciência da Informação, impõe-se o desafio de sistematizar um *corpus* conceitual frequentemente fragmentado. Tal complexidade torna-se evidente no debate acerca das condições de produção, polarizado na academia brasileira pelas perspectivas de Pêcheux e Foucault. Embora compartilhem uma gênese comum na tradição intelectual francesa, esses autores trilharam itinerários metodológicos divergentes, exigindo do pesquisador uma constante vigilância epistemológica para transitar com rigor entre as fronteiras conceituais que demarcam essas distintas abordagens no campo informacional.

Para a execução dos objetivos propostos, empreendeu-se um levantamento bibliográfico que articula autores seminais da Ciência da Informação com os teóricos da Análise do Discurso. Isso, dado que o objeto de estudo se reveste de uma natureza polissêmica, característica inerente à materialidade dos enunciados que circulam nos diversos fluxos e sistemas teóricos da Ciência da Informação. Tal trânsito interdisciplinar veio a mostrar-se indispensável para que a reflexão não se limitasse ao aspecto técnico da informação, mas apreendesse os sentidos atrelados às condições de produção e à historicidade que determinam os sujeitos, as demandas informacionais e as tensões sociais que o campo científico busca compreender.

Nesse cenário, objetivou-se analisar a apropriação dos alicerces teóricos da Análise do Discurso pela Ciência da Informação, cuja observação revela uma predominância da matriz conceitual de Pêcheux. A partir desse diagnóstico, propõe-se a utilização do aparato metodológico de Foucault como ferramenta analítica, permitindo não apenas pontuar as distinções entre tais vertentes de pensamento, mas também mapear caminhos para estabelecer as bases para uma crítica epistemológica da área fundamentada na ótica de Foucault. A estratégia adotada para atingir o objetivo proposto demandou, preliminarmente, a exploração de duas frentes de análise. Inicialmente, procedeu-se a um exame epistemológico da Ciência da Informação para situar suas fronteiras disciplinares, para o qual utilizaram-se alguns autores: Steup (2025); Hjørland (2002); Hjørland (2013); Garcia Marco e Esteban

Navarro (1993); Smiraglia (2001); Polli (1996); Capurro (2003); Zins (2004); Channon (2013).

A análise crítica das obras dos referidos autores propiciou uma compreensão aprofundada acerca da constituição do campo da Ciência da Informação, revelando suas inflexões históricas e o desenvolvimento de suas abordagens. Observou-se que, ao longo de sua trajetória, o campo foi predominantemente marcado pela hegemonia de correntes filosóficas clássicas e pragmáticas. Contudo, à medida que a informação assumiu centralidade nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas, tornou-se imperativo ampliar as bases interpretativas da área. É justamente a partir desse panorama teórico que se fundamenta e se legitima a pertinência da Análise do Discurso como ferramenta significativa para a Ciência da Informação. Posteriormente, investigou-se qual abordagem metodológica da Análise do Discurso é privilegiado nas pesquisas em Ciência da Informação. Para aprofundar tal constatação, mobilizou-se o aporte teórico de autores como: Althusser (1970); Alvarenga (1998); Barros (2013); Barros (2017); Barthes (1957); Castanha; Lima; Martínez-Ávila (2017); Evangelista, Barros, Moraes (2018); Ferrarezi e Romão (2010); Ferraz, Canato, Gaspar (2011); Foucault (1979); Freitas (2010); Frohmann (1994); Garcia *et al.* (2019); Gaspar e Reis (2010); Malvestio (2011); Gaspar e Reis (2010); Given (2003); Gutierrez Castanha e Mello Lima (2018); Martins, Barros e Moraes (2019); Mckenzie (2003); Medeiros e Vanti (2011); Mello Lima e Arraiza (2019); Mello Lima e Moraes (2017); Moraes, Mello Lima e Caprioli (2016); Nova Cruz e Romão (2011); Olsson (1999, 2004) ; Olsson (2010); Pêcheux (1975); Radford (1992); Rosa, Barros e Laipelt (2023); Santos Neto, Guaraldo, Almeida Júnior (2019); Scartassini e Barros (2021); Silva e Baptista (2015); Talja (1997) ; Talja (2001); Terra, Almeida e Sabbag (2018); Válio e Oliveira (2003); Xavier et al. (2019). A investigação acerca da produção científica na Ciência da Informação revelou uma nítida predominância da matriz teórica de Pêcheux como alicerce para os estudos de Análise do Discurso na área. Ao eleger a matriz pecheutiana como alicerce teórico, a pesquisa na área demonstra o imperativo de transcender a noção de documento como mero receptáculo de dados, reconhecendo-o como materialidade simbólica saturada por vetores históricos e ideológicos. Em contraposição à perspectiva puramente informacional, o aparato conceitual de Pêcheux – notadamente as noções de interdiscurso e esquecimento – vem a dar suporte à crítica aos sistemas de recuperação, revelando-os como dispositivos não neutros. Sob essa ótica, tais sistemas são compreendidos como mecanismos de

gestão da “verdade”, capazes de cristalizar sentidos e arbitrar entre o lembrado e o silenciado. Essa orientação teórica denota a maturidade epistemológica do campo, que, ao se distanciar do ideal positivista de uma comunicação perfeita, reconhece que gerir informação implica lidar com a opacidade da língua, os equívocos e as tensões sociais inerentes à produção de sentido.

O cumprimento do primeiro objetivo específico – analisar o aporte teórico da abordagem metodológica de Pêcheux à Análise do Discurso – efetivou-se por meio de duas etapas complementares. A primeira consistiu na contextualização histórico-conceitual da Análise do Discurso, estabelecendo um debate necessário para a compreensão do campo. A segunda etapa dedicou-se à investigação específica dos fundamentos e debates desenvolvidos pelo autor. Para subsidiar esta etapa, a pesquisa baseou-se nos seguintes interlocutores: Althusser (1968); Althusser (1972); Althusser (1988); Althusser (1993); Badiou (1995); Balibar (1990); Benveniste (1963); Foucault (1966); Foucault (1983); Garvin (1963); Greimas (1956); Lacan (1985); Orlandi (2012); Pavel (1988); Pêcheux (1982); Pêcheux (1983); Pêcheux (2009); Siqueira (2017); Thompson (1978). A análise desse percurso conceitual revelou-se basilar não apenas para situar cronologicamente os eventos, mas para a compreensão profunda do processo histórico de constituição da Análise do Discurso enquanto disciplina. Tal investigação permitiu identificar as rupturas epistemológicas, as filiações teóricas e, sobretudo, os posicionamentos dos agentes intelectuais nela implicados, desvelando o campo científico como um espaço de tensões e disputas pela legitimidade do dizer. Estabelecido esse panorama, e reconhecendo as múltiplas vertentes que o compõem, o escopo da presente pesquisa convergiu estrategicamente para as especificidades teóricas formuladas por Pêcheux. A delimitação do *corpus* teórico justifica-se pela proeminência de Pêcheux nos estudos da Análise do Discurso na Ciência da Informação. Alicerçada na articulação entre Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, essa abordagem oferece instrumental analítico para investigar a materialidade do sentido e desvelar os mecanismos ideológicos subjacentes à suposta transparência linguística. Dessa forma, elege-se a “máquina discursiva” pecheuxiana como a ótica privilegiada para conduzir as análises subsequentes.

Para a execução do segundo objetivo específico – investigar o aporte teórico da abordagem metodológica de Foucault sobre a Análise do Discurso -, procedeu-se ao exame detalhado de suas obras “A arqueologia do saber” e “A ordem do discurso”.

Essa incursão bibliográfica visou delimitar os contornos precisos de sua metodologia, afastando interpretações superficiais para compreender suas especificidades e o funcionamento da ‘polícia discursiva’. Tal aprofundamento viabilizou, assim, a abertura de novas concepções de aplicação no âmbito da Ciência da Informação, equipando o campo para analisar seus próprios objetos – da organização ao compartilhamento da informação – não como processos técnicos ou teóricos neutros, mas como práticas discursivas que gerenciam a memória, o esquecimento e a legitimação do conhecimento.

O terceiro objetivo específico - mapear a conjuntura da Análise do Discurso na Ciência da Informação, analisar as especificidades encontradas na investigação – foi alcançado a partir da análise dos dados levantados na pesquisa. Dedicamo-nos a examinar criticamente a apropriação da Análise do discurso no campo da Ciência da Informação, tomando como base um *corpus* de 101 artigos. O estudo revela que a área utilizou predominantemente a chamada “vertente francesa”, citada em 51 documentos, mas aponta lacunas significativas na articulação teórica e metodológica dessas pesquisas. Embora a referência a essa matriz seja frequente, nota-se, muitas vezes, a ausência de uma explicitação detalhada de suas especificidades, o que compromete a robustez das investigações. O presente estudo critica as definições reducionistas presentes na literatura da área, como aquelas que diferenciam a Análise do Discurso “francesa” da “anglo-saxã” meramente pelo suporte documental – escrito versus oral. Na análise, argumenta-se que essa distinção é um erro teórico, uma vez que a diferença real reside na concepção de ideologia e sujeito, e não na materialidade do texto, visto que a vertente francesa também se debruça sobre discursos orais. Outro aspecto sensível identificado é a tendência da Ciência da Informação em promover um amálgama entre as teorias de Foucault e Pêcheux sob o rótulo genérico de “matriz francesa”. A investigação aponta que muitos autores suavizam as disputas teóricas entre a arqueologia de Foucault e a Análise do Discurso de Pêcheux em favor de uma aplicação pragmática, ignorando as tensões e divergências epistemológicas que marcaram a relação entre esses dois pensadores. Além das imprecisões conceituais, diagnostica-se um problema estrutural denominado “ecletismo intelectual”. Observa-se que a maioria dos trabalhos (66 artigos) trata diferentes teóricos da Análise do Discurso como se abordassem conceitos equivalentes, misturando referências díspares sem o devido rigor. Apenas 36 documentos demonstram coerência ao se filiarem exclusivamente a uma única escola teórica.

Desse modo, a análise alerta que essa justaposição superficial dilui a complexidade dos fenômenos discursivos e sacrifica a profundidade analítica em nome de uma suposta interdisciplinaridade. Em suma, a investigação conclui que a falta de delimitação teórica clara e a confusão conceitual limitam o potencial crítico da Análise do Discurso na Ciência da Informação. Essa superficialidade pode resultar em interpretações fragmentadas que prejudicam a formação de um conhecimento integrado sobre as relações de poder e a produção da informação. Portanto, o estudo defende a imperiosa necessidade de um debate mais rigoroso e estruturado na área, que respeite as especificidades de cada corrente teórica para garantir a eficácia e a consistência científica das pesquisas.

No quarto objetivo específico - problematizar as diferenças conceituais existentes entre a abordagem metodológica da Análise do Discurso em Pêcheux e a abordagem metodológica de Foucault – vem a demonstrar-se que, embora ambos rompam com a visão tradicional do sujeito cartesiano (consciente e centrado), eles o fazem por vias epistemológicas distintas. Enquanto a perspectiva de Análise do Discurso foucaultiana se volta para os procedimentos de controle e a organização da produção discursiva através de uma “arqueologia” do saber, a abordagem de Pêcheux concentra-se na materialidade ideológica e histórica que sobredetermina os sentidos, considerando o sujeito uma “ilusão estrutural”. No que tange à teoria de Pêcheux, destaca-se a construção de uma “teoria não subjetiva do discurso”, alicerçada no tripé do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise. Para Pêcheux, o indivíduo é interpelado pela ideologia para se tornar sujeito, um processo que gera “esquecimentos” fundamentais: a ilusão de ser a fonte de sentido e a ilusão de que a linguagem é transparente. A análise de Pêcheux instrumentaliza conceitos como “formação discursiva” (o que deve ser dito a partir de uma posição) e “interdiscurso” (a memória e o “já-dito” que sustentam o sentido atual). A ideologia é categorizada em Tipo A (empirista, focada na relação homem-mundo) e Tipo B (especulativa, focada nas relações sociais e manutenção do *status quo*), ambas atuando para ocultar que o sentido é determinado exteriormente pelas condições de produção e pela luta de classes. Em contrapartida, a seção dedicada a Foucault situa sua “Arqueologia” como uma resposta crítica tanto ao estruturalismo – considerado estático e a-histórico – quanto à história tradicional das ideias, focada na subjetividade. Foucault propõe analisar o discurso não como expressão de uma consciência oculta, mas como uma “prática” regida por regras de formação específica. Diferente da busca por uma origem

ou teleologia, a arqueologia foucaultiana foca na descontinuidade, na ruptura e na materialidade das “coisas ditas” (o arquivo). Para Foucault, o sujeito não é eliminado, mas descentralizado, passando a ser tratado como uma função variável dentro da dispersão do discurso, e não como sua origem criadora. Conclui-se que a distinção fundamental reside no objeto e no método de cada autor. Pêcheux busca compreender o “não-dito” e os implícitos ideológicos que constituem o sujeito e o sentido através da memória discursiva e do esquecimento. Foucault, por sua vez, rejeita a busca pelo segredo oculto para descrever as regularidades e as condições de existência daquilo que foi efetivamente enunciado, tratando o discurso como um monumento histórico e uma prática de poder, e não como um documento de uma interioridade psicológica. Assim, enquanto Pêcheux subordina o discurso à ideologia e à história da luta de classes, Foucault o analisa como um domínio autônomo de saber e poder com regras próprias de formação e transformação.

O quinto objetivo - analisar diálogos possíveis da Análise do Discurso, entre a abordagem metodológica de Foucault e a Ciência da Informação – constituiu a força motriz que delineou a trajetória da presente pesquisa. Buscou-se não apenas examinar, mas também propor e fomentar um olhar renovado da Ciência da Informação sobre o arcabouço teórico foucaultiano. Tal empreendimento reconhece a inerente complexidade do pensamento do autor, contudo, enfatiza, sobretudo, a vastidão de possibilidades heurísticas e interpretativas que suas reflexões oferecem para a compreensão dos fenômenos informacionais contemporâneos. A presente investigação estabelece uma articulação teórica robusta entre a perspectiva foucaultiana e a Ciência da Informação, promovendo um deslocamento epistemológico em uma área historicamente tensionada por abordagens (não exclusivamente) funcionalistas e tecnicistas. É importante esclarecer que esse movimento em direção a uma postura crítica e sociopolítica não implica a negação da relevância de outras vertentes como a Análise do Discurso de matriz pecheuxiana. Embora ambas as tradições compartilhem horizontes de resistência ao positivismo e busquem a desnaturalização dos sentidos por caminhos distintos, sustenta-se aqui que o instrumental foucaultiano oferece uma produtividade singular para a superação do paradigma informacional tradicional. Enquanto Pêcheux mobiliza a determinação histórica e ideológica para ler as formações discursivas, a arqueologia de Foucault permite à Ciência da Informação um olhar mais detido sobre a materialidade informacional que sustenta os enunciados. Para os objetivos desta análise, o

pensamento de Foucault revela-se mais operacional ao deslocar o foco do “conteúdo” da informação para a governabilidade e para a física dos suportes. Assim, a escolha por Foucault não se baseia em uma suposta exclusividade crítica, mas na eficácia de suas ferramentas para mapear como a informação, enquanto evento material, estabiliza verdades e organiza regimes de poder no interior do campo informacional. Argumenta-se a premissa de Foucault de que o discurso não é uma simples expressão de pensamento ou uma combinação linguística livre, mas uma prática controlada, selecionada e redistribuída por procedimentos que visam conjurar seus poderes e perigos. Destaca-se o paradoxo da fala humana, que é simultaneamente trivial, pela sua frequência cotidiana, e rara, devido às restrições que a governam. Enfatiza-se, também, o conceito de “rarefação do discurso”, evidenciando o hiato entre a infinita potencialidade da língua e a finitude daquilo que é efetivamente enunciado em um determinado contexto histórico. Nesse sentido, o enunciado é tratado não como uma unidade gramatical, mas como um acontecimento histórico singular, um “átomo do discurso” que obedece a condições estritas de existência. Entende-se que, para a Ciência da Informação, a apropriação das categorias foucaultianas – como por exemplo, “Arquivo”, “Disciplina”, “Autor” e “Sociedades de Discurso” – instrumentaliza o rompimento com a ingenuidade positivista que enxerga os sistemas documentais como espelhos neutros do conhecimento. Em conclusão, defende-se que a teoria de Foucault deve ser utilizada como uma “caixa de ferramentas”, valorizada por sua eficácia tática em desconstruir as aparentes neutralidades conceituais das tecnologias e sistemas de organização do conhecimento. Desse modo, ao assumir essa perspectiva, a Ciência da Informação viria a reconhecer que suas práticas de classificação, indexação e disseminação não são meramente técnicas, mas atos políticos de gestão da “vontade de verdade”.

A indagação empírica inicial que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa, acerca da real pertinência de Foucault para a Ciência da Informação, encontra, ao término desta jornada investigativa, uma resposta que transcende a simples validação. Compreende-se que, embora o referencial foucaultiano não se configure, a priori, como uma condição imprescindível para a existência operacional da área, ele se revela fundamental para a densidade crítica do campo. As formulações de Foucault oferecem itinerários metodológicos e questionamento incisivos que vêm a instigar um reexame vigoroso das práxis e dos fundamentos teóricos da Ciência da

Informação. Sua obra atua diretamente na complexificação e elucidação de conceitos que, na área, ainda carecem de maior robustez epistêmica e clareza conceitual.

A análise dos dados empíricos revela uma aparente contradição, uma vez que, embora a presença de Foucault se mostre onipresente nas discussões sobre Análise do Discurso na Ciência da Informação, essa visibilidade nem sempre se traduz em densidade analítica. A recorrência de seu nome atesta a vitalidade de seu pensamento, mas também denuncia um cenário de apropriações frequentemente superficiais, que reduzem sua arqueologia a uma etiqueta teórica ou a um método de análise de conteúdo despojado de sua força conceitual. Portanto, a frequência com que o autor é evocado não deve ser lida como um sinal de que sua contribuição para a área está esgotada ou plenamente consolidada. Ao contrário, o uso atual de Foucault na Ciência da Informação é, em grande medida, insuficiente por negligenciar justamente a materialidade dos enunciados e a física social do poder em favor de interpretações meramente semânticas. Desse modo, faz-se necessário “usar” Foucault, mas radicalizar sua aplicação, deslocando a área de um ecletismo teórico frágil para uma investigação rigorosa das práticas documentais enquanto ferramentas. Nesse sentido, a proposta desta investigação não é reforçar uma predominância teórica existente da Análise do Discurso na Ciência da Informação, mas promover um amadurecimento intelectual que resgate o caráter arqueológico e materialista de Foucault, transformando sua citação fortuita em um vetor expressivo para o avanço dos debates críticos no campo informacional.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, P. V.; SALDANHA, G. S. A leitura literária em biblioteconomia e ciência da informação: análise do discurso científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANCIB, 2024. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/342267> . Acesso em: 10 jun. 2025.

ALENCAR, P. V.; SALDANHA, Gustavo Silva. Da leitura literária à práxis leitora: análise do discurso em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 18, p. 1-25, 2025. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/722> . Acesso em: 10 jun. 2025.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980, p. 96-101.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia y aparatos ideológicos de Estado**. Buenos Aires, Nueva Vision, 1974. Disponível em: <https://lobosuelto.com/wp-content/uploads/2018/10/Althusser-L.-Ideolog%C3%ADa-y-aparatos-ideol%C3%B3gicos-de-estado.-Freud-y-Lacan-1970-ed.-Nueva-Visi%C3%B3n-1974.pdf> . Acesso: 10 jun. 2025.

ALVARENGA, L. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 3, p. 1-9, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v27i3.778> . Acesso em: 10 out. 2024.

ANGERMULLER, Johannes. Analyse du discours poststructuraliste. Les voix du sujet dans le langage chez Lacan, Althusser, Foucault, Derrida, Sollers, Limoges, Lambert-Lucas, **coll. Linguistique**, 2013.

ARRUDA, A. M. A.; ARAUJO, R. F. Travestis e pessoas transexuais na mídia alagoana: análise do discurso em portais online. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1504> . Acesso em: 10 jun. 2025.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 1998.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. O tempo e o espaço da Ciência da Informação. **Transinformação**, v.14, n.1, p.17-24, jan/jun, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/H3pxvkm6ZjBKNfMLsp7Gfrt/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 10 out. 2024.

BARROS, T. B. Discurso, informação e conhecimento: perspectivas iniciais à ciência da informação. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [S. l.], v. 11, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6680>. Acesso em: 13 ago. 2024.

BARROS, T. H. B. Os Arquivos, a Arquivística e o Discurso: alguns marcos históricos e conceituais. **Informação Arquivística**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 2, jun. 2013. Disponível em: <https://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/23> . Acesso em: 01 jul. 2024.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. A Análise Discurso de Michel Pêcheux e a Organização do conhecimento: possibilidades teórico-metodológicas. In: AMORIM, Igor Soares; SALES, Rodrigo de (org.). **Ensaio em organização do conhecimento**. Florianópolis: UDESC, 2021. p. 61-78. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351154708_Analise_Discurso_de_Michel_Pecheux_e_a_Organizacao_do_conhecimento_possibilidades_teorico-metodologicas . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. A institucionalização profissional da arquivística: uma análise discursiva panorâmica do Brasil e Canadá. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 11, p. 67-72, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7510> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Análise do Discurso e Arquivística: elementos históricos e epistemológicos na representação em arquivos. In: VÁZQUEZ, Jon Zabala; JIMÉNEZ, Rodrigo Sánchez; MORENO, María Antonia García (org.). **Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital**. Madrid. Universidad de Complutense, 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/371e9cd8-8b17-4f66-a8fd-9f1d468bf4f0> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Análise do discurso e organização do conhecimento: limites e fronteiras. In: GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira et al. (org.). **Organização do Conhecimento e Análise do Discurso: possíveis interlocuções**. Rio de Janeiro: FACC/UFRJ, 2025. p. 5-25. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/organizacao-do-conhecimento-e-analise-do-discurso-possiveis-interlocucoes-5779525> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso, documento e arquivística: trajetória de uma área. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 12, p. 97-110, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/241655> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso, informação e conhecimento: perspectivas iniciais à Ciência da Informação. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 11, p. 26-33, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/14675> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; COSTA, M. O. Estudo da formação ideológica e formação discursiva do GT-Conhecimento, Organização e Representação do Conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2022. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/1187> . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; EVANGELISTA, Isadora Victorino. Aspectos éticos em organização do conhecimento: uma análise discursiva dos eventos da ISKO internacional. In: ALMEIDA, Carlos Cândido de; SAN SEGUNDO, Rosa; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel (org.). **Estudos críticos em organização do conhecimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 165-191. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/510/4448/8819?inline=1 . Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. A Construção Discursiva em Arquivística: aspectos culturais e ideológicos. In: ROMERO, Nuria Lloret (org.). **Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento**. Valência: Ed. Universidad Politécnica de Valencia, 2009. p. 499-512. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/Dialnet-AConstrucaoDiscursivaEmArquivistica-2924417.pdf> . Acesso em: 12 jun. 2025.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. The Discursive Construction of Archival Science: conceptual foundations of a discipline in construction. In: **NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION**, 3., 2011, Toronto. Proceedings [...]. Toronto: NASKO, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/pkpadmin,+Barros-1.pdf> . Acesso em: 12 jun. 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. Baudrillard e o virtual. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. **Correio do Povo**: Blogs Juremir Machado, Porto Alegre, 25 out. 2017. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/entrevistas-marcantes-baudrillard-e-o-virtual-1.305085>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BERNARDINO, M. C. R. Responsabilidade social e aplicação da Ciência da Informação: amparada nos discursos dos teóricos. **Revista EDICIC**, v. 1, p. 71-81, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/Bernardino.pdf> . Acesso em: 12 jun. 2025.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly**, julho 1945. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/> Acesso em: 1 jul. 2025.

BRAGA, G. M. Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 84-88, jan./jun. 1995.

BRITO, Jean Fernandes; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; SILVA, Rafaela Carolina. Narrativas de homens trans: uma análise discursiva no Facebook. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 28, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/216871> . Acesso em: 10 jan. 2025.

CAPRIOLI, M. S.; LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E. A trajetória discursiva da Ciência da Informação no Brasil: análise de artigos de periódicos na área na década de 1990. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 10, p. 73-81, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/14629> . Acesso em: 12 jun. 2025.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm . Acesso em: 05 jan. 2024.

CARNEIRO, Ana Paula Sarmento. Jogos imaginários e movimentos das posições-sujeito: unidade/dispersão no discurso de formação docente. 2010. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6498/2/arquivototal.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2026.

CASTANHA, R. C. G.; DE MELLO LIMA, L.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 17–37, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22484> . Acesso em: 10 out. 2024.

CHAGAS, Leonardo Borges Rodrigues; PAULA, Lorena Tavares de. Análise de Discurso crítica como instrumental teórico e metodológico para a garantia semântica em linguagens documentárias. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 28, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/BBGCG8sPnzzykYWGkRyM7ZPh/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 12 jun. 2025.

CHANNON, M. G. The unification of concept representations: an impetus for scientific epistemology. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 2, p. 83–101, 2013. Disponível em: <https://storage.imrpess.com/imr/journal/KO/article/505214/1752846486348.pdf> . Acesso em: 06 jan. de 2026.

COSTA, M. O.; BARROS, T. H. B. A discursividade no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação: um estudo da formação ideológica e discursiva no Grupo de Trabalho 2. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 16, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/640> . Acesso em: 12 jun. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. Le discours introuvable: Marxisme et linguistique (1965-1985). **Histoire Épistémologie Langage**, v. 13, n. 2, p. 153-171, 1991. Disponível em : <https://doi.org/10.3406/hel.1991.2337> . Acesso em : 10 fev. 2026.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues

de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). **Os múltiplos territórios do discurso**. Porto Alegre: Asgra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DANIEL, N. M.; GUARALDO, T. de S. B.; VALENTIM, M. L. P. Discurso e alteridade nas universidades privadas de Angola: um caso de um instituto superior politécnico. In: SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli (org.). **Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: ABECIN Editora, 2020. p. 279-303. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/issue/view/32> . Acesso em: 12 jun. 2025.

DIAS, E. M. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/33080> . Acesso em: 10 out. 2025.

DOSSE, F. (1994). **História do estruturalismo**. Vol. 2. O campo do cisne. Trad. Bras. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio. Campinas: Editora da Unicamp.

ELLIOTT, Ariluci Goes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da biblioteca da Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/183793> . Acesso em: 12 jun. 2025.

EVANGELISTA, I. V.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. de. Uma análise do discurso da dimensão cultural da ISKO. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 28, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38123> . Acesso em: 10 out. 2024.

EVANGELISTA, Isadora Victorino; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Uma análise do discurso sobre a temática acesso aberto nos anais do EDICIC Ibérico no período de 2013 a 2017. **Biblios**, Lima, n. 82, p. 17-34, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/163009> . Acesso em: 12 jun. 2025.

FERRAREZI, L.; ROMÃO, L. M. S. Nos labirintos da rede eletrônica: o silêncio na biblioteca escolar <p> In the labyrinths of the web: the silence in the scholar library. **Revista ACB**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 176–193, 2010. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/710> . Acesso em: 12 ago. 2024.

FERRAZ, Angela; CANATO, Daiana Ellen; GASPAR, Nádea Regina. No movimento da leitura das histórias em quadrinhos: uma proposta discursiva para a ciência da informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 106–127, 2011. DOI: 10.20396/rdbci.v9i1.1922. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1922> . Acesso em: 16 jul. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf> . Acesso em: 05 jul. 2025.

FRANCELIN, Marivalde; RIBEIRO, Duanne de Oliveira. O amplo, o restrito e o sem lugar: sentidos de Organização do Conhecimento em A Ordem do Discurso, de Michel Foucault. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-18, 2025. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/9c46be82-0ef8-4849-af76-966b05fed460/003245099.pdf> . Acesso em: 12 jun. 2025.

FREITAS, L. S. de. A análise do discurso e o campo informacional: usos atuais e alcance epistemológico: uma atualização. **InCID: Revista de Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.1, n.1, p.32-55, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42304> . Acesso em: 02 jul. 2024.

FREITAS, L. S. de. Na teia dos sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. 2001. 244f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-19072005-165907/publico/TeseLidiaFreitas.pdf> . Acesso em: 05 jul. 2025.

FROHMANN, B. Discourse analysis as a research method in library and information science. // Library and Information Science Research. 16, 119-138, 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/14044815/Discourse_analysis_as_a_research_method_in_library_and_information_science . Acesso em: 10 jan. 2025.

GARCIA MARCO, F. J.; ESTEBAN NAVARRO, M. A. On some contributions of the cognitive sciences and epistemology to a theory of classification. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 3, p. 126–132, 1993. Disponível em:

<https://storage.imrpess.com/imr/journal/KO/article/506199/1752849342422.pdf> .

Acesso em: 10 jan. 2026.

GARCIA, V. C.; REDIGOLO, F. M.; MORAES, J. B. E.; BARROS, T. H. B. Política de indexação e seus sentidos: um estudo a partir da Análise do Discurso. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, p. 169-195, 2019. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32239> . Acesso em:

15 jun. 2025.

GARCIA, Valdenise César; REDIGOLO, Franciele Marques; BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, João Batista Ernesto de. Política de indexação e seus sentidos: um estudo a partir da Análise do Discurso. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 169–189, 2019. DOI: 10.5433/1981-8920.2019v24n1p169.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32239>

. Acesso em: 13 ago. 2024.

GASPAR, N. R.; MALVESTIO, Eliana Mantovani . Práticas discursivas no cuidado com os corpos em Almodóvar: laços familiares atuais instituídos pelo sujeito feminino. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação** , v. 2, p. 54-66, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/gcrippa,+05nadea-2.pdf>.

Acesso em: 06 out. 2024.

GASPAR, N. R.; REIS, L. L. Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência Da Informação. **DataGramaZero**, v. 11, n. 6, p. 1-8, 2010.

Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/45574>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> . Acesso em: 10 dez.

2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVEN, Lisa. Discursive Constructions in the University Context: Social Positioning Theory and Nature of Undergraduates Information Behaviours. **New Review of Information Behaviour Research**, v. 3:127– 42, 2003. Disponível em:

<https://lisagiven.com/wp-content/uploads/2012/10/given2002discursive1.pdf> . Acesso

em: 11 fev. 2025.

GODOY, Ana Boff de. **A loucura como constructo discursivo e sintoma social: uma análise do funcionamento da ideologia e do inconsciente na constituição dos sujeitos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/156015/001013244.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2026.

GOUARNE, Isabelle. “Le champ de la théorie. Essor et déclin du structuralisme en France, J. Angermuller”, **Sociologie du travail** [Online], Vol. 57 - n° 2 | Avril-Juin

2015, Online since 15 April 2015. Disponível em:
<http://journals.openedition.org/sdt/1577> . Acesso em: 15 mar. 2026.

GOUVEIA JUNIOR, Mario; SALCEDO, D. A. Uma arqueologia biblioteconômica: paradigmas, rastros e discursos. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 14, p. 1-23, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8639481/0> . Acesso em: 15 jun. 2025.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

GUARALDO, T. S. B.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. A construção discursiva sobre o jornal, o leitor e a leitura do impresso: Bom Dia Bauru. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/105279> . Acesso em: 15 jun. 2025.

GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira; BARBOSA, M. F. S. O.; OLIVEIRA, A. J. B.; SANTOS, M. J. V. C. **Organização do Conhecimento e Análise do Discurso: possíveis interlocuções**. Rio de Janeiro: Oficina dos Livros, 2025. Disponível em:
<https://publicacoes.even3.com.br/book/organizacao-do-conhecimento-e-analise-do-discurso-possiveis-interlocucoes-5779525> . Acesso em: 15 jun. 2025.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1997.

GUTIERRES CASTANHA, Renata Cristina; MELLO LIMA, Larissa. Estudo das comunidades discursivas formadas pela interdisciplinaridade entre as áreas de Ciência da Informação e análise do discurso. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.36311/1981-1640.2018.v12n1.06.p61. Disponível em:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7214>. Acesso em: 6 set. 2024.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. Tradução de George Sperber et al. São Paulo: Loyola. 2002.

HARRIS, Z. Discourse analysis. **Language**, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. [1971]. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007, p. 13-32.

HELSLOOT, Niels; HAK, Tony. L'inquiétude du discours, Textes de Michel Pêcheux (Denise Maldidier, ed.). **Book reviews**. [S. l.: s. n.], p. 372-376, 1990. Resenha de: MALDIDIER, Denise (Ed.). **L'inquiétude du discours, Textes de Michel Pêcheux**. Paris: Éditions des Cendres, 1990. Disponível em:

https://www.academia.edu/26022085/Linqui%C3%A9tude_du_discours . Acesso em: 05 fev. 2026.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **RUA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 63–89, 2015. DOI: [10.20396/rua.v1i1.8638926](https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638926).

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926> . Acesso em: 24 mar. 2026.

HJØRLAND, B. Theories of knowledge organization— theories of knowledge: Keynote March 19, 2013. 13th Meeting of the German ISKO in Potsdam. **Knowledge organization**, v. 40, n. 3, p. 169–181, 2013. Disponível em:

file:///C:/Users/K/Downloads/TheoriesofKO_Theoriesofknowledge.pdf . Acesso em: 05 jan. 2026.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n. 4, p. 257-270, fev. 2002. Disponível em:

<https://doi.org/10.1002/asi.10042> . Acesso em: 05 jan. 2026.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 4, p. 422–462, ago. 2002b. Disponível em:

file:///C:/Users/K/Downloads/Domain_analysis_in_information_science_Eleven_appr.pdf . Acesso em: 16 jan. 2026.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**. Campinas, v. 15 (Edição especial), p. 07-21, set.\ dez. 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/SZ5RXSnjnDcjhZ9ykPpCHHw/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 06 nov. 2024.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Brique de Lemos, 1996.

LIBONATI, D. G.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. O discurso em ontologias: uma abordagem a partir da Semiótica Discursiva. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, p. 78-103, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/125324> . Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. **Habermas, Discurso e organizações**. Rio de Janeiro: Salute, 2024. v. 7. (Informação). Disponível em:

https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1391/1/Habermas%2C%20discurso%20e%20organiza%C3%A7%C3%B5es_Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf . Acesso em: 10 jun. 2025.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. Linguagem, discurso e humanismo em organizações de saúde. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 141-148, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57837> .
Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; ANDRADE, Maribel da Rosa; CARVALHO, Flavia da Silva. Discurso e reconhecimento do outro. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 12, p. e17606, 2025. Disponível em:
<https://periodicos.ufal.br/cir/article/view/17606/12540> . Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; CARVALHO, Lidiane. Discurso, análise de redes e avaliação dos processos de inovação. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 1-12, 2011. Disponível em:
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/130/1/ClovisDataGramaZero2011.pdf> .
Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; GONÇALVES, M.; MEIRELLES, M.; LARA, B. Os ambientes WIKI: interação, discurso e generosidade nas redes sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. Disponível em:
<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3772/2895> .
Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, Edina Rodrigues; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca; DINIZ, Olga Myllena. Análise do discurso pecheuxtiana. **Scire**: representación y organización del conocimiento, v. 30, p. 59-73, 2024. Disponível em:
<https://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4959> . Acesso em: 10 dez. 2025.

LIMA, L. M.; CAPRIOLI, M. S.; MORAES, J. B. E. Regime de informação e análise do discurso: aproximações teóricas e conceituais na era Big Data. In: MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; SOUZA, Edna Alves de; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici (org.). **Informação, conhecimento, ação autônoma e big data**: continuidade ou revolução? Marília: Cultura Acadêmica, 2019. p. 219-232. Disponível em:
https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/158/1091/1943?inline=1 . Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E.; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. A genealogia do conceito de Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva a partir de periódicos fundacionais na área. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). **Organização do Conhecimento e Diversidade Cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p. 210-218. Disponível em: <https://isko.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Proceedings-ISKO-Brasil-2015.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2025.

LIMA, L. M.; MORAES, J. B. E.; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Genealogy of the concept of Information Science in Brazil: a discursive analysis from founding journals in the area. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). **The epistemologic dimension of knowledge organization**. Pernambuco: ISKO-Brasil, 2017. p. 206-219. Disponível em: <https://isko.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Proceedings-ISKO-Brasil-2017.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2025.

LOUREIRO, J. M. M. Ciência da informação: nem uma ciência social, nem humana, apenas uma ciência diferente. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999. p.65 - 75.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discours et analyse du discours** : une introduction. Paris : Armand Colin, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. Analyse du discours et archive. **Semen**, n. 8, 1993. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/4069>. Acesso em: 23 jan. 2026.

MAINGUENEAU, D. 1987. **Nouvelles tendances en analyse du discours**. Paris:Hachette.

MARIANI, Bethania. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan. **Alfa**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 113-127, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2873> . Acesso em: 05 fev. 2026.

MARQUES, L. B.; KARPINSKI, C. Os esqueletos indígenas de Santa Catarina: patrimônio bibliográfico, discurso e mediação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 29, p. e-51223, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/DJMqNGnzN7JCSgtBjD9nwdS/?lang=pt> . Acesso em: 15 jun. 2025.

MARQUES, R. M.; KERR PINHEIRO, M. M.; RASLAN, F. O. Os signos ideológicos no discurso da Organização Mundial do Comércio. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/101765> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTELETO, R. M. Cultura da Modernidade: discursos e práticas informacionais. **Revista de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 115-137, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38275> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel (org.). **Estudos críticos em organização do conhecimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 165-191. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/510/4448/8819?inline=1 . Acesso em: 10 jun. 2025.

MARTINS, W. R.; BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. Perspectivas discursivas na formação do conceito de descrição da informação em Arquivística. **Ágora**, Florianópolis, v. 29, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/744> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINS, Wanessa Rodrigues; BARROS, Thiago Henrique Bragato; DE MORAES, João Batista Hernesto. Perspectivas discursivas na formação do conceito de descrição da informação em arquivística. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, [S. l.], v. 29, n. 58, p. 1–13, 2019. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/744> . Acesso em: 13 ago. 2024.

MATA, D. X.; SALDANHA, G. S. A vida íntima das sombras: a ordem do discurso biobibliográfico. **InCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação**, Ribeirão Preto, v. 10, p. 71-91, 2020. Disponível em:

https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/152268 . Acesso em: 20 jun. 2025.

MAUCH, J.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Aportes da análise do discurso para o tratamento temático de literatura. Biblos: **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 37, p. 1-21, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/15390> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MCKENZIE, Pamela J. Connecting with Information Sources: How Accounts of Information Seeking Take Discursive Action. **New Review of Information Behaviour Research** 3:161–74, 2003. Disponível em:

https://publish.uwo.ca/~pmckenzi/McKenzie_ISIC_2002_later_published_in_New_Review.pdf . Acesso em: 09 fev. 2025.

MEDEIROS, A. L.; VANTI, N. Vannevar Bush e as matrizes discursivas de As we may think: por uma possível história da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 3, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9652> . Acesso em: 12 ago. 2024.

MELLO LIMA, Larissa de; MORAES, João Batista Ernesto. A legitimação dos elementos teórico-metodológicos da análise do discurso na Ciência da Informação brasileira: um aporte da análise de conteúdo. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 11, n. 2, 2017. DOI: 10.36311/1981-

1640.2017.v11n2.09.p88. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6686>. Acesso em: 6 set. 2024.

MELLO LIMA, Larissa; ARRAIZA, Paloma Marín. 2019. “Análise do Discurso de Matriz Francesa enquanto polo técnico na pesquisa em Ciência da Informação”. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 33 (79): 67-81. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2019.79.57991> . Acesso em: 12 ago. 2024.

MELLO, M. R. G. de; VALENTIM, M. L. P. Análise do discurso. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 24-43, 2021. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/v/158259> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MIRANDA, A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. In: _____. **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIRA, B. S.; FARIAS, M. E. S. O.; BRITO, J. F.; GUARALDO, T. S. B. Nas trilhas dos sujeitos discursivos: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 6, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/350901> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MIRANDA, Roseli; SANTOS, Cibele Araújo Camargo Marques dos. Documentação jurídica: interfaces da leitura documentária, linguagem e análise de discurso no tratamento da informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 16, p. 299-316, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8650313> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MONTEIRO, Ciro Athayde Barros; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A informação mediada no discurso de Edir Macedo: análise de editoriais da Folha Universal. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, p. 331-368, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/26979> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MORAES, J. B. E.; LIMA, L. M.; CAPRIOLI, M. S. Análisis del discurso y ciencia de la información: aportes teóricos para la organización y representación de la información. **Scire: representación y organización del conocimiento**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 75–85, 2016. DOI: 10.54886/scire.v22i2.4233 .Disponível em: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4233> . Acesso em: 10 oct. 2024.

MOURA, Maria Aparecida. Emerging Discursive Formations, Folksonomy and Social Semantic Information Spaces (SSIS): the contributions of the Theory of Integrative Levels in the studies carried out by the Classification Research Group (CRG). **Knowledge Organization**, v. 41, p. 304-310, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288422461_Emerging_Discursive_Formations_Folksonomy_and_Social_Semantic_Information_Spaces_SSIS_The_Contributions_of_the_Theory_of_Integrative_Levels_in_the_Studies_carried_out_by_the_Classification_Research_Group . Acesso em: 20 jun. 2025.

NOVA CRUZ, Denise Viuniski da; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Movimentos de Espinosa e(m) Pêcheux. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 2, n. 1, p. 31–46, 2011. DOI: [10.11606/issn.2178-2075.v2i1p31-46](https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v2i1p31-46). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42333> . Acesso em: 26 ago. 2024.

OLIVEIRA, J. C. A. Análise dos ex-votos das Américas a partir do discurso e da sua representação para os estudos da memória social e da folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 12, p. 7-23, 2015. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19039> . Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, Marcia Martins; ALBAGLI, S. Unidade de Polícia pacificadora, discursos e regimes de verdade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/184787> . Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, Marlene de. **A investigação científica na ciência da informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq**. Brasília: CID/UnB, 1998. 201 p. (Tese de doutorado).

OLSSON, Michael R. Michel Foucault: discourse, power / knowlwdgw, and the Battle for Truth. In: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. (Ed.). **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. Califórnia: Libraries Unlimited, 2010. p. 63 – 74. Disponível em: https://www.academia.edu/1774335/Henri_Lefebvre_and_Spatial_Dialectic_s . Acesso em: 10 mar. 2024.

OLSSON, Michael. 2004. "Understanding Users: Context, Communication and Construction." Paper presented at the ALIA 2004 Biennial Conference, Gold Coast Convention and Exhibition Centre, Queensland, Conference, September 21–24, 2004. Disponível em: <https://researchoutput.csu.edu.au/en/publications/preserving-the-memory-of-australia/> . Acesso em: 15 fev. 2025.

OLSSON, Michael. Discourse: a new theoretical framework for examining information behaviour in its social context (Lang.: eng). - In: **Exploring the contexts of information behaviour: proceedings of the 2nd International Conference on research in information needs, seeking and use in different contexts**, Sheffield, UK, 1998 / ed. by D.K. Wilson, D.K. Allen. -London: Taylor Graham Publ., 1999, p.136-149. Disponível em: <https://www.isko.org/kolit.php?cl=753> . Acesso em: 25 jun. 2025.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. Entrevista: Eni Orlandi. Canal do YouTube da Associação Brasileira de Linguística – Abralin, 2019. Acesso em 25 jul 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BdWBAZPEKoY> . Acesso em: 09 out. 2024.

ORTEGA, C. D. A documentação como origem e base fértil para a fundamentação da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 08., 2007. **Anais** [...] VIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/172556> . Acesso em: 23 abr. de 2025.

PATTI, Ane Ribeiro; SOUSA, Lucilia Maria Abrahão e; GARCIA, Dantielli Assumpção. Pelos entremeios da Análise do Discurso: nos fios de Michel Pêcheux. **Psicologia Política**, [s. l.], v. 17, n. 39, p. 220-231, maio/ago. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200003 . Acesso em: 05 mar. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Les vérités de La Palice**: linguistique, sémantique, philosophie. Paris: François Maspero, 1975.

PÊCHEUX, M. (1988). Discurso e Ideologia. In: M. **Pêcheux, Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (pp. 142-185). Campinas: Editora da Unicamp. (Original publicado em 1975). Disponível em: file:///C:/Users/K/Downloads/pdfcoffee.com_1995-semantic-e-discurso-uma-critica-a-afirmaao-do-obvio-michel-pecheux-livropdf-pdf-free.pdf . Acesso em: 10 jul. 2025.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F. & Hak, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 311-318.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) IN: GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas IN: GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 176-177.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PINHEIRO, L. Vânia Ribeiro. A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. Tese de Doutorado. Orientadora: Gilda Maria Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. 1997. Doutorado em Comunicação e Cultura, 278 p. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/35/1/lenavaniapinho1997.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2025.

PINHEIRO, L.V.; LOUREIRO, J.M. Traçados e limites da Ciência da Informação. Ciência da Informação, v.4, n.1. 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/grmb,+Ci.Inf-2004-576-3.pdf> . Acesso em: 25 fev. 2025.

RADFORD, Gary P. Positivism, Foucault, and the fantasia of the library: conceptions of knowledge and the modern library experience. **Library Quarterly**, v.62, n.4, p.408-424, 1992. Disponível em: <file:///C:/Users/K/OneDrive%20-%20Universidade%20Estadual%20de%20Londrina/%C3%81rea%20de%20Trabalho/ORIENTA%C3%87%C3%83O/TESE%20->

[%20ORIENTA%C3%87%C3%83O/ESCRITA%20DA%20TESE/Cap%C3%ADulo%202%20-%20Ci%C3%A2ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o/FOUCAULT%20NA%20OCI%20-%20AUTORES%20DA%20CI/1992%20-%20Radford.pdf](#) . Acesso em: 10 fev. 2025.

RAYWARD, W.B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v.48, n.4, p.289-300, 1997. Disponível em: [https://sci-hub.red/10.1002/\(sici\)1097-4571\(199704\)48:4%3C289::aid-asi2%3E3.0.co;2-s](https://sci-hub.red/10.1002/(sici)1097-4571(199704)48:4%3C289::aid-asi2%3E3.0.co;2-s) . Acesso em: 26 out. 2025.

REIS, Vitor Augusto Werner dos. O tripé fundador da análise do discurso: as interfaces de uma teoria de entremeios. **Revista Inventário**, Salvador, n. 21, jul. 2018. ISSN: 1679-1347. Disponível em: <https://inventario.ufba.br/welcome.htm> . Acesso em: 05 jan. 2026.

RIECKEN, R. F. Frame de temas potenciais de pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.pbcib.com/pbcib/article/view/8325>. Acesso em: 30 jan. 2026.

ROBREDO, J. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem informatizada da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. 2 ed. Brasília: 1986. 400p.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSR Informatões, 2003. 245 p.

ROSA, S. S.; BARROS, Thiago Henrique Bragato; LAIPELT, R. C. F. O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso. **Reciis: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 616-632, 2023. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3774> . Acesso em: 20 jun. 2025.

ROSA, Samuel Santos da; BARROS, Thiago Henrique Bragato; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira. O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 17, n. 3, 2023. DOI: 10.29397/reiis.v17i3.3774. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3774> . Acesso em: 10 out. 2024.

SALDANHA, G. S.; MATA, D. X. O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot: notas sobre o sujeito e o autor na Modernidade bibliológica. **Em Questão**, Porto

Alegre, v. 25, p. 159-175, 2019. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92421> . Acesso em: 20 jun. 2025.

SAMPAIO, D. B.; SILVA, D. M. F.; LIMA, I. F. O discurso androcentrado da Ditadura Militar: diálogo entre Althusser, Ricouer e McGarry sobre silêncio, memória e censura a lésbicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT/ANCIB, 2021. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/509> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: uma análise histórica e discursiva da constituição e desenvolvimento dos conceitos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. São Paulo/Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/122719> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1242-1258. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/186203> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS NETO, J. A.; GUARALDO, T. S. B.; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. A análise do discurso como aporte teórico-metodológico para as teses e dissertações com ênfase em mediação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/122714> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A análise do discurso como aporte teórico-metodológico para as teses e dissertações com ênfase em mediação. In: ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Ancib, 2019. p. 1-22. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/122714> . Acesso em: 09 ago. 2024.

SANTOS, M. J. V. C.; GUEDES, V. L. S. Cartas como gênero do discurso científico na área de medicina tropical: análise terminológica e mapeamento de rede terminológica. In: CONGRESSO ISKO ESPANHA-PORTUGAL, 3., 2017, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. p. 737-746. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6580722> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação; origens, evolução e relações.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SCARTASSINI, V. B.; BARROS, T. H. B. (2021). Feminismo e ciência da informação: uma abordagem a partir da análise de discurso. **Informação & Informação**, 26(3), 450–477. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n3p450>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SILVA, A. M. S.; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso e Arquivística: uma análise enunciativa do termo pós-custodial no contexto português e brasileiro. In: BORGES, M. M.; CASADO, E. L. (org.). **A Ciência Aberta**: o contributo da Ciência da Informação. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 1435-1447. Disponível em: <file:///C:/Users/K/Downloads/002927932.pdf> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, A. P.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. O discurso da imparcialidade em códigos de ética do arquivista. **Ágora**, Florianópolis, v. 28, p. 213-226, 2018. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/732> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, A. R. da; BAPTISTA, D. M. Abordagens de Análise de Discurso na Ciência da Informação: panorama dos estudos brasileiros. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 103, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/89> . Acesso em: 6 set. 2024.

SILVA, T. J. da. **Indexação automática por meio da extração e seleção de sintagmas nominais em textos em língua portuguesa**. 2014, 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação – CAC, UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12950/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Tiago%20Jos%c3%a9%20da%20Silva.pdf> . Acesso em: 02 nov. 2025.

SILVA, Alzira Karla Araújo da. Ciência da Informação e Educação: (re)significando a formação de cidadãos-leitores - discursos e práticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/view/1932> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, C. R. S.; CAVALCANTE, Luciane de Fatima B.; FURLANETE, F. P. Um novo modelo de biblioteca? o discurso sobre a identidade das bibliotecas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022, Online. **Anais** [...]. São Paulo: FEBAB, 2022. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2461> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, T. J. da; FREIRE, I. M.; OLIVEIRA, H. P. C. de. Participação de Pesquisadores no Grupo de Trabalho Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Epistemologia e historiografia na ciência da informação In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 18, 2017, Marília, SP. **Anais** ... Marília, SP: UNESP, 2017. v. 1. [não paginada]. Disponível em: <cip.brapci.inf.br/download/104916>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, Edcleyton Bruno Fernandes; LOUREIRO, José Mauro Matheus; SOUZA, Edivânio Duarte. A Ciência da Informação e seus discursos: uma abordagem da Ordem do Discurso de Michael Foucault. **Revista FSA**, Teresina, v. 13, p. 73-85,

2016. Disponível em:

<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1004> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, R. C.; LIMA, L. M.; SUENAGA, C. M. K.; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MORAES, J. B. E. Bibliotecas híbridas: uma análise discursiva da Biblioteca Central de Liverpool. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, v. 11, p. 75-82, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cc6e8a38-513a-4050-9bce-1442ffd6aad2> . Acesso em: 11 jan. 2025.

SIQUEIRA, Vinicius. **Análise do Discurso**: conceitos fundamentais de Michel Pêcheux. 1. ed. Mauá, SP: Edição do Autor, 2017.

SMIRAGLIA, R. P. Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work. **Knowledge Organization**, v. 28, n. 4, p. 192–202, 2001. Disponível em:

<https://storage.imrpress.com/imr/journal/KO/article/505667/1752847828415.pdf> . Acesso em: 05 fev. 2026.

SOARES, Albergio Claudino Diniz. **O virtuosismo nos escritos sobre música de Mário de Andrade**: um olhar discursivo. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6284/1/arquivototal.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2025.

SOUSA, Liliane C. S.; FURLANETE, Fábio Parra. Enfoques de análisis del discurso en Ciencias de la Información: cartografía de los enfoques predominantes y sus implicaciones. **Logeion**: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, p. 72-88, 2024. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/386904059_Abordagens_da_analise_do_discurso_na_ciencia_da_informacao_um_mapeamento_dos_enfoques_predominantes_e_suas_implicacoes . Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: estratégias do discurso contemporâneo integrador. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: ANCIB, 2011. p. 104-121. Disponível em:

<file:///C:/Users/K/Downloads/adminlti,+8+edivanio.pdf> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, Edivânio Duarte de; OLIVEIRA, D. A. A análise documentária no grupo Temma: dos indícios às evidências da formação de unidades discursivas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, p. 74-84, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/XZZznLGpLqWc4H5y5Pb6kZt/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of information-science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p. 249-275, 1977. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/607489444/SHERA-e-CLEVELAND-History-and-foundations-of-Information-Science-1977> . Acesso em: 10 ago. 2025.

SMIRAGLIA, R. P. Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work. **Knowledge Organization**, v. 28, n. 4, p. 192–202, 2001. Disponível em:

<https://storage.imrpress.com/imr/journal/KO/article/505667/1752847828415.pdf> .

Acesso em: 05 fev. 2026.

STEUP, Matthias and Ram Neta. "Epistemology", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2025 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2025/entries/epistemology/> . Acesso em: 10 jan. 2026.

TALJA, Sanna. 1997. "Constituting 'Information' and 'User' as Research Objects: A Theory of Knowledge Formations as an Alternative to the Information-Man Theory." In: **Information Seeking in Context: Proceedings of an International Conference on Research in Information Needs, Seeking and Use in Different Contexts**, August 14 – 16, 1996, ed. Pertti Vakkari, Reijo Savolainen, and Brenda Dervin, 67– 80. London: Taylor Graham. Disponível em:

<https://tefkos.comminfo.rutgers.edu/Courses/612/Articles/Talja.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2025.

TALJA, Sanna. **Music, Culture and the Library: An Analysis of Discourses**. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2001. Disponível em:

<https://archive.org/details/musicculturelibr0000talj/page/n3/mode/2up> . Acesso em: 12 fev. 2025.

TAYLOR, Robert. Value added processes in information life cycle. **Journal of the American Society for Information Science**, 1966.

TERRA, M. V. C.; SABBAG, D. M. A. Análise do Discurso na Organização do Conhecimento: Informação como Discurso. In: SEMINÁRIO DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E GESTÃO DOCUMENTAL, 2., 2018, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: PGCIN/UFSC, 2018. p. 51-58. Disponível em:

<https://grupokod.paginas.ufsc.br/files/2018/09/Volume-I-2018.pdf> . Acesso em: 22 jun. 2025.

TERRA, M. V. S. C.; ALMEIDA, C. C. de; SABBAG, D. M. A. Análise do Discurso francesa na organização da informação e do conhecimento no Brasil: considerações epistemológicas à análise documental. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.17, p.1-26, dez. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8652798> . Acesso em: 02 jul. 2019.

TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. A classificação bibliográfica, a formação discursiva e a representação da classe religião no limiar do século XXI. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17.,

2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANCIB, 2016. p. 5092-5098. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/190741> . Acesso em: 22 jun. 2025.

TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. Identidade, religião e a formação discursiva nos sistemas de classificação bibliográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/105397> . Acesso em: 22 jun. 2025.

TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, Maria Aparecida. Formação discursiva, sistemas de classificação e o discurso estrangulado de Charlie Hebdo: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da ciência da religião no século XXI. In: CONGRESO ISKO ESPAÑA-PORTUGAL, 2., 2015, Murcia. **Actas [...]**. Murcia: Universidad de Murcia, 2015. Disponível em: https://iskoiberico.org/wp-content/uploads/2015/11/097a0-37_matos.pdf . Acesso em: 22 jun. 2025.

VALIO, E. B. M.; OLIVEIRA, V. F. F. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23473> . Acesso em 17 nov. 2024.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão; MOURA, Maria Aparecida. De termos isolados a contextualizados: análise das estratégias argumentativas dos discursos de candidatura de Dilma e Serra. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/175565> . Acesso em: 22 jun. 2025.

VIEIRA, Letícia Alves; MOURA, M. A. A construção do conceito de ciência em história: uma análise discursiva de editoriais da revista Varia História (2007 - 2016). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/104792> . Acesso em: 22 jun. 2025.

VIEIRA, Letícia Alves; MOURA, Maria Aparecida. A ciência nas guerras: o Journal des Sçavans como emergência discursiva na epistemologia de Ludwik Fleck. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-15, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9964096/A_ci%C3%Aancia_nas_guerras_o_Journal_des_S%C3%A7avans_como_emerg%C3%Aancia_discursiva_na_epistemologia_de_Ludwik_Fleck . Acesso em: 22 jun. 2025.

XAVIER, Ana Laura Silva; CAPRIOLI, Mariana da Silva; MELLO LIMA, Larissa de; ERNESTO DE MORAES, JOÃO BATISTA . O percurso discursivo da ciência da informação no Brasil: análise dos periódicos Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação em 1970, 1980 e 1990. **BIBLIONLINE (JOÃO PESSOA)**, v. 15, p. 33-46, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/45436> . Acesso em 02 out. 2024.

ZINS, C. Knowledge organization: an epistemological perspective. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 1, p. 49 63, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/K/Downloads/Knowledge_organization_An_epistemological_perspect.pdf . Acesso em: 02 jan. 2026.